

A CIÊNCIA DOS ESPÍRITOS



Eliphas Levi





A Ciência dos Espíritos por Eliphas Levi

Filosofia Oculta

A ciência dos espíritos

Revelação do Dogma Secreto dos Cabalistas

Espírito Oculto dos Evangelhos

Apreciação das Doutrinas e dos Fenômenos Espíritas

por

Eliphas Levi

A ciência dos espíritos

A SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS ANTIGAS, dando prosseguimento as suas publicações sobre *Filosofia Oculta*, edita hoje uma obra que trata da Ciência dos Espíritos; trata-se de um livro que, sob a forma literária e poética, oculta para o vulgo e ensina para os estudiosos da matéria os maiores mistérios da Ciência. Este estudo está dividido em três partes: na primeira parte, sob o título *Espíritos reais*, trata de Deus e do homem reunidos e idealizados na pessoa de Jesus Cristo; na segunda parte, sob o título de *Espíritos hipotéticos*, fala dos anjos, dos demônios e das almas desencarnadas, segundo as doutrinas cabalísticas e mágicas; na terceira parte, consagrada aos pretensos espíritos ou fantasmas, aborda as evocações e aprecia os fenômenos e as doutrinas espíritas.

A Ciência supõe necessariamente Deus, estuda os espírito do homem em suas mais altas aspirações, examina as hipóteses relativas aos espíritos desconhecidos e rejeita os fantasmas. Acima da Ciência está Deus, na Ciência Cabalística está o Absoluto, na Filosofia Oculta está o Agente Universal. A explicação desta força universal nos é dada magistralmente por Eliphas Levi, o sábio cabalista francês do século passado.

Introdução

ELIPHAS LEVI, o mais importante ocultista do século XIX, escreveu um conjunto de livros que constitui um curso completo de Filosofia Oculta. A maioria desses livros foram traduzidos para a língua portuguesa, fornecendo ao estudioso de Ocultismo as bases necessárias para que possa atingir, por seu esforço, as luzes do conhecimento. Seus livros contêm o desenvolvimento da teoria cabalística, trazida até sua época por Guillaume Postel, Raymund Lullo, Paracelsus, Jacob Boheme, Kircher, Khunrath,

Louis Claude de Saint-Martin e tantos outros mentores do Gênero Humano. O próprio Eliphas Levi foi às fontes originais, consultando velhos manuscritos hebreus, latinos ou gregos. Desvendou o *Zohar*, traduzindo os trechos mais importantes para seus discípulos; penetrou no *Sepher Yetzirah*, como todo cabalista deve fazer. Estudou a fundo os Evangelhos apócrifos, bem como todos os antigos grimórios que pôde reunir em uma vida repleta de pesquisas e de trabalho, o que lhe permitiu adquirir grande erudição.

Em A CIÊNCIA DOS ESPÍRITOS, Eliphas Levi explica os dogmas cabalísticos, que contêm em resumo toda a Ciência, mas a Ciência da qual eles são a expressão foi desenvolvida nas suas obras precedentes: a *História da Magia* explica as asserções contidas no *Dogma e Ritual da Alta Magia*; a *Chave dos Grandes Mistérios* completa e explica a *História da Magia*. A *Ciência dos Espíritos* dá a chave dos dogmas cabalísticos, cuja doutrina em seu conjunto forma uma verdadeira Ciência. Esse livro nos introduz na essência da Bíblia; demonstra-nos a imortalidade da alma, ergue o véu do Plano Invisível e adverte-nos dos perigos que corre o viajante temerário, que profana as regiões desconhecidas da Natureza.

A CIÊNCIA DOS ESPÍRITOS harmoniza o Antigo Testamento com o Novo; busca a Ciência Cabalística nas suas origens, através das Escrituras Santas legadas ao Gênero Humano pelo Judaísmo e pelo Cristianismo. Faz a Luz jorrar das antigas lendas bíblicas, explicando-nos o sentido real do simbolismo religioso pelas chaves cabalísticas. Confronta os fenômenos modernos do Espiritismo com as antigas narrações bíblicas sobre os espíritos, evocações sangrentas e aparições. Relata-nos a história de Jesus segundo o Talmude e segundo a Tradição Oculta; explica-nos os fenômenos que denominou "Espíritos Reais e Hipotéticos", "pretensos espíritos ou fantasmas", pela teoria dos cabalistas sobre os anjos, demônios e as almas dos mortos.

Este livro, um dos mais importantes do autor, reconcilia a *Ciência* com a *Fé*, destruindo as superstições e os preconceitos, e fornece mais poesia e revelação ao simbolismo dos próprios Evangelhos. Mostra-nos, ademais, que as lendas e alegorias mais distanciadas da realidade objetiva são as que apresentam maior ligação com a Revelação Divina. Deixa claro que as Escrituras Sagradas são alegorias iniciáticas e que a história dá lugar ao símbolo.

Por intermédio da luz que emana da Divindade e que iluminou seu Espírito, Eliphas Levi explica-nos as diferentes lendas evangélicas, relacionando-as com os mistérios da evolução humana nos diferentes planos da Criação. Descreve-nos os mais sublimes quadros de visões, trazendo à terra as apoteoses do Mundo Divino. Em muitas passagens ele é magistral; suas páginas parecem poemas, compostos com a beleza da inspiração divina. Suas narrações levam-nos a um mundo desconhecido, pleno de beleza e de amor; traçam-nos o caminho que todo homem deve seguir para atingir a Glória de habitar com o Cristo; mostram as contradições e o desespero dos "filósofos" sem fé e dos crentes passivos que não procuram o conhecimento. A todos demonstra a necessidade de reconciliar a razão com a fé, de conduzir simultaneamente sua vida no trabalho e na prática da caridade. A Salvação está no equilíbrio da Força e da Beleza: "a harmonia resulta da analogia dos contrários". A letra mata e o espírito vivifica. O Cristo fala no coração do justo que se fez digno de coabitar com o Verbo, que não mede sacrifícios para ajudar seu semelhante a caminhar em paz na senda da Verdade e da Justiça. Conduzir a própria vida no sacrifício, no trabalho e na prática da Caridade é viver segundo os preceitos cristãos.

Em essência, essa doutrina é tão antiga quanto o homem sobre a terra, pois que o retorno à Divindade pressupõe a restauração da grandeza primitiva do filho. E essa dignificação da natureza humana não se faz sem o concurso da Graça Divina. Mas para que a mão de Deus paire sobre a cabeça do homem, é necessário que este tenha méritos. É preciso que sua obra de Reconciliação abrace toda a Humanidade e que seus feitos em benefício de seus semelhantes possam produzir uma energia que, subindo até o Plano Divino, comova até o próprio Criador do Universo. Essa força, produto da Vontade Humana, atrairá as energias divinas que jorrarão na alma do Iniciado, formando um manto de luz. Esse manto acalentará o coração de todos aqueles que necessitam, uma vez que o homem, cada vez mais sintonizado com a Vontade Divina, servirá de elo de ligação do Céu com a Terra. E esse trabalho de Regeneração da Humanidade, de Reintegração da criatura no seio do Criador, difundido a todos os povos da terra pelo Cristo e por seus seguidores, foi, necessariamente realizado pelo primeiro Adepto que a Humanidade conheceu e que a Cabala personifica na figura de Adão, o primeiro pecador e o primeiro a obter a Reintegração.

Adão forma o tipo do homem tornado Filho de Deus, como Jesus Cristo, o exemplo a ser seguido por todos os homens.

A Iniciação promete a Reconciliação do Judaísmo com o Cristianismo através da consideração do Schin (c), que entra na palavra Jehovah (h w h y) formando Jehoschuah (h w c h y), o Messias, o Cristo. É o grande mediador universal posto a serviço da regeneração do homem. É a ferramenta do Grande Arquiteto do Universo que desbasta a Pedra Bruta, colocando-a no edifício do tempo que, depois de construído, aparecerá na Jerusalém Celeste, como nos narra São João em seu *Apocalipse*.

A CIÊNCIA DOS ESPÍRITOS, isto é, a Ciência segundo o Espírito, que explica a iluminação dos seres criados, enaltecendo suas inteligências e seus corações, é a mesma tanto no Antigo como no Novo Testamento, como demonstra Eliphaz Levi em todas as suas obras. É a Tradição Oculta ensinada nos antigos santuários que chegou até nós e que o Autor vivifica com o talento que nos é conhecido. Essa Ciência, ensinada a Moisés, Esdras, Daniel, Ezequiel, Davi, Salomão e a tantos outros adeptos surgidos na humanidade, foi reconstituída no advento do Cristianismo e adaptada aos novos passos que a humanidade iria dar em sua evolução coletiva. Isso explica por que a doutrina cristã não se limitou ao povo hebreu, mas conquistou o mundo. O conhecimento da tradição primitiva pelos primeiros cristãos é demonstrado nas obras cabalísticas que são o *Apocalipse* e o *Evangelho segundo São João*. As mais belas narrativas do Mundo Divino já vistas são inspirações divinas destinadas a fortalecer a doutrina da religião nascente. Essa tradição se mantém intacta em pleno século XX e será legada à posteridade por aqueles que fazem por merecer o apoio do Reparador. Pois se os campos tornam-se desertos, a mão da Providência faz com que a fertilidade surja em outras terras. E os homens deslocam-se para a Terra Prometida, material e espiritualmente falando. Foi assim que o Cristianismo trouxe aos gentios a oportunidade de serem chamados Filhos de Deus, e nisso está o seu grande mérito. A Nova Jerusalém não é deste mundo, mas todo lugar que acolher um Filho do Eterno será chamado "Terra de Israel".

Toda a Ciência está na afirmação de que o Verbo é o Princípio e o Fim de todo o trabalho de criação; ele é o alfa e o ômega. Ele é Deus e se manifesta para extinguir as trevas e resgatar os homens da escravidão das paixões e dos vícios. Ele se faz carne para que a vontade do Pai se afirme

e se una à Vontade do Filho. É preciso que o homem adquira a CIÊNCIA DOS ESPÍRITOS e que em espírito vá até o mundo de Yetsirah receber a unção do Verbo, que descera dos mundos superiores, podendo ser recebido pelo Anjo de Deus, como ocorreu com São João; irá, assim, vislumbrar a Árvore da Vida e a Jerusalém Celeste, sentindo no próprio íntimo a abertura dos sete selos. Soarão, então, as sete trombetas, manifestando o júbilo do Céu pela apoteose do coroamento de um novo Eleito, pela derrota da besta e do falso profeta. Quando regressar ao Plano Físico, trará a mensagem divina às sete Igrejas e a todos os povos da terra.

"O homem nada pode quando está só", explica-nos Eliphas Levi. "As Grandes Forças Humanas são as forças coletivas. O homem deve receber em si a Luz Divina, que jorra substancialmente do seio de Deus, e projetá-la por sua vez sobre toda a Natureza; ele deve atrair toda a criação inferior pelo amor, e lançar-se em direção a Deus por esforços jamais esmorecidos."

Sociedade das Ciências Antigas

Prefácio

Anunciamos novos estudos sobre a Filosofia Oculta. A primeira série desses estudos foi publicada. Sob a forma literária e poética do apólogo, ocultamos para o vulgo e ensinamos para os investigadores esclarecidos os maiores mistérios da ciência. Abordamos hoje a segunda série, a que trata da ciência dos espíritos. Este estudo está dividido em três partes. Na primeira parte, sob o título de espíritos reais, tratamos de Deus e do homem reunidos e idealizados na pessoa de Jesus Cristo. Na segunda parte, sob o título de espíritos hipotéticos, falaremos dos anjos, dos demônios e das almas desencarnadas, segundo as doutrinas cabalísticas e mágicas. Na terceira parte, consagrada aos pretensos espíritos ou aos fantasmas, trataremos das evocações e apreciamos os fenômenos e as doutrinas espíritas. A Ciência supõe necessariamente Deus, estuda o espírito do homem em suas mais altas aspirações, examina as hipóteses relativas aos espíritos desconhecidos e rejeita os fantasmas. Dissemos em nosso *Dogma e Ritual da Alta Magia* que Deus para nós é o AZOTO dos sábios. M.de Mirville, que não compreendeu essa palavra, explicou-a simplesmente como sendo um erro de ortografia, que nos atribuiu, e imaginou ingenuamente que adoramos o gás azoto. A palavra AZOTH, empregada pelo sábio iniciado Basílio Valentino, para exprimir o agente universal, é composta da primeira e

da última letra dos alfabetos hebraico, grego e latino. Ela equivale ao IN-RI da Maçonaria e significa o princípio e o fim, isto é, o absoluto nos três mundos. Acima da ciência está Deus, na ciência cabalística está o absoluto, na física oculta está o agente universal. Esse nome exprime, pois, três coisas:

- 1.º) A hipótese divina;
- 2.º) A síntese filosófica;
- 3.º) A síntese física.

Isto significa uma crença, uma idéia e uma força. Não estamos dando essas explicações para Mirville, que não pode ser considerado um ingênuo de boa fé, e que tem, *a priori*, o propósito de não nos compreender, e até mesmo de nos injuriar. Sabemos que esse é o procedimento da escola a que ele pertence. Damos essa explicação para os leitores que não procuram senão a verdade. Começemos nosso livro.

Primeira parte

ESPÍRITOS REAIS

A CIÊNCIA DOS ESPÍRITOS

Introdução

Deus ou o espírito criador, que a ciência é forçada a admitir como primeira causa; Deus que é a hipótese necessária na qual se ligam todas as certezas; O homem ou o espírito criado cuja vida aparente começa e termina, mas cujo pensamento é imortal; O mediador ou o espírito do Cristo homem sobre-humano pelo pensamento, Deus humanizado pelo trabalho e pela dor: Tal é o tríplice objeto da ciência dos espíritos.

O homem, nada podendo conceber acima de si mesmo, idealiza-se para conceber Deus. O Cristo, por seus sublimes pensamentos e suas admiráveis virtudes, realizou esse ideal. É, pois, em Jesus Cristo que se deve estudar Deus, e como o mediador é também o protótipo e o modelo da humanidade, é ainda nele que se deve estudar o homem considerado exclusivamente sob o ponto de vista do espírito.

A ciência dos espíritos se resume pois, inteiramente, na ciência de Jesus Cristo. Os anjos e os demônios são seres puramente hipotéticos ou lendários; pertencem à poesia e não poderiam pertencer à ciência. Contentemo-nos com os homens, estudemos Jesus Cristo e procuremos Deus.

Quanto menos definimos Deus, mais somos forçados a acreditar nele. Negar o Deus indefinido e desconhecido, princípio existente e inteligente

do ser e da inteligência, é afirmar temerariamente a mais vaga e a mais absurda de todas as negações; também Proudhon, essa contradição encarnada, pôde dizer com razão que o ateísmo é um dogma negativo e constitui a mais ridícula de todas as crenças: a crença irreligiosa.

Mas um Deus definido é necessariamente um Deus finito, e todas as religiões pretensamente reveladas de uma maneira positiva e particular desabam logo que a razão as toca; não há senão uma religião, e Vítor Hugo disse bem quando bradou: Protesto em nome da religião contra todas as religiões.

Se Deus tivesse autorizado somente Moisés, não teria permitido Jesus. Se tivesse autorizado somente Jesus, não teria permitido Maomé. Não pode aí haver senão uma lei divina, mas há, nesse baixo mundo, uma multidão de juízes e uma grande multidão de advogados que tentam rebater incessantemente, apesar de seus perpétuos desabamentos, a Babel das contradições humanas.

Pascal, esse ateu tão religioso, esse cético supersticioso que duvidava de tudo em presença da lógica inexorável dos números e que acreditava no deus dos Jansenistas baseando-se num amuleto, Pascal, que, contra a sua própria vontade, não era católico porque queria ser excessivamente católico, não teve medo de afirmar que é mais garantido acreditar nos dogmas da Igreja Romana, a única a ameaçar com o inferno aqueles que não aderem a esses dogmas, como se uma ameaça não-humana fosse uma razão e como se, em matéria de fé, fosse legítimo que o medo superasse a confiança.

Produzir trevas para aumentar o medo, redobrar a obscuridade dos mistérios, exigir a obediência cega, é a magia negra das religiões; é o segredo dos sacerdócios ambiciosos que querem substituir a divindade pelo sacerdote, a própria religião pelo templo e as virtudes pelas práticas. Esse foi o crime dos Magos que pereceram por uma reação fatal: esse foi o crime dos sacerdotes hebreus, contra os quais Jesus veio protestar, e que crucificaram Jesus.

O quê?! O céu nos imporia uma lei rigorosa, sancionada por suplícios eternos, e não deixaria claro e evidente para todos a própria promulgação dessa lei! Como?! A verdade, ou antes, o livro fechado que a contém seria o quinhão exclusivo de alguns fanáticos inexoráveis, e a humanidade quase inteira seria abandonada às oscilações do erro e à fatalidade de uma

maldição infinita! Só é maldito aquele que pode acreditar nisso. O Deus que ele adora assemelha-se a esses monstruosos ídolos do México, cujos lábios eram incessantemente umedecidos com corações sangrando. Uma religião exclusiva não é uma religião católica. Católica quer dizer universal.

Apoderar-se das forças fatais e dirigi-las para fazer delas a alavanca da inteligência, esse é o grande segredo da magia. Apelar às paixões mais cegas e ilimitadas em seu impulso, submetê-las a uma obediência de escravo, é criar a onipotência. Desse modo, colocar o espírito sob o império do sonho, exaltar ao infinito a cobiça e o medo por meio de promessas e ameaças que serão tomadas por sobrenaturais porque serão contra a natureza, fazer um exército da imensa multidão de cabeças fracas e de corações lassos que se tornarão generosos por interesse ou por temor, e com esse exército conquistar o mundo: eis o grande sonho sacerdotal e todo o segredo político dos pontífices da magia negra. Ao contrário, esclarecer os ignorantes, libertar as vontades, libertar os homens do medo e dirigi-los pelo amor, tornar acessíveis a todos a verdade e a justiça, impor à fé apenas as hipóteses necessárias à razão, e conduzir assim todos os povos a um Dogma único, simples, consolador e civilizador: essa é a realidade divina, e foi isso que o Evangelho deu ao mundo.

O Evangelho é o espírito de Jesus, e esse espírito é divino. Eis nossa profissão de fé claramente formulada sobre a divindade de Jesus Cristo.

Minhas palavras são espírito e vida, disse esse revelador sublime; nada disso se refere à carne.

O Evangelho é a história de seu espírito. Não é a crônica de sua carne.

Homem pela carne, Deus pelo espírito.

Ele morreu e ressuscitou.

Se viverdes de meu espírito, disse a seus Apóstolos, vossa carne será minha carne e vosso sangue será meu sangue, e essas coisas tão eminentemente espirituais, materializadas pela estupidez dos teólogos bárbaros, deram-nos hóstias sangrentas e comunhões antropofágicas.

É chegado o tempo de não mais confundir o espírito com a carne. A ciência dos espíritos é o discernimento do espírito, e quando o espírito de Jesus Cristo for compreendido, esse espírito que a Igreja chama e adora sob os nomes de espírito de ciência, espírito de inteligência, espírito de força, espírito de iniciativa ou de conselho, e, por conseguinte, espírito de

liberdade, quando esse espírito, repetindo, for compreendido, já não se pedirão oráculos ao sono, à catalepsia, ao sonambulismo ou às mesas giratórias. A ciência dos espíritos tem por base o conhecimento do espírito de Jesus Cristo, que é a mais alta expressão das aspirações inteligentes e magnéticas da humanidade.

Jesus, o homem de luz e de bondade, foi pressentido e saudado antecipadamente pelos iniciadores de todos os cultos. O Egito, sob o nome de Horus, adorava-o dormente ainda no seio de Ísis; a Índia o chamava de Krishna e o suspendia nas mamas de Devaki; os Druidas elevaram uma estátua à virgem que devia gerá-lo; Moisés e os profetas preludiaram com magníficos ditirambos a epopéia dos Evangelhos; Maomé o reconhece e só protesta contra a adoração idolátrica de sua carne. A humanidade é, pois, cristã desde o início do mundo. Vestida à moda indiana, egípcia, judaica ou turca, em toda parte a humanidade é a mesma e o dogma é universal. Proclamemos pois, hoje, a catolicidade do mundo e não excomunguemos nem mesmo aqueles que querem isolar-se num céu cujas nuvens de glória se formariam dos vapores de uma fogueira onde queimaria sob eles e por eles quase toda a humanidade. Um tempo virá, e ele está próximo, em que tais idéias inspirarão em todo mundo um terror tal, que não se ousará mais professá-las em voz alta, e que a memória dos inquisidores de todos os cultos será condenada por sua vez, e para sempre, pela inquisição do desprezo.

Uma das grandes pirâmides do Egito estava semiculta pelas montanhas de areia. De século em século, as bordas nômades do deserto amontoaram sobre elas construções híbridas e imundícies, de modo que não a enxergávamos mais. Um grande príncipe chega, ele quer desaterrar esse lugar para ali construir um templo; escava-se em redor do monte de lixo, ele é escalado, derrubado, e a grande pirâmide reaparece em toda sua majestade.

Isso é uma apologia.

A guerra da filosofia contra a Igreja não a destruirá, mas a libertará; porque a Igreja é a sociedade dos homens, animada pelo espírito de Jesus Cristo. À medida que as superstições religiosas, ou antes, irreligiosas descem, o Evangelho sobe; ele é estável, eterno e inabalável, quadrado na base e simples como as pirâmides. Há sempre uma lógica no poder; forças sem razão seriam forças sem alcance e, por conseguinte, sem efeito. Se o Evangelho é um poder, existe uma lógica no Evangelho.

A lógica ou a razão, o *logos* do poder supremo, é Deus. Essa razão, essa lógica universal, ilumina todas as almas razoáveis. Ela resplandece nas obscuridades da dúvida; atravessa, penetra, dilacera as trevas da ignorância, e as trevas não podem compreendê-la, pegá-la, encerrá-la e aprisioná-la. Essa razão fala pela boca dos sábios; resumiu-se em um homem que, por isso, foi chamado de *logos* feito carne, ou grande razão encarnada.

Os milagres desse homem foram milagres de luz, isto é, de inteligência e de razão. Ele fez os homens compreenderem que a verdadeira religião é a filantropia. A palavra é moderna em francês, mas encontra-se textualmente em grego no evangelho segundo São João. Ele os fez ver que não é nem em tal cidade, nem sobre tal montanha, nem no templo que se deve procurar Deus, mas no espírito e na verdade. Seu ensinamento foi simples como sua vida. Amar a Deus, isto é, ao espírito e à verdade, mais do que a todas as coisas, e ao próximo como a vós mesmos, eis, dizia ele, toda a lei.

É dessa forma que ele abria os olhos dos cegos, que forçava os surdos a ouvirem e os coxos a caminharem direito. As maravilhas que operava nos espíritos foram contadas sob essa forma alegórica, tão familiar aos orientais. Sua palavra tornou-se um pão que se multiplica; seu poder moral, um pé que caminha sobre as ondas, uma mão que apazigua as tempestades. As lendas se multiplicaram com a admiração cada vez maior de seus discípulos. São contos encantadores, semelhantes aos das *Mil e Uma Noites*, e era digno dos séculos bárbaros, que acreditamos ter ultrapassado e que ainda não terminaram, tomar essas ficções graciosas por realidades materiais e grosseiras, discutir anatomicamente a virgindade maternal de Maria, estabelecer entre as mãos de Jesus uma padaria invisível e milagrosa para multiplicar os pães no deserto, e ver correr um sangue globular e seroso, um sangue antropofágico e revoltante, sobre as brancas e puras hóstias que protestam contra o sangue e que anunciam para sempre a consumação do sacrifício.

O Evangelho pertence à ciência apenas como monumento da fé, e não como documento da história. É o símbolo das grandes aspirações da humanidade. É a lenda ideal do homem perfeito. Essa lenda, a Índia já havia esboçado ao contar a maravilhosa encarnação de Vishnu na pessoa de Krishna. Krishna é também filho de uma virgem. A casta Devaki amamentando seu divino filho encontra-se no Panteão indiano e parece uma imagem de Maria. Perto do berço de Krishna encontra-se a figura simbólica

do asno; a mãe leva a criança para livrá-la de um rei ciumento que queria matá-lo. Se os Vedas não fossem anteriores ao Evangelho, acreditar-se-ia que tudo isso é cópia de nosso Novo Testamento. Quer dizer que tudo isso é desprezível e nada contém de divino? Acreditamos que é necessário chegar a uma conclusão diametralmente oposta.

O espírito do Evangelho é eterno e sua fórmula é a das aspirações da humanidade tão antigas quanto o mundo. A idéia de uma encarnação, isto é, de uma manifestação de Deus no homem, encontra-se em todos os dogmas dos santuários antigos; o livro do ocultismo, *Siphra Di-Tzeniutha*, que contém as mais altas doutrinas do judaísmo sobre Deus, representa a divindade saindo da humanidade como uma luz, e a humanidade descendo da divindade como uma sombra, de modo que tendo Deus criado o homem, o homem, por sua vez, é chamado a realizar e a criar, por assim dizer, a idéia de Deus.

Que o Evangelho é um livro simbólico, isso os Apóstolos não nos ocultaram. Cristo é o fundamento, diz São Paulo, e sobre esse fundamento alguns construíram com pedra, outros com madeira, outros ainda com palha. O fogo da prova virá, e tudo o que não for sólido será consumido. É desse modo que se pode explicar a escolha que se fez mais tarde dos livros canônicos, e a rejeição definitiva dos Evangelhos apócrifos.

São João, por sua vez, nos diz: Jesus fez e disse ainda muitas coisas, e, se quiséssemos escrever todas, não creio que o mundo inteiro pudesse conter os livros que se poderiam fazer. Ora, o campo da história é limitado, mas o da alegoria é imenso, e se São João não quisesse indicar com essa frase o verdadeiro alcance dos Evangelhos teria dito um absurdo.

Mas quando os Apóstolos se calassem, a evidência falaria o suficiente. Como se deve, por exemplo, demonstrar a pessoas que o diabo, isto é, o personagem fictício que representa o mal, não transportou Jesus, concreta e efetivamente, sobre uma montanha tão alta que se poderia ver de lá todos os reinos da terra? O Evangelho está cheio de histórias semelhantes compostas segundo o gênio dos hebreus, que ocultavam sempre sua doutrina secreta através de enigmas e imagens; segundo o gênio do próprio Jesus, que, no dizer dos Evangelistas, quase nunca falava sem parábolas. O Talmude inteiro é composto segundo esse método, e Maimônides diz que os absurdos mais evidentes desse livro escondem segredos da mais alta sabedoria. Observemos somente, diz o abade Chiarini, em sua *Teoria*

do Judaísmo, que, para estudar o Talmude, é indispensável, entre outras coisas, passar os olhos pelas antiguidades religiosas de todos os povos do Oriente, a fim de não atribuir apenas ao judaísmo, como geralmente se faz, o estilo alegórico e esse amor imoderado pelas fábulas sagradas, comum a todos os intérpretes das religiões orientais.

Quer dizer que, sob todas essas alegorias, a pessoa real do Cristo desaparece e se anula? Devemos considerar, como Dupuis e Volney, a existência humana e pessoal de Jesus tão duvidosa como a de Osíris, tão fabulosa como a do indiano Krishna? Como se ousaria afirmar isso, uma vez que Jesus Cristo está ainda vivo em suas obras, ainda presente em seu espírito, que já mudou e certamente transfigurará toda a face da terra? Duvidou-se da existência de Homero, mas de qual Homero? Daquele dos comentadores pode ser, mas a *Ilíada* e a *Odisséia* não estão aí? Esses divinos poemas compuseram-se sozinhos? E que grande distância existe entre esses livros sem dúvida admiráveis e o poema vivo do cristianismo, essa *Ilíada* dos mártires onde os deuses combatem e são vencidos por mulheres e crianças? Essa *Odisséia* da Igreja que, após tantas perseguições e tempestades, chega, mendicante sublime, ao umbral do palácio dos Césares, lança com um braço vitorioso as flechas que atravessam os corações de seus inimigos e vai sentar-se no trono do mundo.

O espírito de Jesus existe com muito maior certeza e evidência que o gênio de Homero. Mas esse espírito é um espírito de abnegação e de sacrifício, e é por isso que ele é divino. Quanto menos o homem se procura, mais se encontra. Quanto mais se abandona, mais merece a adoração do céu. Quanto mais se esquece, mais será lembrado. Eis, em poucas palavras, os grandes segredos da onipotência do cristianismo. Jesus, que deu esses preceitos, deu também o exemplo. Ele se anulou em presença de sua obra. O homem desapareceu no símbolo, e foi assim que se fez Deus. O Evangelho nos diz que ele conduziu seus discípulos para o alto de uma montanha e se transfigurou diante deles. Seu rosto tornou-se um sol e suas roupas ficaram brancas como a neve, isto é, o homem apagou-se na luz da revelação nova. E mais tarde a tradição, completando a lenda, diz que Jesus, subindo ao céu, não deixou nada dele sobre a terra além do seu espírito espalhado em toda a Igreja, e a marca indelével de seus pés sobre o cume da montanha.

De que serve procurar agora, seja em Nazaré, seja em Belém, o berço da criança que foi Jesus Cristo, na esperança de reencontrar, em algum fragmento de seus cueiros, traços de sua vida puramente humana? A choupana de José foi derrubada há muito tempo, e dos cueiros do Salvador, branqueados pela Virgem, fizeram-se faixas para cobrir as chagas da humanidade. Jesus ressuscitou. Ele não está mais aqui; por que procurar um vivo entre os mortos?

O Evangelho é Jesus transfigurado; é a epopéia de seu admirável espírito, são os milagres de sua moral representados pelas mais comoventes imagens. Não se deve suprimir nenhuma palavra desse livro, não é necessário colocar nele mais nenhuma letra. Porque é o testamento divino do homem que se anulou para nós. Procuremos nele as luzes para a *fé*, e não ensinamentos para a história das crenças consoladoras, e não probabilidades científicas. Quando as antigas estatuárias do Oriente representavam os deuses, davam-lhes formas híbridas e monstruosas, a fim de que todos compreendessem que os deuses não são homens. É dessa forma que os evangelistas, semeando sua narrativa de fatos materialmente impossíveis ou formalmente contraditórios, nos queriam fazer compreender que não escreviam uma simples história, mas um profundo símbolo, e que aqui, como em todos os livros sagrados, a letra que mata serve de véu ao espírito que só vivifica!

É pois uma impiedade, uma verdadeira profanação, procurar no exterior da marca que deixou sobre a montanha, ao se elevar ao céu, os traços eminentemente humanos e materiais desse homem que, pelo mais perfeito dos sacrifícios, desmaterializou-se, confundindo-se de alguma forma com Deus. Mas se quiséssemos fazê-lo, se os críticos inimigos do cristianismo quisessem os documentos para a história desse homem, não seria disfarçando o Evangelho e nele tecendo variantes de fantasia; não seria dando explicações grotescas a seus milagres, tomado ao pé da letra, que conseguiriam fazer alguma coisa racional. Jesus era judeu; viveu e morreu entre os judeus.

Foram os judeus que o conheceram, que o rejeitaram, que o acusaram e o condenaram, e se dezenove séculos após sua glorificação quisermos revisar seu processo, serão os judeus que deveremos ouvir. Ora, os judeus, apesar das ridículas asserções de Dupuis e de Volney, atestam a existência real de Jesus e acusam-no ainda de muitos crimes; suas lembranças estão

consignadas no Talmude, esse repertório imenso e completo de todas as tradições dos judeus. Vidas de Jesus, redigidas conforme o Talmude e aumentadas por comentários odiosos, foram escritas por cabalistas e rabinos. Conhecemos dois desses escritos: o *Sepher Toldos Jeschu* e o *Maasé Talouy*, ou a história do enforcado. Pesquisamos e encontramos esses livros, dos quais fazemos uma análise fiel, descartando somente as divagações e injúrias. Lendo-os, compreenderemos por que a grande e antiga sabedoria de Israel rejeita e despreza nossos mistérios. Que deplorável malentendido separa os pais dos filhos! Como se estivéssemos dizendo que existe um outro deus que não Deus! Como se Davi tivesse blasfemado quando disse aos mestres da terra: Vós sois deuses e morrereis como homens. Como se o próprio Jesus não tivesse dito: Retorno para junto de meu Pai e vosso Pai, para junto de vosso Deus e meu Deus! Mas de que serve defender uma causa que não tem juízes? Só vejo aqui partes interessadas. Vejo o ilustríssimo Renan, vejo Veuillot, esse ultramontano tão tristemente célebre, e, por trás desses dois advogados comprometedores, observo uma plebe mais ardente do que hábil. Para quem, pois, escreverei? Meu livro não terá importância para meu século se eu não pisar em um dos sulcos abertos por esses lavradores de terrenos vagos; mas que me importa? Consagrei minha vida à verdade, e eu a direi para quem quiser e souber entendê-la; se isso não acontecer em um dia, acontecerá em um ano, se não for em um ano, o será em um século, mas estou tranquilo, porque sei que esse dia virá. Não terei nem entusiasmo nem prostração. Não procuro prosélitos e não temo os adversários, não quero nem um Thabor nem um pelourinho, mas me resigno tanto a um como ao outro. A verdade não vem de nós e não é para nós. Insensato é tanto aquele que a oculta como aquele que a revela e se vangloria. Vi homens que a vendiam como foi vendido o Salvador, mas aqueles que acreditaram pagá-la eram ingênuos e loucos. A verdade não é uma prostituta, ela não se vende; ela se dá àqueles que a amam e que a procuram com grande sinceridade.

A ignorância da maior parte dos cristãos em relação à teologia dos judeus, à sua exegese, a seu Talmude, sua Cabala, impede-os de compreender bem o gênio dos evangelhos nascidos na Judéia. Todos os doutores judeus concordam em admitir a alegoria nas tradições que o povo eleito queria ocultar à inteligência dos profanos. Maimônides, como já dissemos, encontra tanto mais ciência e profundidade nas fábulas talmúdicas, quanto

mais elas parecem desprovidas de bom senso, pois a própria enormidade dos absurdos é um preservativo contra a credulidade cega que toma tudo ao pé da letra, preservativo hierárquico, por assim dizer, porque esclarece apenas aos sábios e cega cada vez mais os insensatos. É para os sábios que escrevemos. Daremos primeiramente a visão talmúdica sobre Jesus, depois analisaremos rapidamente os evangelhos canônicos e consagrados a fazer ressaltar o gênio; procuraremos nos evangelhos apócrifos as manifestações excêntricas desse gênio universal. Estudaremos as mais antigas hipóteses e os maiores sábios do mundo. Em seguida, retomaremos a questão dos espíritos e dos milagres, procuraremos seu princípio, examinaremos, para melhor explicar os antigos, aqueles que se cumprem em nossos dias. Diremos nossa última palavra sobre o espiritismo, e nosso livro inteiro será apenas uma homenagem ao verdadeiro cristianismo e à eterna razão.

HISTÓRIA DE JESUS

Segundo os talmudistas

No ano seiscentos e setenta e sete do quarto milênio após a criação do mundo, durante os dias do rei Jannée, que também se denominava Alexandre, uma grande desgraça veio em ajuda dos inimigos de Israel.

Apareceu então um certo miserável, homem sem consciência e sem moral, procedente de um dos ramos derivados da tribo de Judá, que se chamava Joseph Panther.

Esse homem era de estatura elevada, de vigor pouco comum e de notável beleza; havia passado a melhor parte de sua vida nos desregramentos, roubos e violências, e morava em Belém, cidade de Judá. Tinha por vizinha uma viúva cuja filha se chamava Maria, e é essa mesma Maria, cabeleireira de mulheres, que é mencionada em diversas partes do Talmude. Essa jovem, ao se tornar adolescente, ficara noiva de um jovem chamado Jochanan, dotado de grande modéstia, de notável doçura e do verdadeiro temor a Deus.

Ora, aconteceu que, por desgraça, Joseph, passando em frente à porta de Maria, olhou-a e sentiu arder por ela uma paixão impura; assim, ele passava, passava, sem cessar; mas ela nem mesmo o olhava.

A apatia apodera-se dele, e sua mãe, vendo-o destruir-se, lhe diz: Por que te vejo emagrecer e empalidecer? Ele responde: É que estou morrendo de amor por Maria, que é noiva de outro. Sua mãe lhe diz: Não é preciso

te atormentar e desesperar por isso; faça o que te vou dizer e poderás aproximar-te dela e com isso te satisfazer. Joseph Panther escutou sua mãe, passando a rondar incessantemente a porta de Maria, esperando a ocasião que não encontrava. Quando, numa noite de sábado, vestido como Jochanan e ocultando a cabeça com seu manto, encontrou Maria na porta, pegou-a pela mão sem dizer nada, e levou-a para dentro de casa. Ora, ela, acreditando ser Jochanan, seu noivo, lhe diz: Não me toques; a hora em que deverei ser tua ainda não chegou e neste momento estou protegida contra ti pelas enfermidades comuns de meu sexo. Mas ele, sem escutá-la, realizou sua má intenção e voltou para casa; em seguida, perto de meia-noite, como a paixão o atormentasse ainda, levantou-se, voltou à casa de Maria, que começou a chorar, lhe dizendo com horror: Como vens me ultrajar uma segunda vez, tu que eu acreditava ser incapaz de abusar de nosso noivado, e como podes acrescentar ao crime a vergonha, visto que eu te disse que o estado em que me encontro nesse momento devia me tornar sagrada para ti? Mas ele não escutou suas palavras. Sem nada dizer, satisfazia seu desejo; em seguida retirou-se e continuou seu caminho. Ora, após três meses, vieram dizer a Jochanan que sua noiva estava grávida, e Jochanan, assustado, foi encontrar seu preceptor Simão, filho de Schetach, e lhe revelando o que se passava, perguntou o que deveria fazer. Seu mestre perguntou-lhe: Suspeitas de alguém? Jochanan respondeu: Só posso suspeitar de Joseph Panther, que é um grande libertino e mora na vizinhança. Seu mestre lhe disse: Meu filho, escuta meu conselho e cala-te. Se este homem abusou uma vez de tua noiva, não é possível que não mais procure revê-la. Trata de surpreendê-lo, chama testemunhas e faze com que seja julgado pelo grande Sinédrio. O jovem partiu muito triste, só pensando na desgraça de sua noiva e na vergonha que poderia recair sobre ele; abandonou a Judéia e foi para a Babilônia, onde permaneceu.

Maria, em seguida, tornou-se mãe de um filho que chamou Jéhosuah, nome de seu tio materno. Tendo a criança começado a crescer, sua mãe lhe deu por mestre Elchanan. O menino fazia grandes progressos, porque tinha um espírito preparado para a inteligência das coisas.

Isso é extraído e traduzido textualmente do *Sepher Teldos Jeschu*.

A primeira juventude de Jesus é narrada como se segue pelos autores talmudistas do *Sota* e do *Sanhédrin*, que encontramos citados à página 19 do livro da disputa de Jéchiel.

O rabino Jéhosuah, filho de Pérachiah, que continuou, após Elchanan, a educação do jovem Jesus, iniciou-o nos conhecimentos secretos; mas tendo Jannée feito massacrar todos os iniciados, Jéhosuah, para escapar a essa condenação, fugiu para Alexandria no Egito.

Esse massacre dos iniciados, substituído pelo massacre dos inocentes, parece-nos notável, sobretudo se nos recordarmos de que no livro primeiro dos Reis está dito que Saul, iniciado há pouco no círculo dos profetas, era uma criança de um ano quando subiu ao trono. Ora, Saul tinha, na realidade, mais de vinte anos. Era, pois, costume nas iniciações proféticas da judéia, assim como nas da Franco-Maçonaria moderna, designar o grau dos iniciados por uma idade simbólica, e o Evangelho, falando da morte das crianças de até dois anos, não contradiria a asserção do Talmude, que a seu modo tornava-se historicamente mais aceitável do que a narração do Evangelho. Podem-se encontrar traços da proscrição dos cabalistas, sempre perseguidos e denunciados pela sinagoga oficial, mas não se encontra essa abominável matança de crianças pequenas, que revolta a natureza e que desonrou para sempre o reino de Herodes, se é a Herodes, como quer o Evangelho, e não a Jannée, como pretendem os talmudistas, que se deve atribuir a condenação em questão.

Aqui os talmudistas começam a envolver seu pensamento com alegorias, e eis o que nos contam: Jesus e seu mestre Ben-Perachiah foram, pois, residir em Alexandria, na casa de uma senhora rica e sábia que os recebeu com honra e lhes ofereceu todos os seus tesouros. Essa senhora, como podemos compreender, é o Egito personificado. O jovem Jesus, tendo-a olhado, disse: Esta mulher é bela, mas tem um defeito nos olhos que deve prejudicar a retidão de seus olhares. Essa terra é bela, mas é um magnífico exílio. Seu mestre então irritou-se com ele, por ter ele encontrado alguma beleza no Egito e por ter admirado a terra da servidão. Jesus lhe disse: Não há servidão para os filhos de Deus e a terra que os abriga é sempre a terra de Israel. Ben-Perachiah amaldiçoou então seu discípulo e o rechaçou de sua presença. Jesus submeteu-se humildemente, apresentando-se muitas vezes à porta do mestre, rogando-lhe que o recebesse; o rabino permaneceu inflexível. Um dia, no entanto, quando lia os mandamentos de Deus que ordenavam amar ao próximo, Jesus apresentou-se, e o mestre, tocado pelo arrependimento, fez-lhe sinal para aguardar, tendo a intenção de ceder e de recebê-lo; mas Jesus, entendendo que ele o repelia uma vez

mais, foi embora e não voltou. Nossos pais procederam mal, dizem a esse respeito os doutores do Talmude, em rechaçar Jesus sem escutá-lo, e sobretudo em, ao mesmo tempo, amaldiçoá-lo. Jamais batemos com as duas mãos naquele que desejamos punir; guardemos uma para levantá-lo, consolá-lo e curá-lo! Palavra que contém todo um futuro, palavra que deve um dia trazer a reconciliação entre os filhos e os pais; porque nós também amaldiçoamos os judeus, rechaçando-os com as duas mãos; portanto, agora também é com duas mãos que, de um lado e de outro, para expiar essa falta recíproca, devemos nos perdoar e abençoar! Mas voltemos à história de Jesus, segundo os autores do Talmude.

Vimos que o jovem iniciado tinha admirado a ciência do Egito e fora rechaçado por seu mestre por ter sonhado com uma conciliação entre a filosofia do exílio e a religião da pátria. A perseguição contra os cabalistas abrandou-se e Jesus voltou à Judéia com seu mestre, ou pelo menos ao mesmo tempo que ele. Como vivera no Egito? Trabalhando, sem dúvida, no seu ofício de carpinteiro. Ao entrar em sua cidade natal, que segundo os talmudistas não era Nazaré, mas sim Belém, passou em frente aos anciãos, que estavam reunidos, conforme o costume, à porta da cidade, e não os saudou; mas ao passar seu mestre Jehosuah Ben-Perachiah Jesus o saudou, provocando dessa forma os murmúrios dos anciãos. Com efeito, o jovem os desprezava porque não eram iniciados na verdadeira ciência, e só reconhecia como seu superior aquele que lhe havia aberto a porta. Os anciãos indignaram-se e o chamaram de filho de mulher impura, o que surpreendeu Jesus, porque sempre tinha enxergado sua mãe como um modelo de pureza. Foi consultar um de seus tios, aquele que tinha o seu próprio nome, e este lhe revelou a desgraça de Maria e todo o mistério de seu nascimento. Jesus retirou-se com o coração ferido e não retornou mais à casa de sua mãe, começando a pregar a nova ciência: a da reconciliação das nações e da religião universal com que tinha sonhado no Egito. É então que nossos autores chegam às bodas de Canaã, na Galiléia, onde Jesus reecontrou sua mãe e respondeu-lhe duramente quando ela quis falar-lhe: Mulher, o que há de comum entre ti e eu? Em seguida, vendo que a pobre mulher resignava-se com doçura, ficou com o coração comovido, e, reunindo seus discípulos em torno de si, contou-lhes o crime de Panther e perguntou-lhes: Credes que eu poderei honrar esse homem como pai? - Não! responderam todos em uma só voz. Credes que minha mãe seja im-

pura? - Não, responderam novamente. Pois bem. disse Jesus, não tenho pai sobre a terra, meu pai é Deus que está no Céu, e quanto à minha mãe, sua virgindade não poderia ser manchada por um crime no qual ela não consentiu. Eu a considero sempre virgem. Pensais como eu? - Sim, responderam os discípulos. E é por isso, acrescentam os autores judeus, que Jesus foi considerado por todos os que crêem nele como o filho de Deus e de uma virgem. Essa história apócrifa, ofensiva para os leitores cristãos, não deixa de ter uma certa grandiosidade, e pode-se aí observar que os maiores inimigos do cristianismo rendem uma homenagem involuntária à pureza de Maria e à elevação do caráter de Jesus.

Aqui começa a narração dos milagres, e os talmudistas, longe de negá-los, parecem empenhar-se em exagerá-los. A lembrança dos milagres estava ainda bem viva e bem forte entre os judeus. Mas eis como explicam esses milagres.

Eles dizem que existe, no santuário do Deus vivo, uma pedra cúbica sobre a qual estão esculpidas as letras santas, cujas combinações explicam as virtudes do nome incomunicável. Essa explicação é a chave secreta de todas as ciências e de todas as forças ocultas da natureza. É o que denominamos o *Schema hamphorasch*. Esta pedra é guardada por dois leões de ouro que rugem no momento em que tentamos aproximar-nos dela. Os leitores de nossas obras sabem o que é o *Schema hamphorasch* e reconhecerão nos dois leões os gigantescos querubins do santuário, cujas figuras monstruosas e simbólicas eram capazes de amedrontar e de fazer recuar os profanos. Além do mais, as portas do templo eram bem guardadas, acrescentam nossos rabinos, e a porta do santuário só se abria uma vez ao ano, e somente para o grande sacerdote; mas Jesus tinha aprendido no Egito os grandes mistérios da iniciação e apoderou-se das chaves invisíveis com a ajuda das quais pôde entrar sem ser descoberto. Copiou os segredos da pedra cúbica, ocultando-os entre as pernas, como na mitologia grega vemos Júpiter ocultar Baco; em seguida, saiu e começou a surpreender o mundo. À sua voz os mortos levantavam-se e os leprosos ficavam curados; fazia subir do fundo do mar as pedras que lá estavam enterradas há séculos, e essas pedras formavam uma montanha sobre as águas, e do cume dessa montanha Jesus instruía a multidão. Reecontramos aqui, com todo o gênio do simbolismo oriental, o motivo secreto do ódio dos padres contra Jesus. Ele revelou ao povo a verdade que eles queriam esconder só

para eles; adivinhara a teologia oculta de Israel e a havia comparado com a sabedoria do Egito, e aí encontrara a razão de uma síntese religiosa universal. Os padres procuraram então arruiná-lo, e enviaram à sua presença um falso irmão chamado Judas Iscariotes, para fazê-lo cometer algumas faltas e entregá-lo, assim, a seus inimigos. Esse foi o Judas que levou Jesus a realizar, no momento em que os chefes da religião apresentavam mais animosidades contra ele, uma entrada triunfal em Jerusalém, seguida de um tumulto no templo. Fizeram, ao mesmo tempo, correr o boato de que Jesus encantava as árvores e as tornava estéreis, que blasfemava contra a lei de Moisés, querendo fazer-se adorar como Deus. No entanto, Jesus ia todos os dias ao templo, mas como os judeus oravam com a cabeça coberta, ele se perdia nessa multidão envolvida em hábitos brancos. Judas prometeu aos sacerdotes entregá-lo a eles e fazer, ao mesmo tempo, um grande escândalo, que pudesse comprometê-lo aos olhos de todo o povo. Ele veio com uma multidão de pessoas dedicadas aos fariseus e, prosterando-se diante de Jesus, ele o adorou. Os cúmplices de Judas revoltaram-se contra o sacrilégio e quiseram lançar-se contra Jesus. Os discípulos de Jesus tentaram defendê-lo. Jesus conseguiu escapar e refugiou-se no Jardim das Oliveiras, onde foi perseguido e preso pelos guardas do templo. Colocaram-no então numa prisão, onde ficou quarenta dias, durante os quais fizeram proclamar seu ato de acusação ao som de trombetas e perguntaram se alguém queria tomar sua defesa; mas ninguém se apresentou. Jesus foi então flagelado como rebelde e, em seguida, apedrejado como blasfemador, num lugar chamado Lud ou Lydda; logo depois, deixaram-no expirar sobre uma cruz em forma de forçado. Alguns de seus discípulos, que eram ricos, resgataram seu corpo e simularam ostensivamente seu sepultamento; mas na realidade arrastaram-no secretamente e enterraram-no no fundo do leito de um rio, cujas águas foram desviadas para abrir sua tumba; depois, deixaram as águas retomarem seu curso. Isto explica por que o corpo não mais foi encontrado quando os discípulos declararam que seu mestre havia ressuscitado.

A essa narração fundamental os autores do *Sepher Toldo Jeschu* acrescentaram as mais ridículas fábulas, tiradas, evidentemente, das lendas cristãs alteradas ou disfarçadas. É dessa forma que encontramos aqui a história da ascensão de Simão, o Mágico, atribuída ao próprio Jesus Cristo, com a intenção evidente de confundir o Messias dos cristãos com o famo-

so impostor. É desse modo ainda que Simão Pedro ou Céphas é confundido, aqui, com Simão, o Estilita, prova evidente do pouco valor histórico desse *Sepher*, que foi composto evidentemente vários séculos após o início da era cristã. Os documentos talmúdicos são mais sérios, porque o *Talmude* é a compilação de todas as tradições judaicas, e é lá somente, fora dos monumentos cristãos, que se deve procurar a lembrança desse personagem tão importante para a história, mas que todos os escritores profanos ignoram ou desconhecem.

Essas tradições, marcadas como devem ser por menosprezo e ódio com relação ao sábio que os judeus crucificaram, contêm confissões preciosas em favor das crenças cristãs.

Das narrações do *Talmude* resulta, com efeito, segundo as tradições judaicas:

- 1.º que Jesus de fato existiu;
- 2.º que ele nasceu em Belém;
- 3.º que sua mãe, de moral irrepreensível, era somente noiva de um homem justo e crente em Deus, incapaz portanto de abusar de sua noiva;
- 4.º que o nascimento extraordinário de Jesus só se explica por um milagre ou por um atentado que os judeus deviam necessariamente supor, visto que reconheciam a elevada moralidade da jovem virgem e não admitiam o milagre;
- 5.º que Jesus foi perseguido pela Sinagoga por causa do mistério de seu nascimento, e mais ainda por causa da superioridade de sua doutrina;
- 6.º que essa doutrina supunha a iniciação nos segredos da mais alta teologia dos hebreus, conforme, em muitos pontos, à filosofia transcendente dos iniciados egípcios;
- 7.º que ele realizava coisas prodigiosas, curando os doentes, ressuscitando os mortos e adivinhando coisas ocultas;
- 8.º que só se pôde condená-lo e fazê-lo morrer por traição;
- 9.º que seu corpo não foi encontrado quando seus discípulos declararam que ele havia ressuscitado.

Não podemos, racionalmente, perguntar mais sobre esse assunto aos doutores hebreus adversários de Jesus Cristo.

As asserções do *Talmude* e do *Sepher Toldos Jeschu* estão repetidas no *Nizzachon vetus*, ou antigo livro da Vitória, na Controvérsia do rabino Jechiel e em outras compilações rabínicas. O *Sepher Toldos*, ao qual os ju-

deus atribuem grande antigüidade e que ocultam dos cristãos com precauções tão grandes, que esse livro durante muito tempo não foi encontrado, é citado pela primeira vez por Raymond Martin, da ordem dos Irmãos Pregadores, quase no final do século XIII. Porchetus Salvaticus, pouco tempo depois, publicou alguns fragmentos dos quais Lutero se serviu e que se encontram no VIII tomo de suas obras, edição da Iéna; mas não se possuía ainda o texto hebraico. Esse texto, encontrado finalmente por Munster e por Buxtorf, foi publicado em 1681 por Christophe Wagenseilius em Nuremberg, e em Frankfurt, numa coleção intitulada *Tela ignea Satanoe*, as flechas ardentes de Satã.

Esse livro foi evidentemente escrito por um rabino iniciado nos mistérios da Cabala; está escrito por dentro e por fora - para nos servimos de uma expressão de São João, o grande iniciado cristão -, isto é, apresenta um sentido oculto e um sentido vulgar. Os contos absurdos dos quais está impregnado são parábolas que o autor quer opor àquelas do Evangelho. Censuram aqui duas coisas em Jesus Cristo: 1.º o fato de ter surpreendido ou adivinhado os mistérios do templo; 2.º tê-los profanado dizendo-os ao vulgo, que os desfigurou e compreendeu mal.

Não podendo retirar a pedra cúbica do templo, ele fabricou, segundo o autor do *Sepher Toldos*, uma pedra de argila que havia mostrado às nações como sendo a verdadeira pedra cúbica de Israel. Juntamos a esse fato a confissão que São Paulo deixa escapar em uma de suas epístolas: Somente a natureza podia revelar Deus aos homens, e eles são imperdoáveis por não o compreender. Mas já que, com efeito, não chegaram a Deus pela sabedoria, foi preciso salvá-los pela loucura, e perguntar à fé o que não se obtinha pela ciência. *Quoniam non cognovissent per sapientiam Deum, placuit per stultitiam proedicationis salvos facere credentes*. É essa loucura da fé que os judeus não querem compreender e que denominam uma pedra de argila, como se a fé, que é a confiança do amor, não fosse também durável e freqüentemente mais invencível que a razão; como se o amor, que é a razão da fé, não fosse também a razão da existência dos seres submissos às investigações da ciência. O amor encontra o que a razão procura, ele vê aquilo que escapa às investigações da ciência. Quando ela não sabe mais, começa a crer, e quando a razão esgotada pára e cai no umbral do infinito, a fé abre suas asas, lança-se, dilacera as nuvens, faz

descer à terra a escada luminosa de Jacó e sorri docemente estendendo a mão à sua irmã.

Talvez os cristãos tenham primeiro glorificado a fé de maneira a fazer crer que renunciavam à razão; é por isso que, em relação a nós, os judeus transformaram-se em severos guardiões das tradições antigas e protestam eternamente contra todas as idolatrias. São adversários que nos vigiam, que nos advertem e que reconduziremos um dia ao lhes provar que toda dissidência que os separa de nós repousa sobre um mal-entendido.

Encontram-se nos livros atribuídos a Hermes essas estranhas lamentações do sábio Trismegisto: Ah, meu filho, um dia virá em que os hieróglifos sagrados tornar-se-ão ídolos; tomarão os signos da ciência para os deuses, e acusar-se-á o grande Egito de ter adorado monstros. Mas aqueles que nos caluniarão dessa forma adorarão eles mesmos a morte ao invés da vida, a loucura ao invés da sabedoria; amaldiçoarão o amor e a fecundidade, encherão seus templos de ossadas, esgotarão a juventude na solidão e nas lágrimas. As virgens serão viúvas antes do tempo e extinguir-se-ão na tristeza, porque os homens terão desprezado e profanado os mistérios sagrados de Ísis.

O que o profeta egípcio anunciava antecipadamente, os judeus nos acusam de ter feito. Dizem eles que desprezamos o verdadeiro Deus, e adoramos a carne de um enforcado. Rendemos culto a essas relíquias da morte que Moisés declara imundas. Consagramos nossos padres e nossos religiosos a um celibato que reprova a natureza e que condena aquele que disse aos seres: cresci e multiplicar.

Quanto à moral de nossos evangelhos, confessam que é pura, não reprovam nada em nossos apóstolos, e o autor do *Sepher Toldos Jeschu* diz que São Pedro era um servidor do verdadeiro Deus, que vivia na austeridade e em penitência, compondo hinos e morando no alto de uma torre; que pregava a misericórdia e a doçura, recomendando aos cristãos que não maltratassem os judeus. Mas, acrescenta o mesmo autor, após a morte de Cephas, outro doutor veio a Roma; este sustentava que São Pedro tinha alterado os ensinamentos do Mestre. Ele misturava um falso judaísmo às práticas cristãs, ameaçava aqueles que não o obedeciam com um inferno ardente e lodoso; prometia às multidões um milagre em confirmação de sua doutrina; mas quando ergueu sua cabeça contra o céu, uma pedra caiu do céu e o esmagou. Assim perecem todos os teus inimigos, Senhor, acres-

centa finalizando o autor do *Sepher*, e que todos aqueles que te amam sejam como o sol quando brilha com toda a sua força.

Desse modo, segundo os judeus que aceitam o *Sepher Toldos Jeschu*, não é o cristianismo, mas sim o anticristianismo que os rechaça.

Ora, o anticristianismo apareceu na Igreja, com efeito, desde os primeiros séculos e no tempo mesmo dos apóstolos. O anticristo, dizia São João, é o que divide Jesus Cristo, e ele já está neste mundo.

Em outro lugar, esse apóstolo escreve que não ousa visitar seus fiéis, porque um prelado orgulhoso, chamado Diotrefes, impede-os de recebê-lo.

Sabei, dizia São Paulo, que o mistério da iniquidade já se realiza, de sorte que aquele que tem agora terá até a morte, depois se manifestará o filho da iniquidade que se eleva acima de tudo que é divino, a ponto de sentar-se no templo de Deus e de se mostrar, ele próprio, como Deus, até que o Senhor o destrua pelo espírito de sua palavra e pela luz resplandecente de seu segundo advento.

Jesus era um verdadeiro profeta e um verdadeiro sábio, dizem os mulçumanos, mas seus discípulos tornaram-se insensatos e adoraram-no como sendo um Deus.

No entanto, judeus e mulçumanos se enganam; não adoramos Jesus como sendo um Deus diferente do próprio Deus. Dizemos como Miguel dos hebreus: *Quis ut Deus?* Dizemos com os crentes do islamismo: Não há outro deus além de Deus; mas esse Deus único, indivisível, universal; nós o adoramos manifestando a perfeição humana em Jesus Cristo. Acreditamos em uma aliança íntima da divindade com a humanidade, da qual resulta, para empregar a linguagem dos teólogos, não a confusão, mas a comunicação dos idiomas, Deus adotando, para curá-las, as fraquezas da humanidade, que ele eleva até ele, com sua força e seus esplendores. Toda alma dotada do sentido interior que adora, todo coração que padece da necessidade de amar até o infinito, sentirá que nesta concepção sublime, e só nela, o, ideal, religioso se determina e se completa, que todos os sonhos dogmáticos e simbólicos só podem ser a investigação e a produção dessa síntese, ao mesmo tempo divina e humana, que Deus em nós e nós em Deus com Jesus Cristo e por Jesus Cristo é a paz, é a fé, é a esperança, é a caridade sobre a terra, é no céu a eternidade da vida e da felicidade. Eis por que nenhuma religião jamais substituirá o cristianismo no mundo. O

que se poderia acrescentar ao infinito? Que idéia seria ao mesmo tempo mais grandiosa e mais consoladora que a do homem Deus consolidando, pelo seu exemplo, a grande lei da abnegação que realiza os sacrifícios, assim consagrando para sempre a aliança e como que a identificação de Deus com a humanidade?

Os antigos acreditavam que nem toda verdade deve ser dita a todos, ao menos não da mesma maneira, e ocultavam a ciência sob o véu da alegoria. É assim que as mitologias se formaram. Aqueles que se enfadaram dos símbolos mitológicos devem renunciar à ciência do velho mundo cujos monumentos são todos mais ou menos mitológicos.

Nosso século que, contra todas as evidências, não admite em princípio a desigualdade das inteligências, detesta a mitologia. Procuram-se, agora, fatos históricos e positivos até nas teogonias de Sanchoniaton e de Hesíodo. O que não se compreende é tratado como absurdo e tolice, e é assim que Renan, mutilando e estropiando os textos da lenda evangélica, criou sua pretensa *Vida de Jesus*.

O Jesus de Renan, espécie de pastorinho entusiasta e entregue a não sei que onanismo intelectual, meio louco e meio impostor, vendendo tudo barato desde que seja adorado, é, apesar de toda a doce poesia que cerca as reminiscências verdadeiramente cristãs do autor, um ser ridículo e odioso. Não se trata, assim, do verdadeiro Jesus da lenda evangélica.

Aliás, sendo Renan, segundo dizem, um estudioso eminente, versado na língua hebraica, como pôde ignorar ou negligenciar o *Sepher Toldos Jesu*, as tradições talmudistas e os evangelhos apócrifos?

É que o gênio simbólico causava horror à sua imaginação fria e positiva. É que ele queria agradar aos ignorantes, cuja preguiça intelectual repele tudo o que exige trabalho para ser compreendido. É que ele precisava de fama imediata, e é preciso convir que conseguiu muito bem.

Mas, conseguir aguar não é conseguir fazer bem. Faça pois, para refutar Renan, alguma coisa que chegue a ser lida como seu livro, dizia-nos um grande artista, que nessa circunstância talvez não fosse um grande crítico. Não podemos, em nome da ciência, aceitar esse desafio. Dizendo a verdade não chegaremos a ser lidos tão universalmente, nem tão avidamente e de imediato, mas chegaremos a ser lidos por leitores mais eminentes e por mais tempo.

O Evangelho é um livro simbólico, o que não prova que Jesus não tenha existido. Rousseau dizia que o inventor de uma história semelhante seria mais extraordinário que o herói. Aceitamos plenamente esse argumento. Jesus é suficientemente grande quanto à inteligência e quanto ao coração para criar essa admirável lenda, é superior àquele que adora estupidamente, ou que nega mais estupidamente ainda o vulgo; ele é verdadeiramente a encarnação sempre viva do Verbo de verdade, e nós o saudamos Filho de Deus, em todo o resplendor e em toda a energia do termo.

Até o presente só se viu do Evangelho a letra que mata e a casca que seca; iremos revelar o espírito e a vida, Minhas palavras, dizia Jesus, são espírito e vida, e, para compreendê-las, a matéria e a carne de nada servem.

Mas, para explicar esse texto sagrado, quais são nossas autoridades?

A ciência e a razão.

- Mas a fé o explicou de outro modo.
- A fé cega, sim; a fé esclarecida, não.
- Mas só Deus pode esclarecer a fé.
- Sim, pela razão e pela ciência, que são também filhas de Deus.

Dito isso, comecemos nosso estudo.

Cristo quer dizer ungido ou sagrado; isto é, sacerdote e rei.

O cristianismo é a religião hierárquica das almas e a monarquia da mais perfeita devoção.

O cristianismo primitivo dos apóstolos de Jesus era uma doutrina secreta que tinha seus signos, seus símbolos e seus diferentes graus de iniciação.

Para os santos ou eleitos, o dogma cristão era uma sabedoria elevada e profunda; para os simples catecúmenos, era uma maravilhosa e obscura revelação. Sabemos que o Mestre sempre se exprimia só por parábolas e ocultava a verdade sob o véu transparente das imagens, a fim de proteger a nova ciência contra as blasfêmias da ignorância e as profanações da maldade: Não atirai vossas pérolas aos porcos, dizia ele a seus discípulos, para que eles não as pisoteiem, e para que, voltando-se contra vós, não vos devorem. Jesus também não deixou nada por escrito, mas legou a seus apóstolos suas tradições e seu método de ensino.

Ora, eis qual era o fundamento do dogma cristão:

A inteligência é eterna; ela se expande porque é viva. A vida da inteligência, sua expansão, é a palavra, o Verbo; o Verbo é pois eterno como a inteligência, e o que é eterno é Deus.

O Verbo manifesta-se pela ação criadora que produz a forma, ele se reveste da forma humana, e a carne torna-se a vestimenta do Verbo; havia o Verbo mesmo quando não existia a expressão exata: assim o *Verbo se fez carne*.

O Verbo perfeito é a unidade divina expressa na vida humana. O homem verdadeiro é nosso Senhor, o chefe do qual todos os fiéis são os membros. A humanidade, constituída por uma escala hierárquica e progressiva, tem por chefe aquele que é Deus, porque ele é ao mesmo tempo o melhor dos homens, aquele que morreu pelos outros a fim de reviver em todos. Somos todos, pois, um mesmo corpo cuja alma deve ser a de Jesus Cristo, nosso protótipo e nosso modelo, o Verbo feito carne, o Homem-Deus.

Tudo, portanto, deve em princípio ser comum entre nós, como entre os membros de um mesmo corpo; mas, de fato, cada membro deve se contentar com o lugar que ocupa, e a ordem hierárquica é sagrada como a vontade de Deus.

Cristo, revelando a lei da unidade, que é a lei do amor, armou o espírito de força para vencer o egoísmo da carne, que é a divisão e a morte, instituiu um signo chamado Comunhão, para opô-lo ao egoísmo, que é o espírito de divisão e de separação.

Ora, a comunhão não era outra coisa senão a caridade representada por uma mesa comum, e como Cristo havia destinado sua carne à dor e à morte para legar a seus fiéis o pão fraterno ao qual ligava, no futuro, seu pensamento perseverante e sua nova vida, dizia-lhes: Comei todos, esta é minha carne! Também dizia do vinho da fraternidade: Bebei todos, este é meu sangue, porque eu o derramei inteiramente para vos assegurar para sempre a realidade desse signo.

A comunhão era, pois, a fraternidade divina e humana, e por conseguinte também a liberdade; pois onde pode estar o opressor entre irmãos cujo pai é o próprio Deus?

O cristianismo era, portanto, a mudança mais radical e vinha subverter o velho mundo. Isso basta para explicar a necessidade dos mistérios, porque o mundo há mil e oitocentos anos devia estar ainda menos disposto do que hoje a se deixar destruir: ele tinha mais tempo para viver.

Todavia, o Cristo não queria concluir revoluções senão pela força moral, sabendo bem que só existe essa força que não é cega: ele havia plantado o

grão da mostardeira, e dizia a seus discípulos para esperar a árvore; havia ocultado o fermento na massa e queria que a deixassem fermentar.

A vida do Cristo estava toda em sua doutrina, e, sobretudo para seus discípulos, sua existência devia ser inteiramente moral. O que dizia, fazia-o no domínio do espírito; é por que os livros evangélicos contêm o dogma e a moral em parábolas, e frequentemente o próprio Mestre é o sujeito das narrações alegóricas de seus apóstolos.

Temos que procurar as provas disso somente nos evangelhos apócrifos, pois razões de alta conveniência nos impedem de abordar os evangelhos consagrados. Não aprovamos nem condenamos, todavia, os trabalhos do doutor Strauss, pois não somos juízes de Israel.

Comecemos pela narração de algumas lendas extraídas desses livros antigos muito pouco estudados em nossos dias.

PRIMEIRA LENDA

Como uma mulher chorava por não ser mãe e como teve uma filha que se tornou a mãe de Deus.

Havia uma mulher chamada Hannah que era estéril porque seu esposo tinha-se afastado dela.

Essa mulher estava, pois, triste e desolada, como a Sinagoga quando aguardava o Messias.

Veio o tempo das novas páscoas e ela não ousava vestir suas roupas de festa, porque não era mãe e suas próprias criadas a censuravam por ser estéril.

Ela se foi, então, e deixou-se cair sob um loureiro.

Era no tempo em que Roma acabava de dominar o mundo.

E sobre os galhos desse loureiro ela viu um ninho de pardais e chorou amargamente, repetindo:

Não sou mãe.

Então o Espírito do Senhor lhe falou e lhe disse: Estou tocado pela tua dor, e te devolverei teu esposo;

Porque meu ouvido está sempre inclinado em direção aos lábios daqueles que choram.

Tu dizes: Não coloquei um homem no mundo, e eu te prometo alguma coisa mais feliz: porque tu gerarás a mulher sem pecado;

Aquela a quem direi, pela boca da humanidade: És minha mãe!

A Sinagoga gerará a Igreja de onde sairá o princípio da associação católica; a escravidão engendrará a liberdade; a mulher escrava colocará no mundo a mulher pura e livre.

Com essas palavras, Hannah sentiu suas lágrimas secarem: levantou-se e correu, porque pressentia que seu esposo não estava longe.

Ela o encontrou, quando ele conduzia seu rebanho e voltava dos campos dizendo: Dormirei esta noite em minha casa.

E ela o abraçou e em seguida lhe disse: Amanhã deixarei de ser estéril.

E tudo lhe aconteceu conforme ela havia acreditado, e cumprido o termo tornou-se mãe.

Mas suas companheiras, que a felicitaram, disseram-lhe, como que para amainar sua alegria: É apenas uma menina.

Que seja chamada Maria, respondeu Hannah, e que o mundo espere, porque minha filha terá um filho: Maria será mãe de Deus.

Suas companheiras não compreenderam o que ela queria dizer, mas envolveram a criança em roupas brancas e colocaram-na em seu berço novo, admirando o quanto era bela.

Quando a pequena Maria tinha três anos seus pais levaram-na ao templo, e, como eles a haviam colocado no chão, ela subiu sozinha os degraus do altar.

Assim, numa idade tão tenra, sua religião já foi livre e suas crenças não lhe foram impostas.

Ela ficou no templo até a idade de catorze anos e tomou-se de amor pela beleza eterna. É por isso que disse: Sou a serva do Senhor. É por isso que jamais foi serva de um homem.

O espírito de amor então não havia ainda descido sobre a Terra, a geração era vista como uma mácula. O homem era filho da carne, o cristianismo não o havia feito ainda filho de Deus.

SEGUNDA LENDA

Como Deus ordenou que um velho companheiro carpinteiro esposasse uma virgem de sangue real.

Havia, na tribo de Judá, um bom velho chamado José, carpinteiro de profissão, homem viúvo, e pai de muitos filhos, muito trabalhador, ainda que de habilidade medíocre, simples em seus pensamentos, mas justo em seus julgamentos, o que lhe havia dado o apelido de Justo, o verdadeiro modelo do homem do povo, o tipo do verdadeiro proletário.

A ele deveria ser confiada a Virgem, porque o povo pobre sabe o que custa a família e compreende melhor que ninguém a santidade do lar, a pureza da jovem, e a dignidade da mãe.

José, pois, tendo ouvido tocar os clarins do Templo, que anunciavam o décimo-quarto ano após o nascimento de Maria, deixou seu machado e foi a Jerusalém.

Lá, encontravam-se jovens de todas as tribos, que desejavam a beleza de Maria; todos sonhavam com o prazer que teriam em possuí-la; José pensava na felicidade de ser seu amigo e de trabalhar para nutri-la, deixando-a dona de si mesma.

O sumo sacerdote disse aos jovens: Pegai na mão bastões, e aquele cujo bastão florescer e sobre a cabeça do qual a pomba pousar, aquele será o esposo de Maria.

Mas, quando Maria olhou, não viu florido o bastão de nenhum de seus pretendentes que queriam tornar-se seus donos, e a pomba não encontrou em quem pousar.

Chamaram então, por escárnio, o velho José, que se mantinha afastado, e ele teve o bastão florido.

Então a pomba pousou e Maria lhe estendeu a mão.

José lhe disse:

- Como o Senhor escolheu-me para ser seu esposo? pois sou velho e tenho filhos grandes.

Maria lhe disse:

- És justo e não oprimirás a virgem que Deus te confia. Prometi a Deus que não seria escrava de um homem; sirva-me de pai.

Porque todos esses jovens que estão aqui me desejaram sem me amar, e não consentirei jamais no ultraje de seus desejos.

José lhe disse:

- Que assim seja, e a levou para sua casa em Nazaré, onde a deixou, e voltou a trabalhar em Capharnaüm.

Ora, Maria era de estirpe real e sacerdotal e levou como dote, ao trabalhador José, a hereditariedade da realeza e do sacerdócio.

Assim, por ter compreendido a dignidade da Virgem, e ter sido feito o seu protetor, o simples trabalhador tornou-se sacerdote e rei, e o mundo trocou de donos.

Porque Maria não havia escolhido, para seu guardião, nem um sacerdote, nem um rei, mas um pobre velho carpinteiro chamado José, e isso porque ele era justo.

E foi aí o início desse reino de justiça, que, apesar de todos os esforços dos maus, finalmente se estabelecerá sobre a terra.

TERCEIRA LENDA

Como a virgem tornou-se mãe sem pecado,
e das ansiedades de José.

Naquele tempo, tendo Maria saído para tirar água, um jovem de grande beleza abordou-a perto da fonte e lhe disse: Eu te saúdo, cheia de graça.

Maria perturbou-se e voltou precipitadamente para casa, mas lá reencontrou o mesmo jovem que a saudou dizendo-lhe outra vez: Não temas nada, sou um anjo do Senhor, é ele quem me envia a ti.

O que mais ele lhe disse encontra-se narrado nos Evangelhos, onde se vê que esse jovem era o anjo Gabriel.

Mas os judeus, na sua malícia, pretendiam que fosse um soldado chamado Panther, e que, durante muitos dias, voltava para ver Maria em sua casa.

Seis meses após, José voltou a Nazaré e ficou consternado vendo que a virgem estava grávida.

Ele lhe perguntou como pudera isso acontecer, e ela respondeu chorando: Não faltei com minhas promessas e não sou infiel nem diante de Deus nem diante de vós.

José bem sabia que não a tinha tocado e não se atribuía nenhum direito sobre ela, visto que ela o havia escolhido somente para seu amigo e seu guardião.

Entretanto ele ficou com o coração triste e não mais a interrogou, mas pensava em mandá-la embora.

Uma noite, quando adormecera com esse pensamento, uma mão o tocou e uma voz lhe falou.

Abrindo bem os olhos, viu diante de si o mesmo anjo que havia aparecido a Maria.

Pai José, disse-lhe, tu prometeste proteger Maria; por que queres abandoná-la quando ela mais tem necessidade de cuidados de um pai e de um amigo?

Ela não te pertence, és tu que pertences a ela; por que queres abandoná-la?

Prometeste respeitar os segredos de seu pudor; tu a deixaste virgem e tu a reencontras prestes a tornar-se mãe. Honra-a sempre como a uma virgem e protege-a como a uma mãe.

Por que condenas a criança cujo pai não conheces?

Não sabes que sempre o pai de uma criança é Deus?

Ama-a pois por causa de Maria que está confiada a ti, e guarda-a em consideração a Deus, seu pai. Dessa forma ocultarás de todos a maldade dos homens, e tua casa será abençoada.

José meditou sobre essas palavras durante o resto da noite, e, ao amanhecer, foi encontrar Maria e lhe disse:

Perdoa-me por te fazer chorar, eu que sou teu pai; sou teu amigo e te fiz chorar.

Pensava em te mandar embora quando te tornasses mãe, e quem pois te receberia se teu velho José te abandonasse?

Guarda esse segredo que é de Deus; eu protegerei teu filho que é também filho de Deus e do qual terei a honra de cuidar como se fosse meu.

Maria respondeu-lhe: Bendito sejas, porque a verdade eterna falou em teu coração.

Poderias me desonrar, e não o fizeste.

Por isso teu nome será venerável.

E quando as gerações do futuro me chamarem de Maria, a bem-aventurada, a ti chamarão José, o justo.

E o filho de Deus te chamará de pai, porque tu te pareces com Deus, que é justo e bom, e ele te assistirá em teu último dia, porque terás sido o fiel guardião de seu nascimento.

QUARTA LENDA

Por que Maria ria e chorava ao voltar a Belém, e de suas duas parteiras, Zelomi e Salomé.

Após o ocorrido, José foi obrigado a voltar a Belém com Maria para obedecer ao decreto de César Augusto.

E, quando estavam a caminho, José, olhando Maria que estava sentada sobre seu asno, viu que ela chorava e lhe disse: Por que choras?

Maria lhe disse: Vejo um grande povo que chora, e meu filho se atormenta em minhas entranhas.

Porque estão lá, deitados sobre a terra nua, como ovelhas magras e tosquizadas até a pele, e, por pastores, eles têm carniceiros.

José olhou a seu redor e não viu ninguém. Pensou que Maria estivesse sofrendo por causa de seu estado de avançada gravidez.

Depois de um instante observou-a mais uma vez e a viu sorrir, embora seus olhos estivessem ainda úmidos de lágrimas.

- Então agora sorris? perguntou-lhe.

- Sim, respondeu Maria, porque vejo uma multidão que está em alegria porque meu filho veio romper seus grilhões.

- Fica tranqüila, disse José com bondade, espero que cheguemos logo, e poderás repousar; não te canses com devaneios e palavras inúteis.

Então um anjo se apresentou e disse a José: Por que chamas de inúteis as palavras que não compreendes?

Faze descer Maria porque o tempo urge, e é aqui que ela deve dar à luz, e lhe mostrava com o dedo a entrada de uma caverna.

Maria entrou então na caverna, que se encheu de luz quando, sozinha e sem dores, pôs seu filho no mundo.

Entretanto, José havia saído para procurar socorro, e trouxe consigo duas parteiras, a primeira chamada Zelomi e a segunda, Salomé, e lhes disse: Uma virgem vai dar à luz, e continua virgem.

Zelomi viu a luz celeste e acreditou na palavra de José, porque compreendeu que ele havia falado conforme o Espírito do Senhor.

Mas Salomé ficou incrédula, e porque quisera tocar Maria, sua mão e seu coração secaram.

Maria então teve piedade dela e lhe disse:

- É assim que a vã curiosidade seca aqueles que querem julgar as coisas do espírito pelo testemunho dos sentidos.

Zelomi representa a fé e tu representas a razão; ela sabe porque crê; e tu ignoras porque duvidas; ela é sã e diligente, e tu, eis que estás doente e paralisada; mas se abraçares meu filho ficarás curada, porque te tornarás como ele se consentires em amá-lo.

Salomé acreditou na palavra da mãe; prosternou-se diante da criança, tomou-a nos braços e embalou-a docemente, abraçando-a com respeito.

Então ela se sentiu curada, e uniu-se a Zelomi, a serviço de Maria e de Jesus.

Jesus, em seguida, foi levado a um estábulo e deitado numa manjedoura, como se lê no livro dos Evangelhos, e os pastores pobres dos campos vizinhos vieram saudar essa criança do novo povo, cujo nascimento já fazia tremer os reis do velho mundo.

QUINTA LENDA

Como o filho do carpinteiro suavizava o ódio das serpentes.

Naquele tempo o rei Herodes, tendo medo do filho do pobre trabalhador, fez massacrar todas as crianças de Belém.

Porque o egoísmo usurpador da terra não quer que haja lugar para todo mundo, e colocou a morte como sentinela nas portas da vida.

José então foi forçado a fugir com Maria e seu filho.

Ora, como eles estavam nos limites da Judéia, sentaram-se à sombra, próximos de uma caverna perto da qual brincavam algumas crianças.

Imediatamente duas enormes serpentes saíram sibilando da caverna, e as crianças fugiram gritando.

Mas o menino Jesus fez um sinal, e as serpentes pararam diante dele como que para adorá-lo, e vieram se arrastando lentamente, como se aos poucos se fossem amansando, até colocar suas cabeças aos pés da mãe do menino.

José queria então bater nelas com seu bastão.

Mas Maria o impediu, dizendo-lhe: Deixa-as viver, porque seu veneno transformou-se em doçura, e já que deixaram de prejudicar, não tens mais o direito de matá-las.

Está escrito a meu respeito que a mulher esmagará a cabeça da serpente, mas se a serpente pudesse deixar de ser má, de envenenar com suas mordidas, por que não teria piedade delas como de outros seres vivos? I

Deus não criou nada inútil, e quando todas as criaturas estiverem na ordem que lhes foi destinada, deixarão de prejudicar umas às outras.

Não está escrito que os próprios dragões e as serpentes da terra devem louvar a Deus? Não destruas, mas instrui e dirige os seres vivos.

As crianças que antes haviam fugido, vendo que as serpentes não faziam mal a Jesus e a Maria, retomaram e acabaram até por se animar a brincar com os répteis, e as serpentes brincavam com elas sem tocá-las e sem irritá-las, porque só com o olhar de seus olhos tão doces e com um gesto de sua mão tão terna, Jesus as havia desarmado de todo o seu veneno e de toda a sua cólera.

SEXTA LENDA

Do grande e maravilhoso rebanho que se reuniu em torno da criança da manjedoura.

Quando Jesus, nos braços de sua mãe, atravessava o deserto para ir ao Egito, os tigres e os leões saíram de seus antros e os seguiram, as panteras deitavam-se aos pés de Maria para lhe servir de almofada quando ela descansava; os unicórnios escavavam a terra para fazer brotar fontes; os leviatãs lhe emprestavam sua sombra; os cervos e as gazelas misturavam-se sem temer os leões e os tigres; porque Jesus vinha dar a paz ao mundo e espalhar sua doçura por toda a natureza.

Esse rebanho inumerável de todos os animais da terra, símbolos de todas as paixões humanas, caminhava em torno da divina mãe, e uma criança os conduzia.

SÉTIMA LENDA

A palmeira do deserto.

Eles chegaram num deserto onde não havia nem animais vivos, nem mananciais, nem fontes, e como lá procurassem sombra, só encontraram uma única palmeira.

Maria desceu de sua montaria e veio sentar-se à sombra dessa palmeira, e vendo que ela estava carregada de frutos disse a José: - Gostaria de saborear essas frutas, pois o calor é demais.

José lhe respondeu: - A árvore é muito alta e já não sou jovem.

Jesus disse então à palmeira: Inclina-te e apresenta teus frutos a minha mãe.

A palmeira então inclinou-se e veio apresentar seus frutos à mão de Maria, que ao colhê-los ofereceu-os a Jesus e a José.

Em seguida, como ela continuasse curvada sobre seu tronco e inclinada, Jesus disse-lhe: Ergue-te! E a palmeira se ergueu.

Jesus disse-lhe:

- Dá-nos água da nascente oculta que alimenta tuas raízes. E imediatamente, de dentro das raízes da palmeira, uma fonte límpida jorrou.

E Jesus disse ainda à palmeira:

- Tu não morrerás e frutificarás novamente no jardim de meu pai.

Porque todas as criaturas foram dadas aos homens para seu uso, e eles devem submeter toda a natureza pelo trabalho; então dirão às montanhas: Aplanai-vos, e as montanhas se aplanarão; e às árvores: Dai-nos vossos

frutos, e as árvores se inclinarão; e às fontes: Subi e jorrai da terra, e as fontes subirão e jorrarão; e os filhos da mulher consolarão sua mãe e lhe dirão: Descansa e te refresca, porque é para te servir que a natureza nos obedece.

Um anjo então apareceu no cimo da palmeira; apanhou um galho e retomou seu vôo em direção ao céu para replantar a palmeira do deserto nos campos do futuro, que será o reino de Deus.

Essa terra, onde o gênio da fraternidade completará os milagres do trabalho, onde a mãe não mais será escrava de seus filhos, onde os justos não mais serão exilados, onde a verdade terá uma pátria;

A terra então não mais será uma madrasta, porque será livre, e um antagonismo ímpio não mais a forçará a ser estéril.

O homem então disporá da onipotência de Deus, e falará à natureza e a natureza obedecerá.

É o que quis dizer Tiago, o Menor, apóstolo do santo Evangelho, com essa lenda da palmeira.

OITAVA LENDA

Os três malfeitores.

Escrevemos mais longamente essa lenda: eis em toda a sua simplicidade, tal como a encontramos nos evangelhos da Santa-Infância.

A santa família do Salvador, proscrita por Herodes, encontrou dois ladrões no deserto. Esses ladrões chamavam-se, segundo alguns, Titus e Dumachus, e, segundo outros, Dismas e Gestas; seguimos os costumes dos hebreus denominando-os, em nossa lenda, Johanan e Oreb, isto é, o Misericordioso e o Homem de sangue.

Um deles, Oreb, queria degolar a santa família.

Mas Johanan se opôs e, servindo ele próprio de guia aos três viajantes, deu-lhes hospedagem em sua caverna.

Ora, Deus lembrou-se da misericórdia e da hospitalidade do ladrão: Jesus, na cruz, perdoou-lhe todos os pecados e prometeu dar a ele, por sua vez, hospedagem no céu no mesmo dia.

Assim os fariseus deveriam um dia crucificar três malfeitores, e entre esses três deveriam encontrar o justo por excelência e o culpado arrependido.

Para que se saiba que a justiça dos homens será apenas um açoite que baterá para punir e não para curar, que todo pecador que coopera com uma sentença de morte talvez aceite a responsabilidade do deicídio.

Vós todos que estais sem dúvida isentos de pecado, visto que ousais atirar a primeira pedra no culpado, lembrai-vos dos três malfeitores e acautelai-vos para não bater no meio ou à direita, quando quiserdes bater à esquerda!

NONA LENDA

Como, na chegada do Salvador ao Egito, caíram os ídolos de ouro e de prata, e os seres depravados morreram.

Está escrito nos evangelhos da Infância e nas crônicas antigas que ao nascer o Salvador muitos milagres se realizaram.

Assim, primeiramente, os oráculos calaram-se em Delfos e por toda a terra, o que significava que as antigas religiões já tinham tido seu tempo e que tendo o Verbo divino penetrado mais profundamente na humanidade e estando ele resumido em Jesus, os antigos oráculos nada mais tinham a dizer, a não ser para lhe render testemunho, como ocorreu no Egito e em outros lugares.

O segundo milagre simbólico da chegada do Salvador foi a morte de todos os seres depravados que ultrajavam a natureza desviando-a de seus desejos; isso deve ser entendido apenas no sentido moral, porque a pureza e a castidade acabavam de revelar-se ao mundo e reabilitar a geração humana.

Acrescenta-se também que todas as águas amargas tornaram-se doces e potáveis, para fazer entender que a doutrina de fraternidade deveria adoçar todos os pensamentos e servir como que de refrigério às almas fatigadas de ódio e de cólera.

Os velhos evangelistas dizem ainda que Jesus, quando seus pais se levantaram de sob a palmeira milagrosa da lenda precedente, abreviou-lhes o resto da viagem, e eles se encontraram às portas de Mênfis; então todos os ídolos do Egito caíram prosternados, e a estátua de Ísis, deixando escapar de seus braços a imagem de Horus, desceu de seu pedestal. Todas essas imagens poéticas são fáceis de compreender. A doutrina do Cristo abrevia, para a humanidade, o longo tempo do exílio, os cultos terminam desde que são substituídos por um culto mais perfeito e as imagens confu-

sas cedem lugar às imagens mais exatas, como essas últimas cederão lugar, finalmente, à realidade.

DÉCIMA LENDA

Como, quando Jesus voltava do Egito, os prisioneiros romperam suas algemas.

As verdades nascentes não encontram asilo seguro em lugar nenhum.

Jesus tinha que deixar a Judéia para escapar às suspeitas homicidas de Herodes, e eis que o ressentimento dos sacerdotes ia persegui-lo no Egito.

José ficou sabendo que Herodes estava morto e partiu com Maria e seu filho para voltar a Nazaré.

Lê-se, no capítulo décimo terceiro do evangelho da Infância, um dos mais antigos entre os evangelhos apócrifos, que a santa família, na volta do Egito, passou perto de uma caverna onde ladrões mantinham presos seus cativos.

Com a aproximação da santa criança os ladrões acreditaram ouvir o barulho de um grande exército e os clarins dos arautos que anunciavam a aproximação de um grande rei; então fugiram aterrorizados.

Os cativos, ficando sós, quebraram as algemas uns dos outros e recuperaram tudo o que lhes havia sido roubado; e saindo para ir ao encontro do grande rei e de seu exército, viram apenas uma criança, uma jovem mulher e um velho, e lhes perguntaram: Afinal onde está o grande rei que aterrorizou nossos inimigos e nos fez quebrar nossas algemas?

- Ele vem depois de nós, respondeu José.

Com efeito, a idéia cristã aterroriza os ladrões do velho mundo.

Não os expulsamos mais, eles fogem diante da luz do cristianismo que avança e os pobres prisioneiros quebram mutuamente suas algemas.

O grande rei e o grande exército que os ladrões ouviram é o povo justo cujo reino deve chegar após o do cristianismo simbólico, e é por isso que José dizia: Ele virá depois de nós.

É estranho encontrar tais idéias em lendas tão antigas.

Mas sabemos que, na humanidade, o sentimento precede sempre a concepção e é por esse motivo que a religião se formula antes da filosofia. As fábulas precedem os dogmas, aos dogmas sucedem os princípios, e é sempre a mesma verdade que germina, floresce e frutifica, e se desenvolve sucessivamente sob a influência de suas diferentes estações.

DÉCIMA-PRIMEIRA LENDA

Os apólogos da santa infância.

I

Jesus e os passarinhos.

Certo dia, o menino Jesus estava brincando com outras crianças; faziam passarinhos de argila, e cada um preferia a sua obra à dos outros.

Mas Jesus, tendo abençoado os passarinhos que acabava de fazer, disse-lhes: Vão! e eles voaram.

Acontece o mesmo com os sistemas religiosos nas épocas de dúvida: cada um prefere o seu, mas o melhor será aquele que viverá.

II

Jesus e a criança caída.

Em outra ocasião, Jesus estava brincando num terraço com crianças de sua idade.

Uma delas caiu do alto desse terraço e morreu.

Vendo isso, todas as outras crianças fugiram, exceto Jesus.

Então os pais da criança morta acorreram aos gritos, acusando Jesus de tê-la jogado.

Jesus, sem dar atenção às palavras deles, desceu tranqüilamente, pegou a criança pela mão e a ressuscitou.

É desse modo que se acusa a idéia cristã dos males que ela vem reparar.

III

Jesus e o grão de trigo.

Certo dia, o menino Jesus pegou um grão de trigo e, abençoando-o, colocou-o na terra.

Esse grão germinou e produziu, só ele, o trigo para alimentar todos os pobres do país, e José ainda ficou com o resto.

Essa lenda, restituída por Tomás, o Israelita, parece ser a primeira idéia do milagre alegórico da multiplicação dos pães. O grão que Jesus semeou é esta palavra: Vós sois irmãos, associai-vos.

A associação centuplicará os recursos da humanidade e se pode dizer, na verdade, que o pão se multiplicará.

DÉCIMA-SEGUNDA LENDA

A morte do carpinteiro José.

Quando chegou o tempo em que o bom velho José deveria descansar, suas faculdades se debilitaram, sua memória obscureceu e sua inteligência diminuiu.

Maria cuidou dele com ternura e paciência, como havia cuidado de seu filho.

Chegou o momento da agonia e José começou a se atormentar dizendo: Ai, ai de mim! porque pequei durante minha longa vida, e que será de minha pobre alma se Deus julgá-la com rigor?

Os terrores do inferno me perseguem. Ai de mim, porque trabalhei bastante durante minha vida e minha morte está cheia de medo.

Jesus, então, aproximou-se do leito do doente e lhe disse: José, meu pai, homem justo e laborioso, repousa em paz.

O inferno do pobre trabalhador é na terra, e como Deus poderia, após uma vida tão penosa e laboriosa, atormentá-lo ainda após a morte?

Em seguida, levantando os olhos, Jesus viu aproximar-se os fantasmas da noite eterna, os esqueletos com olhos ardentes, os demônios horríveis com os membros peludos e monstruosos, as larvas gementes e pálidas, os grifos negros com asas de morcegos e o inferno inteiro se movendo sobre ondas de sombras espessas como a baleia de Jonas e com uma imensa boca aberta, como que para engolir o mundo.

Jesus soprou essas hediondas quimeras e elas se evaporaram como a lembrança de um sonho.

E José só viu perto dele Jesus e Maria, que sustentavam sua cabeça entre as mãos e enxugavam o suor frio de sua fronte, enquanto o anjo da morte tocava seus olhos com um ramo de lis, cujo perfume parecia espalhar por todos os seus traços o repouso e o sorriso eternos.

Os anjos da fé, da esperança e da caridade receberam sua alma e seu corpo voltou à terra.

Mas Jesus ordenou que ele fosse preservado da corrupção, porque, disse ele, sua morte é apenas um sono, à espera de que o reino dos maus tenha passado.

Então virá meu reino, o da justiça e da fraternidade, e lembrar-me-ei de meu pai, o velho e corajoso trabalhador.

Eu o acordarei de seu sono de morte e ele virá sentar-se junto a mim no banquete da comunhão universal.

Que o sepulcro lhe seja, pois, como a crisálida para o inseto laborioso que fia seu sudário e espera uma outra vida mais livre e mais brilhante.

Dorme José, dorme pobre trabalhador! Quando despertares, serás herdeiro do céu e, pelo trabalho, poderás conquistar o mundo.

DÉCIMA-TERCEIRA LENDA

O sermão na montanha.

Depois de Jesus ter repellido numa visão todas as coroas da Terra que lhe eram oferecidas pelo gênio do mal, a quem elas pertenciam, e que lhe propunha comprar a tirania ao preço de escravidão, como estava na lei do velho mundo;

Depois de ter dominado a fome, o orgulho e a ambição do poder, Jesus, o conquistador pacífico, subiu a montanha, e, cercado de pastores e pecadores, começou seu primeiro discurso: Bem-aventurados aqueles que são pobres de espírito, porque a eles pertence o reino dos céus!

Isso queria dizer: Infelizes os escravos da riqueza egoísta, porque só acumularão a miséria eterna!

Bem-aventurados aqueles que são dóceis, porque possuirão a terra!

É como se dissesse:

Infelizes os que querem reinar sobre a terra pela violência, porque o poder lhes escapará!

Bem-aventurados aqueles que choram, porque serão consolados!

Bem-aventurados aqueles que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.

Pobres e deserdados, esperai pois! o cristianismo vos abre a porta de um futuro feliz.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque obterão a misericórdia!

Compreendemos que a frase acima quer dizer também: Infelizes os homens sem piedade, porque não haverá piedade para eles!

Bem-aventurados aqueles que têm o coração puro, porque verão Deus!

Deus é a verdade e a justiça.

Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados de filhos de Deus!

Um de nossos poetas disse: o amor é mais forte do que a guerra. A força bruta passará e se consumirá, mas a razão calma e senhora de si mesma triunfará e terá sempre um novo poder!

Bem-aventurados aqueles que sofrem perseguição pela justiça, porque a eles pertence o reino do céu!

É perdoadando que os mártires provam sua realeza. Quem persegue, abdica, e quem sofre, resiste. Resistir é poder, e poder é reinar.

Não vim para destruir, mas para realizar, dizia ainda o filho do carpinteiro, declarando-se assim o iniciador do progresso. O que dizia então ao judaísmo podemos dizê-lo ao catolicismo, nós, os homens do progresso religioso; nós, seus discípulos e continuadores de sua obra!

Se vossa justiça, dizia ele, não é mais rica que a dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus, e podemos dizer:

Se não sois melhores e mais justos que os mais ardentes do velho mundo e da Idade Média, não entrareis na associação universal do cristianismo realizado.

Cristo disse: Aquele que injuriar seu irmão merecerá condenação; e nós dizemos: Aquele que não cuidar de seu irmão e que tratar como estranho um só membro da família humana, merecerá ser renegado pela família e terá lugar no julgamento dos fraticidas.

Cristo disse: Perdoai sempre, e nós dizemos: Não vos ofendais mesmo com o mal que vos possam fazer. Os maus são doentes, tratai-os e não vos irriteis contra eles.

Ele disse: Prestai atenção, antes do vosso sacrifício, se vosso irmão não tem alguma coisa contra vós e ide reconciliar-vos com ele antes de vossa prece. E dizemos: Antes de vos sentardes à mesa perguntei a vosso irmão se não precisa de nada; dai primeiramente uma parte de vosso pão a quem não o tem, em seguida sentai no banquete da comunhão e Deus vos reconhecerá como seus filhos.

Ele disse: Aquele que abandona sua mulher é um adúltero, e aquele que rechaça sua companheira a impele à prostituição. E nós dizemos: Aquele que prostitui uma mulher, ultraja sua mãe, e aquele que casa sua filha por dinheiro, vende sua filha, e aquele que compra ou vende uma mulher, a prostitui; porque a essência do casamento é o amor e as relações conjugais sem amor são a impureza.

Cristo disse: Não jureis, mas que vossa palavra seja sagrada. E nós dizemos: Para que a palavra seja sagrada é necessário que ela seja livre. Libertemos a inteligência; não fechemos a boca senão à mentira. Aquele que sufoca a palavra verdadeira é um deicida. Condenar não é responder. Perseguir uma idéia é sancioná-la. Um homem inteligente que fala fora de tempo pode não ter razão, para julgar é preciso ouvi-lo. Aquele que é forçado a se calar tem sempre razão. Quanto à perversidade e à estupidez, o próprio bom senso impõe-lhes silêncio.

Ele disse: Oferece a face esquerda se te baterem na direita; e se te tomarem a túnica, abandona também teu manto. E nós dizemos a nossos irmãos: Quando vos caluniarem por ter dito a verdade ireis vos expor ainda à injustiça, e quando tiverdes sofrido a injúria e a calúnia, ireis vos expor com júbilo à miséria e à morte no desprezo. Quanto mais vossos inimigos vos batem, mais eles enfraquecem; quanto mais sofreis, mais sois fortes.

Cristo disse: Não sejais hipócritas. E nós dizemos: Prestai solicitude a todos, falai menos de moral e sede menos infames. Sede francos e modestamente homens, e não procureis encobrir as torpezas da estupidez sob as asas de um anjo.

Ele disse: Não se pode servir a Deus e ao dinheiro. E nós dizemos: A propriedade não se faz respeitar quando não tem por origem o trabalho e por regra a fraternidade na associação.

Ele disse: Não julgueis e não sereis julgados. E nós dizemos: Operai a transformação da penalidade em higiene moral, levantai aquele que cai e não batais nele; dai às enfermidades morais tratamentos morais, e não punições ímpias; não gireis em um círculo sangrento punindo o homicídio, porque agindo dessa forma dais de algum modo razão aos assassinos e perpetuais uma guerra de canibais. Se quereis que o homicídio seja realmente um crime, fazei com que não seja jamais um direito, e lembrai-vos desse condenado que dizia: Assassinando, arrisquei minha cabeça; vós ganhais, eu pago: estamos quites.

E em seu pensamento acrescentava: Somos iguais.

Cristo disse: Procurai primeiramente o reino de Deus e sua justiça e o resto vos será dado por acréscimo.

E nós dizemos: O reino de Deus não é o reino da fome para Lázaro e das orgias do rico mau. O reino de Deus é o sol para todos, e a terra para todos é a fraternidade do trabalho, é a prostituição tornada impossível pelo respeito à mulher, é a escada social acessível, em todos os seus degraus, ao trabalho e mérito de todos. É o trabalho para todos; é a família para todos, é a propriedade para todos, é o reino da razão, é o sacerdócio do amor, é a comunhão de cada um em todos e de todos em cada um, é a unidade divina e humana, Deus vivo na humanidade, o Cristo ressuscitado e vivo no grande corpo do povo cristão; a liberdade progressiva e submetida à ordem, a igualdade relativa na ordem da hierarquia e a fraternidade distribuindo tudo a todos, segundo as leis da harmonia, que é a eterna sabedoria.

DÉCIMA-QUARTA LENDA

Algumas palavras de Jesus Cristo que não estão nos Evangelhos canônicos e que foram conservadas pela tradição dos primeiros séculos.

Jesus estava certo dia, com seus discípulos, nos limites da Judéia, nas proximidades do deserto, e se perderam nas montanhas.

Encontraram um pastor que estava deitado à sombra de um sicômoro e perguntaram-lhe o caminho.

O pastor, que era preguiçoso, não se deu ao trabalho nem de levantar nem de lhes responder, mas apenas estendeu o pé na direção que deveriam seguir, e nem mesmo voltou a olhar para eles.

Eles se foram e encontraram uma jovem que voltava da fonte, sustentando sobre a cabeça um cântaro de água.

Perguntaram também a ela qual o caminho, e a jovem não só lhes indicou, mas, carregada como estava, pôs-se a andar na frente deles e só os deixou após tê-los colocado em seu caminho.

Mestre, disse São Pedro, qual será a recompensa dessa jovem tão diligente e tão caridosa?

- Ela se casará com o pastor preguiçoso, respondeu Jesus.

E, como os discípulos ficassem espantados, ele lhes disse: A felicidade da mulher é ser mãe e, quando ela salva, por seu amor, o homem com quem divide suas próprias virtudes, ela é mãe duas vezes, porque seu esposo e o filho que ele lhe dá precisam igualmente dela.

Todo sacrifício feito por amor aumenta o amor, e tudo o que aumenta o amor aumenta a felicidade. Que ouça isso quem tem ouvidos para entender.

Então João, o discípulo bem-amado, aproximando-se do mestre, disse-lhe: Creio em vossa palavra e sei que assim será em vosso reino.

A felicidade da devoção será aqui o primeiro prêmio do sacrifício, e será recompensado aquele que fizer o bem oferecendo-lhe ocasião de fazer mais bem ainda.

Mas, disse-me, quando virá vosso reino e por que sinal os homens o reconhecerão?

Jesus respondeu: Quando dois forem apenas um, quando o que está dentro estiver fora e quando o homem com a mulher não forem nem homem nem mulher;

Isto é, quando tiver cessado o antagonismo entre a inteligência e o amor, entre a razão e a fé, entre a liberdade e a obediência.

Quando o pensamento evangélico, que é a fraternidade, for realizado pelas formas políticas e sociais;

E quando a mulher for a irmã pura e a esposa bem-amada do homem, diante da sociedade assim como diante de Deus, sem que haja antagonismo ou rivalidade entre os dois sexos.

Essa palavra, citada pelo papa São Clemente, autor contemporâneo dos Apóstolos, é todo o programa da renovação social operada pelo ideal cristão.

Jesus diz ainda: A vida é um banco; sede hábeis cambistas. Aquele que dá ganha mais que aquele que recebe. Se, pois, pretendeis enriquecer, dai.

DÉCIMA-QUINTA LENDA

A direita e a esquerda de Jesus, o Thabor e o deserto,
o povo organizado em grupos.

Jesus revela-se a seus três discípulos mais inteligentes, como o centro da humanidade, colocando-se, no passado, entre Moisés, o homem da ordem e da doutrina, e Elias, o homem do protesto e da profecia insubmissa.

Tal é a significação dessa transfiguração do Thabor onde Pedro queria edificar três tabernáculos, um para Moisés, um para Cristo e o terceiro para Elias: mas o tempo da síntese não havia ainda chegado.

Não esqueçamos que os evangelistas colocaram em ação toda a parte esotérica ou oculta do Evangelho, e que para dizer: Jesus elevou o espírito de seus discípulos a uma grande altura e fez com que compreendessem toda a verdade de sua doutrina, eles dizem: Jesus os conduziu sobre uma montanha e, transfigurando-se, diante deles, apareceu a todos resplandecente de luz, de modo que seu rosto estava brilhante como o sol e suas roupas deslumbrantes como a neve.

João e Tiago disseram-lhe então: Mestre, fazei-nos sentar um à vossa direita, outro à vossa esquerda, quando vosso reino tiver chegado.

Jesus disse-lhes: Posso conceder-vos parte em meu cálice e em meu batismo; mas sentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a mim conceder; esses lugares estão reservados àqueles que são predestinados por meu Pai.

Assim Jesus esperava ainda dois homens para completar sua doutrina e concluir sua obra: o homem da direita, isto é, o homem da ordem e da or-

ganização; e o homem da esquerda, isto é, o homem da expansão, do amor e da harmonia.

Quanto à organização social, Jesus indicou-a sumariamente na parábola da multiplicação dos pães, onde lemos que Jesus dividiu o povo em grupos de cem e de cinquenta, *secundum contubernia*, segundo morassem ou pudessem morar juntos.

Depois repartiu, entre todos, os cinquenta pães e os dois peixes que representavam o primeiro avanço da pobreza crente na associação, e a associação multiplicou de tal modo esses débeis recursos, que, com aquilo que sobrou, podiam-se encher doze cestos.

Aqui, o que afirmamos sobre o simbolismo dos milagres evangélicos está suficientemente comprovado pelo absurdo da letra e a impossibilidade material do fato, como o doutor Strauss teve o trabalho de demonstrar.

Mas o sentido da parábola é admirável, a parábola é necessária quando a verdade é perigosa ou inútil de ser revelada.

Também Jesus dissera: Tenho ainda muitas coisas a vos ensinar, mas não podereis carregá-las agora. O espírito de inteligência virá e vos ensinará toda a verdade.

Primeiro todo o velho mundo deveria dissolver-se e perecer, depois esse espírito deveria chegar e renovar a face da terra.

Talvez estejamos na hora da dissolução universal, mas tranquilizamos nosso coração e esperamos: porque, sobre as ruínas, já podemos ver a pomba celeste e o sopro da revelação renovada já se ergue nas nuvens do Oriente.

DÉCIMA-SEXTA LENDA

O que é a comunhão.

Para mostrar que todos têm direito ao pão que alimenta e ao vinho que fortifica, Jesus, falando em nome da humanidade, disse do pão: Isto é minha carne; e do vinho: Isto é meu sangue.

E o pão é verdadeiramente a carne da humanidade, como o vinho é verdadeiramente o sangue daqueles que o bebem; porque o pão renova a carne e o vinho esquento o sangue.

Ora, Jesus, falando em nome da própria humanidade, disse: O pão que conquistei por meus trabalhos e por minha morte é minha carne e eu a dou a todos a fim de que todos a comam; o vinho é meu sangue e eu o derramarei para todos a fim de que todos bebam e vivam de minha vida.

É dessa maneira que Cristo constituiu a unidade divina e humana: dando-lhe por base a comunhão do pão e do vinho na qual todos são chamados por Deus, e a qual não se pode recusar a ninguém.

Assim aquele que priva injustamente seu irmão de sua parte na comunhão do pão, rasga e se apropria de um pedaço da carne de Cristo; ele come assim o que deveria ser a carne de seu irmão e através dessa antropofagia deicida, ao invés de comungar com a humanidade, comunga com seus carrascos. Mas para que a comunhão do pão seja possível na realidade e sem representações, é necessário que não mais haja preguiçosos. "Aquele que não trabalha não deve comer."

E para que a comunhão do vinho não seja uma desordem é preciso que não mais existam bêbados. Advertência ao povo!

DÉCIMA-SÉTIMA LENDA

O julgamento de Jesus.

Não repetiremos aqui os fatos narrados pelos quatro evangelistas pois eles são conhecidos de todo o mundo.

O grande drama da paixão é, há dezoito séculos e meio, o julgamento escrito dos sacerdotes e reis, a condenação sangrenta das leis do velho mundo e o protesto imortal dos condenados contra uma sociedade deicida.

Somente um dos evangelhos apócrifos ou secretos, o de Nicodemos, acrescenta à narração dos quatro algumas circunstâncias muito notáveis; são elas:

Quando Pilatos fez Jesus entrar no pretório para interrogá-lo, as águias de Roma e as imagens dos deuses que portavam os estandartes inclinaram-se diante do rei do futuro.

Os judeus irritados exclamavam: César foi traído. Eis que são rendidas a este homem as honras do império.

O próprio Pilatos ficou pasmado e perguntou aos vexilários o que significava aquilo que acabava de acontecer: eles protestaram dizendo que o faziam contra sua vontade e que não podiam evitá-lo.

Pilatos fez vir os homens mais robustos do pretório e os mais hostis a Jesus (pois foram esses que, uma hora depois, flagelaram-no e o coroaram de espinhos); em seguida confiou-lhes as insígnias recomendando que as mantivessem firmemente; e os simulacros divinos inclinaram-se uma segunda vez diante de Jesus à vista de todo mundo e ficou provado que a força dos homens nada pode contra a mudança das idéias e que os signos

religiosos mais protegidos pelo poder caem por si mesmos e se inclinam diante dos símbolos proscritos que o progresso revela, protestando contra o julgamento dos homens e simpatizando com a agonia dos mártires.

Jesus foi, pois, interrogado em segredo por Pilatos, em seguida foi conduzido até os judeus, e seus acusadores foram ouvidos; eram, como se sabe, os príncipes dos sacerdotes, os anciões do povo, os fariseus, os escribas e os doutores, isto é, tudo o que havia de considerável e de respeitado na nação judaica.

Pilatos perguntou se ele não tinha também algumas testemunhas que o absolvessem. Fez-se, de início, um grande silêncio porque os raros amigos de Jesus tiveram medo.

Finalmente Zaqueu, o publicano, levantou timidamente a voz para dizer que Jesus bebera e comera em sua casa, e depois lhe tocara o coração pela sabedoria de seus discursos. Os risos e as algazarras da multidão não o deixaram completar, porque os publicanos eram vistos como homens infames, e os fariseus fizeram valer o testemunho de Zaqueu como uma prova a mais contra Jesus.

Depois de Zaqueu, foi uma mulher toda chorosa que se lançou aos pés do procônsul; não deixaram que ela proferisse nem mesmo uma só palavra; um grito de reprovação elevou-se de toda a multidão: É Madalena, a prostituta, é esta que derrama aos pés desse vagabundo os perfumes preciosos que ela paga com sua pessoa; ela é digna dele e ele não é indigno dela! Excomunhão para os infames!

Entretanto, o cego de Jericó acabava de atravessar a multidão e gritava, estendendo as mãos para se fazer escutar: Nasci cego e Jesus me devolveu a visão!

- É um imbecil! gritaram os padres; não o escutem, ele não merece crédito: nós o expulsamos da Sinagoga.

- Estava morto e ele me ressuscitou, disse então um homem de Betânia chamado Lázaro.

Pilatos e os romanos começaram a rir: os judeus saduceus soltaram gritos selvagens; e Lázaro foi expulso pelos lictores.

Então uma senhora rica e considerada adiantou-se e disse: Sou viúva, meu nome é Seraphia; afligia-me um fluxo de sangue que me fazia morrer aos poucos.

Um dia Jesus estava passando, acompanhado de uma multidão de pobres que ele instruía, de mulheres do povo que consolava e de doentes que havia curado.

Aproximei-me dele sem nada dizer e apenas toquei na franja de sua roupa: então fui tomada de veneração e de susto, porque me senti curada.

A essas palavras os judeus começaram a murmurar; todavia continham seus clamores porque Seraphia era rica e respeitada.

Pilatos então tomou a palavra e disse: Façam retirar esta senhora, ela não pode ser admitida como testemunha neste processo, porque, segundo vossas leis, que são as de todo o Oriente, o testemunho de uma mulher é nulo em justiça.

Depois de Seraphia, ninguém ousou levantar a voz a favor de Jesus; os que eram considerados pessoas honestas acusavam-no e ele só tinha em sua defesa pessoas sem reconhecimento, pessoas suspeitas de lepra ou de devassidão, pessoas da população e mulheres.

Ele foi, pois, condenado e não se encontraram expressões para resumir seus crimes; escreveram por escárnio. É o rei dos judeus.

Seraphia, que foi depois chamada Verônica, vendo que seu testemunho não podia salvar seu Salvador, foi chorando esperá-lo no caminho quando ele saía da cidade carregando sua cruz, e apesar dos gritos dos algozes e das pancadas dos soldados, ela se aproximou dele e lhe enxugou o rosto com uma toalha fina, que guardou a marca de sangue dos traços de Jesus.

E os mártires dos primeiros séculos não tinham outra imagem de seu mestre que não os traços de sangue que marcavam o lugar dos traços de Jesus sobre a toalha de Seraphia.

DÉCIMA-OITAVA LENDA

Pedro e João.

Jesus tinha um discípulo pouco inteligente, pelo qual se sentia amado e que acreditava fervorosamente nele. Tinha o caráter simples e ardente do trabalhador; tinha todas as virtudes e todos os defeitos do povo, igualmente pronto ao desânimo e ao empenho, mas, em suma, sempre amigo de seu mestre e disposto a dar a vida por ele. Esse discípulo era um homem do porto chamado Simão. Jesus considerou-o como o modelo vivo do trabalho corajoso e lhe disse: Tu és a pedra sobre a qual fundarei minha associação (*ecclesiam*), e as portas do inferno, isto é, os poderes desse mundo não prevalecerão jamais contra ela. A pedra bruta que foi rejeitada pelos

arquitetos da sociedade presente tornar-se-á a pedra angular de uma sociedade nova. Dar-te-ei as chaves do reino da inteligência e do amor, que é o reino dos céus, e és tu que realizarás as vontades de Deus na terra. Somente aqueles serão acorrentados e tu os acorrentarás, e outros serão livres, visto que os libertarás, porque tu és o homem do trabalho e te faço meu representante diante do futuro.

A Igreja, antes da chegada do espírito de inteligência, acreditou ver nessas palavras a consagração do poder absoluto e infalível dos papas, e um certo Alexandre VI pretendeu ser o herdeiro legítimo das promessas feitas a Pedro, o homem de fé, o trabalhador e o mártir. Todavia, os primeiros papas eram apenas os representantes do povo perante Deus e, por isso mesmo, de Deus perante o povo, visto que era o povo quem os escolhia; e é por esse motivo que os grandes pontífices dos bons tempos do catolicismo foram tribunos que resistiam aos imperadores, puniam os crimes dos grandes e defendiam os povos contra os vícios de seus mestres.

Enquanto o papado reinou ele foi santo; a corrupção para ele devia ser a decadência. Quando fores velho, disse Jesus a Pedro, um outro te cercará e te fará ir onde tu não queres. Triste quadro da servidão temporal a que se reduziu o papado decaído!

Entretanto, o papado é um princípio, é a primeira monarquia cristã, e o cristianismo não se regenerará sem ele.

O apóstolo Pedro foi até o fim a imagem do gênio laborioso e desconhecido; crucificaram-no como a seu mestre e o puseram de cabeça para baixo, tanto os carrascos tinham medo de vê-lo em pé. Jesus havia milagrosamente profetizado o que narra a lenda, porque quando Pedro saíra de Roma para fugir da perseguição de Nero, o Salvador lhe apareceu carregando sua cruz, e lhe disse: Vou a Roma onde devo ser crucificado uma segunda vez. Pedro compreendeu que o cristianismo devia conquistar sua liberdade pelo martírio; retornou pois sobre seus passos e voltou para morrer.

Jesus tinha um outro discípulo que foi chamado de discípulo do amor e que sempre é representado jovem porque, segundo a lenda, ele não deveria morrer. João é o evangelista da síntese e liga ao cristianismo todo o gênio de Platão na filosofia do Verbo. Jesus havia resumido toda a lei em duas palavras: Amai Deus, amai-vos uns aos outros. São João faz cumprir o amor a Deus no amor ao próximo e afirma que ninguém jamais viu Deus,

mas que vemos os homens e que neles devemos amar a divindade que os anima. Amar Deus na humanidade, tal é pois toda a religião; nosso século, adotando essa fórmula, só fez resumir a doutrina de São João.

São Paulo diz que a fé e a esperança passarão, mas que a caridade não acabará jamais. Essa palavra é a promessa do reino da fraternidade, e é porque o futuro pertence ao amor que o personagem místico de São João é considerado imortal pelos legendários. Dizia-se que ele dormia em seu ataúde e que sua respiração agitava docemente a poeira da sepultura.

Ele esperava a volta de seu mestre, como as virgens sábias que tiveram o cuidado de se apoderar do óleo da caridade para avivar sua lâmpada, para quando Deus desejasse manifestar-se novamente. Dizia-se, com efeito, que um óleo maravilhoso vertia do sepulcro de São João e devolvia a saúde aos doentes. É assim que a lenda segue-se ao Evangelho e adota suas imagens, como o Evangelho reproduz, explicando-as, as grandes figuras da Bíblia. Mas em todo o conjunto dos livros sagrados e da tradição mística, um apóstolo tem o cuidado de nos prevenir disso, a letra mata e o espírito vivifica. É por isso que, quando os cultos têm que morrer, eles se materializam ligando-se à letra da palavra, e o espírito lhes escapa ampliando sua expansão, como o homem faz quando abandona as roupas de sua infância.

O signo característico de São João, o último dos evangelistas, é uma águia, símbolo de liberdade, de inteligência e de soberania, porque o reino do amor, facilitando o progresso, deve tornar todos os homens livres por seu trabalho e sua virtude, cada um por sua vez, os primogênitos da família humana, sacerdotes, reis e proprietários do mundo.

Fecisti non reges et sacerdotes et regnabimus super terram. (São João)

Vós nos fizestes sacerdotes e reis, e reinaremos sobre a Terra. É por isso que, nesses últimos tempos, a águia reapareceu no mundo.

É por isso que a guerra será apenas a preparação do império universal.

O verdadeiro império é a paz: a águia vitoriosa repousará sobre o trovão e fixará o sol.

Não será mais a águia do conquistador, será a águia do evangelista.

DÉCIMA-NONA LENDA

A visão de Aaswerus.

- Anda! dissera o judeu Aaswerus a Cristo oprimido sob sua cruz. - Anda! respondeu-lhe o Salvador do mundo, até que eu volte aqui e te diga: Repousa!

Desde esse tempo, Aaswerus não pára de fazer a volta ao mundo; e todos os anos, em meados da Páscoa, ele volta para onde foi sua casa maldita para ver se ali reencontra Jesus. Ele anda, anda, chega quebrado, ofegante, prestes a cair morto de cansaço; chega e não encontra ninguém.

Ele eleva os olhos e vê no céu sempre implacável uma mão que lhe mostra o Ocidente! Anda! grita-lhe uma voz que parece ser um eterno eco da sua, no dia do crime, e o velho Aaswerus curva a cabeça; o soluço de salvação que cresce em seu coração recai silencioso e sem lágrimas; ele recomeça sua viagem eterna.

Na época em que os cruzados tomaram Jerusalém, o Judeu Errante tinha ouvido dizer que Cristo havia retomado à montanha santa; ele só encontrou ali um padre cercado de soldados. - Um judeu! um judeu! gritaram alguns homens com mãos sangrentas... Anda! Anda! disseram os soldados batendo no velho com seus bastões e o aguilhoando com a ponta de suas lanças. Aaswerus meneou a cabeça e voltou a caminhar, em meio às maldições da multidão.

- Ai de mim! murmurou ele, a cruz ainda não me pode absolver, visto que ela não ensinou ainda o perdão a seus defensores. Os homens só a adoram como um instrumento de suplício e uma lembrança de vingança! Insensatos, querem vingar aquele que os salvava perdoando, e não sentem que se condenam eles mesmos ao destruírem o perdão do Homem-Deus! Eles não sabem que a perseguição exercida pelos cristãos é a negação dos mártires e a reabilitação de seus algozes.

Também, quando Aaswerus reencontrou depois os judeus perseguidos pelos cristãos, ele os incitava a morrer ao invés de abjurar as crenças de seus pais, e ele próprio, com seu bastão secular na mão, a barba e os cabelos eriçados ao vento, os conduzia de exílio em exílio... E no entanto, melhor que ninguém, ele compreendia que Jesus é o filho único de Deus!

Mais tarde ele viu caírem as cruzes e se levantarem os cadafalsos, ouviu falar da santa guilhotina e não ficou surpreendido; os inquisidores não haviam ainda inaugurado as festas da morte em nome da Cruz santa? O culto era o mesmo e só o altar estava mudado. Falava-se então também de hu-

manidade, de progresso; era justo: o machado é mais diligente e menos cruel que o pelourinho sangrento do Gólgota.

Ele viu em seguida recomeçarem as solenidades do bezerro de ouro; há muito tempo sabia como terminavam tais orgias, e quando lhe perguntam: Que faz a esta hora o filho do carpinteiro? - ele responde, meneando a cabeça: Um ataúde!

Porque ele sente que o tempo está próximo e seu andar parece tornar-se mais lento; olha por sua vez o século que passa e os acontecimentos que se precipitam.

No dia em que o sucessor de Pedro caiu por se ter apoiado num cetro, e saiu da cidade eterna por sua vez amaldiçoado e exilado, Aaswerus entrou no Vaticano deserto, e, com o cotovelo apoiado na cadeira vazia dos papas, deixou a cabeça cair sobre sua mão, parecendo cochilar por um instante.

Reviu em sonho o campo de Jerusalém revestido de sua fertilidade primeira: a vinha com gigantescas uvas da Terra prometida, as oliveiras carregadas de frutos cobriam as colinas e os vales estavam cheios de loendros e de roseiras em flor.

A montanha de Mória estava coberta de um povo inumerável, formado por deputados de todos os povos da terra, e no cimo do monte sagrado elevava-se um imenso altar.

No meio do altar, subia até as nuvens um gigantesco candelabro de ouro, encimado por um sol radioso, e no meio desse sol aparecia, branca e transparente, a divina hóstia do sacrifício do amor, a síntese do trigo, o símbolo da unidade divina e humana, o pão da união social e da comunhão universal.

Em frente ao altar, um velho estava em pé, segurando numa das mãos um pão branco e leve, como o da alfaia, e na outra um cálice.

Uma música celeste se fez ouvir e da frente de todas as falanges elevaram-se nuvens de incenso.

Muitos homens, vestidos com hábitos esplêndidos, trouxeram um quadro que cobriram com um pano branco.

Um desses homens usava a roupa dos soberanos pontífices da lei cristã, um outro, a do chefe dos iman, um terceiro estava vestido como os grandes sacerdotes da lei judaica, um quarto portava os ornamentos do grande

Lama e todos os quatro agiam e oravam combinados e pareciam amar-se como irmãos.

Era o dia em que Cristo saiu outra vez do túmulo e já mais de duas mil vezes o mundo havia celebrado o aniversário, mas nenhum fora tão esplêndido como aquele.

A música cessou; o silêncio se fez na multidão e todos os olhos se voltaram em direção ao Ocidente.

Então, viu-se aparecer um outro velho cujos cabelos e a barba cobriam-lhe o peito e os ombros; ele jogou seu bastão de viagem, endireitou-se com um grande suspiro e se deixou vestir com uma túnica branca, levantando em direção ao céu os olhos cheios de lágrimas.

Ele olhou a hóstia e exclamou chorando: É ele! Olhou o sacerdote que, escolhido pelo sufrágio de todos, fazia nesse dia o ofício de pontífice universal, e repetiu: É ele! Olhou a multidão silenciosa e recolhida, e estendeu os braços em ação de graças, dizendo ainda: É ele! é ele vivo em tudo, é ele só em todo lugar e sempre!

Então o sacerdote do povo desceu do altar, uma cadeira foi colocada diante da Mesa santa sobre a qual depositou-se a hóstia e o cálice, e o pastor disse, dirigindo-se ao velho: Repousa, Aaswerus!

Em seguida os pontífices de todos os cultos passados vieram, após o sacrificador da associação universal, dar o beijo de paz na barba branca do maldito reconciliado.

Depois, todos, em pé ao redor da mesa, comungaram com ele.

Aaswerus então sentiu-se viver uma vida nova, pareceu-lhe que era o próprio Cristo e que, dividindo ele mesmo os pães que se multiplicariam sobre a Mesa santa, ele os distribuiria à multidão.

Assim acabou o sonho do Judeu Errante; um barulho de armas e de gritos de angústia o acordou: eram os salteadores das nações que dividiam entre si a cidade santa.

Ele saiu do palácio dos papas que oscilava sobre os túmulos entreabertos e voltou a caminhar para continuar a volta ao mundo que, talvez brevemente, ele não mais recomeçará.

Não o lastimeis, vós todos que o encontrareis curvado, ofegante e poeirento; ele é mais feliz que todos os grandes políticos de nosso século e que os últimos reis desse mundo; ele sabe para onde vai.

VIGÉSIMA LENDA

O reino do Messias.

Quando o espírito de inteligência se espalhar sobre a terra, virá um tempo em que o espírito do Evangelho será a luz das nações.

Compreender-se-á que o princípio do poder é a soberana razão, como está dito no início, por tanto tempo mal compreendido, do Evangelho segundo São João.

Então Cristo renascerá todos os dias, não mais simbolicamente nos altares, mas realmente e corporalmente em toda a superfície da Terra.

Ele não disse que o menor entre nós é ele? Assim, então, o nascimento de cada criança será um Natal, e todos os homens respeitarão o Salvador uns nos outros.

Cristo não mais será apenas pobre, faminto, proscrito, sem mulher e sem filhos, perseguido e crucificado; será rico como Jó após sua provação, estará na abundância de todas as coisas, será esposo, será pai, reinará e perdoará soberanamente aqueles que o tiverem perseguido.

Porque, um dia, todas as nações serão apenas uma nação, todos os tronos serão submetidos a um só trono e sobre esse trono sentar-se-á um justo que terá o espírito de Jesus Cristo e que será assim o próprio Jesus Cristo, como nós todos podemos ser ele quando ele está em nós.

Esse rei reconciliará o Oriente com o Ocidente e o Norte com o Sul. Ele dará aos povos a verdadeira liberdade porque tornará inabaláveis as bases da justiça.

Reprimindo a libertinagem ele suprimirá a miséria. Todos terão o direito e os meios de fazer o bem; ninguém terá o direito de se embrutecer e de ser vicioso.

A penalidade será substituída pela higiene moral, os culpados serão vistos como doentes e submetidos ao tratamento dos alienados. A grande expiação da Cruz é suficiente para todas as ofensas humanas e suprimirá um dia o cadafalso, execrável desde que inútil.

Não mais se permitirá a existência real do erro, porque somente a verdade existe e a mentira é fugidia como o sonho. Não haverá, pois, mais do que uma religião no mundo e o pontífice universal declarará, do alto da suprema autoridade, que os judeus, os maometanos, os budistas, etc., são cristãos mal instruídos, dos quais ele é chefe e pai. Ele os abençoará e os convocará ao grande concílio das nações. Ele lhes abrirá o tesouro inesgo-

tável das indulgências e das preces e dará realmente e em verdade sua benção à cidade e ao mundo.

Será então a época da volta do filho pródigo; ele não tem mais nada, mas seu irmão lhe emprestará e ele trabalhará para reconquistar sua riqueza. Será a hora em que as virgens loucas, tendo enfim o óleo em suas lâmpadas, voltarão a bater na porta, e se o esposo se recusar a abrir, as virgens sábias lhes estenderão a mão e as farão entrar pela janela; porque a última palavra do cristianismo é solidariedade, reversibilidade, caridade universal; e em verdade vos digo que não há um santo no céu que não esteja pronto a descer ao inferno para livrar dele as pobres almas, mesmo que seja preciso lá ficar só, em lugar delas, e fechar para sempre as portas sobre ele. Concebeis um céu sobreposto a um inferno? Um banquete eterno em frente a uma eterna fogueira, uma casa de paz e de preces sobre um porão cheio de soluços e de torturas? Um sonho apenas deve preencher o sono eterno de cada justo: a libertação de um condenado; e se este sonho fosse sem esperança, tornar-se-ia um pesadelo mais terrível que os próprios suplícios do inferno.

É dessa forma que os gnósticos, isto é, *aqueles que sabiam*, em outros termos, os iniciados do cristianismo primitivo, interpretavam os oráculos dados pelo espírito de Jesus Cristo; eles foram seguidos pelos discípulos de Orígenes, mas a Igreja os condenou, e tinha razão em condená-los, porque divulgavam as doutrinas secretas e profanavam os mistérios do Mestre.

Não se deve, exagerando a esperança do vulgo, suprimir da lei a sua sanção terrível, e o dogma da eternidade do inferno só exprime, afinal, o divórcio eterno entre o bem e o mal.

Os apócrifos são o lado revolucionário do espírito de Jesus; seu lado hierárquico, edificante e constituinte, pertence de direito à Igreja docente, da qual não nos cabe usurpar as funções.

Em continuação a essas lendas tão singelamente orientais, poderíamos apresentar as narrações, evidentemente simbólicas, da lenda dourada, os atos apócrifos dos apóstolos, a história do gigante Cristóforo dobrado em dois sob o peso misterioso de um menino, o martírio de santa Fé, de santa Esperança e de santa Caridade, e tantas outras inspiradas pelo mesmo espírito e todas brilhantes, com as mesmas cores maravilhosas. Um sopro de inspiração nova passara sobre o mundo e esse sopro era o de Jesus Cristo.

O que distingue os evangelhos apócrifos dos evangelhos canônicos é, talvez, a maior audácia nas suas ficções e a menor prudência na indicação das tendências revolucionárias e radicais; mas está em toda parte o mesmo gênio emancipador do pobre, protetor do fraco, a mesma ternura maternal pelos órfãos da sociedade, a mesma fé, humana porque é divina e divina porque é humana. As histórias maravilhosas variam porque a forma da parábola é arbitrária. É somente o espírito que vivifica. Essas histórias, aliás, são essencialmente judaicas e podemos compará-las com os apólogos do Talmude; podemos acusá-las de misticismo e idealismo exagerados; mas que sonhos magníficos, quando os tomamos somente por sonhos! São fotografias de aspirações coletivas; são as parábolas póstumas de Jesus inteiramente reavivadas em seus discípulos; são os oráculos, não são mesas giratórias, mas mesas eucarísticas, e eis como os espíritos divinos falam após sua morte, se é que podem morrer. Mas não, os grandes pensamentos não morrem e não têm necessidade, para serem transmitidos, de bater contra as paredes. Eles movem as almas e não os móveis, eles batem nos corações e não nas pedras ou nas tábuas; eles são como árvores que lançam a semente e reproduzem florestas. Em vão, quer-se escravizá-los e circunscrevê-los; eles têm uma energia que faz rebentar as barreiras e que destrói as prisões; correm como o incêndio em madeira morta. Não mais procureis Jesus no túmulo onde os padres o haviam colocado; ele ressuscitou; ele não está mais aqui, não procureis o vivo entre os mortos!

O que querem de nós pois essas larvas e esses vampiros que, nos círculos de pretensos espíritos, procuram diminuir o Homem-Deus! Que faremos de um Jesus sem divindade e sem milagres? Não são seus maiores milagres aqueles de seu espírito? Quereis escrever sua história? Escrevei a história do mundo transfigurada por seu gênio. Sua vida é sua doutrina e sua doutrina ainda vive.

Eu vos dou um Jesus de mármore, disse Renan. E daí! O que temos a ver com teu mármore? temos um Jesus de espírito e de carne, seu espírito está em todo lugar. Sua carne palpita no peito inocente de nossos filhos, seu sangue aquece e rejuvenesce o coração de nossos velhos. Filósofo de mármore, guarda tua estátua sem alma e deixa-nos nosso Homem-Deus!

Alfredo de Vigny escreveu que a lenda é, muitas vezes, mais verdadeira que a história, porque a lenda conta, não os atos freqüentemente incompletos e abortados, mas o próprio gênio dos grandes homens e das nações. É

sobretudo ao Evangelho que se deve referir esse belo pensamento. O Evangelho não é simplesmente a narração do que aconteceu, é a revelação sublime do que é e do que será sempre. Sempre o Salvador do mundo será adorado pelos reis da inteligência, representados pelos magos; sempre multiplicará o pão eucarístico para nutrir e consolar as almas; sempre, quando o invocarmos na noite e nas tempestades, ele virá a nós caminhando sobre as ondas, ele nos estenderá a mão e nos salvará ao fazer-nos passar sobre as ondas; sempre curará nossas apatias e devolverá a luz a nossos olhos; sempre aparecerá a seus crentes luminoso e transfigurado sobre o thabor, explicando a lei de Moisés e regulando o zelo de Elias.

Os milagres do Eterno são eternos. Admitir o simbolismo das maravilhas do Evangelho é ampliar a luz, é proclamar a sua universalidade e duração. Não, esses acontecimentos não constituem passado, tal como nos dizem; eles jamais passarão, eles ficam eternamente. As coisas que passam são acidentes que passam, as coisas que o gênio divino revela pelo simbolismo são imutáveis verdades.

Lede os Padres dos primeiros séculos, passai as grandes épocas do cristianismo, escutai Santo Agostinho aspirando ao infinito e São Jerônimo sonhando com o céu, sob o barulho do império romano que desaba; escutai clamar a eloquência de São João Crisóstomo e de Santo Ambrósio, em seguida descei às divagações espirituais de Home ou às elocubrações panteísticas de Allan Kardec; vós soriireis de piedade e de desgosto.

E então, a morte seria uma amarga decepção! As realidades da outra vida seriam a irrisão de nossas aspirações nesta vida! O verdadeiro paraíso seria menos resplandecente que o de Dante e o verdadeiro inferno menos terrível que seu inferno! Ora, os espíritos *desencarnados* passeariam como os de Swedenborg, com chapéus na cabeça, e viriam importunar os vivos para lhes fazer escrever misérias! Mas então não vedes que o inferno da Idade Média com seus horrores surpreendentes seria preferível a esta ridícula decadência das almas! Que Deus me torture, se é que existe um deus capaz de me torturar, mas que ele não me torne idiota. Amaria mais o diabo e seus chifres do que as casas de Victorien Sardou construídas em claves de sol e em traços de letras finas e mal feitas, e que essas flores ideais abertas sob o lápis dos *Médiuns* e que parecem pústulas de lepra vistas ao microscópio. Despertai, pobres espíritos, não sentis pois que estais tendo um pesadelo?

Segunda parte ESPÍRITOS HIPOTÉTICOS

ou

Teorias dos cabalistas sobre os anjos, os demônios
e as almas dos mortos.

Sobre as coisas que nossa ciência nesta vida não conseguiria alcançar só se pode raciocinar por hipóteses. A humanidade não pode saber nada de sobre-humano, visto que o sobre-humano é o que ultrapassa o alcance do homem; os fenômenos de decomposição que acompanham a morte parecem protestar em nome da ciência contra essa necessidade inata de crer numa outra vida que gerou tantos sonhos. A ciência, todavia, deve dar-se conta dessa necessidade, porque a natureza, que não faz nada de inútil, não dá aos seres necessidades que não devam ser satisfeitas. A ciência pois, forçada a ignorar, deve supor pelo menos a existência de coisas que não conhece, e não poderia colocar em dúvida a continuação da vida após o fenômeno da morte, visto que nada se nota de bruscamente interrompido na grande obra da natureza, que, segundo a filosofia de Hermes, jamais opera por sobressaltos.

As coisas que estão além dessa vida podem ser vistas de duas maneiras, ou pelos cálculos da analogia, ou pelas intuições do êxtase; em outros termos, pela razão ou pela loucura.

Os sábios da Judéia escolheram a razão e nos deixaram nos livros, geralmente ignorados, suas magníficas hipóteses. Lendo-os compreendemos inicialmente que nossas crenças saíram deles como fragmentos inexplicáveis e que o absurdo aparente de nossos dogmas desaparece quando os contemplamos pelas grandes razões desses velhos mestres. Admiramo-nos também por encontrarmos ali realizadas e completadas filosoficamente todas as mais belas e grandiosas aspirações de nossa poesia moderna. Goethe estudou a Cabala, e a epopéia de Fausto é extraída das doutrinas do Zohar. Swedenborg, Saint Simon e Fourier parecem ter visto a divina síntese cabalística através das sombras e alucinações de um pesadelo mais ou menos estranho, segundo os diferentes caracteres desses sonhos. Esta síntese é, na realidade, o que o pensamento humano pode abordar de mais completo e de mais belo.

Os livros que tratam dos espíritos segundo os cabalistas são a *Pneumatica Kabbalistica* que se encontra na *Kabbala denudata* do barão de Rosen-

roth, o *Liber de revolutionibus animarum* por Isaac de Loria, o *Sepher Druschim*, o livro de Mosché de Corduero e alguns outros menos célebres. Apresentamos aqui não somente o resumo, mas de alguma forma a quintessência. Juntamos aqui os trinta e oito dogmas cabalísticos, tal como os encontramos na coleção dos cabalistas publicada por Pistorius. Esses dogmas resumem quase toda a ciência, e se não nos contentamos em acrescentar aí uma rápida explicação é porque em nossas obras precedentes desenvolvemos a ciência da qual esses dogmas são a expressão.

CAPÍTULO 1

Unidade e solidariedade dos espíritos.

Segundo os cabalistas, Deus cria eternamente o grande Adão, o homem universal e completo, que encerra em um só espírito todos os espíritos e todas as almas.

Os espíritos vivem pois duas vidas ao mesmo tempo, uma geral, que é comum a todos, e a outra especial e particular.

A solidariedade e a reversibilidade entre os espíritos faz com que vivam realmente uns nos outros, todos iluminados das luzes de um só, afligidos todos por causa das trevas de um só.

O grande Adão era representado pela árvore da vida; estendese em cima e embaixo da terra em galhos e raízes; o tronco é a humanidade, as diversas raças são os galhos e os indivíduos inumeráveis são as folhas.

Cada folha tem sua forma, sua vida particular e sua parte de seiva, mas só vive através do galho, como o próprio galho só vive através do tronco.

Os maus são as folhas secas e as cascas mortas da árvore. Elas caem, apodrecem e se transformam em estrume que retorna à árvore pelas raízes.

Os cabalistas comparam ainda os maus ou os condenados às excreções do grande corpo da humanidade.

Essas excreções servem de adubo à terra que dá frutos para alimentar o corpo; assim a morte retorna sempre à vida e o próprio mal serve de renovação e de alimento para o bem.

A morte, assim, não existe e o homem não sai jamais da vida universal. Aqueles que chamamos de mortos vivem ainda em nós e nós vivemos neles; eles estão sobre a terra porque nós aqui estamos, e nós estamos no céu porque eles lá estão,

Quanto mais vivemos nos outros, menos devemos temer a morte. Nossa vida após a morte, prolonga-se na terra naqueles que amamos, e servimo-nos do céu para lhes dar a serenidade e a paz.

A comunhão dos espíritos do céu na terra, e da terra no céu, faz-se naturalmente, sem perturbação e sem prodígios; a inteligência universal é como a luz do sol que repousa ao mesmo tempo sobre todos os astros e que os astros refletem para iluminar uns aos outros durante a noite.

Os santos e os anjos não necessitam de palavras nem de sons para se fazer ouvir; eles pensam em nosso pensamento e amam em nosso coração.

O bem que não tiveram tempo de concluir eles o sugerem e nós o fazemos por eles, eles o desfrutam em nós, e repartimos com eles a recompensa, porque a recompensa do espírito se engrandece quando a dividimos, e o que damos ao outro multiplica-se em nós mesmos.

Os santos sofrem e trabalham em nós e só serão felizes quando a humanidade inteira for feliz, visto que fazem parte da indivisibilidade humana.

A humanidade tem no céu uma cabeça que resplandece e que sorri, na terra um corpo que trabalha e que sofre, e no inferno, que para nossos sábios não é senão um purgatório, pés que estão acorrentados e que queimam.

Ora, a cabeça de um corpo cujos pés queimam só pode sorrir à força de coragem, resignação e esperança; a cabeça não pode estar alegre quando os pés queimam.

Somos todos membros de um só corpo e o homem que procura suplantar e destruir outro homem é como a mão direita que, por inveja, procuraria cortar a mão esquerda.

Aquele que mata, se mata, aquele que injúria, se injúria, aquele que rouba, se rouba, aquele que fere, se fere, porque os outros estão em nós e nós estamos neles.

Os ricos se enfadam, odeiam-se uns aos outros e se desgostam da vida; sua própria riqueza os tortura e os abate porque há pobres que carecem de pão.

Os aborrecimentos dos ricos são as angústias dos pobres que sofrem neles. Deus exerce justiça por intermédio da natureza e misericórdia pela intervenção de seus eleitos.

Se puseres tua mão no fogo, a natureza te queimará sem piedade; mas um homem caridoso poderá tratar e curar tua queimadura.

A lei é inflexível, mas a caridade é sem limites.

A lei condena, mas a caridade perdoa. Por si mesmo, o inferno nunca rende sua presa, mas pode-se lançar uma corda àquele que se deixou cair.

CAPÍTULO 2

A transição dos espíritos ou o mistério da morte.

Quando o homem adormece em seu último sono, cai primeiramente numa espécie de sonho, antes de acordar do outro lado da vida.

Cada um vê então, numa bonita fantasia ou num terrível pesadelo, o paraíso ou o inferno nos quais acreditou durante sua existência mortal.

É por esse motivo que muitas vezes a alma atemorizada se lança violentamente na vida que ela acaba de deixar e que mortos, bem mortos quando os sepultamos, acordam vivos sob o túmulo.

A alma então, não mais ousando morrer, consome-se em esforços inúteis para conservar a vida leguminosa, por assim dizer, de seu cadáver.

Ela aspira durante seu sono o vigor fluídico dos vivos e o transmite ao corpo enterrado cujos cabelos crescem como uma erva daninha e cujo sangue vermelho colore os lábios.

Esses mortos tornam-se vampiros; vivem conservados por uma doença póstuma que tem sua crise, como as outras, e que termina por convulsões horríveis durante as quais o vampiro, procurando destruir a si próprio, devora os braços e as mãos.

As pessoas sujeitas a pesadelos podem fazer uma idéia do horror das visões infernais. Essas visões são o castigo de uma crença atroz e perseguem sobretudo as crenças supersticiosas e os ascetas fanáticos: a imaginação está povoada de atormentadores, e esses monstros, no delírio que se segue à morte, aparecem à alma com uma espantosa realidade, cercando-a, atacando-a e dilacerando-a procurando devorá-la.

O sábio, ao contrário, é acolhido por visões felizes, acredita ver seus amigos de outrora virem a seu encontro e lhe sorrirem. Mas tudo isso, dissemos, é apenas um sonho, e a alma não tarda a acordar.

Então ela mudou de meio, está acima da atmosfera que se solidificou sob os pés de seu envoltório, agora mais leve. Este envoltório é mais ou menos pesado; há os que não conseguem se erguer de seu novo solo; há outros que, ao contrário, sobem e pairam livremente no espaço, como águias.

Mas os liames de simpatia os ligam sempre à terra na qual viveram e sobre a qual se sentem viver mais do que nunca, porque estando destruído o corpo que os separava, têm consciência da vida universal e participam das alegrias e dos sofrimentos de todos os homens.

Eles vêem Deus como ele é, isto é, presente em toda parte na precisão infinita das leis da Natureza, na justiça que triunfa sempre através de tudo o que acontece, e na caridade infinita que é a comunhão dos eleitos. Eles sofrem, dissemos, mas têm esperança porque amam e estão felizes por sofrer. Eles saboreiam pacificamente a doce amargura do sacrifício e são os membros gloriosos, mas que sangram sempre, da grande vítima eterna.

Os espíritos criados à imagem e semelhança de Deus são criaturas como ele, mas, como ele, só podem criar suas imagens. As vontades audaciosas e desregradas produzem larvas e fantasmas, a imaginação tem o poder de formar coagulações aéreas e eletromagnéticas que refletem num instante os pensamentos e sobretudo os erros do homem ou do círculo dos homens que os coloca no mundo. Essas criações de abortos excêntricos esgotam a razão e a vida daqueles que os fazem nascer, e têm por característica geral a estupidez e o malefício, porque são os tristes frutos da vontade desregrada.

Aqueles que não cultivaram sua inteligência durante sua existência ficam, após a morte, num estado de torpor e de estupor cheio de angústias e de inquietude; têm dificuldade em retomar a consciência de si mesmos, estão no vazio e na noite, não podem nem subir, nem descer, e são incapazes de se corresponder seja com o céu, seja com a terra. São tirados pouco a pouco desse estado pelos eleitos que os instruem, os consolam e os esclarecem; depois conseguem ser admitidos para novas provas cuja natureza nos é desconhecida, porque é impossível que o mesmo homem renasça duas vezes na mesma terra. Uma folha de árvore, depois que cai, não se liga mais ao galho. A lagarta torna-se borboleta, mas a borboleta nunca uma lagarta. A natureza fecha as portas atrás de tudo o que passa e impele a vida para adiante. O mesmo pedaço de pão não poderia ser comido e digerido duas vezes. As formas passam, o pensamento fica e não mais retorna o que se usou uma vez.

CAPÍTULO 3

Da hierarquia e da classificação dos espíritos.

Existem espíritos elevados, espíritos inferiores e existem também espíritos medíocres.

Entre os espíritos elevados podem-se distinguir também os mais elevados, os menos elevados e aqueles que ficam entre os dois.

A mesma distinção pode ser feita em relação aos espíritos medíocres e aos espíritos inferiores.

Assim temos três classes e nove categorias de espíritos.

Essa hierarquia natural dos homens levou a supor, por analogia, as três classes e as nove ordens dos anjos, e depois, por inversão, os três círculos e os nove degraus do inferno.

Eis o que lemos em uma antiga Clavícula de Salomão, traduzida pela primeira vez do hebreu:

"Eu te darei agora a chave do reino dos espíritos.

Esta chave é a mesma que a dos números misteriosos de Yetsirah.

Os espíritos são regidos pela hierarquia natural e universal das coisas.

Três comandam três, por meio de três.

Existem os espíritos do alto, os de baixo e os do meio; em seguida, se voltares à escada santa, se escavares ao invés de subir, encontrarás a contra-hierarquia das cascas ou dos espíritos mortos.

Sabe somente que os principados do céu, as virtudes e as potências não são pessoas, mas dignidades.

São os degraus da escada santa ao longo da qual sobem e descem os espíritos.

Miguel, Gabriel, Rafael e os outros não são nomes, mas títulos. O primeiro dos números é um.

A primeira das concepções divinas denominada *Sefirote* é Kethev ou a coroa.

A primeira categoria dos espíritos é a de Haioth Haccadosch ou as inteligências do tetragrama divino cujas letras estão representadas na profecia de Ezequiel por animais misteriosos.

Seu império é o da unidade e da síntese.

Eles correspondem à inteligência.

Eles têm por adversários os *Thamiel* ou bicéfalos, demônios da revolta e da anarquia cujos dois chefes, sempre em guerra um com o outro, são *Satã* e *Moloch*.

O segundo número é dois, a segunda Sefira é *Chocmah* ou a sabedoria.

Os espíritos de sabedoria são os *Ophanim*, nome que significa as rodas, porque tudo funciona no céu como imensas rodas semeadas de estrelas. Seu império é o da harmonia. Eles correspondem à razão.

Eles têm por adversários os *Chaigidel* ou as cascas que se prendem às aparências materiais e ilusórias. Seu chefe, ou antes, seu guia, porque os maus espíritos não obedecem a ninguém, é Belzebu, cujo nome significa o Deus das moscas, porque as moscas abundam sobre os cadáveres em putrefação.

O terceiro número é três.

A terceira Sefira é BINAH ou a inteligência.

Os espíritos de Binah são os *Aralim* ou os fortes.

Seu império é a criação das idéias; correspondem à atividade e à energia do pensamento.

Eles têm por adversários os *Satariel* ou veladores, demônios do absurdo, da inércia intelectual e do mistério.

O chefe dos Satariel é *Lucifuge*, chamado, erroneamente e por antífrase, de *Lúcifer*, assim como Eumênides, que são as fúrias, são denominadas em grego as *Graciosas*.

O quarto número é quatro; a quarta Sefira é GEDULAH ou Chesed, a magnificência ou a bondade.

Os espíritos de Gedulah são os *Haschmalin* ou os lúcidos.

Seu império é o da beneficência e correspondem à imaginação.

Têm por adversários os *Gamchicoth* ou os perturbadores das almas.

O chefe ou o guia desses demônios é *Astaroth* ou Astarte, a Vênus impura dos sírios que representamos com cabeça de asno ou de touro e mamilos de mulher.

O quinto número é cinco; a quinta Sefira é GEBURAH ou a justiça.

Os espíritos de Geburah são os Seraphim ou os espíritos ardentes de zelo.

Seu império é o da punição dos crimes.

Eles correspondem à faculdade de comparar e de escolher.

Têm por adversários os *Galab* ou incendiários, gênios da cólera e das seduções, cujo chefe é *Asmodeu*, que chamamos também de *Samael negro*.

O sexto número é seis; a sexta Sefira é TIPHEREETH, a suprema beleza.

Os espíritos de Tiphereth são os *Malachim* ou os reis.

Seu império é o da harmonia universal e correspondem ao julgamento.

Têm por adversários os *Tagagririm* ou os disputadores cujo chefe é Belphégor.

O sétimo número é sete; a sétima Sefira é NETZAH ou a vitória; os espíritos de Netzah são os *Eloim* ou os deuses, isto é, os representantes de Deus.

Seu império é o do progresso e da vida; correspondem ao *sensorium* ou à sensibilidade.

Têm por adversários os *Harab-Serapel* ou os corvos da morte, cujo chefe é Baal.

O oitavo número é oito; a oitava Sefira é HOD ou a ordem eterna; os espíritos de Hod são os *Beni-Eloim* ou os filhos dos deuses.

Seu império é o da ordem; correspondem ao sentido íntimo; têm por adversários os *Samael* ou os batalhadores, cujo chefe é *Adramelech*.

O nono número é nove; a nona Sefira é IESOD ou o princípio fundamental.

Os espíritos de Iesod são os *Querubes* ou os anjos, forças que fecundam a terra e que representamos no simbolismo hebreu sob a aparência de touros.

Seu império é o da fecundidade e correspondem às idéias verdadeiras.

Têm por adversários os *Gamaliel* ou os obscenos, cuja rainha *Lilith* é o demônio dos abortos.

O décimo número é dez; a décima Sefira é MALCHUTH ou o reino das formas.

Os espíritos de Malchuth são os *Ischim* ou os *viris*, são as almas dos santos, cujo chefe é Moisés.

Têm por adversários os maus que obedecem a Nahema, o demônio da impureza.

Os maus são representados pelos cinco povos malditos que Josué devia destruir.

Josué ou Jehosua, o salvador, é a figura do Messias.

Seu nome se compõe das letras do tetragrama divino transformado em pentagrama pela adição da letra Schinn

Cada letra desse pentagrama representa uma potência do bem atacada por um dos cinco povos malditos.

Porque a história real do povo de Deus é a lenda alegórica da humanidade.

Os cinco povos malditos são os *Amalecites* ou os agressores, os *Geburim* ou os violentos, - os *Raphaim* ou os lassos, - os *Nephilim* ou os voluptuosos, - e os *Anacim* ou os anarquistas.

Os anarquistas são vencidos por Iod, que é o cetro do pai.

Os violentos são vencidos pelo He, que é a doçura da mãe.

Os lassos são vencidos pelo Vau, que é o gládio de Miguel e a geração pelo trabalho e a dor.

Os voluptuosos são vencidos pelo segundo He, que é o parto doloroso da mãe.

Os agressores finalmente são vencidos pelo Schin, que é o fogo do Senhor e a lei equilibradora da justiça.

Os príncipes dos espíritos perversos são os falsos deuses que eles adoram.

O inferno não tem, pois, outra direção senão a lei fatal que pune a perversidade e que corrige o erro, porque os falsos deuses só existem na falsa opinião de seus adoradores.

Baal, Belphegor, Moloch, Adramelech foram ídolos dos sírios; ídolos sem alma, ídolos agora aniquilados e dos quais só ficou o nome.

O verdadeiro Deus venceu todos esses demônios como a verdade vence o erro. Isso se passou na opinião dos homens e as guerras de Miguel contra Satã são representações do movimento e do progresso dos espíritos.

O diabo é sempre um deus de refugo.

As idolatrias creditadas são religiões no seu tempo. As idolatrias antiquadas são superstições e sacrilégios. O panteão dos fantasmas da moda é o céu dos ignorantes. O bordel dos fantasmas que nem a loucura quer mais é o inferno. Mas tudo isso só existe na imaginação do vulgo. Para os sábios, o céu é a suprema razão e o inferno é a loucura. Compreende-se que empregamos aqui a palavra céu no sentido místico que lhe damos ao opô-la à palavra inferno.

Para evocar os fantasmas é suficiente embriagar-se ou tornar-se louco. Os fantasmas são os companheiros da embriaguez e da vertigem.

O fósforo da imaginação abandonada a todos os caprichos dos nervos superexcitados e doentes se enche de monstros e de visões absurdas.

Chega-se também à alucinação misturando a vigília ao sono pelo uso graduado dos excitantes e narcóticos; mas tais obras são crimes contra a natureza.

A sabedoria afasta os fantasmas e nos faz comunicar com os espíritos superiores pela contemplação das leis da natureza e o estudo dos números sagrados."

Aqui o rei Schlomoh dirige-se a seu filho Roboam.

"Lembra-te, meu filho Roboam, que o temor de Adonai é apenas o começo da sabedoria.

Mantém e conserva aqueles que não têm inteligência no temor de Adonai, que te dará e conservará minha coroa.

Mas aprendes, tu, a vencer o temor pela sabedoria, e os espíritos descerão do céu para te servir.

Eu, Salomão, teu pai, rei de Israel e de Palmira, procurei e obtive em divinação a santa Chocmah que é a sabedoria de Adonai.

E tornei-me o rei dos espíritos tanto do céu como da terra, o mestre dos habitantes do ar e das almas vivas do mar, porque possuía a chave das portas ocultas da luz.

Realizei grandes coisas pela virtude do Schema Hamphorasch e pelas trinta e duas vias de Yetsirah.

O número, o peso e a medida determinam a forma das coisas: a substância é uma, e Deus criou-a eternamente.

Feliz daquele que conhece as letras e os números.

As letras são números, e os números idéias e as idéias forças, e as forças os *Eloim*. A síntese dos *Eloim* é o Schema.

O Schema é um, suas colunas são dois, sua potência é três, sua forma é quatro, seu reflexo dá oito, que multiplicado por três vos dá os vinte e quatro tronos da sabedoria.

Sobre cada trono repousa uma coroa com três florões, cada florão tem um nome, cada nome é uma idéia absoluta. Há setenta e dois nomes sobre as vinte e quatro coroas do Schema.

Tu escreverás esses nomes em trinta e seis talismãs, dois em cada talismã, um em cada lado.

Tu dividirás esses talismãs em quatro séries de nove cada uma, segundo o número de letras do Schema.

Na primeira série gravará a letra Iod representada pelo bastão florido de Aaron, na segunda letra He, representada pela taça de José.

Na terceira, o Vau representado pela espada de Davi, meu pai.

E na quarta, o He final, representado pelo ciclo de ouro.

Os trinta e seis talismãs serão um livro que conterà todos os segredos da natureza. E por suas diversas combinações tu farás falar os gênios e os anjos."

(Aqui termina o fragmento da Clavícula de Salomão.)

CAPÍTULO 4

Os dogmas cabalísticos.

(Extraídos da coleção dos Cabalistas de Pistorius)

1

Novem sunt hierarchioe.

Nove é o número hierárquico.

É o que explicamos no capítulo precedente.

2

Schema misericordiam dicit, sed et jtidicium.

O nome divino significa misericórdia porque quer dizer julgamento.

O infinito, exercendo seu poder sobre o finito, deve necessariamente punir para corrigir, e não para se vingar. As forças do pecado não excedem as do pecador, e se o castigo era maior que a ofensa, o punidor tornado algoz seria o verdadeiro criminoso, completamente indesculpável e ele mesmo digno apenas de um eterno suplício. O desmedidamente torturado, engrandecido pelo infinito da pena, tornar-se-ia Deus, e é o que os antigos representaram por Prometeu, que, imortalizando as mordeduras de seu abutre, deve destronar Júpiter.

3

Peccatum Adoe fuit truncatio Malchub ab arbore sephirotica.

O pecado de Adão é Malchuth caído da árvore sefirótica.

Para ter uma existência pessoal e independente, o homem teve que se separar de Deus. É o que acontece no nascimento. Uma criança que vem ao mundo é um espírito que se separa do seio de Deus para vir gozar o fruto da árvore da ciência e desfrutar da liberdade. É por isso que Deus lhe dá uma túnica de carne. Ela é condenada à morte pelo próprio nascimento, que é seu pecado; mas, por esse pecado que a emancipa, ela força Deus a

resgatá-la e se torna o conquistador da verdadeira vida que não existe sem a liberdade.

4

Cum arbore peccati Deus creavit seculum.

A árvore do pecado foi o instrumento da criação do mundo.

As paixões do homem o estimulam ao combate da vida; mas o arrastariam à sua ruína se ele não tivesse razão para vencê-las e dominá-las. É dessa forma que se criou nele a virtude que é a força moral, e as tentações são necessárias para isso. Porque a força só se produz em razão da resistência. É assim que, segundo o Zohar, Deus para criar o relativo abriu um buraco no absoluto. O tempo parece uma lacuna na eternidade e está dito na Bíblia que Deus arrependeu-se de ter feito o homem. Ora, só nos arrependemos de um erro, e a criação é, por assim dizer, o pecado do próprio Deus.

5

Magnus aquilo fons est animarum.

O grande aquilão é a fonte das almas.

A vida tem necessidade de calor. Os povos emigram do norte para o sul e as almas inertes têm sede de atividade. É para encontrar essa atividade que vêm ao mundo. Elas têm frio em sua inação primitiva, porque sua criação está inacabada. O homem deve cooperar com sua criação. Deus o inicia, mas ele próprio deve se terminar. Se não tivesse que nascer e nem morrer, ele dormiria absorvido na eternidade de Deus e jamais seria o conquistador de sua própria imortalidade.

6

Coelum est Keter.

O céu é Kether (a Coroa).

Os cabalistas não têm nome para designar o monarca supremo, só falam da coroa que prova a existência do rei e dizem aqui que esta coroa é o céu.

7

Animae e tertio lumine ad quartam descendunt, inde ad quintam ascendunt. Dies unus. Post mortem noctem subintrant.

As almas filhas da terceira luz descem até a quarta, depois se elevam até a quinta, e é um dia. Quando a morte chega é a noite.

Em Deus, como na humanidade, o número três exprime a geração, o amor; é a terceira pessoa ou concepção divina, é o que o cabalista preten-

de exprimir por essa terceira luz, de onde descem as almas para chegar à quarta, que é a vida natural e elementar. De lá elas devem se elevar à quinta, que é a estrela pentagramática, o símbolo da quintessência, o símbolo da vontade que dirige os elementos. Em seguida ele compara uma existência a um dia seguido de uma noite para fazer pressentir um despertar seguido de uma existência nova.

8

Sex dies geneseos sunt sex litteroe Bereschith.

Os seis dias da Gênese são as seis letras da palavra.

t y c a d b

9

Paradisus est arbor Sefiricus. In medio magnus Adam est Tiphereth.

O paraíso é a árvore Sefirótica; o grande Adão que está no meio é Tiphereth.

10

Quatuor flumina ex uno fonte. In medio unius sunt sex et dat decem.

As quatro fontes do Éden saem de uma fonte no meio da qual há seis, e ao todo somam dez.

Esses três artigos significam que a história do paraíso terrestre é uma alegoria. O paraíso terrestre é a verdade sobre a terra. A descrição que a Bíblia faz desse jardim contém os números sagrados da Cabala. A história da criação de mundo, que precede a descrição do Éden, é menos uma narração do que um símbolo que exprime as leis eternas da criação, cujo resumo está contido nas seis letras hieroglíficas da palavra t y c a d b

11

Factum fatum quia fatum verbum est.

Um fato é uma fatalidade porque uma fatalidade é uma razão.

Uma razão suprema dirige tudo e não há fatalidade: tudo o que é devia ser. Tudo o que acontece deve acontecer. Um fato concluído é irrevogável como o destino; mas o destino é a razão da inteligência suprema.

12

Portoe jubiloem sunt.

As portas são um jubileu.

Há cinquenta portas da ciência segundo os cabalistas, isto é, uma classificação geral em cinco séries de dez ciências particulares que formam juntas a ciência geral e universal. Depois de percorrer todas essas séries, en-

tra-se na jubilação do verdadeiro saber, representada pelo grande jubileu que ocorre a cada cinquenta anos.

13

Abraham semper vertitur ad austrum.

Abraão volta-se sempre em direção ao vento do sul.

Isto é, em direção ao vento que traz a chuva. As doutrinas de Abraão, ou seja, da Cabala, são doutrinas sempre fecundas. Israel é o povo das idéias reais e do trabalho produtivo. Conservando o depósito da verdade sofrida com uma admirável paciência, trabalhando com uma rara sagacidade e uma incansável atividade, o povo de Deus deve conquistar o mundo.

14

Per additionem He Abraham genuit.

É pela adição de He que Abraão tornou-se pai.

Abraão se chamava primeiramente Abram. Deus acrescenta, diz a Bíblia, um He a seu nome anunciando-lhe que ele seria pai da multidão.

O He é a letra feminina do tetragrama divino. Representa o verbo e sua fecundidade, é o signo hieroglífico da realização.

O dogma de Abraão é absoluto e seu princípio é essencialmente realizador.

Os judeus em religião não sonham, eles pensam, e sua ação tende sempre à multiplicação, tanto da família como de riquezas que mantêm a família e lhe permitem crescer.

15

Omnes ante Mosem per unicornem prophetaverunt.

Todos os profetas que antecederam Moisés só juraram pelo unicórnio.

Entende-se por isso que só viram um lado da verdade. O chifre, no simbolismo hebreu, significa o poder, e sobretudo o poder do pensamento. O unicórnio, animal fabuloso que só tem um chifre no meio da fronte, é a figura do ideal; o touro ao contrário ou o *querube* é o símbolo da força que está na realidade. É por isso que Júpiter, Ammon, Osíris, Ísis, são representados com dois chifres na fronte; é por esse motivo que Moisés também é representado com dois chifres, dos quais um é a trombeta do Verbo e o outro o chifre da abundância.

16

Mas et foemina sunt Tiphereth et Malchuth.

O homem e a mulher são a beleza de Deus e seu reino.

A beleza revela Deus. A natureza se mostra filha de Deus porque é bela. Diz-se que o belo é o esplendor da verdade e esse esplendor ilumina o mundo, ele tem sua razão de ser. Esse belo é o ideal, mas esse ideal só é verdadeiro quando se realiza. O ideal divino é como o marido da natureza, é ele que a torna amorosa e que a faz tornar-se mãe.

17

Copula cum Tiphereth et generatio tua benedicetur.

Despose a suprema beleza e tua geração será abençoada.

Se o casamento é santo, a posteridade será santa. Os filhos nascem viciosos quando são concebidos no pecado. É necessário apurar e enobrecer o amor para santificar o casamento, Se os seres humanos ao se aproximarem cederem a um instinto que têm em comum com os animais gerarão animais em forma humana. O verdadeiro casamento une ao mesmo tempo as almas, os espíritos e os corpos, e os filhos que provêm serão abençoados.

18

Doemon est Deus inversus.

O diabo é Deus invertido.

O diabo não é senão a antítese de Deus, e se pudesse ter uma existência real, Deus certamente não existiria.

O diabo é mentiroso como seu pai, disse Jesus. Ora, qual é o pai do diabo? O pai do diabo é a mentira. O diabo nega o que Deus afirma. A consequência disso é que Deus nega o que o diabo ousa afirmar. O diabo afirma sua própria existência, e Deus, fazendo sempre triunfar o bem, dá a Satã um desmentido eterno.

19

Duo erunt unum. Quod intra est fiet extra e nox sicut dies illuminabitur.

Dois farão apenas um. O que está dentro se produzirá fora e a noite será iluminada como o dia.

Deus e a natureza, a autoridade e a liberdade, a fé e a razão, a religião e a ciência, são princípios eternos que ainda não estão conciliados. Eles existem, no entanto, e como não se podem destruir mutuamente, é necessário que se conciliem.

O modo de conciliá-los é tentar distingui-los bem e equilibrar um pelo outro. A sombra é necessária à luz. São as noites que marcam e medem os dias. Que a mulher não procure mais se fazer homem e que o homem ja-

mais usurpe o império da mulher, mas que ambos se unam para se completar. Quanto mais a mulher é mulher, mais ela merece o amor do homem; quanto mais o homem é homem, mais ele inspira confiança à mulher.

A razão é o homem; a fé é a mulher.

O homem deve deixar à mulher seus mistérios, a mulher deve deixar ao homem essa independência que ele ama a ponto de sacrificar-se por ela. Que o pai jamais discuta os direitos da mãe no seu domínio maternal; mas que a mãe jamais atente à soberania paternal do homem. Quanto mais se respeitarem um ao outro, mais estreitamente se unirão. Eis a solução do problema.

20

Poenitentia non est verbum.

Arreponder-se não é agir.

A verdadeira penitência não consiste nem nos lamentos nem nas lágrimas. Quando se percebe que se faz mal é preciso voltar-se imediatamente a fazer bem. De que adianta, se me coloquei num caminho errado, bater no peito e começar a chorar como uma criança ou como um covarde? É preciso voltar sobre meus passos e correr para recuperar o tempo perdido.

21

Excelsi sunt aqua australis et ignis septemtrionalis et proefecti eorum. Sile.

A água é a rainha no Sul e o fogo no Norte. Guarda silêncio sobre esse arcano.

Guardemos silêncio, visto que os mestres o ordenam. Acrescentemos somente à sua fórmula estas palavras que podem servir para explicá-la:

A harmonia resulta da analogia dos contrários;

Os contrários são governados pelos contrários através da harmonia;

O rei das harmonias é o mestre da natureza.

22

In principio, id est in Chocmah.

No começo, isto é, pela sabedoria.

A sabedoria é o princípio de tudo o que existe eternamente, tudo começa e termina por ela, e quando a Escritura sagrada fala de um começo, designa a sabedoria eterna. No começo era o Verbo, isto é, na sabedoria eterna estava o Verbo. Supor que Deus decidiu criar após uma eternidade de i-

néncia, é supor dois enormes absurdos: 1.º uma eternidade que acaba; 2.º um Deus que muda. A palavra *Bereschit* que começa a Gênese significa literalmente na cabeça, ou pela cabeça, isto é, no pensamento, que em Deus está a sabedoria eterna.

23

Vioe oeternitatis sunt triginta duo.

Há trinta e duas vias que conduzem ao Eterno.

As trinta e duas vias são os dez números e as vinte e duas letras.

Aos dez números se unem idéias absolutas, como a unidade ao ser; a dois, o equilíbrio; a três, a geração, etc.

As letras representam os números em hebreu, e as combinações de letras dão combinações de números e também de idéias que seguem com exatidão as evoluções dos números; isso faz da filosofia oculta uma ciência exata que se poderia chamar a aritmética do pensamento.

O livro oculto que serve a essas combinações é o Tarô, composto de vinte e duas figuras alegóricas das letras e dos números e de quatro séries de dez contendo os símbolos análogos às quatro letras do nome divino, o *Schema* tetragramático.

Essas séries podem reduzir-se cada uma a nove, visto que só há, com efeito, nove algarismos, e que o número dez é a repetição da unidade.

Quatro vezes nove são trinta e seis, número dos talismãs de Salomão, e sobre cada talismã havia dez nomes misteriosos, o que dá os setenta e dois nomes do *Schema hamphorasch*.

Mirville pergunta a quem persuadiremos dizendo que o Tarô com suas figuras pagãs é o *Schema hamphorasch* dos rabinos. Não queremos persuadir ninguém. Estamos em condições de prová-lo a quem quiser ter o trabalho de estudá-lo conosco.

É verdade que as figuras pagãs, egípcias, etc., não pertencem ao judaísmo ortodoxo. O Tarô existia na Índia, no Egito e mesmo na China, no mesmo tempo que entre os hebreus. Aquele que chegou até nós é o Tarô samaritano. As idéias são judaicas, mas os símbolos são profanos e se aproximam muito dos hieróglifos do Egito e do misticismo da Índia.

24

Justi aquoe, Deus mare.

Os justos são as águas. Deus é o mar.

Todas as águas vão para o mar e todas voltam, mas todas as águas não são o mar. Assim, os espíritos vêm de Deus e retornam a Deus, mas não são Deus. O espírito universal, o universo vivo, o ídolo do panteísmo, não é Deus. O ser infinito animado de uma vida infinita revela Deus e não é Deus. Como princípio do ser e dos seres, Deus não poderia ser assimilado nem a um ser nem a nenhum dos seres. O que é então Deus? É o incompreensível sem o qual não se compreende nada. É aquele que a fé afirma sem vê-lo para dar uma base à ciência. É a luz invisível da qual toda luz visível é a sombra. É aquilo com que o gênio humano sonha eternamente sentindo que ele próprio não é senão o sonho de seu sonho. O homem faz Deus à sua imagem e semelhança e exclama: É assim que Deus me fez. É assim que Deus se fez homem. É assim que Deus se fez Deus. Procuremos Deus na humanidade e encontraremos a humanidade em Deus.

25

Angeli apparentiarum sunt volatiles coeli et animantia.

Os pássaros do céu e os animais da terra são os anjos da forma exterior.

Os animais são inocentes e vivem de uma vida fatal; são os escravos da natureza exterior e inferior, como os anjos são os servos da natureza divina e superior; portam as figuras analíticas do pensamento que se sintetiza no homem; representam as forças específicas da natureza; vieram ao mundo antes do homem para anunciar ao mundo a vinda próxima do homem e são os auxiliares de seu corpo como os anjos do céu são os auxiliares de sua alma. O que está em cima é como o que está embaixo e o que está embaixo é como o que está em cima. A série distribui a harmonia e a harmonia resulta da analogia dos contrários.

26

Litterae nominis sunt Danielis regna.

As letras do tetragrama são os reinos de Daniel.

Os animais de Ezequiel representam as forças celestes e os de Daniel representam os poderes da terra. Há quatro animais, segundo o número de elementos e de pontos cardiais. O Éden de Moisés, jardim circular dividido em quatro por quatro rios que correm de uma fonte central, o plano circular de Ezequiel (*circum duxit me in gyro*) vivificado pelos quatro ventos e o oceano de Daniel cujo horizonte circular é dividido por quatro animais, são símbolos análogos uns aos outros e estão contidos nas quatro letras hieroglíficas que compõem o nome de Jeovah.

27

Angelus sex alas habens non ttransformatur.

O anjo que tem seis asas jamais se transforma.

O espírito perfeitamente equilibrado não muda. Os céus simbólicos são em número de três: o céu divino, o céu filosófico e o céu natural. As asas da verdadeira contemplação, as do pensamento iluminado e as da ciência conforme o ser, eis as seis asas que dão a estabilidade aos espíritos e que os impedem de se transformar.

28

Litterae sunt hieroglyphicae in omnibus.

As letras sagradas são hieróglifos completos que exprimem todas as idéias.

De modo que pelas combinações dessas letras, que são também números, obtêm-se combinações de idéias sempre novas e rigorosamente exatas como operações aritméticas, o que é a maior maravilha e a suprema potência da ciência cabalística.

29

Absconde faciem tuam et ora.

Cobre tua face para orar.

É costume dos judeus, para orar com mais recolhimento, envolver suas cabeças com um véu, a que chamam thalith. Esse véu é originário do Egito e assemelha-se ao de Ísis. Ele significa que as coisas santas devem ser ocultas aos profanos e que cada um deve contar somente a Deus pensamentos secretos de seu coração.

30

Nulla res spiritualis descendit sine indumento.

O espírito jamais desce sem vestimenta.

As vestimentas do espírito têm relação com os meios que ele atravessa. Como a beleza ou o peso dos corpos os faz subir ou descer, assim o espírito veste-se para descer e se despe para subir. Não saberíamos viver na água e os espíritos desvencilhados dos corpos terrestres não saberiam viver na nossa atmosfera, como dissemos e repetimos em outro lugar.

31

Extrinsecus timor est inferior amore, sed intrinsecus superior.

Exteriormente o medo é inferior ao amor, mas interiormente é superior.

Há dois temores, o temor interessado e o temor desinteressado, o temor do castigo e o do mal.

Ora, o temor do mal, sendo o amor da justiça totalmente puro e desinteressado, é mais nobre que o amor interessado daqueles que só fazem o bem atraídos pelas recompensas.

32

Nasus discernit proprietates.

O nariz discerne as propriedades.

No simbolismo do Zohar, a generosidade divina está representada pelo comprimento do nariz que se atribui à imagem alegórica de Deus. A humanidade, ao contrário, é representada com um nariz curto, porque ela compreende pouco e se irrita facilmente. Em estilo vulgar, ter nariz significa ter sutileza no julgamento e tato na condução da vida. O olfato do cão é um modo de adivinhação. Pressentir é, de alguma maneira, adivinhar.

33

Anima bona, anima nova filia Orientis.

A alma boa é uma alma nova que vem do Oriente.

Há duas bondades: a bondade original que é a inocência e a bondade adquirida que é a virtude. A alma nova, filha do Oriente, é pura como o dia que se levanta, mas ela tem que passar pela prova em que sua candura se apagará e depois ela terá que se purificar pelo sacrifício. Tudo isso será feito em uma só ou em várias encarnações? É isso que nos é difícil de saber. Dissemos por que as encarnações sucessivas nos parecem impossíveis; acrescentamos que os cabalistas da primeira ordem nunca as admitiram. Ao invés de reencarnação, admitem o embrionato, isto é, a união íntima de duas almas, uma já falecida e a outra ainda viva sobre a terra; aquele que morreu, tendo ainda deveres a cumprir sobre a terra, cumpre-os por intermédio do vivo. Desta maneira as personalidades ficam intactas e Elias, sem deixar de ser Elias, pode reviver em João, o batizador. É assim que Moisés e Elias aparecem no Thabor como assessores de Jesus Cristo; mas dizer que Jesus Cristo era uma reencarnação de Moisés, isso seria destruir ou a personalidade de Moisés ou a de Jesus.

34

Anima plena superiori conjungitur.

Quando uma alma está completa ela se une a uma alma superior.

As almas se unem pelo pensamento e pelo amor sem levar em conta espaços. De sol a sol, de universo a universo, elas podem não somente corresponder, mas tornar-se presentes umas para as outras. É dessa forma que se unem, segundo os rabinos, os dois fenômenos, e do embrionato e o do protetorado. Dissemos o que eles entendem por embrionato; o protetorado é a assistência de uma alma ivre que auxilia uma alma em castigo, a assunção de um espírito militante por um espírito glorioso e triunfante; em outros termos, assistência de um santo que se fez o anjo guardião de um justo. Essas hipóteses são consoladoras e belas; é tudo o que podemos dizer; elas se deduzem do dogma da solidariedade das almas resultante de sua criação e de sua existência coletivas.

35

Post deos rex verus regnabit super terram.

Quando não houver mais falsos deuses, um verdadeiro rei reinará sobre a terra.

A idolatria é o culto do despotismo arbitrário, e os reis desse mundo são feitos à imagem dos deuses que a terra adora. Um deus que pune infinitamente seres finitos após tê-los criado frágeis e lhes ter imposto uma lei que contraria todas as inclinações de sua natureza, sem que essa mesma lei seja claramente promulgada por todos, esse Deus autoriza todas as barbaridades dos autocratas. Quando os homens conceberam um Deus justo terão reis equitativos. As crenças fazem a opinião e é a opinião que consagra os poderes. O direito divino de Luís XI estava bem em relação com o Deus de Mominique e de Pio V. É ao Deus de Fenelon e de São Vicente de Paula que devemos a filantropia e a civilização moderna. Quando o homem progride, Deus caminha; quando ele se levanta, Deus se engrandece; além disso, o ideal que o homem deseja atua sobre o mundo. O esplendor do pensamento humano detendo-se sobre o objetivo divino reflete-se sobre a humanidade, porque esse objetivo não é outra coisa senão um espelho. Esse reflexo do mundo ideal torna-se a luz do mundo real. Os costumes formam-se segundo as crenças e a política é o resultado dos costumes.

36

Linea viridis gyrat universa.

A linha verde circula em torno de todas as coisas.

Os cabalistas, em seus pantáculos, representam a coroa divina por uma linha verde que cerca as outras figuras. O verde é a aliança das duas cores principais do prisma, o amarelo e o azul: figuras do Eloim ou grandes potências que se resumem e se unem em Deus.

37

Amen est influxus numerationum.

Amém é a influência dos números.

A palavra *amém*, que termina as preces, é uma afirmação do espírito e uma adesão do coração. É necessário pois, para que essa palavra não seja uma blasfêmia, que a prece tenha sido razoável. Essa palavra é como uma assinatura mental; por essa palavra o crente se afirma e se faz ele próprio à semelhança de sua prece. *Amém* é a aceitação de uma conta aberta entre Deus e o homem. Infeliz daquele que conta mal, porque ele será tratado como um falsário! Dizer *amém* após ter formulado o erro é consagrar sua alma à mentira personificada por Satã. Dizer *amém* após haver formulado a verdade, é fazer aliança com Deus.

Terceira parte

PRETENSOS ESPIRITOS OU FANTASMAS

Visões, evocações, fenômenos de necromancia

Da antigüidade até nossos dias

CAPÍTULO 1

os espíritos na Bíblia.

O espírito de Eliphas e a sombra de Samuel evocada pela pitonisa de Endor.

Um dia compreender-se-á a Bíblia, saber-se-á que tesouros de ciência primitiva estão ocultos sob tantos símbolos e figuras, saber-se-á que a Gênese, por exemplo, não é somente a história da formação de um mundo, mas a exposição de leis eternas que presidem à criação incessante e sempre renovada dos seres; decifrar-se-á esses hieróglifos, que tanto fazem rir Voltaire; saber-se-á como um querube, isto é, um touro (o da Europa e de Mitra), pode velar com o gládio em punho à porta do jardim da ciência. Agora essas alegorias estão ocultas, e os grandes monumentos da antigüidade hierática permanecem em pé, envoltos em sua solidão e seu silêncio, como as grandes pirâmides que se mostram aos olhos sem dizer nada de preciso ao pensamento, das quais não se sabe positivamente se são monumentos científicos ou túmulos.

Entre os livros da Bíblia existe um que nos surpreende sobretudo pela magnificência da forma poética e por sua melancólica profundidade; estamos falando do livro de Jó, a mais antiga talvez, mas com toda certeza a mais notável síntese que nos ficou do dogma filosófico e mágico da antiga iniciação.

Esse livro explica a origem e a razão de ser do mal, indica o fim da vida humana e de seus sofrimentos. É a lenda do aflito. A alegoria é transparente, os próprios nomes dos personagens revelam não indivíduos, mas tipos. Jó, cujo nome significa "o aflito", é visitado em sua aflição por três falsos amigos, que, sob pretexto de consolá-lo, só fazem atormentá-lo e afligi-lo mais ainda. Um é Eliphaz, o zelador de Deus ou o puritano daquele tempo. O segundo é Baldad, o amante das velhas idéias. O terceiro é Sophar, o filósofo tenebroso e malévolo. Eles foram visitar Jó na terra de Hus, cujo nome significa "conselho", e, com toda a inocência feroz da parvoíce, reúnem seus esforços para impeli-lo ao desespero.

O primeiro que fala é Eliphaz, e como representa a autoridade altaneira, traz como prova do que fala o testemunho de um espírito.

Alguém, disse ele, lhe falou, alguém desconhecido do qual não viu o rosto, mas ele tremeu de pavor, os pêlos de sua carne ficaram eriçados e ele sentiu passar diante de seu rosto como que um pequeno sopro que murmurava palavras incertas. Ele esticou avidamente o ouvido e captou o melhor possível os fios rompidos desse murmúrio de uma sombra. Eis um médium dos velhos tempos e vemos, lendo essa passagem, que o autor do livro de Jó conhecia muito bem o gênio dos visionários e o caráter distintivo das visões.

Atribui-se o livro de Jó a Moisés, e não é sem razão, porque a beleza desse poema não deixa nada a desejar em relação aos hinos do grande profeta dos hebreus; é a mesma inspiração, é a mesma grandeza nas imagens. Mas, seja ou não de Moisés, esse livro sagrado é a obra de um grande hierofante, e a mais alta ciência aí se encontra unida às mais sublimes aspirações da fé.

É necessário pois estudar e pesar com cuidado as palavras dessa obra. Observemos primeiramente que o homem com visões, o médium, como se diria em nossos dias, é, dos três amigos de Jó, o mais triste e o mais desesperado. Suas doutrinas fazem duvidar da virtude e conduzem ao nada ou ao inferno a grande maioria dos homens. Ora, quem lhe sugeriu esses

dogmas de desesperança? Um espírito que ele não conhecia, mas cujas palavras seus terrores noturnos recolhiam e comentavam; eis o que ele conta:

"Uma palavra misteriosa me foi dita e, furtivamente, de alguma forma, meu ouvido captou os fios rompidos de seu murmúrio.

"No horror da visão noturna, no momento em que o sono se apodera comumente dos homens,

"Fiquei tomado pelo medo e tremia; e todos os meus ossos ficaram gelados de pavor.

"E como um espírito passava diante de mim, todos os pêlos de minha carne se eriçaram.

"Alguém estava lá, alguém de quem não distinguia o rosto, e ouvi como que um pequeno sopro que me falava."

Observemos bem todas as circunstâncias: é o momento em que a noite é mais profunda, a hora em que o silêncio da natureza prepara as almas para o temor, e o momento em que a vigília torna-se duvidosa, em que a alma flutua nos primeiros vapores do sono, quando a razão já está acorrentada.

Um temor sem causa aparente apodera-se então do visionário, seu sangue se agita e se retira em direção ao coração, as extremidades ficam frias, ele treme como se estivesse com febre, o calafrio percorre sua epiderme, seus cabelos e sua barba se eriçam e é nesse estado precursor das alucinações que ele acredita ver ou sentir um espírito passar.

Um fantasma se desenha vagamente na sombra, ele procura e não encontra o rosto dessa figura e ouve, como que no fundo de si mesmo, uma voz que parece uma respiração fraca; eis o fenômeno natural perfeitamente caracterizado: é um pesadelo do primeiro sono, é a alma do sonhador que amedronta a si mesma. Ele escuta com pavor o eco noturno e enfraquecido de seus próprios pensamentos e os formula com uma penosa atenção, com palavras de desespero.

O homem, diz ele, tentaria inutilmente ser justo perante Deus; Deus encontra a perversidade até no coração de seus anjos. Rebanho sem inteligência, a humanidade se espreme em volta do abismo e todos devem cair para sempre na noite escancarada da morte. A criatura mancha o céu e Deus se apressa em limpá-lo; todos passam e morrem sem ter encontrado a sabedoria.

É assim que a noite exorta a noite e que a morte anuncia a morte. O pesadelo desconhecido revela apenas a ignorância e consagra seu crente a

um pesadelo eterno. Preserva-nos, Senhor, diz Davi no livro dos Salmos, da coisa assustadora que passeia na noite.

Esse sopro leve, essa agonia que mal se ouve, esse espectro sem rosto caracterizando de uma maneira surpreendente a ilusão e o erro: é quase o nada e o silêncio, é o vento que parece falar em voz baixa roçando as dobras rígidas da mortalha, é a reminiscência que se apaga na onda móvel e invasora do sonho; e o homem que o sonho arrebatou já não sabe se dorme ou se está acordado; raciocina durante o sono, e, ao despertar no dia seguinte, falará como se ainda sonhasse.

Nunca seria demais admirar a arte com que o autor do livro de Jó desenha o caráter do supersticioso representado por Eliphas; sua ciência começou por um terror noturno; também ela é apenas esmorecimento e terror. Ela é negra como a noite, cega e sem rosto como o fantasma. É o orgulho de um alienado que se compraz em sua demência e que se consola em desesperar dando-se a amarga alegria de empurrar os outros para o desespero.

Todos os criminosos por religião mal compreendida foram visionários; Jacques Clément e Ravailac eram perseguidos por sombras desconhecidas e ouviam durante sua insônia o pequeno sopro de Eliphas. A voz que diz: "Mata" e a que diz: "Desespera e morre", saem igualmente do túmulo.

Mas esse túmulo é o da nossa razão, e os mortos voltam apenas em nossos sonhos; também o estado de mediunidade é uma extensão do sonho, é o sonambulismo com toda a variedade de seus êxtases. Aprofundemos os fenômenos do sono, e dominaremos todos os mistérios do espiritismo.

Eis por que a lei mosaica, assim como a lei cristã, condenava os espíritos de Python e os que advinham por Ob. Explicamos essas expressões: Python é uma palavra que os intérpretes hebreus empregaram para expressar a grande serpente astral, o fogo vital ininteligente, o turbilhão fatal da vida física, o que cerca a terra mordendo a cauda e que o sol atravessa por todos os lados com suas flechas, isto é, com seus raios; a serpente que tentou Eva e que esmagou sua cabeça sob o pé da mulher regenerada procurando sempre lhe morder o calcanhar. Ob é a luz passiva, porque os cabalistas hebreus dão três nomes a esta substância universal, agente da criação que toma todas as formas ao equilibrar-se pela balança de duas forças. Ativa, ela se chama Od; passiva se chama Ob; equilibrada se chama Aour. Od se escreve com "vau daleth", que significa hieroglificamente amor e

poder; Ob, com "vau beth", significa amor e fraqueza ou atrativo fatal; Aour, com "aleph-vau-resch", significa princípio de amor regenerador. (Veja em nosso *Dogma e Ritual da Alta Magia* as concordâncias das letras hebraicas com os hieróglifos e os números das grandes chaves do Tarô samaritano.) Os que adivinham por Ob são pois os intérpretes da fatalidade. Ora, consentimos a fatalidade quando a consultamos; abandonamo-nos a ela procurando-a através de oráculos. Damos assim arras à morte, enfraquecemos seu livre arbítrio. Os que cooperam com essa adivinhação assemelham-se aos empíricos que venderiam veneno publicamente, e Moisés, segundo os costumes de seu país e de seu tempo, não era muito severo quando os condenava à morte.

O cavaleiro de Richemback, ao chamar de Od a luz astral, reencontrou um dos verdadeiros nomes cabalísticos da luz universal, mas não o aplicou com exatidão ao generalizá-lo. Od é a luz dirigida ou mesmo diretriz; é a luz astral elevada ao estado de luz de glória. Quanto ao fluído do sonambulismo, é necessário chamá-lo de Ob, porque é seu verdadeiro nome, e somos forçados a reconhecer que os verdadeiros sonâmbulos, quando não são dirigidos por um magnetizador poderoso em Od, são advinhas por Ob ou pelo espírito de Python do qual fala a Escritura Santa. Os que os consultam cometem pois aquela imprudência ou aquela impiedade que empurrou Saul, abandonado por Deus, para o antro da pitonisa de Endor.

Alguns comentadores, entre os quais se deve mencionar São Methodius, denominado Eubulius, bispo de Tiro no início do século IV, viram a pitonisa de Endor como uma hábil intrigante que enganou a credulidade do rei de Israel. Primeiro ela finge não reconhecer o rei, e depois, repentinamente, como se o seu demônio lhe revelasse a verdade, cai aos pés de Saul. Essa encenação dá certo. O príncipe maníaco tranqüiliza-a e se mostra disposto a acreditar nela; ele lhe ordena que evoque Samuel. A pítia então faz mil contorções e se deixa cair pesadamente por terra. O que vês? grita-lhe Saul, todo trêmulo. - Vejo deuses que saem da terra onde vejo subir os poderes da terra. - O que mais vês? - Vejo um velho envolto em um manto. - É Samuel, diz o crédulo monarca. Então a feiticeira, sem dúvida secretamente devotada a Davi, faz sair de seu ventre uma voz lúgubre. É Samuel que explode em censuras e ameaças. Saul, mais morto do que vivo, já não pode beber nem comer; ele é vencido de antemão; caminha para a batalha como que para o suplício; os filisteus rodeiam-no na montanha

de Gelboe, e ele se deixa cair sobre seu gládio ao invés de se defender. Ele não deixou com a adivinha seu livre arbítrio e sua razão? Rei caído e doravante incapaz de reinar, homem indigno de conduzir homens, ele que havia pronunciado a pena de morte contra os feiticeiros e contra aqueles que os consultavam, mostra-se rei pelo menos morrendo, e o faz ao matar-se em último ato de justiça.

Ao sábio bispo de Tiro repugnava, com razão, pensar que a paz de uma tumba como a de Samuel pudesse ser perturbada pelas evocações sacrílegas de uma mulher condenada; lembrava-se aliás dessa palavra tão decisiva do Evangelho na parábola do mau rico: *CHAOS MAGNUM FIRMATUM EST*. O grande caos consolidou-se, de sorte que aqueles que estão em cima já *não podem descer*; e sobre esse assunto nosso sábio amigo, o saudoso Louis Lucas, fazia uma observação muito judiciosa. A natureza, dizia ele, abre à vida todas as suas portas, tendo o cuidado de fechá-las atrás dela para que ela jamais retroceda. Vede a seiva nas plantas, vede os sumos alimentadores no alambique das entranhas, vede o sangue nas veias; um movimento regular os faz avançar sempre, e depois que eles passam, os canais estreitam-se e se estrangulam. Os vivos de uma esfera superior, acrescentou ele, não podem mais recair na nossa esfera, do mesmo modo como a criança já nascida não pode voltar para dentro de sua mãe; pensamos como ele e não cremos que a alma de Samuel tenha podido vir de outro mundo maldizer mais uma vez o infeliz Saul. Para nós, a pitonisa de Endor era uma vidente à maneira dos estáticos de Cahagnet; pelo sonambulismo, ela se pôs em comunicação com a alma sombria do rei de Israel e evocou os seus fantasmas. É do fundo da consciência dos assassinos de padres e profetas e não do vazio da terra que se levanta o espectro sangrento de Samuel, e quando a sibila repetia com uma voz de ventríloqua anátemas e ameaças, ela os lia escritos pelo remorso do próprio pensamento de Saul.

CAPÍTULO 2

(Continuação do anterior)

Os mortos ressuscitados - O filho da Sunamita

- O túmulo de Eliseu

Os antigos hebreus acreditavam como os modernos na imortalidade da alma. Moisés no entanto não fez nenhuma menção sobre o assunto no Pentateuco. Esse dogma, com efeito, era reservado aos iniciados, e para

reencontrá-lo em todo seu esplendor é necessário penetrar nos santuários da Cabala. Moisés, cuja grande obra era afastar seu povo da idolatria, sabia que a fé mal esclarecida na imortalidade da alma conduzia ao culto dos antepassados e não queria que os hebreus fossem chineses. Não queria que o povo de Abraão e de Jacó levasse do Egito o fetichismo dos cadáveres, não queria dar ao templo do Deus vivo um subsolo povoado de múmias. A conservação dos cadáveres, com efeito, é um ultraje à natureza, porque é um prolongamento artificial da morte. Moisés temia também encorajar a necromancia e parecia prever de longe a epidemia das mesas falantes e dos espíritos espancadores.

É perigoso superexcitar a imaginação das multidões, e o cristianismo mais tarde não escapou desse perigo. O sonho do céu fez negligenciar muito a terra, e nunca é demais lembrar que, segundo a palavra do Mestre, a vontade de Deus deve ser feita *assim na terra como no céu*. O que está embaixo é como o que está em cima, diz Hemes Trismegisto, e o que está em cima é como o que está embaixo: quando a barbárie está na terra, está também no céu que os homens representam. Tomo por testemunha o fanatismo da Idade Média e o deus dos inquisidores.

A religião de Moisés é uma razão sem ternura, e o cristianismo foi de início uma ternura sem razão. É necessário perdoar àqueles que amaram muito. Adorar os mortos que nos são caros é um erro, sem dúvida, mas é um crime imperdoável? Não há mortos para nós, aliás, tudo é vivo. Nossas próprias relíquias, esses restos de ossadas que causam tanto horror ao puritanismo judaico, já não são fragmentos de cadáveres. Reanimadas pela fé comum, regadas por doces lágrimas de esperança, reaquecidas pela caridade de todos, são sementes de ressurreição e garantias de vida eterna. Israelitas, concedei alguma coisa à santa loucura do amor e nos reconduzi-reis mais facilmente à severidade do dogma pela indulgência da razão!

Crer na ressurreição dos mortos é crer na imortalidade da alma. Ora, os hebreus acreditavam na ressurreição dos mortos. Elias ressuscitou o filho da viúva de Sarepta, Eliseu, o da Sunamita, e um morto que lançaram por acaso no sepulcro desse profeta ressuscitou ao contato de suas ossadas. As duas ressurreições, a do filho da viúva e a do filho da Sunamita, parecem muito calcadas uma na outra. Seja o que for, a narração da última contém detalhes de operações magnéticas dignas de serem notadas. O filho da Sunamita morreu de uma congestão cerebral em consequência de uma inso-

lação. Eliseu primeiro enviou seu servidor Giezi confiando-lhe seu próprio bastão: Tu o voltarás, disse-lhe ele, na direção do rosto da criança, e tu o farás tocá-lo. Giezi parte com a bengala; mas seja por inépcia, seja por falta de fé, sua operação não produz nada e ele volta sem ter tido êxito. Então, o próprio Eliseu dirige-se ao leito da criança e toma a resolução de reaquecê-lo por incubação e insuflação. Coloca o rosto sobre o rosto da criança, as mãos sobre as mãos dela, os pés sob seus pés; depois, sem dúvida para retomar forças, interrompe e passeia pelo quarto; enfim recomeça sua incubação magnética e a criança retorna à vida. É o que lemos no quarto livro dos Reis.

Dissemos, em nosso *Dogma e Ritual da Alta Magia*, que uma ressurreição não nos parece impossível enquanto o organismo vital não for destruído.

A natureza, com efeito, não realiza nada de repente, e a morte natural é sempre precedida de um estado que se parece um pouco com a letargia. É um torpor que uma grande sacudida ou o magnetismo de uma poderosa vontade podem vencer, e isso explica a ressurreição do morto jogado sobre os ossos de Eliseu.

O homem estava provavelmente nesta letargia que comumente precede a morte. Os que o carregavam assustaram-se vendo chegar uma borda de salteadores do deserto e atiraram ao acaso o cadáver no sepulcro aberto do profeta para ocultá-lo dos infiéis. A alma do morto sem dúvida pairava pelas regiões baixas da atmosfera, ainda mal separada de seus despojos mortais; o pavor de sua família comunicou-se simpaticamente com esta alma; ela teve medo de que seus restos fossem profanados pelos incircuncisos e entrou violentamente em seu corpo para elevá-lo e salvá-lo. Sua ressurreição é atribuída ao contato com as ossadas de Eliseu, e o culto das relíquias data logicamente dessa época. É certo que os hebreus, que consideram sagrado o livro onde é narrada essa história, não devem achar ruim o culto que os católicos prestam às ossadas e aos outros restos de seus santos. Por que, por exemplo, o sangue de São Januário teria menos virtude que o esqueleto de Eliseu?

CAPÍTULO 3

Os espíritos no evangelho:
demônios, possessos e aparições.

Jesus chama Satã de "príncipe desse mundo"; é pois um poder que exerce seu império sobre a terra.

Não é um poder espiritual, porque então excluiria o poder de Deus.

Jesus diz que o viu cair do céu como o raio ou sob a forma de raio. É pois um poder material análogo à eletricidade. Jesus diz que Satã é mentiroso como seu pai, porque o pai de Satã é o espírito de mentira que dá personalidade ao erro. Utilizar mal as forças da natureza é engendrar Satã. Conceber tudo sem Deus é conceber Satã. O diabo é um panteísmo sem cabeça.

É o homem com cabeça de bode.

É o instinto animal colocado no lugar da razão reguladora.

É a sombra que nega o corpo.

É o pote que nega o oleiro.

É o pesadelo, é o absurdo da razão negando o absurdo da fé.

É o acaso afirmando-se contra a regra; é a careta insultando a beleza; é o nada que diz: Sou Deus.

Satã é a loucura, e os possuídos pelo demônio são os loucos.

Um é mudo, o outro rasga suas roupas e se esconde nas tumbas; um outro lança-se ora no fogo, ora na água, e parece afetado pela monomania do suicídio. O que é tudo isso? Doenças mentais, e Jesus, atribuindo a Satã, isto é, à eletricidade desviada, a maior parte das outras doenças, diz a respeito de uma mulher disforme e dobrada em dois: Vede esta filha de Abraão que foi ligada por Satã! Vê-se que Satã é aqui a personificação do próprio mal físico. Ligada por Satã quer dizer aqui, evidentemente, ligada por uma afecção nervosa ou reumática. Aliás, a serpente da Gênese não poderia ser o Satã de Milton. Era o mais insinuante e o mais astucioso dos animais, diz o texto sagrado, e Deus, para puni-lo, condenou-o a rastejar sobre seu ventre e a comer a terra; suplício que não se parece em nada com as chamas tradicionais do inferno. É verdade também que a serpente real e não alegórica rastejava antes do pecado de Eva e jamais comeu terra, trata-se pois, aqui, de uma alegoria; trata-se desse fogo astral que rasteja e que atormenta, desse fogo terrestre que alimenta a vida física ao dar a morte. É também o mesmo Satã que pode tornar doentes ou paráliticos as antigas filhas de Abraão. O que pensar também dessa legião de demônios que, expulsos do corpo de um posseso, pedem como uma graça que se possam refugiar num rebanho de porcos que tornam furiosos e correm a se

afogar no lago de Tiberíade? Não é esta evidentemente uma parábola judaica, cujo fim é mostrar o quanto o porco é um animal impuro?

Se devemos tomar ao pé da letra semelhantes histórias, Voltaire tem mil vezes razão de caçoar disso. Mas sabe-se que a letra mata e que só o espírito vivifica. Não queremos dizer com isso que o fato em si seja impossível. A raiva dos cães comunica-se aos homens; por que a raiva dos homens ou certas loucuras furiosas não se comunicariam aos animais? Mas quantos anjos decaídos, quantos espíritos puros condenados ao inferno encontram alívio ao se afogarem sob formas de porcos; que o Salvador do mundo, a razão suprema encarnada, consinta nessa maldade horrenda e ridícula, é isso que o mais vulgar bom senso não pode admitir. Há, evidentemente, alguma coisa oculta sob essa narração aparentemente revoltante.

Quando um espírito imundo é expulso do corpo de um homem, diz o Salvador, ele vai percorrendo lugares áridos e procurando o repouso que não pode encontrar; então diz: Retornarei à casa que deixei. Então ele vai e, reencontrando essa casa limpa e enfeitada, vai tomar sete outros espíritos mais maldosos que ele; eles entram todos juntos, estabelecem-se e o estado do doente torna-se pior do que estava antes. Se fosse para entender esse discurso simbólico no sentido dos demonólogos, o próprio Jesus, ao curar os possessos, teria feito más ações, visto que segundo sua própria doutrina ele os expunha a uma obsessão sete vezes mais cruel. Mas trata-se aqui de doenças mentais, que freqüentemente agravamos ao querer curá-las. Se expulsarmos uma ilusão da cabeça de um louco, ele logo terá outras sete mais insensatas que a primeira. É por isso que Jesus ocultava da multidão as altas verdades de sua doutrina e só as revelava ao pequeno círculo de iniciados disfarçando-as em parábolas. Ele temia o espírito impuro que se chama legião ou multidão. Quero, dizia ele, que essas pessoas ouçam sem compreender, que vejam sem ver, porque tenho medo de que não se convertam. Ai! ele pressentia as guerras religiosas, os massacres e as fogueiras; via de longe o Império Romano desabando no sangue das perseguições, e o fanatismo rancoroso condenando à morte a piedade que ora e que perdoa. Ele expulsava um demônio mudo, era o culto dos ídolos, e via chegar sete demônios tagarelas, os sete pecados capitais erigidos em doutores da Igreja. É por isso que se empenhava em calar-se, quando ele mesmo, talvez, já tivesse dito demais. Também, quando é traído e renegado pelos seus, caluniado e amaldiçoado pelos padres, acusado diante dos

juízes, entregue aos clamores da vil multidão que pede sua morte, ele se encerra no mais absoluto silêncio, não responde nada a Pilatos, não quer dizer nada a Herodes; o que lhes diria ele, e por quê? Eles são indignos e incapazes de entendê-lo. Enfim, quando esgotou até a lia a taça da ingratidão, quando se sente morrer num suplício atroz sem ter podido fazer outra coisa pelos homens que tanto amou senão torná-los mais culpados e mais maldosos, seu coração se dilacera, ele parece duvidar de si mesmo, e dá esse grito terrível: Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?

Quando expirou, diz o Evangelho, a terra tremeu, o sol se obscureceu, o véu do templo se rasgou de cima até embaixo, as pedras racharam, os túmulos abriram-se, os mortos saíram e apareceram a várias pessoas. Se fosse para tomar essas coisas ao pé da letra, a história faria certamente uma menção qualquer a esse acontecimento formidável. O tremor da terra teria sido universal, e o obscurecimento do sol outra coisa que não um simples eclipse. Quais são as pedras que racharam? Todas as pedras. As cidades então deveriam ter desabado. Algumas pedras? Quais? E por que estas e não aquelas? Os mortos saíram de seus túmulos? Em que estado? Tal como eram? No estado de putrefação e de esqueletos, ou com corpos novos? Foi então uma verdadeira ressurreição. Mas a Escritura chama Jesus Cristo de o primeiro-nascido dentre os mortos, isto é, o primeiro dos ressuscitados, e nesse momento Jesus apenas acabava de morrer. A letra aqui não resiste um só instante ao exame; é necessário recorrer ao espírito, isto é, à alegoria.

Jesus Cristo morreu de fato e o velho mundo tremeu; ele não se recuperará desse abalo, e o colosso romano cairá pedaço por pedaço. O véu do templo se rasgou, isto é, os mais secretos mistérios da religião judaica são desvendados, é a humanidade divina ou a divindade humana. O sol se obscureceu, isto é, os antigos cultos do Oriente que tomavam o sol pela mais perfeita imagem de Deus perderam sua virtude. Um sol vivo acaba de aparecer sobre a terra, ele desaparece para renascer, os dias da alma encontraram sua chama. As pedras se racham, isto é, os mais duros corações não podem resistir à doce violência do grande sacrifício. Os túmulos abrem-se por si mesmos, porque a morte acaba de deixar escapar as chaves das portas eternas. Os mortos levantam-se e parecem ressuscitar de antemão, porque a morte triunfante da maior das vítimas acaba de dar um golpe mortal na própria morte, e a imortalidade da alma torna-se visível, de

certo modo, sobre a terra. Esse é o sentido, o verdadeiro sentido, o único sentido possível e lógico das palavras sagradas tomadas ao pé da letra por tantas crianças entre as quais é preciso colocar as teologias imbecis da Idade Média.

Quanto às aparições do próprio Jesus Cristo, não falaremos nelas, porque são domínio exclusivo da fé. Diremos apenas que não favorecem em nada as idéias do espiritismo, porque Jesus Cristo aparece não como morto, mas como vivo. Não é em espírito, é em carne e osso que ele se encontra no meio de seus discípulos, convida-os a tocá-lo, pede-lhes o que comer; come, com efeito, e bebe no meio deles. São Tomás o toca e encontra um corpo real e palpável. No entanto esse corpo passa através de portas fechadas. São coisas do outro mundo que nada, certamente, neste mundo poderia explicar. Esse corpo palpável e real, esse corpo que tem carne e osso, esse corpo que se alimenta de pão e de mel, aparece e desaparece como uma fantasmagoria. Há aí evidentemente algum mistério. Os primeiros cristãos, forçados a se esconder, tinham suas parábolas e seu ocultismo. Escreviam para serem compreendidos apenas pelos iniciados. A história da aparição aos viajantes de Emaús pode lançar alguma luz nessas sombras.

Dois viajantes passavam não longe do burgo de Emaús, eram discípulos de Jesus, e conversavam tristemente sobre a morte violenta de seu mestre. Um viajante desconhecido os aborda e lhes censura a tristeza; explica-lhes as escrituras, relembra-os sobretudo das palavras do mestre antes de morrer: "Fareis comigo apenas um, como faço apenas um com meu Pai. Aquele que me vê, vê meu Pai, e aquele que vos vir, verá a mim. Aquele que vos escuta me escuta, e quando fordes dois ou três reunidos em meu nome, estarei lá no meio de vós."

Assim falando chegam à hospedaria, o viajante toma o pão, benze-o e o reparte, como Jesus Cristo fizera antes da Ceia; então os olhos dos dois discípulos abrem-se, reconhecem que, segundo sua palavra, Jesus Cristo estava realmente presente entre eles; compreendem-no ressuscitado e sempre visível entre os seus, sempre presente em sua Igreja. Comungaram pois da própria mão de Jesus Cristo, e após a comunhão não o viram mais. Está expresso aqui com reservas e de uma maneira velada todo o mistério do sacerdócio. O sacerdote que reza a missa é realmente Jesus Cristo pela fé dos espectadores, e a prova disso é que o sacerdote, ao pronunciar as

palavras sacramentais, não diz: Este é o corpo do Cristo, mas, como diz o Mestre: Este é meu corpo. O devoto então não mais vê o sacerdote, vê Jesus Cristo dando-lhe seu corpo e recebe realmente o corpo sagrado de Jesus Cristo; mas, após o sacrifício, Jesus desapareceu, e não mais nos ocupamos do bravo pároco, que, recitando baixinho os versetes de seu *Te Deum*, retorna à sacristia.

Na igreja de São Gervásio em Paris vê-se uma pintura mural de Gigou-se, que representa muito bem, na nossa opinião, o mistério da ressurreição do Salvador. Não é um trovão, não é um sepulcro que rebenta no meio dos soldados desvairados, é uma tumba que se abre por si mesma, é uma luz que desabrocha como uma flor matinal, doce ainda como o crepúsculo, mas suficientemente potente para esclarecer vivamente os espectadores dessa cena. Cristo não desaparece; caminha para frente com a placidez da calma eterna. Seu gesto é o do ensinamento das coisas divinas; cremos ver sua auréola crescer lentamente com nuances irisadas, e em torno dele começa a se criar um céu novo. Os guardas não estão nem fulminados, nem aterrorizados; estão tomados e como que paralisados por um estupor, que não é sem admiração e talvez nem sem uma vaga esperança, pois não é por eles, pobres mercenários do mundo romano, que o Redentor acaba de vencer a morte? Tudo é calmo nesse quadro, e o pintor chegou aos mais sublimes efeitos através da maior simplicidade. Depois que vemos esse quadro, nós o revemos sempre em nossa lembrança, e involuntariamente o contemplamos com uma emoção incansável. O sentimento que experimentamos é como que um arrebatamento para o pensamento, como um êxtase para o coração.

É principalmente às artes que se deve perguntar as revelações do progresso. O que o filósofo ainda não sabe dizer, ou não ousa dizer, o artista adivinha, e nos faz sonhar antecipadamente o que um dia deveremos saber.

CAPÍTULO 4

História do Santo Espiridão e de sua filha Irene.

Em meados do século IV, em Tremithonte, na ilha de Chipre, vivia o santo bispo Espiridião, um dos pais do concílio de Nicéia. Era um velho dócil e venerável, pobre como Jesus, penitente como um asceta, e caridoso como um apóstolo. Havia sido casado, e sua esposa ao morrer lhe deixara uma filha chamada Irene, que consagrou sua alma à prece e seu corpo à

virgindade. Morava com ela numa choupana cercada por um pequeno jardim que ele próprio cultivava.

Ele era o conselheiro de toda a região e Irene era a providência: tratava dos doentes e visitava os pobres, enriquecendo-os de coragem e dando-lhes a esmola de todos os tesouros de seu coração. Depois ela orava, jejuava, fazia vigília, tanto que sua saúde declinava ao mesmo tempo que sua alma desligava-se cada vez mais da terra.

Mal tendo saído das catacumbas, a Igreja cristã, que Constantino acabava de cobrir com sua púrpura, parecia então ter sido atingida pelo mal que consumia Hércules quando tocou o vestido sangrento de Djanira; ela rasgava suas entranhas, o arianismo agressivo e uma ortodoxia turbulenta disputavam seus farrapos. O astucioso e cruel Constâncio acabava de refrescar com o sangue de sua família a púrpura do manto de Constantino. Juliano estudava filosofia em Atenas, e em meio ao miserável conflito das teologias e das retóricas, pressentindo, sem querer resignar-se a ele, o vasto desmoronamento do império, sonhava com as virtudes de uma outra época, e, na solidão dos velhos templos abandonados, chorava pensando na glória dos antigos deuses.

O cristianismo, com efeito, consagrou o velho mundo à morte, e fazia santos sem melhorar os costumes públicos; muito pelo contrário, a putrefação tinha pressa em fazer lugar para a vida nova. A igreja temporal já tinha horríveis bispos, como Jorge da Capadócia, os santos acreditavam mais do que nunca no fim próximo do mundo e fugiam para o deserto. Espiridião e sua filha eram ascetas como São Paulo o Ermitão e como Santo Antônio, mas haviam compreendido que toda a vida divina está no espírito de caridade. Espiridião continuara pois sendo bispo, e para fazer compreender a nossos leitores como entendia a caridade, narraremos uma passagem de sua vida.

Era no final de uma quaresma, de uma quaresma tal como as fazia Espiridião; os magros alimentos da santa quarentena se haviam esgotado, era o dia da Sexta-feira Santa. Espiridião deveria passar esse dia e o dia seguinte sem ingerir nenhum alimento, portanto não havia nada em sua casa, nada além de um pedaço de carne de porco suspenso sobre a fumaça da lareira, reservado para as festas de Páscoa; nisso vem bater à sua porta um viajante extenuado de cansaço e de necessidade. O bispo de Tremithonte recebe-o com diligência cercando-o de cuidados paternais; mas percebe

logo que seu hóspede vai desmaiar de inanição. Que fazer? É tarde, não há casas por perto, a cidade fica bem longe. Espiridião não hesita. Corta um pedaço da carne salgada, manda cozinhá-la e a apresenta ao viajante. Este a rejeita com espanto e assombro: Sou cristão, meu pai, diz ele ao bispo, como então me ofereces hoje carne para comer! Crês que eu seria capaz de insultar dessa forma, por minha intemperança, a morte do Cristo, nosso mestre?

- Sou cristão como tu, meu filho, responde-lhe docemente Espiridião, e, além do mais, sou bispo, isto é, pastor e médico. É como médico que te apresentei esses alimentos, os únicos que tinha em meu poder para te oferecer. Estás esgotado, e amanhã talvez seja muito tarde para te salvar a vida; come pois esses alimentos que abençoô, e vive.

- Nunca, replica o viajante, porque me aconselhas o que nem tu mesmo farias.

- O que não faria por mim talvez, diz o velho, mas o que faria certamente por ti, como farás por mim o que te rogo. Pega, queres que coloque em minha boca um pouco dessa carne para encorajar-te a fazer uso dela sem escrúpulos?

E Santo Espiridião pega e come um pouco da carne de porco para encorajar seu hóspede a fazer o mesmo; porque a caridade, segundo ele, era uma lei mais imperiosa do que a da abstinência e do jejum.

Eis como era Santo Espiridião de Tremithonte, eis sem dúvida como era também sua filha Irene.

Esses dois anjos da terra tinham um só coração e uma só alma. Quando Espiridião ia visitar sua diocese, Irene guardava o eremitério e ali recebia os pobres, os peregrinos e os que buscavam bons conselhos; tudo o que ela fazia ou dizia estava aprovado de antemão por seu pai, e Irene, por seu lado, só dizia coisas que o próprio Espiridião dissera, e fazia com um maravilhoso vaticínio as boas obras que ele fizera.

Esses dois santos foram momentaneamente separados por esse trabalho de renascimento que costumamos chamar de morte. A mais jovem foi chamada antes à libertação. Irene apagou-se docemente, como uma lâmpada cujo óleo se acaba. Espiridião lhe rendeu os últimos deveres, mas não chorou, porque ela não o havia deixado; ele a sentia mais do que nunca ligada a seu pensamento e a seu coração. Parecia-lhe que tinha uma du-

pla memória e um duplo pensamento, Irene havia encontrado, talvez, seu paraíso na alma feliz de Espiridião.

Esses detalhes eram necessários para explicar a passagem que se segue.

Durante uma ausência de Espiridião, um cristão, partindo para uma longa viagem, colocara entre as mãos de Irene uma soma em dinheiro que era toda a sua fortuna. Irene enterrara o depósito sem falar sobre isso com ninguém.

Quando o cristão voltou, Irene estava morta, e grande foi o espanto do santo bispo ao ouvi-lo reclamar um depósito de que ele não tinha conhecimento.

Foi então até o túmulo de Irene e a chamou três vezes em voz alta. Irene então respondeu do fundo da tumba e disse: Meu pai, meu pai, que queres de mim? Pelo menos é o que contam os legendários. - Que fizeste do dinheiro que nosso irmão te havia confiado? pergunta Espiridião.

- Meu pai, enterrei-o em tal e tal lugar.

O pai cavou e encontrou o depósito intato.

Evidentemente essa história é controvertida quanto aos detalhes, mas pode ser verdadeira quanto ao fundo.

Ninguém irá supor que a alma dos mortos, sobretudo a dos justos, esteja enterrada na tumba para ali sentir a lenta corrupção da carne e das ossadas.

Irene não estava pois na terra. Que o santo homem tenha ido até o túmulo de sua filha para evocar lembranças e obter por simpatia magnética uma intuição de segunda visão, não há nada nisso que nos pareça impossível. Acreditamos na união íntima das almas santas que a morte não saberia separar. Deus preenche a distância que separa o céu da terra e não a deixa vazia entre os corações. As lembranças de Irene puderam pois comunicar-se com Espiridião; e, aliás, quem sabe se a santa filha não havia outrora falado a seu pai desse depósito? Sua idade avançada e as inúmeras ocupações em seu episcopado talvez o tivessem feito esquecer essa confidência. Não nos acontece freqüentemente de admirar como sendo um pensamento novo o que já dissemos ou até mesmo escrevemos antes? Por quantas reminiscências vagas não somos perseguidos, e quem poderá dizer qual o lugar que ocupam as lembranças já apagadas nos devaneios de nossa vigília e nos sonhos de nosso sono?

Relacionaremos essa revelação de Irene a Espiridião, seu pai, com uma aventura mais recente e menos conhecida.

Trata-se de Sylvain Maréchal, um homem excêntrico do século XVIII que se acreditava decididamente ateu.

Sylvain Maréchal não admitia pois a existência de Deus, e, para ser lógico, negava igualmente a imortalidade da alma; havia feito versos ruins para defender essa causa má. Era, aliás, um homem honrado, amado por sua mulher e estimado por seus amigos.

Quando lhe falavam da morte, dizia geralmente que era o grande sono, e acrescentava sentenciosamente esse dístico, um de seus pecados contra Apolo:

Durmamos até o bom tempo,

Dormiremos longo tempo.

Ele, que o progresso de seu século só havia conduzido ao ateísmo, duvidava um pouco do progresso e não acreditava no que se vê, na chegada de um tempo melhor, o ateísmo sendo geralmente apenas o desespero de uma crença desencorajada.

As pessoas que não crêem na imortalidade da alma morrem, ai! como as outras. Sylvain Maréchal viu chegar a hora do grande sono. Sua mulher e uma amiga chamada Mme. Dufour velavam perto dele; a agonia havia começado. De repente, o moribundo, como se lembrasse de alguma coisa, fez um grande esforço para falar, As duas senhoras inclinaram-se para perto dele... Então, com uma voz tão fraca que mal se ouvia, disse essas palavras: *Há quinze...* e a voz expirou. Ele tentou retomar e murmurou mais uma vez: *Quinze*, mas foi impossível compreender o resto. Seus lábios moviam-se novamente um pouco, e depois, dando um grande suspiro, ele morreu.

Na noite seguinte, Mme. Dufour, que acabava de se deitar, não havia ainda apagado a lâmpada quando ouviu a porta abrir-se docemente. Colocou a mão diante da luz e observou. Sylvain Maréchal estava no meio do quarto, vestido como quando era vivo, nem mais triste nem mais alegre.

- Cara senhora, disse-lhe, vim lhe dizer o que não pude terminar ontem: há mil e quinhentos francos em ouro escondidos numa gaveta secreta da minha escrivaninha; cuide para que esta soma não caia em outras mãos que não as de minha mulher.

Mme. Dufour, mais espantada do que assustada com essa aparição pacífica, disse então à alma do outro mundo:

- Bem, meu querido ateu, acho que acreditas agora na imortalidade da alma.

Sylvain Maréchal sorriu tristemente, acenando ligeiramente a cabeça, e replicou apenas repetindo pela última vez seu dístico:

Durmamos até o bom tempo,

Dormiremos longo tempo.

Depois ele foi embora. O pavor, aí, tomou conta de Mme. Dufour, o que prova que só então ela acordou completamente; precipitou-se para fora da cama, e correu ao quarto da amiga, madame Maréchal, que, por sua vez, vinha vindo ao seu encontro, pálida e sobressaltada. - Acabo de ver M. Maréchal, disseram ao mesmo tempo as duas mulheres; e contaram uma para a outra os detalhes quase idênticos da visão que cada uma acabara de ter.

Os mil e quinhentos francos em ouro foram encontrados numa gaveta secreta da escrivaninha.

Soubemos dessa história através de uma amiga comum das duas senhoras, que ouviu delas essa narração várias vezes. Nós acreditamos que seja verdadeira, mas achamos que as senhoras, quando viram o fantasma, já estavam em estado de letargia. Preocupadas com as últimas palavras de Maréchal, elas as ligaram, na lucidez própria, aos sonhos das pessoas aflitas, a mil pequenas circunstâncias que conheciam sem darem conta, e que estavam gravadas em sua memória involuntária; o moribundo, aliás, havia projetado sua vontade com força nessas duas almas simpáticas, o que ele queria lhes dizer, ele lhes comunicou através da força. Elas o reviram, certamente, como se vê em sonho, com seus hábitos de todos os dias e sua mania de recitar versos ruins; elas o viram como sempre se vêem os mortos, numa espécie de espelho retrospectivo; elas o viram como um sonâmbulo o teria visto, assim como o segredo de seu esconderijo e de seu ouro.

Há aí um fenômeno notável de alucinação coletiva e simultânea, com identidade de segunda visão; mas não há nada que possa provar alguma coisa em favor das evocações e da volta dos mortos.

Qualquer que seja o fantasma de Sylvain Maréchal, sua incredulidade póstuma nos lembra um pensamento muito singular de Swedenborg. Diz ele que sendo a fé uma graça que é necessário merecer, Deus nunca a im-

põe a ninguém, mesmo após a morte. Também não é raro encontrar, no mundo dos espíritos, incrédulos que negam mais do que nunca o que sempre negaram, e que escapam à evidência da imortalidade supondo que não estão mortos, mas somente acometidos de alguma doença mental que mudou o lugar de suas sensações. Vivem sempre como viveram na terra, só se lastimam por não mais verem o que viam, por não mais ouvirem o que ouviam, por não mais saborearem o que saboreavam, por não mais possuírem o que possuíam; vivem assim uma falsa existência, protestando contra a verdadeira vida, e sempre iludidos em seus tédios pela esperança da morte. Essas imaginações do místico sueco são tão engenhosas quanto espantosas, e bastariam para nos explicar, se não o sono leve de Irene em seu túmulo de Tremithonte, pelo menos a dupla visita noturna de Sylvain Maréchal, no dia seguinte ao da sua morte, por interesses materiais e mesquinhos, se, às suposições tiradas da imaginação dos místicos, não preferíssemos mil vezes as simples hipóteses da ciência e da razão.

CAPÍTULO 5

Mistério das iniciações antigas - As evocações pelo sangue - Os ritos da teurgia - O cristianismo inimigo do sangue.

Os mistérios da loucura são os mistérios do sangue. São os movimentos desregrados do sangue que perturbam a razão das pessoas excitadas, assim como produzem, durante a noite, o desregramento dos sonhos. A loucura e certos vícios são hereditários porque residem no sangue: o sangue é o grande agente simpático da vida; é o motor da imaginação, é o *substratum* animado da luz magnética ou da luz astral polarizada nos seres vivos; é a primeira encarnação do fluído universal, é a luz vital materializada. Ele é feito à imagem e à semelhança do infinito; é uma substância negativa na qual nadam e se agitam milhares de glóbulos vivos e imantados, glóbulos plenos de vida e completamente vermelhos dessa insaciável plenitude. Seu nascimento é a maior de todas as maravilhas da natureza. Ele não vive senão para se transformar; é o Proteu universal: ele sai dos princípios onde não estava contido, torna-se carne, ossos, cabelos, tecidos particulares e delicados, unhas, suor, lágrimas. Ele não se alia nem à corrupção nem à morte: quando a vida cessa, ele se decompõe; se conseguirmos reanimá-lo, refazê-lo por uma imantação nova de seus glóbulos, a vida recomeçará.

A substância universal, com seu duplo movimento, é o grande arcano do ser; o sangue é o grande arcano da vida.

Igualmente, todos os mistérios religiosos são também mistérios do sangue. Não há cultos sem sacrifícios, e o sacrifício não sangrento só poderia existir como transubstanciação de um sangue verdadeiro, sempre ardente, sempre falando, sempre gritando, na sua virtude divinamente expiatória, tanto sobre o altar como sobre o Calvário. Os deuses da antigüidade amavam o sangue, e os demônios tinham sede. É o que fez o conde Joseph de Maistre pensar que o suplício castiga, que o cadafalso é um suplemento do altar, e que o algoz é um apêndice do sacerdote.

É no vapor do sangue, diz Paracelso, que a imaginação recebe todos os fantasmas que cria. As visões são o delírio do sangue: agente secreto das simpatias, ele propaga a alucinação como um vírus sutil; quando ele se evapora, seu soro se dilata, seus glóbulos aumentam, deformam-se e dão corpo às mais bizarras fantasias; quando sobe ao cérebro exaltado de Santo Antônio ou de Santa Tereza, aparece-lhes realizando para eles quimeras mais estranhas que as de Callot, de Salvator ou de Goya. Ninguém inventaria os monstros que sua superexcitação faz eclodir: é o poeta dos sonhos; é o grande hierofante do delírio.

Igualmente, tanto na antigüidade como na Idade Média, evocavam-se os mortos pela efusão do sangue. Escavava-se uma fossa, derramavam-se nela vinho, perfumes embriagantes e o sangue de uma ovelha negra; as horríveis feiticeiras da Tessália juntavam ali o sangue de uma criança. Os hierofantes de Baal ou de Nisroch, numa exaltação furiosa, faziam-se incisões por todo corpo e solicitavam aparições ou milagres aos vapores de seu próprio sangue: então tudo começava a girar diante de seus olhos perturbados e doentes; a lua adquiria a cor do sangue espalhado, e eles acreditavam vê-la cair do céu; em seguida começavam a sair da terra, a esvoaçar, a se arrastar, coisas hediondas e informes: viam-se formar larvas e lêmures; rostos pálidos e sórdidos como os velhos sudários, com barbas formadas pelo mofo da tumba, vinham inclinar-se sobre a fossa e esticavam suas línguas secas para beber o sangue espalhado. O mago, completamente debilitado e ferido, defendia-se contra eles com a espada até a aparição da forma esperada e do oráculo. Era geralmente o último sonho do esgotamento, o paroxismo da demência; então o evocador muitas vezes caía como que fulminado, e, se estava só, se não lhe era administrado so-

corro imediato, se uma poderosa voz cordial não o chamasse à vida, no dia seguinte seria encontrado morto, e diriam que os espíritos se tinham vingado.

Os mistérios do velho mundo eram de dois tipos. Os pequenos mistérios estavam ligados à iniciação do sacerdote; os grandes eram a iniciação à grande obra sacerdotal, isto é, a teurgia. Teurgia, palavra terrível, palavra com sentido duplo, quer dizer criação de Deus. Sim, na teurgia ensinava-se ao padre como deveria criar os deuses à sua imagem e semelhança, tirando-os de sua própria carne e animando-os com seu próprio sangue. Era a ciência das evocações pelo gládio e a teoria dos fantasmas sangrentos. É lá que o iniciado devia matar o iniciador; é lá que Édipo tornou-se rei de Tebas matando Laio. Tentaremos explicar o que essas expressões alegóricas têm de obscuro. O que já se pode entrever é que não havia iniciação aos grandes mistérios sem efusão de sangue e sem efusão mesmo do sangue mais nobre e mais puro. É na cripta dos grandes mistérios que Ninyas teve que vingar sobre sua própria mãe o assassinio de Ninus. Os furores e os espectros de Orestes foram obra da teurgia. Os grandes mistérios eram a santa vema da antigüidade, onde os franco-juízes do sacerdócio moldavam novos deuses com a cinza dos velhos reis dissolvidas no sangue dos usurpadores ou dos assassinos. Seriam, portanto, eles próprios assassinos, ou pelo menos algozes? Não, porque o direito ao sacrifício lhes era atribuído pelo consentimento universal das nações. O sacerdote não assassina, não executa, ele sacrifica; e é por isso que Moisés, nutrido pelo dogma dos grandes mistérios, escolheu por tribo sacerdotal aquela que melhor soubera, segundo a própria expressão da Bíblia, consagrar suas mãos no sangue. Não eram só Baal e Nisroch que pediam então vítimas humanas; o Deus dos judeus também tinha sede do sangue dos reis, e Josué lhe oferecia hecatombes de monarcas vencidos. Jephté sacrificava sua filha; Samuel cortava em pedaços o rei Agag sobre a pedra sagrada do Galgar. Moisés, como os antigos iniciadores nos grandes mistérios, fora com Josué, seu sucessor, até as cavernas do monte Nébo, e Josué voltara só. Nunca se encontrou o cadáver, porque, nos grandes mistérios, possuía-se o segredo do fogo devorador. Nadab e Abiu, Coré e Abiron, Dathan sofreram a triste experiência. Quando Saul foi rejeitado por Deus, isto é, condenado como usurpador do sacerdócio e profanador dos mistérios, tornou-se joguete das alucinações, porque os grandes hierofontes possuíam o segredo dos fan-

tasmas. Foi então que Achitophel lhe aconselhou o massacre de todos os sacerdotes, como se pudessem massacrar a todos. O sangue dos sacrificadores é uma semente de novos sacrifícios. Fazeis o 2 de setembro, e a noite de São Bartolomeu está justificada. Acreditais punir Torquemada, e preparais altas obras em Trestaillon. O padre que conduziu Luís XVI ao cadafalso, e que lhe disse como a autoridade suprema do pontífice: "Filho de São Luís, subi ao céu!" parece realizar, só com a Convenção pelo ministro subalterno, o grande sacrifício da Revolução. A própria vítima, caindo, revela e consagra o padre. Colocarei sobre ti um signo, diz Adonai a Caim, para tornar-te inviolável e para que ninguém ouse colocar a mão sobre ti. Abel foi a primeira vítima, Caim foi o primeiro sacerdote do mundo.

Abel no entanto exercera, antes de Caim, uma espécie de sacerdócio, e derramara primeiro o sangue das criaturas de Deus. Ele oferecia ao Senhor, diz a Bíblia, as primícias de seu rebanho; Caim, ao contrário, só apresentava Deus com frutas. Deus recusou as frutas e preferiu o sangue; mas não tornou Abel inviolável, porque o sangue dos animais é antes a representação do que a realização do verdadeiro sacrifício. Foi então que o ambicioso Caim consagrou suas mãos no sangue de Abel; depois construiu cidades e fez reis, porque tornou-se soberano pontífice. Se, mais tarde, Judas Iscariotes fez penitência ao invés de suicidar-se, fez uma rude concorrência a São Pedro. São Pedro, com efeito, era, depois de Judas apenas, o mais sangüinário dos apóstolos.

Era só por isso que merecia ser o primeiro papa? Longe de nós a idéia de uma sacrílega ironia! Revelamos a grande lei sacerdotal e não insultamos, por isso, o papado. Queremos dizer que o sacrificador assume e resume em si todos os crimes do povo e que ele é o primeiro a ser purificado pelo sangue todo-poderoso da vítima. É isso, pelo menos, o que pensavam os hierofantes do velho mundo, quando, na cripta dos grandes mistérios, vinham oferecer-se, a cabeça coberta por um véu, ao gládio de seus sucessores. Édipo matara Laio sem conhecê-lo, e todos os grandes iniciados na ciência de Édipo expiavam por sua vez a morte simbólica de Laio. É assim que, na Maçonaria, que guarda ainda em nossos dias a tradição simbólica dos antigos mistérios, fala-se sempre em vingar a morte do fabuloso Hiram. O homem que se sente infeliz sem ter a consciência de ser justo, sente-se facilmente punido por um erro involuntário; acredita ter matado

sua própria felicidade: a necessidade de expiação o faz sonhar com o sacrifício, e é o sacrifício que faz os sacerdotes, ao consagrar o altar sangüinário dos deuses.

Jesus, o único iniciador que não matou ninguém, morre para a abolição dos sacrifícios sangrentos. É então maior que todos os pontífices; e que seria ele, então, se não fosse Deus? Ele se fez Deus no Calvário, mas seus discípulos, renegando-o e o vendendo, fizeram-se sacerdotes e continuaram o velho mundo, que durará enquanto o sacerdote tiver necessidade de viver do altar, isto é, de comer a carne das vítimas.

E há pretensos sábios que vos dizem que o cristianismo está expirando e que o mundo de Jesus Cristo está morrendo! É o velho mundo que está morrendo, é a idolatria que está morrendo. O Evangelho foi apenas anunciado; não reinou sobre a terra. A catolicidade, isto é, a universalidade de uma só religião, é ainda apenas um princípio que muitas pessoas encaram como uma utopia. Mas os princípios não são utopias; são mais fortes que os povos e os reis, mais duráveis que os impérios, mais estáveis que os mundos. O céu e a terra podem passar, diz o Cristo; minhas palavras não passarão.

Lemos nos Atos dos apóstolos que São Pedro teve uma visão. Ele viu uma grande toalha coberta de animais puros e impuros, e uma voz lhe dizia: Mate e coma! Assim revelou-se pela primeira vez o mistério do papado temporal. Desde então os soberanos pontífices acreditaram poder matar para comer. Jesus Cristo jejuava e não matava; até mesmo dissera a São Pedro: Guarda tua espada na bainha, porque aquele que fere pela espada perecerá pela espada. Mas aí está uma das parábolas que não poderiam ser compreendidas antes da vinda do espírito de inteligência e de amor que, como se vê, não estabeleceu ainda seu reino definitivo neste mundo.

Os soberanos pontífices dos antigos cultos eram todos portanto sacrificadores de homens, e todos os deuses do sacerdócio amaram a carne e o sangue. Moloch só difere de Jehovah pela falta de ortodoxia, e o Deus de Jephté tinha mistérios semelhantes aos de Belus. Os monges da Idade Média tiravam regularmente seu próprio sangue, como os sacerdotes de Baal; pois a abstinência perpétua, essa divindade estéril, é um ídolo que quer sangue: a força vital que se quer subtrair à natureza, deve-se derramá-la sobre o altar da morte. Dissemos que o sangue é o pai dos fantasmas e é pelos fantasmas do sangue que os sacerdotes de Babel e de Argos perpe-

tuam a razão de Ninyas e de Orestes. Semíramis e Clitemnestra tinham sido destinadas aos deuses infernais; e suas lendas se parecem tanto, que se poderia acreditar que fossem calcadas uma sobre a outra. Ninus era o rei dos sacerdotes; Semíramis quis ser a rainha dos povos, e garantiu para si, por um crime, a posse da coroa de Ninus. O mundo político não tinha então tribunal que pudesse julgar essa mulher, tanto ela se justificava por grandes coisas. Ela semeava o mundo de prodígios. Os que a invejavam agitavam contra ela as multidões: ela vinha só e as revoltas se apaziguavam. Mas ela tinha um filho que os sacerdotes guardavam como refém: Ninyas era iniciado nos grandes mistérios; jurou vingar Ninus, cujo assassino ainda não conhecia. Semíramis, por seu lado, era obcecada por fantasmas e remorsos. Nela, a mulher superava secretamente a rainha, e frequentemente descia só à necrópole para chorar e se comover sobre as cinzas de Ninus. Foi lá que encontrou Ninyas, levado pelos hierofantes: entre o filho e a mãe ergue-se o espectro do rei assassinado. Semíramis estava coberta por um véu; o fantasma manda bater. O jovem iniciado se adianta: Semíramis solta um grito e levanta o véu; reconheceu Ninyas: Não, tu não és mais Ninyas, diz o espectro, tu és eu mesmo, tu és Ninus saído da tumba! E pareceu absorver o jovem nele mesmo e se confundir com ele de tal modo, que a rainha viu diante dela apenas o espectro de Ninus, pálido e com o gládio sagrado na mão. Ela então tirou o véu da cabeça e mostrou seu flanco, como faria mais tarde Agripina. Quando Ninyas voltou a si, estava coberto com o sangue de sua mãe: Fui eu quem a matou? gritou alucinado. - Não, respondeu Semíramis beijando-o pela última vez, somos duas vítimas; e o sacrificador, não és tu: eu morri assassinada pelo grande sacerdote de Belus!

Assim eram os sacerdotes da Babilônia, assim foram os de Micenas e de Argos: Calchas pede o sangue de Efigênia; Clitemnestra amaldiçoa os sacerdotes e vinga sua filha matando Agamenon; Orestes, levado pelos oráculos, mata sua mãe e vai procurar até o fundo da Chersoneso Taurico o ídolo sangrento da Diana vingadora.

Por que ficamos espantados com esses atentados contra a família, se, séculos mais tarde e em pleno cristianismo, vemos um sacerdote romano, o terrível Jerônimo, escrever a seu discípulo Heliodoro: "Se teu pai se deita na soleira da porta, se tua mãe descobre a teus olhos o seio que te ama-

mentou, pisoteia o corpo de teu pai, pisa no seio de tua mãe e, com os olhos secos, acode ao Senhor que te chama!"

Tais são os sacrifícios da carne e do sangue que consomem a grande obra da teurgia. O Deus pelo qual se pisou no seio da mãe deve ser visto daqui por diante com o inferno sob os pés e o gládio exterminador na mão. Ele perseguirá o asceta com remorso, saboreará na solidão os terrores do inferno e os desesperos do pensamento. Meloch só queimava crianças durante alguns segundos; pertencia aos discípulos do Deus que morre para livrar o mundo de criar um Moloch novo cujo fogo é eterno!

Renan, cuja desastrosa obra não gostaríamos de ter escrito, ali colocou entretanto uma boa palavra, que compensa, a nossos olhos, muitos defeitos. É esta a palavra: "Ninguém foi menos sacerdote do que Jesus." Resaltemos, todavia, que se trata do sacerdote da antigüidade, que ainda se encontra, infelizmente, nos tempos modernos. São Jerônimo era, sem o saber, um hierofante dos grandes mistérios; São Vicente de Paula é o tipo do novo sacerdote, do verdadeiro sacerdote cristão, essa reencarnação perpétua de Jesus Cristo.

A IGREJA TEM HORROR DO SANGUE. Nesta máxima indelével resume-se todo o espírito do cristianismo.

A Igreja tem horror do sangue e repele para longe de seu seio todos aqueles que gostam de derramá-lo. O sacerdote cristão não pode exercer as funções de acusador público, ou de juiz, sem se tornar irregular, isto é, incapaz de exercer as funções santas. Assim, pois, os inquisidores mortos não eram sacerdotes cristãos, eram sacrificadores do velho mundo que mentiam ao cristianismo. Um papa não pode condenar ninguém à morte. O bom pastor dá sua vida por suas ovelhas, mas não sabe degolá-las. Um papa não saberia fazer a guerra. Quando Júlio II fazia-se de surdo, não mais agia como papa, era ainda um tirano do Baixo Império. O bom Pio IX, que, segundo se diz, tem visões, deve estar obcecado pelos espectros de Perouse e de Castelfidardo; então deve ter horror de suas próprias mãos, ele que é o chefe supremo da Igreja, porque a Igreja tem horror do sangue.

Sacrificar os outros por si, eis o velho mundo, o mundo de Júpiter e de Saturno, o mundo dos Césares e dos presságios. Sacrificar-se pelos outros, eis o mundo novo, o mundo do Cristo, o mundo do futuro. Matar para viver, eis a grande fatalidade dos grandes mistérios. Morrer para que os ou-

tros vivam, eis o direito divino e a liberdade da iniciação humana ao triunfo da razão. A divindade e a humanidade estão estreitamente unidas em Jesus Cristo, e quem bate em uma fere a outra. Juízes da terra, atentai para isso: todo homem daqui por diante pertence a Cristo; ele pagou com seu sangue inocente toda a humanidade culpada. Todo culpado é chamado a se arrepender, e todo homem que pode ainda arrepender-se deve ser sagrado como Caim. Sabeis por que Deus guardava tão preciosamente o sangue de Caim? É que cada gota desse sangue valia por uma gota de sangue redentor, e, para que o resgate fosse eficaz, era preciso que nem uma única parcela da coisa resgatável se extrviasse.

O sangue de Abel protestava contra Deus, diz a Bíblia. Quem pois podia fazê-lo calar? Para abafar essa voz era preciso uma voz mais possante, a de Jesus Cristo. O sangue de Abel pedia justiça: Abel era apenas um homem e o sangue de Jesus tinha apenas a força suficiente para gritar que a justiça, para Deus, é o perdão. Quem pois poderia dizer-lhe isto? Jesus Cristo sabia-o apenas para dizer ao mundo, e, se o sabia, é porque era Deus!

Também somente ele poderia abolir o sacerdócio de sangue e instituir o sacerdócio do sacrifício voluntário. Foi o que fez, foi o que os mártires compreenderam, foi o que os santos como Vicente de Paula experimentaram, não em vão, mas ainda de modo tão difícil na terra, e ousais dizer que o cristianismo está morrendo! Eu vos pergunto se ele chegou ao mundo de outra forma senão como uma palavra incompreendida e um prodígio contestado. Eu vos pergunto se o sangue de Abel deixou de correr e se o sacerdócio escapou definitivamente das mãos sangrentas dos filhos de Caim.

Diz-se que todos os anos, em Nápoles, o sangue do mártir Januário se liqüefaz e borbulha, como se ele não pudesse descansar; diz-se que em muitos lugares da França o vinho dos cálices torna-se sangue e que as hóstias consagradas tingem-se de um suor semelhante ao da agonia no Jardim das Oliveiras. É que os mártires são solidários uns com os outros; é que o sangue não expiado protesta contra as efusões do sangue novo. O sangue de São Januário protesta contra a inquisição ainda viva no triste cérebro dos Gaume e dos Veuillot. O vinho da Eucaristia torna-se sangue para impedir os indignos sacerdotes de bebê-lo e as hóstias se injetam de nuances

da morte, como se Cristo desanimado renunciasse a transubstanciação e se tornasse um cadáver.

Quando o Cristo torna-se um cadáver, é porque se prepara para ressuscitar, e acreditamos que a ressurreição do cristianismo está próxima; mas não é isso que temos a comprovar aqui. Permanecemos no nosso tema e constatemos apenas que o reino dos deuses de sangue terminou. Não mais derramemos pois o sangue, não mais o agitemos, mesmo para fazer sair deuses. Deixemos em paz os mortos, porque os oráculos do sangue derramado são irmãos dos oráculos da tumba. A mesa gira porque o sangue se agita; deixai o sangue acalmar-se e os pretensos espíritos calar-se-ão.

Sim, espíritas, os espíritos que falam nas mesas são espíritos de vosso sangue. Vós vos esgotais para animar a madeira, como os sacerdotes do México, que acreditavam dar alma a seus ídolos ao sujá-los de sangue fresco. O que fazeis, fazia-se antes da vinda de Jesus Cristo; fez-se e ainda se faz, talvez na Índia; faz-se sobretudo entre os selvagens, onde os charlatões cercam de cabeleiras sangrentas o altar de seus manitus, que conjuram e fazem falar. O magnetismo é a projeção dos espíritos do sangue e vós magnetizais vossos móveis empobrecendo vosso cérebro e vosso coração.

CAPÍTULO 6

Os últimos iniciados do velho mundo: Apolônio de Tiana, Máximo de Éfeso e Juliano.

Os pagãos da revolução - um hierofante de ceres no século dezoito.

O sacrifício de si mesmo pelos outros tem algo de aparentemente tão insensato, mas tão sublime em realidade, que esse antagonismo que se encontra entre a razão egoísta e o entusiasmo do devotamento justifica totalmente o *Credo quia absurdum* do paradoxal Tertuliano. A fé, como a antiga Minerva, nasceu armada e se apresenta inicialmente como triunfante. A própria natureza, a santa e imortal natureza, parecia vencida por um instante, porque estava superada. No dia em que o homem morreu voluntariamente para salvar os outros, o sobrenatural foi provado.

Então os sábios deste mundo e os raciocinadores se espantaram; procuraram no Evangelho o segredo do poder do cristianismo e não o encontraram. Viram apenas uma compilação mística de parábolas judaicas e de alegorias egípcias; resolveram opor um livro a esse livro e um homem a Je-

sus Cristo, e assim foi escrita a vida de Apolônio de Tiana. Esse monumento contemporâneo dos Evangelhos não foi suficientemente estudado: encontram-se aí histórias e símbolos; a fábula aí obscurece a verdade, mas esta fábula é sempre uma doutrina apresentada sob o véu da alegoria. É dessa forma que a viagem de Apolônio à Índia e sua visita ao rei Hiarchas no país dos Sábios representam todo o dogma de Hermes e contêm todos os signos convencionados, todo o segredo dos antigos santuários, isto é, a grande obra da ciência e da natureza. Os dragões da montanha são os metalóides ígneos que contêm o mercúrio filosófico; o poço onde se encontram os reservatórios da chuva e do vento é a adega onde fermenta o fogo eletromagnético alimentado pelo ar e excitado pela água. O mesmo acontece com outros símbolos. O rei Hiarchas parece enganar-se quanto ao fabuloso Hiram, do qual Salomão obtinha os cedros do Líbano e o ouro de Ophir. Notemos que Jesus não pedia nada aos reis de seu tempo e que quando Herodes o interroga ele não se dá ao trabalho de responder.

Apolônio é sóbrio; é casto como Jesus e como ele se devota a uma vida errante e austera. A diferença essencial entre um e outro é que Apolônio favorecia as superstições e Jesus as destruía. Apolônio incita a derramar o sangue e Jesus maldiz as obras do gládio. Uma cidade está afligida pela peste; Apolônio chega, o povo, que o vê como um taumaturgo, precipita-se em torno dele e o conjura a fazer cessar o flagelo. A peste que vos aflige, ei-la! exclama o falso profeta mostrando um velho mendigo. Apedrejai este homem e o contágio cessará. Sabe-se do que é capaz uma multidão furiosa, cheia de superstição e de medo. O velho desapareceu sob um monte de pedras. Filostrato acrescenta que depois desentulharam o lugar do assassinio e que lá só encontraram o cadáver de um grande cão negro; e aqui o absurdo não chega a justificar a atrocidade. Jesus não fazia apedrejar ninguém, nem mesmo a mulher adúltera; rejeitava os flagelos públicos sobre a cabeça do pobre Lázaro, que o mau rico repelia de sua porta e do qual os cães tinham piedade. Para curar a miséria, esta peste aos olhos dos afortunados, oferecia o paraíso e não o último suplício. Apolônio aqui não é senão um miserável feiticeiro, e Jesus é o filho de Deus.

Apolônio tem visões; assiste em espírito a morte do tirano de Roma e solta gritos de alegria. Coragem! diz ele dirigindo-se aos assassinos; batei, imolai esse monstro! Jesus não tem uma palavra de maldição contra Herodes e contra Pilatos e ora mesmo por eles ao mesmo tempo que por seus

algozes, quando diz esta palavra sublime: Pai, perdoai-lhes; porque não sabem o que fazem!

O gênio de Apolônio é uma brilhante loucura que se revolta e protesta, o de Jesus é uma razão modesta que aceita e se submete.

Com Apolônio de Tiana o velho mundo parecia ter dito sua última palavra; mas a Providência, que é boa jogadora, deu-lhe ainda Juliano, para que ele pudesse, mais uma vez, tomar sua desforra. Juliano era um filósofo como Apolônio e um imperador como Marco Aurélio. Mas também era um sofista à maneira de Libânio, e concedia toda sua confiança a charlatões como Jâmblico e Máximo de Éfeso. Jamais este espírito inflexível e elevado pôde compreender os doces mistérios da manjedoura. Juliano não amava as mulheres e não tinha filhos, era casto menos por sacrifício que por menosprezo ao prazer; sua rudeza filosófica o fazia negligenciar até os mais comuns cuidados de limpeza. Ele confessa, no *Misopogon*, que seus cabelos e sua barba eram freqüentados pelos mais sórdidos insetos e o diz quase como se fosse um mérito. Aqui o César *pediculosus* torna-se verdadeiramente grotesco. Oh! o belo queixo de bode! oh! o barbudo mal penteado!, cantavam os habitantes de Antióquia. Juliano acredita responder exprobando aos cantores sua debilidade e seus desregramentos. Como se os vícios de uns pudessem autorizar a imundície de outros. Esse herói sujo, que, apesar de tudo, havia recebido do cristianismo uma nuance indelével de filantropia, era, por religião, amante dos sacrifícios e do sangue. Que vítima foi esse grande filósofo! que açougueiro esse excelente príncipe! diziam os antepassados de Pasquino. Também o vemos sempre com as roupas arregaçadas e as mãos repletas de vísceras fumegantes. Não estávamos mais no tempo em que os príncipes gregos, cantados por Homero, estrangulavam e despedaçavam, eles próprios, as vítimas. Juliano não compreendia nem sua época nem a dignidade de sua classe. Nero pudera fazer-se histrião porque, segundo a bela expressão de Tácito, o terror era razão do menosprezo; mas Juliano, bom demais para se fazer temer, muito desagradável para se fazer amar, não podia escapar ao ridículo ao exercer as funções repugnantes dos sacrificadores antigos. Sacrifica-se enfim ele próprio, e o mundo cristão aplaude.

Afirma-se que após sua morte foram abertas as portas de um pequeno templo que ele havia feito emparedar antes de partir para sua expedição à Pérsia, e que lá foi encontrado o cadáver de uma mulher nua pendurada

pelos cabelos e com o ventre aberto. É uma invenção do ódio ou a revelação de um mistério? Seria essa mulher um mártir ou uma vítima voluntária? Pendemos para essa última idéia. Talvez se tenha encontrado uma jovem fanática que quisesa opor seu sacrifício ao do Cristo para a prosperidade do reino de Juliano e o retorno aos velhos deuses. O imperador fechara os olhos e só o grande pontífice assistira ao holocausto. O templo murado, a vítima sangrenta suspensa entre o céu e a terra como uma prece palpitante, tudo isso parece uma paródia da crucificação. Sabe-se que numa época bastante próxima da nossa havia moças que se faziam crucificar assim pelo triunfo do protesto jansenista, e, se pensarmos nos ritos bárbaros que desonravam a religião de Juliano, não rejeitaremos imediatamente como uma calúnia póstuma a história da mulher sangrenta e do templo emparedado. Juliano havia sido iniciado nos grandes mistérios por Máximo de Éfeso e acreditava na virtude onipotente do sangue.

Com efeito, fora através de um batismo de sangue que Máximo de Éfeso o havia consagrado aos antigos deuses. Juliano, conduzido à cripta do templo de Diana, seminu e com os olhos vendados, recebeu das mãos de Máximo um cutelo, e uma voz misteriosa lhe ordenou que batesse numa pálida figura humana que ele podia apenas entrever; a venda foi recolocada nos olhos do neófito, conduziram sua mão e o fizeram tocar numa carne quente e viva; nela ele cravou o gládio sagrado, e depois foi forçado a se prosternar sob a fonte que acabara de abrir. Uma aspensão quente e nauseabunda o fez estremecer, mas guardou silêncio e recebeu até o fim a consagração do sangue vertido. Por esse sangue, dizia Máximo, eu te lavo da impureza do batismo. Tu és o filho de Mitra e cravaste o gládio no flanco do touro sagrado. Que a purificação do taurobólio te purifique!

Juliano acabava de sacrificar um homem? não havia ele imolado apenas um touro? é o que ele próprio então devia ignorar; mas que esses ritos foram aqueles dos grandes mistérios, disso não poderíamos duvidar, visto que os encontramos ainda nas tradições do iluminismo e nos antigos rituais da maçonaria, herdeira, como sabem todos os eruditos desta especialização, das doturinas e das cerimônias da antiga iniciação.

Segundo o uso dos historiadores antigos, Ammien Marcellin compôs um belo discurso que coloca na boca de Juliano agonizante, como se um homem com o fígado atravessado por um dardo pudesse sonhar em fazer discursos. Aqui achamos melhor acreditar na tradição cristã do que na his-

tória sofisticada. Ora, eis o que diz essa tradição: Quando foi retirado o dardo de três gumes da ferida de Juliano, quando seu sangue corria em abundância e ele se sentia desfalecer, ele encheu as duas mãos com esse sangue que perdia e os ergueu em direção ao céu pronunciando estas misteriosas palavras: Tu venceste, Galileu! Tomam-se essas palavras por uma blasfêmia, mas não seriam antes uma retratação tardia? O iniciado do taurobólio compreendia tarde demais que o sacrifício de si mesmo triunfa sobre o sacrifício dos outros. Ele sentia que dando seu próprio sangue pelos homens, o Cristo derogou para sempre os sacrifícios sangrentos do velho mundo. O soberano pontífice de Júpiter concedia sua demissão oferecendo ao céu, por um lado, seu próprio sangue ao invés daquele dos bodes e dos touros. Sim, ele parecia dizer, tu que por desprezo eu chamava de Galileu, tu és maior que eu e tu me venceste! Toma, eis meu sangue que te dou como tu deste o teu. Eu morro e reconheço que tu és meu mestre! Tu venceste, Galileu!

As mãos do infeliz imperador enfraqueceram, o sangue voltou à sua cabeça, e acredita-se que ele as quis acenar em direção ao céu. Talvez assim ele se tenha purificado das máculas do taurobólio e renovado os traços apagados de seu batismo. Seu ato de arrependimento não foi reconhecido e deixou pesar o anátema sobre sua memória. Mas ele fora bom e justo e Deus não deixa perecer para sempre os que amaram e procuraram o bem, mesmo nas sombras do erro.

Com base na fé nos fantasmas evocados por Máximo de Éfeso Juliano havia acreditado na existência real de seus deuses, e esses fantasmas eram alucinações do sangue. Afirma-se que Juliano, esgotado pelos jejuns preparatórios e morno ainda de seu batismo de sangue, viu passar diante dele todas as divindades do velho Olimpo. Ele não as viu tais como são representadas pelos poetas da antigüidade, mas tais como existem na imaginação desencantada das multidões: velhos, decrepitos, miseráveis e abandonados. Não eram mais as grandes divindades de Homero, eram os deuses grotescos de Luciano, tanto é verdade que os pretensos espíritos que se evocam são miragens ou reflexos de uma imaginação coletiva. O espiritismo visionário é a fotografia dos sonhos.

As fotografias mentais são, aliás, mais duradouras que as fotografias solares, porque se as primeiras se apagam podemos renová-las sempre lançando o espírito nas mesmas aberrações.

Vimos em 93 os últimos iniciados nos grandes mistérios, os filantropos da escola de Juliano, perseguirem através de uma nuvem de sangue o fantasma da liberdade. Vimos de alguma forma escapar da tumba Brutus grotescos e Públicolas sórdidas que juravam pela santa guilhotina invocando deuses. São Justo sonhava com um mundo governado por velhos laboriosos e vitoriosos ornados por um cinto branco. Robespierre fez de si próprio grande pontífice, e, segundo a lei sangrenta dos antigos mistérios, teve que perecer sob a faca daqueles que havia iniciado; todos os filósofos e apóstatas como Juliano pereceram, como ele, desesperados em relação ao futuro. Mas, menos generosos que ele, talvez menos sinceros, pereceram sem presentear o céu com a oferenda de seu próprio sangue e sem confessar que mais uma vez Galileu havia vencido.

Eis onde levam os sonhos, eis o que produz a evocação dos mortos. Se os houvessem deixado dormir em suas tumbas, os Brutus e os Cassius, se os espectros do areópago e do fórum não se tivessem erigido nos cérebros excitados desses homens cuja razão era tão bem representada por uma mulher devassa, não se teriam lançado aos milhares os filhos da França na goela devoradora do Moloch revolucionário. Mas as larvas que nos vêm do além-túmulo são sempre frias e alteradas; os fantasmas pedem sangue, e quando as cabeças se desorganizam a ponto de criar visões, as mãos estão bem perto de cometer crimes.

- Dai-me flechas!, exclamava Quinctius Aucler, que um débil hierofante de Ceres vinga a natureza ultrajada! Trata-se de matar os sacerdotes; mas nosso homem, que a alucinação revolucionária havia tornado completamente louco, queria matá-los a golpes de flechas, para dar a seu suplício uma cor mais antiga. Esse Quinctius Aucler, que se dizia hierofante de Ceres, deixou um livro curioso intitulado a *Treicie*, onde pede seriamente a volta do culto a Júpiter, visto que não seria possível aderir-se ao reino de Saturno. Mas a Revolução não quis adorar nem Saturno nem Júpiter; ela própria foi Saturno, e, segundo a sombria profecia de Vergniaud, ela devorou todos os seus filhos.

CAPÍTULO 7

Os espíritos na Idade Média - O diabo desempenha sempre o papel principal na comédia dos prodígios - O arcebispo Udon de Magdeburgo - O diácono Raimundo - Os vampiros - As casas mal-assombradas.

Enquanto dura essa infância da razão moderna que chamamos de Idade Média, as forças secretas da natureza, os fenômenos de magnetismo, sobretudo as alucinações cujos claustros são abundantes viveiros, fazem crer na influência quase contínua dos espíritos. Os fantasmas aéreos que a imaginação cria e que realimenta nas nuvens, tornam-se silfos, os vapores da água são ondinas, as vertigens do fogo são salamandras, as emanções embriagadoras da terra são gnomos, os duendes dançam com as fadas ao luar. Todo o sabat desencadeou-se. A razão dorme, a crítica está ausente, a ciência está muda, Abelardo expia cruelmente suas homenagens prematuras à inteligência e ao amor. Os mortos movem-se, os sepulcros falam, sem que se suspeite que vivos tenham sido enterrados. Somente o Evangelho brilha no meio dessas trevas profundas, como uma lâmpada sempre acesa numa igreja cheia de terrores e mistérios. Ora, o Evangelho declara que os mortos não podem e não devem jamais voltar; que a ordem da Providência opõe-se a isso. Eis o texto que nunca seria demais repetir integralmente para opô-lo aos delírios dos espíritas; nós o encontramos no final do sexto capítulo de São Lucas:

"Segundo a ordem de todas as coisas, entre vós e nós o grande caos consolidou-se, de modo que, daqui, *NÃO SE PODE IR A VÓS*, e que, de onde estais, *NÃO SE PODE VIR AQUI*" (é Abraão que fala ao mau rico).

O mau rico responde: "Eu te rogo, pai, que envies Lázaro à casa de meu pai, porque tenho cinco irmãos e Lázaro os advertirá a fim de que não venham por seu turno a este lugar de tormentos." E Abraão lhe diz: "Eles têm Moisés e os profetas, que eles os escutam." E ele lhe diz: "Não, pai Abraão; mas se alguém entre os mortos for visitá-los, eles farão penitência." Abraão responde: "Se eles não escutam Moisés nem os profetas, não escutariam nem mesmo um morto que tivesse ressuscitado."

Essa passagem é infinitamente notável e contém toda uma revelação sobre a ordem eterna e imutável dos destinos do homem. Vemos aqui a força da natureza que impele a vida para frente e fecha as portas atrás dela para que jamais recue. Os degraus da escada santa consolidam-se para sempre sob os pés daqueles que sobem e *eles não podem mais*, ouvis bem? *ELES NÃO PODEM MAIS* descer para voltar. Observemos ainda que Abraão só admite a possibilidade do retorno de Lázaro à terra pelo caminho da ressurreição, e não pela obsessão espírita. Segundo um dos grandes dogmas da Cabala, o espírito despoja-se para subir e é necessário que se revista para

descer. Só há aqui uma maneira possível para que um espírito já liberto se manifeste novamente na terra: é necessário que ele retome seu corpo e que ressuscite. Isso é bem diferente de esconder-se em uma mesa ou em um chapéu.

Eis por que a necromancia é horrível. É que ela constitui um crime contra a natureza.

O necromante não tem a temeridade de querer agitar a escada santa para fazer cair os espíritos que sobem? Isto não é possível, sem dúvida, e o sacrílego evocador será assaltado apenas por suas próprias vertigens. Igualmente, os melhores teólogos da Idade Média diziam que os mortos ficavam irrevogavelmente lá, para onde a justiça, de Deus os havia enviado, e que o demônio responde ao apelo dos mágicos e toma a forma dos mortos que chamamos para enganar a consciência humana e fazer crer aos feiticeiros que eles podem perturbar conforme sua vontade o império das almas e de Deus.

Isto significa, em termos alegóricos, precisamente o que dizemos na linguagem da razão e da ciência. O demônio é a loucura, é a vertigem, é o erro; é a personificação de tudo o que é falso e insensato. Aqui estendemos a Mirville uma mão que ele certamente não segurará. Deixemos a ele seu diabo de papelão que ele faz jorrar de seus grossos livros como que de um brinquedo de surpresa: Mirville é uma criança.

Insistimos aqui na autoridade do Evangelho e dos teólogos, porque se trata de coisas que são exclusivamente do domínio da fé. A ciência não admite nada que não possa demonstrar: ora, a ciência não saberia demonstrar a continuação da vida humana após a morte. Ela não admite pois os espíritos; e o título de nosso livro, *A Ciência dos Espíritos*, seria um paradoxo se não significasse ciência das hipóteses relativas aos espíritos.

A ciência é puramente humana, e a fé não poderia racionalmente afirmar-se divina se não fosse imensamente coletiva. É esta coletividade que dá às crenças o nome de religião, isto é, o liame moral que une os homens uns aos outros.

A ciência não poderia negar a necessidade que os homens têm de religião assim como não poderia negar o fenômeno das grandes associações religiosas. Ao mesmo tempo que a religião está na natureza do homem, ela pertence à ciência que estuda o homem; mas esta ciência deve limitar-se a constatar, sem se deixar influenciar por ele, o fenômeno da fé.

Uma crença isolada não merece o nome de fé, porque fé significa confiança: desconfiar de toda autoridade social e ter confiança apenas em si mesmo, é ser louco. O católico crê na Igreja, porque a Igreja representa para ele a elite dos crentes. Eis o que justifica a fé do carvoeiro. Ora, o carvoeiro não é crente apenas em matéria de religião, deve sê-lo também em matéria de ciência: irá ele negar ou contestar o gênio de Newton porque não compreende seus teoremas? Não sou especialista em pintura, mas me referiria de bom grado a Ingres, Paul Delaroche, Gigouse; e esses grandes artistas, que podem não ser especialistas em teologia, em exegese, em cabala, não estariam sendo sensatos se não se referissem àqueles que têm estudado de maneira especial essas altas ciências. Talvez nem sempre eu compreenda o que eles possam dizer sobre os arcanos da pintura; por que se zangariam eles se meus livros não lhes são totalmente claros? Basta-me que os homens de ciência especial e de julgamento os compreendam e seria muito razoável dirigir-me a eles.

Tal é pois o fundamento da fé. É a confiança daqueles que não sabem naqueles que sabem; como a fórmula das crenças deve sempre buscar na ciência a base de suas hipóteses, como não se pode crer racionalmente no que a ciência demonstra estar errado, como é necessário que a ciência admita ao menos a possibilidade das hipóteses, como as hipóteses da fé são aquelas que a ciência confessa jamais poder transformar em axiomas ou em teoremas, daí resulta que em matéria de fé sobretudo a autoridade é necessária e que esta autoridade deve ser coletiva, hierárquica e universal, em outras palavras, católica. É o que tínhamos a provar.

Na Idade Média a fé é cega porque não admite a crítica e não se apóia na ciência, que é falha. Isso faz com que o raciocínio seja fraco e os delírios abundem. A medicina, por exemplo, não ousa ocupar-se da alma, e é à alma que se atribui a debilidade do cérebro. Os alucinados são então inspirados, seja de Deus, seja do diabo, as mulheres histéricas são posses-sas; os maníacos são almas que Deus conduz por vias misteriosas. Tudo é possível então, tudo é permitido dentro da pretensa ordem sobrenatural, exceto, no entanto, as evocações às quais somente o inferno pode obedecer, e que perturbam inutilmente a ordem imutável da natureza e o silêncio eterno dos sepulcros.

O Evangelho afirma que as almas do céu não podem descer e que as almas do inferno não podem subir. Restam as do purgatório. Mas essas,

consagradas à expiação, não podem mais pecar e não têm, por conseguinte, o poder de atormentar os vivos e de induzi-los ao erro. O purgatório, dizem os teólogos, é um inferno resignado, porque lá fica a esperança. Lá sofre-se, ama-se, ora-se, mas não se pode sair antes do tempo marcado pela justiça eterna. O que podem ter em comum esses reclusos da expiação e da prece com as divagações, ora estúpidas, ora astuciosas, das mesas falantes? Como o próprio demônio, esta personificação selvagem e grandiosa do incurável orgulho e do desespero irremediável, desceria às graças do arlequim ou às moralidades do Sr. Prud'homme? O diabo da Idade Média é quase sempre malicioso, quanto a isso estamos de acordo; mas quem não vê aqui, atrás dos chifres do bode, passar as orelhas da mãe demente, dessa sátira gaulesa que às vezes coloca no próprio Deus tolices de seus ministros e faz o romance cômico de *Belzebu* como fez o romance de Renard?

O diabo, aliás, jamais deixou de morar na consciência dos maus sacerdotes, e os embustes dos antigos santuários reproduziam-se frequentemente com os antigos vícios nos templos do Deus novo. Se os ruídos inexplicados quebravam o silêncio dos campos, eram almas que pediam preces, e as preces, para o sacerdote, são o dinheiro. Outras vezes, também narrativas inverossímeis denunciavam apenas um milagre e serviam para ocultar um crime; citaremos como exemplo apenas a terrível lenda de Eudes ou Udo, arcebispo de Magdeburgo. Era um prelado muito sábio para seu século e parecia querer, antes da época marcada pela Providência, começar a revolução religiosa reservada ao gênio medíocre, mas opiniático, de Lutero. Udo de Magdeburgo era declaradamente contra o celibato dos padres; tirara do claustro uma abadessa da qual fazia quase publicamente sua concubina, esperando que pudesse chamá-la de sua mulher. O jovem clérigo começava a se desviar para o caminho do escândalo; os antigos padres estavam sombrios e aguardavam.

Eis que, certa manhã, o arcebispo foi encontrado sem vida no coro de sua catedral; a cabeça, separada do tronco, estava, num esgar, em meio a um charco de sangue; o corpo estava nu. Evidentemente o arcebispo fora arrancado de seu leito e arrastado pela igreja, onde o haviam decapitado. Quais eram pois os algozes, ou, melhor dizendo, os assassinos?

A mulher que repartia o quarto com Udo contou tremendo que uma voz terrível se fizera ouvir. Ela dizia, em um tom de salmodia:

Cessa de ludo,

Lusisti satis Udo;

rimas bárbaras que podem ser traduzidas como:

Repousa pois,

Basta de prazer Udon.

Depois uma porta secreta do apartamento se abriu, e homens negros lançaram-se sobre o arcebispo, arrancando-o do leito e o levando com eles. A mulher não vira mais nada e não ouvira mais nada, pois desfalecera de pavor.

Ora, havia no capítulo da catedral de Magdeburgo um cônego chamado Frederico, que passava por santo e levava vida de asceta.

Esse cônego velava aquela noite na igreja e orava a Deus para que cessassem os escândalos do arcebispo. A grande nave estava silenciosa; o céu não tinha lua, e o velho sacerdote tremia na profundidade da noite quando repentinamente a porta da sacristia abriu-se com um baque e ouviram-se uivos estranhos misturados com gritos abafados. Um personagem vestido de branco, tendo nos ombros grandes asas, veio iluminar os círios do altar-mor. Frederico então pôde ver um homem que espécies de demônios mantinham completamente subjugado; em seguida sua atenção voltou-se novamente para a porta da sacristia: uma procissão singular entrava na igreja.

Na frente caminhavam, fáceis de serem reconhecidos por sua roupa tradicional e suas insígnias legendárias, os santos protetores da igreja de Magdeburgo, em seguida os anjos vestidos de branco, procedendo uma mulher de estatura alta com um manto azul e uma coroa de ouro, que se podia tomar pela Virgem; depois dela vinham outros anjos vestidos de preto e vermelho, entre os quais aparecia São Miguel, armado de um longo cutelo; finalmente, cercado de ceroferários portando tochas iluminadas, caminhava um homem coroadado de espinhos e segurando uma grande cruz à mão. Todo esse clero do outro mundo tomou lugar no coro. O Cristo, ou pelo menos aquele que fazia o personagem, sentava no próprio lugar e no trono do arcebispo, e os demônios começaram a acusar Udo, que seguravam entre eles, amarrado e provavelmente amordaçado. O culpado não tinha nada a responder. A Mãe de Deus fez menção de orar por ele; depois, quando o demônio falou de escândalos do prelado e da religiosa seduzida, a Virgem baixou seu véu e se retirou fazendo um gesto de desgosto. O juiz

fez sinal a São Miguel; o cutelo resplandeceu e desceu; os círios e as tochas apagaram-se e tudo desapareceu na sombra.

O cônego Frederico perguntou-se se não estaria sonhando e caminhou trêmulo para o coro. Chegando ao pé do altar sentiu que a laje estava úmida e se chocou contra uma massa inerte. A própria lâmpada do altar estava apagada e Frederico teve que retornar à sua casa para buscar luz, mas a emoção e o pavor o impediram de voltar à igreja; foi só pela manhã que os servos da catedral, abrindo as portas, viram o cadáver decapitado.

O corpo do maldito não foi enterrado em terra santa; as manchas de seu sangue sobre as lajes do coro não foram lavadas: cobriram-na somente com um tapete, e quando se instalou um novo arcebispo de Magdeburgo, o capítulo e o clero conduziram-no solenemente a esse lugar; levantaram o tapete e fizeram com que o prelado visse o sangue do sacrílego Udo.

Nada nas sombrias lendas da Idade Média nos parece mais aterrorizador do que esse assassinato atribuído a Jesus Cristo; e, certamente, se a separação dos dois mundos não era intransponível para aqueles que subiram mais alto; se o próprio Salvador podia, sem perturbar a ordem eterna da Providência, fazer-se ainda presente entre nós de forma que não em seu Evangelho e sua Eucaristia, não teria ele próprio vindo paralisar e derrubar os atos dessa tragédia infame? Não teria ele vindo absolver e salvar o infeliz Udo dizendo-lhe, como à mulher adúltera: - Vai, e não peques mais? Se os espíritos do outro mundo pudessem armar-se de um gládio material para esperar os culpados da terra, teria Torquemada podido finalizar tranqüilamente seus autos-de-fé? Será que Alexandre VI, que envenenava as hóstias e praticava publicamente incestos, não mereceria, bem mais do que Udo de Magdeburgo, ser decapitado pelos anjos, não à noite e no segredo de uma igreja deserta, mas em pleno sol, *urbi et orbi*, diante de Roma inteira e diante do universo inteiro? Mas só cabe aos homens, aos flagelos, à velhice e à doença proferir a morte. Deus é o pai da vida; ele não encarrega seus anjos de serem valetes de nossos cadafalsos e não encarregou seus sacerdotes de serem fornecedores do inferno.

Embuste interessado de uma parte, ignorância de outra, fenômenos inexplicados mas não inexplicáveis, eis o que justifica a pretensa intervenção dos espíritos durante todo o curso da Idade Média. O estudo da natureza estava então abandonado por uma escolástica bárbara; jurava-se em nome de Aristóteles e do mestre das sentenças; o medo do inferno impedia

que se ocupassem do mundo, e o pensamento da morte fazia negligenciar a vida. Sabe-se da história de um certo diácono Raimundo, a quem o terror do inferno causou um pesadelo póstumo cujo resultado foi a fundação do Grande Convento por São Bruno; contágio do medo, transmissão epidêmica do delírio. Se a santidade, naquele tempo, consistia no maior pavor do inferno, que homem foi mais santo que o infeliz diácono Raimundo? Tomado por uma letargia de pavor que todo mundo tem pela morte, ele se enrolou três vezes em seu sudário e levantou-se do túmulo gritando: Sou acusado! - sou julgado! - sou condenado! Depois caiu, dessa vez vencido e verdadeiramente morto pelo terror. A cerimônia fúnebre foi então cessada, apagaram-se os círios e seu corpo foi lançado em algum buraco escavado às pressas. Quem sabe se dessa vez era definitivamente a morte e se o infeliz não acordou uma quarta vez sob a terra para se sentir enterrado vivo e roer os punhos de desespero!

Admitimos nas nossas obras precedentes a possibilidade do vampirismo e temos mesmo procurado explicá-lo. Os fenômenos que se produzem atualmente na América e na Europa pertencem certamente a essa horrível doença. Denominam-se vampiros, impropriamente, certos monomaníacos que, como o sargento Beltrão, são impelidos fatalmente a se alimentarem da carne dos mortos; mas os verdadeiros vampiros são mortos que aspiram e sugam o sangue dos vivos. Os médiuns não comem, é verdade, a carne dos mortos, mas aspiram por todo o seu organismo nervoso o fósforo cadavérico ou a luz espectral. Eles não são vampiros, mas evocam vampiros. Também são todos débeis e doentes, fracos de espírito e de corpo e fatalmente inclinados às alucinações e à loucura. As práticas enervantes da evocação os esgotam depressa, e eles caem num enfraquecimento lento comparável ao que o doutor Tissot descreve como uma consequência dos hábitos solitários. O espiritismo é o onanismo das almas.

A lei de Moisés quer que se coloque à morte aqueles que consultam os *oboth*, isto é, os fantasmas de *ob* ou da luz passiva. O grande legislador queria, através de rigorosos exemplos, preservar seu povo do contágio do vampirismo e dos abismos da alucinação espectral. Não acreditamos realmente que o simples sonambulismo magnético tenha merecido consideração a seus olhos. Não estamos mais no tempo de Moisés, e o Código Penal do profeta hebreu é felizmente derogado, como o de Dracon. Certamente não queremos que se matem os sonâmbulos e os espíritas, mas se

nossos procedimentos, fundamentados na ciência e na religião, pudessem persuadir alguns a se matarem, não teríamos perdido nossas pesquisas e nosso trabalho.

Abordemos agora os lugares fatídicos e as casas mal-assombradas e reconhecamos, antes de tudo, a existência e a realidade de um grande número de fenômenos, que, sobretudo na Idade Média, favoreciam a crença nesse tipo de superstição. Mirville cita muito isso: remetemos nossos leitores às suas obras e nos contentamos com uma citação que ele extrai de um autor que se estima que seja do século quinze, Alexander ab Alexandro. Eis como fala este autor:

"É, diz ele, coisa bem notória e conhecida de Roma inteira que não tive medo de morar em diversas casas que todo mundo se recusava a alugar em razão das espantosas manifestações de fantasmas que ali passeavam todas as noites. Lá, além das algazarras, de tremores e de vozes estridentes que vinham perturbar nosso silêncio e nosso repouso, víamos ainda um espectro horrendo e completamente preto, de aspecto ameaçador, que parecia implorar nossa assistência; e para que alguém não me acuse de ter forjado alguma fábula, peço desculpas por solicitar o testemunho de Nicolas Tubba, homem de mérito e de grande autoridade, que me pediu que viesse com vários jovens de suas relações para assegurar-se da realidade das coisas. Eles velaram pois conosco, e ainda que as luzes estivessem acesas, viram subitamente, e ao mesmo tempo que nós, aparecer esse mesmo fantasma com suas mil evoluções, seus clamores, seus pavores, que fizeram muitas e muitas vezes com que nossos companheiros acreditassem, apesar de toda sua coragem, que iriam ser as vítimas. Por toda a casa retumbavam gemidos desse espectro, todos os quartos estavam infestados ao mesmo tempo; mas quando nos aproximávamos dele, ele parecia recuar, sobretudo para fugir da luz que tínhamos na mão. Enfim, após um alvoroço indescritível, durante muitas horas, e quando a noite chegava ao fim, toda a visão se desvaneceu.

"De todas as experiências que tive então, principalmente uma merece ser citada, porque, a meus olhos, foi a maior desses prodígios e a mais espantosa... A noite havia chegado, e, depois de ter fechado minha porta com corda forte de seda, deitei-me. Ainda não tinha adormecido, e minha luz ainda não estava apagada, quando ouvi meu fantasma fazer sua algazarra costumeira à porta; pouco tempo depois, permanecendo a porta fe-

chada e amarrada, eu o vi, coisa inacreditável!, introduzir-se em meu quarto pelas fendas e fechaduras. Mal havia entrado, ele entrou sob minha cama, e tendo Marc, meu aluno, percebido toda essa manobra, gelado de terror, começou a soltar gritos terríveis e pedir socorro. Eu, vendo sempre a porta fechada, persistia em não acreditar no que vira; vi então o terrível fantasma tirar de baixo da minha cama um braço e uma mão com que apagou minha luz. Então ele começou a desarrumar não somente todos os meus livros, mas tudo o que se encontrava em meu quarto, proferindo sons que nos gelavam os sentidos. Todo esse barulho despertou a casa e percebemos luzes no quarto anterior ao meu, e ao mesmo tempo vimos o fantasma abrir a porta e escapar por ela. Mas eis o que é mais assombroso: ele não foi de modo algum visto por todos aqueles que traziam luz!..."

Mirville, que também cita esse fato, acrescenta:

"Sente-se o quanto é fácil explicar precariamente os fenômenos que se relatam em quatro linhas, mas vemos o quanto cada um vem acrescentar à dificuldade da solução. Alexandre estava louco nesse momento, seja; mas acreditam nele seu aluno, seu empregado, e Tuba, e os jovens, e todas as pessoas da casa, e toda a cidade de Roma que não queria mais essa casa... havia então nessa casa uma causa que alucinava todo mundo? Qual era esta causa?... Uma causa que, não podendo abrir a porta por fora, passava pelas fendas, mas abria muito bem as portas por dentro."

O que caracteriza principalmente essa história, e o que Mirville não podia ver, é a falta absoluta de lógica e de verossimilhança que caracteriza as alucinações e os sonhos. Uma porta fechada por um simples cordão de seda é mais fácil de abrir por fora do que por dentro, empurrando-se de maneira a romper o cordão, mas aconteceu o contrário; o Espírito que entrou pelo buraco da fechadura não tinha necessidade de abrir a porta para sair, e ele se deu a esse trabalho inútil. Não é visível para todo mundo, como disse Mirville, que aqui, seguindo um método que é o seu, parece não ter nem mesmo lido a citação da qual faz uso. O ar desse quarto devia estar viciado, visto que a luz se apagou. O braço do fantasma era uma visão da asfixia; ao ser aberta a porta e havendo corrente de ar, o espectro desapareceu. Poderíamos comparar com essa história um fato recente que há alguns anos lemos nos jornais.

Havia em determinado lugar, e entre pessoas cujos nomes seriam citados à medida que necessário, um quarto mal-assombrado. Um sábio resolveu

lá deitar, e deitou. Por volta de meia-noite ele sentiu uma opressão horrível, uma dor de estômago cheia de cólicas e de angústia, e viu, em um clarão fosforescente, um abominável demônio verde-maçã, que estava de cócoras sobre seu peito e que lhe remexia as entranhas com as unhas. Ele soltou um grito agonizante que foi ouvido; vieram socorrê-lo, ventilaram o quarto, e o sábio, voltando a si, sentiu-se doente e reconheceu os sintomas do envenenamento pelo arsênico. Tiraram-no do quarto fatal, administraram-lhe reativos, ele se restabeleceu e pôde entregar-se a um exame sério e atento do quarto mal-assombrado. Reconheceu que o quarto era revestido com papel verde-maçã, tingido com um preparado à base de arsênico. Então tudo se explicou para ele. Com efeito, o papel do quarto foi trocado e o fantasma homicida nunca mais voltou.

É estudando de perto os prodígios que se descobrem as leis secretas da natureza.

Existe, por exemplo, uma casa que atrai as pedras como um ferro imantado atrai a limalha de ferro. É estranho, não? Mas é o que também se deveria dizer quando se observa, pela primeira vez, os fenômenos da imantação. Descobre-se logo que existem ímãs especiais nos três reinos da natureza, e que a casa lapidada atraía as pedras como o médium escocês Home ou a jovem camponesa Angélica Cotin atraíam os móveis. A vida do homem se estende para as coisas que são do seu uso, e as prescrições da Bíblia provam que a lepra contagia tanto as casas como os homens. Por que não haveria então casas com doenças de imantação desregulada como havia casas leprosas? O certo é que a natureza é harmoniosa e regular e obedece a leis rigorosamente exatas quanto ao resultado de sua ação, jamais contradizendo nem seu autor, nem ela própria. Seu milagre permanente é a ordem eterna. Os prodígios passageiros são acidentes previstos pela harmonia universal e não provam a intervenção dos espíritos, assim como os meteoros não provam a existência dos astros. A razão suprema é como o sol: insensato quem não a vê!

FENÔMENOS MODERNOS

CAPÍTULO 1

As mesas giratórias e falantes.

A existência do ímã universal especializado nos metais, nas plantas, nos animais, nos homens, era conhecida pelos antigos hierofantes. É essa força misteriosa que se denominava Od, Ob e Aour, entre os hebreus. É a dupla

vibração da luz universal e vital. Luz astral nos astros, luz magnética nas pedras e nos metais, magnetismo animal nos animais e no homem. Tudo, na natureza, revela sua existência.

As experiências de Mesmer e de seus sucessores provaram que o magnetismo animal pode comunicar aos objetos inertes a vida e a vontade do homem. Não haveria pois motivo para espanto no fenômeno das mesas giratórias e falantes, tão difundido em nossos dias; mas a ignorância gosta de se espantar, porque espantando-se ela fica maravilhada, e quando fica maravilhada se encanta, depois não quer mais ser desencantada, e não ouve os simples que falam a verdade.

Quase toda a verdade sobre as mesas giratórias encontra-se muito simples e clara em uma carta de um sábio anônimo que cita M. A. Morin. "Crede, diz o sábio, que não existem nas mesas nem espíritos, nem fantasmas, nem anjos, nem demônios; mas há tudo isso se quiserdes, quando quiserdes, e como quiserdes, já que isso depende de vossa força de imaginação, de vosso temperamento, de vossas crenças íntimas, antigas ou novas. A *Mensambulance* não é senão um fenômeno mal observado pelos antigos, incompreendido pelos modernos, mas perfeitamente natural, que toca a parte física de um lado e a psíquica de outro; mas era incompreensível antes da descoberta da eletricidade e da heliografia, porque, para explicar um fato da ordem espiritual, somos obrigados a nos apoiar no fato correspondente da ordem material, como os antigos poetas o faziam pelas comparações e os profetas pelas parábolas.

"Ora, sabeis que o daguerreótipo tem a faculdade de ser impressionado não só pelos objetos, mas também pela imagem dos objetos. Ora! o fenômeno em questão, que se deveria denominar *fotografia mental*, não produzia somente as realidades, mas também os sonhos de nossa imaginação, com uma fidelidade tal, que nos enganamos, não podendo distinguir uma cópia feita ao vivo de uma outra feita a partir da imagem.

"Essa fotografia mental, direis, é algo muito extraordinário, muito maravilhoso. - A mesma coisa se disse da fotografia comum e depois ela se tornou familiar. Acontecerá o mesmo em relação à nova descoberta: habituar-nos-emos, e cada um verificará, fazendo mesas como se fazem daguerreótipos, uns bem, outros mal, porque é preciso estabelecer um conjunto de precauções e de condições indispensáveis para se obter sucesso.

O primeiro inepto, o primeiro irrefletido que aparece, não está em condições de obter *uma boa prova*, tanto para um lado como para o outro.

"A magnetização de uma mesa e de uma pessoa é absolutamente a mesma coisa, e os resultados são idênticos; é a invasão de um corpo estranho pela eletricidade vital inteligente ou o pensamento do magnetizador e dos assistentes.

"Nada pode dar uma idéia mais justa e mais fácil de se compreender do que a máquina elétrica acumulando o fluído sobre seu condutor, para obter dele uma força bruta que se manifesta por lampejos da luz, etc. Também a eletricidade acumulada sobre um corpo isolado adquire um poder de reação igual à ação, seja para imantar, para decompor, para inflamar ou para *enviar suas vibrações para longe*. Estão aí os efeitos sensíveis da eletricidade *bruta* produzida pelos elementos brutos; mas há, evidentemente, uma eletricidade correspondente produzida pela pilha cerebral do homem: essa eletricidade da alma, esse éter espiritual e universal, que é *o meio ambiente do universo* metafísico ou incorpóreo, deve ser estudada antes de ser admitida pela ciência, que não conhecerá nada do grande fenômeno da vida antes disso.

"A eletricidade cerebral, que já não é, para mim e meus colaboradores, uma hipótese, parece precisar, para manifestar-se a nossos sentidos, do auxílio da eletricidade estática comum; assim, se esta última falta na atmosfera, quando o ar está muito úmido por exemplo, não se pode obter nenhum movimento das mesas, que vos dizem claramente no dia seguinte o que lhe faltava na véspera.

"A inteligência de uma mesa acionada é o resumo ou, se preferirdes, o reflexo da inteligência das pessoas que a acionam; pode-se o mesmo dizer de um salão onde haja atenção e harmonia de sentimentos e de crenças. Outras vezes, é apenas a repercussão das idéias de uma só pessoa mais influente por sua vontade que pode até paralisar ou ativar a mesa à distância e lhe impor qualquer ordem de idéias que lhe agradar.

"Não é preciso, de modo algum, que as idéias estejam claras no cérebro das pessoas: a mesa as descobre e as formula ela própria, em prosa ou em verso, e sempre em termos próprios; freqüentemente pede tempo para encher certas rimas forçadas; começa um verso, risca-o, corrige-o ou o inverte à nossa maneira; ela joga, brinca e ri conosco, como faria um interlocutor bem educado. Se os personagens são simpáticos e afáveis uns com

os outros ela se coloca no tom geral da conversa, é o espírito da família; mas se lhe pedem um epigrama de uma pessoa ausente, ela se apodera da peça. Quanto às coisas do mundo exterior, faz conjecturas como nós; compõe seus pequenos sistemas filosóficos, discute-os e os sustenta como um mestre dos mais retóricos. Em uma palavra, ela faz uma consciência e uma razão dela, com os materiais que encontra em nós.

"Tudo isso vos parecerá bastante bizarro, bastante incrível; mas, depois de verificar, chegareis lá como nós.

"Os americanos estão persuadidos de que são os mortos que voltam; outros, de que são espíritos; outros, anjos; outros, demônios; e acontece precisamente, a cada grupo, o reflexo de sua crença, de sua convicção preconcebida: igualmente os iniciados dos templos de Sérapis, de Delfos, de Branchides, e outros estabelecimentos teúrgicos-médicos desse gênero, estavam convencidos de antemão de que iriam entrar em comunicação com os deuses adorados em cada santuário, o que não deixava de ocorrer.

"A nós, que sabemos o valor do fenômeno, nada acontece que não possamos explicar, sem dificuldade, conforme nossos princípios; estamos perfeitamente seguros de que depois de termos carregado uma mesa com nosso influxo magnético, criamos uma inteligência análoga à nossa, que se serve como nós de seu livre arbítrio, e pode conversar conosco, discutir conosco, com um grau de lucidez superior, visto que a resultante é mais forte do que o indivíduo, ou o todo maior que a parte.

"A melhor condição é ter como colaboradores apenas crianças, quase sem influência mental; é, *grosso modo*, como se estivéssemos sós em presença de nossa consciência e em conversa íntima conosco mesmos, só que o argumentador efêmero formula o que era apenas o estado de caos ou de nebulosa em nossa consciência.

"Não há uma resposta dos antigos oráculos que não encontre sua explicação natural segundo a teoria da qual temos a chave. Não mais acusamos Heródoto de ter dito disparates em suas mais estranhas narrações, que temos também por verdadeiras e sinceras, como todos os fatos históricos consignados nas narrações de todos os escritores do paganismo.

"O cristianismo, que se havia esforçado para livrar o mundo dessas crenças supersticiosas das quais havia reconhecido a inutilidade e os perigos sem descobrir as causas, teve que travar os maiores combates para destruir os oráculos e o sibilismo; teve que empregar mais do que a persu-

asão, e o estabelecimento da inquisição não teve outra finalidade; lede *Ammien Marcellin* e as violências dos primeiros imperadores cristãos contra os consultantes das mesas, e os sermões de Tertuliano contra aqueles que interrogavam *Capellas et Mensas* (Cabras e Mesas).

"O Cristianismo precisou de nada menos do que dezessete séculos e meio para julgar os feiticeiros a ferro e fogo; os últimos sobreviventes foram Urbano Grandier e Cagliostro; mas, sendo o fenômeno natural, renasceria tanto sob a forma dos tremores de São Médard, como sob as alucinações de São Paris, das quais Talleyrand constatou a realidade na sua juventude, crucificando uma sibila com o abade de Lavauguillon, sem lhe fazer mal. Mesmer ressuscitou o fato.

"Esse fenômeno é tão antigo quanto o homem, visto que lhe é inerente. Os sacerdotes da Índia e da China praticaram-no antes dos egípcios e dos gregos. Os selvagens e os esquimós o conheciam; é o *fenômeno da Fé*, origem de todos os prodígios; quando a fé enfraquece, os milagres desaparecem. Aquele que disse "com a fé transportam-se montanhas" não se espantaria com o fato de se erguer uma mesa. Com a fé, o magnetismo trata um reumatismo, e os pastores do campo obtinham do pé de suas cabras, como obtemos do pé de nossas mesas, respostas análogas às crenças íntimas dos interrogadores, igualmente atônitos por ver formulados seus pensamentos, seus instintos e seus sentimentos, como o selvagem se espanta ao ver refletir sua imagem num espelho. Os mais mal dotados são aqueles que acreditam conversar com o demônio, o qual repercute seus sonhos e algumas vezes o estado de suas consciências.

O homem, ao se observar no espelho da mesa,

Ali se vê às vezes tão disforme, que é tomado pelo diabo.

"Quanto mais houver crentes reunidos por uma fé qualquer em torno de uma mesa, mais a pilha ficará carregada, mais os resultados serão poderosos e maravilhosos.

"Os primeiros cristãos reunidos em torno da santa mesa para comungar com Deus viam Deus, como aqueles que têm fé na magia e na feitiçaria vêem encantamentos e feitiçaria em tudo. Os hóspedes do festim de Baltazar viram nas muralhas a ameaça nascida em sua consciência contra o autor de semelhantes orgias, e nada mais. Aqueles que crêem nas aparições, em nódoas fosforescentes, em barulhos estranhos, são também servidos segundo suas idéias; porque é dado a cada um segundo sua fé. Aquele que

pronunciou essas profundas palavras era realmente o Verbo encarnado; não se enganava e não queria enganar os outros; dizia a verdade, que apenas repetimos aqui já sem esperar que a aceitem.

"O homem é um microcosmo ou um pequeno mundo; tem em si um fragmento do grande Todo em estado caótico. A tarefa de nossos *semidei* é de deslindar a parte que lhe cabe num trabalho mental e material incessante. Eles têm que cumprir sua corvéia pela invenção perpétua de novos produtos, de novas moralidades e a ordenação dos materiais brutos e informes concedidos pelo Criador, que os cria à sua imagem para criar por sua vez e completar a obra da criação, obra imensa que só findará quando o todo estiver tão perfeito, que ele se terá tornado semelhante a Deus e capaz de sobreviver a si mesmo. Estamos bem longe desse momento final, porque se pode dizer que tudo está ainda por fazer, refazer e aperfeiçoar aqui. instituições, máquinas e produtos.

Mens non solum agitat sed creat molem.

"Vivemos na vida, esse meio ambiente intelectual que conserva nos homens e nas coisas uma solidariedade necessária e perpétua; cada cérebro é um gânglio, uma estação do telégrafo nevrálgico universal em relação constante com a estação central e com todas as outras, pelas vibrações do pensamento.

"O sol espiritual ilumina as almas como o sol material ilumina os corpos, porque o universo é duplo e segue a lei dos pares. O estacionário ignorante interpreta mal as mensagens divinas e as toma freqüentemente de um modo falso e ridículo. Portanto, só a instrução e a verdadeira ciência poderia destruir as superstições e os disparates espalhados pelos ignaros tradutores localizados nas *estações do ensinamento* entre todos os povos da terra. Esses cegos intérpretes do Verbo têm sempre desejado impor a seus alunos a obrigação de jurar sem averiguação, *in verba magistri*.

"Não pediríamos mais, infelizmente! se traduzissem exatamente as vozes interiores que só enganam os espíritos falsos. É a nós, dizem eles, que cabe desvendar os oráculos, temos a missão exclusiva, *spiritus flat ubi vult*, e ele só sopra em nós, dizem eles.

"Ele sopra em toda parte, e os raios da luz espiritual iluminam todas as consciências; mas como há corujas que fogem da luz, há também corpos refringentes e muitos que estão despidos da faculdade reflexiva. É a maio-

ria; e quando todos os corpos e todos os espíritos refletirem igualmente esta dupla luz ver-se-á muito mais claro do que hoje."

Acreditamos, como o sábio Morin, que os fenômenos atuais nos colocam na senda das maiores e mais importantes descobertas. Esta fotografia mental das idéias correntes é algo imenso que nos revela a grande comunicação da vida. Uma alma única, com efeito, mantém a vida em toda a natureza, *mens agitat molem*.

Essa alma é ativa entre os seres inteligentes e passiva entre os outros. Ora, o que é ativo age sobre o que é passivo e lhe empresta mesmo sua força. O homem pode tomar do leão seu vigor, do macaco sua agilidade e sua destreza, pode também impor ao leão e ao macaco seu próprio pensamento e servir-se deles como de instrumentos: tudo isto é uma questão de magnetismo.

Crede que o grande pintor, por exemplo, encontra entre os comerciantes as cores das quais faz irradiar sua tela? Não, seu pensamento comanda o sol que lhe confia seus reflexos. Todo poder intelectual é uma magia, e a matéria colocada a serviço do espírito torna-se inteligente.

O dia, para manifestar-se, tem necessidade da luz, e, como diz A. Morin em alguns versos bastante felizes dos quais completamos o pensamento:

O tempo de abdicar chegou para Apolo:

Sabemos agora qual gênio invocar.

Sua força é:

TODO O MUNDO;

Ele se denomina:

NINGUÉM;

Aquele que não a possui é aquele que a dá,

Assim como no ímã o pólo negativo

É o constante agente do efeito positivo.

A natureza muda inspira a palavra,

A ignorância pública criou o símbolo,

E o homem de gênio é talvez, em duas palavras,

Aquele que tira para si o espírito de todos os tolos.

La Fontaine ia mais longe: tirava para si o gênio dos animais, ou antes, emprestava-lhes o seu, e os fazia falar bem melhor que os nossos *médiuns* faziam falar as mesas. O mundo pertence ao gênio. Ele diz à sua pedra: seja viva! e a pedra levanta-se e se anima, O escultor faz os deuses; depois

vem a fé, e os deuses falam, as estátuas movem os olhos, o mármore chora. Pura imaginação, direis: sim, geralmente, mas nem sempre; e a prova está em que as mesas movem-se e falam realmente. Não se sabe ainda de quais forças pode dispor a imantação humana; e quando os prodígios da fé tornarem-se conquistas da ciência, o homem, elevado acima de todas superstições, terá tomado seu lugar no universo; compreenderá que nasceu para comandar a natureza, e que é aqui o plenipotenciário de Deus,

A fotografia é, certamente, uma das mais belas e mais curiosas descobertas desse século: mas, naquele bom tempo de outrora, que lastimam tão sinceramente Veuillot e Mirville, não foi o inventor dessa bela coisa acusado de magia, e não foram as massas ignorantes persuadidas de que essas pinturas instantâneas e maravilhosas eram obra de espíritos malignos? O que teriam pensado então do estereoscópio, essa luneta dupla que dá relevo a um reflexo e muda um fantasma em estátua? Um viajante leva os Alpes em seu bolso; coloca-se a cúpula de São Pedro de Roma num estojo. Juntai o microscópio ao estereoscópio e vereis erguerem-se entre vossas mãos, em toda sua espantosa altura, as colossais Pirâmides, que podereis contemplar comodamente através do buraco de uma agulha! Então, nosso caro Mirville, será que vosso diabo não está nisso nem um pouco? Não, não é? Mas, quanto à fotografia mental das mesas falantes, é realmente outra coisa: sim, e outra coisa completamente análoga à primeira.

Da mesma forma que a fotografia solar reproduz com uma fidelidade desesperadora os sinais e as verrugas de um rosto, a fotografia astral reproduz o nada das frívolas comunicações, a temeridade das conjecturas e os erros dos pensamentos tolos. Conhecemos as pretensas revelações de Victor Hennequin; o médium Rose afirma-nos que Escousse e Lebras foram Romeu e Julieta, e encontra em *Saturno* o infortunado Lesurques, que se tornou jardineiro. Isso nos lembra uma cantiga ininteligível de Vadé:

A rainha Cleópatra

Assava em seu lar

Castanhas

Que Caron

Jogava às galinhas.

Enquanto Zorobabel,

Fazia cozinhar, em Israel,

Mariscos.

É o sonho em toda a sua incoerência. Depois ele evoca Mme. Lafarge, e a faz confessar que ela fora culpada: ultraje ímpio ao túmulo de uma infeliz, cuja memória, protegida por uma dúvida ante a opinião pública, toca na honra de uma família honrada da qual alguns membros ainda vivem e crêem na inocência de Maria. Um outro médium, outrora sábio, depois girador de mesas e alucinado, acredita receber os beijos de uma mulher que amou; logo depois sua amante do outro mundo fica enciumada, outros lábios póstumos tocam a boca murcha e sem vigor do velho Girard. E a nova Diana desse grotesco Endimião (ousamos apenas repeti-lo, porque não nos atrevemos a escrevê-lo), é a própria mãe de Deus. Ao lado dessas atrocidades, vemos sair do lápis dos *médiuns* páginas que podem não estar ainda escritas em nenhuma parte, mas que reconhecemos já ter lido em todo lugar, tanto esses palavrórios são conhecidos e se parecem. Algumas vezes o pretense Espírito copia ingenuamente um autor que acredita, sem dúvida, ser pouco conhecido. Aquele que escreve esse livro ficou espantado, certo dia, ao reler, sob a assinatura de Platão, em um número de *Verité*, jornal espírita de Lyon, uma página de sua introdução à *História da Magia*. O lápis faz canções rasas, que assina Beranger, e atribui *capucina-des* a Lacenaire: é uma confusão de asneiras pretensiosas e reminiscências truncadas; é uma lanterna mágica sem luz, é o sabat dos mais pobres diabos que se possam imaginar; é o caos das extravagâncias. Em seguida, ao lado disso, pareceres cheios de mistério, hipóteses ousadas e fragmentos de verdadeira ciência, cosidos com os velhos cordões de Tabarin ou de Jocrisse. Apolônio de Tiana escreve passagens saint-simonianas e as assina "Santo Agostinho"; Santo Agostinho clama contra a Igreja Católica, São Luis fala como Jean Journet, São Vicente de Paula faz frases, e o grande Santo Eloi já nem mesmo possui o bom espírito de querer colocar no lugar as ceroulas do rei Dagoberto. É o ruído anárquico dos loucos, é o equívoco das balbúrdias, é a confusão das massas fotografadas enquanto se movem; é o espírito impessoal e múltiplo que afoga estupidamente os animais nos quais se refugia, o espírito que afasta de tudo a doce influência do Verbo de verdade, e que se denomina legião.

CAPÍTULO 2

A última palavra sobre o espiritismo.

Alguma coisa de estranho e inaudito está acontecendo no mundo, neste momento. O Cristianismo, colocando todas as nossas esperanças na morte,

havia feito os homens se desgostarem da vida: e eis que uma crença nova parece querer nos ligar à vida aniquilando a morte. Para a seita espírita, com efeito, a morte não existe mais. A vida presente e a vida futura, separadas apenas por uma barreira insignificante que os espíritos podem atravessar, são agora apenas uma única e mesma vida. Estamos cercados daqueles que amamos, eles nos vêem, tocam-nos, fazem-nos sinal, escrevem-nos, caminham conosco e carregam metade de nossos fardos. Algumas vezes, suas mãos tornam-se visíveis e palpáveis para se unirem às nossas. O milagre se vulgariza e podemos reproduzi-lo à vontade. Quanto mais lágrimas correm sobre as tumbas, mais luto, mais coroas funerárias em memória daqueles que não estão mais, porque, em verdade, longe de ter deixado de ser, aqueles estão mais vivos que nós. O berço da criancinha eleva-se sozinho balançando-se e diz à pobre desolada que seu pobre anjo ficou sempre perto de seu coração. A antiga barreira desabada que separava outrora, para sempre, as duas existências do homem é como a divisão que separava as moradas de Píramo e Tisbe: deixa passar as palavras, não detém nem mesmo os beijos. Que sonho divino, que doce loucura! Também é aos milhares que é preciso contar os adeptos da nova ciência. Não seria muito cruel enganar-se se todavia eles se enganam, porque se apóiam em raciocínios aos quais nada se pode responder e caminham cercados de prodígios. Sua moral aparentemente é pura e sua doutrina só contradiz o dogma católico por opor humildes esperanças a tão excessivos rigores. Tudo isso é tão precioso, tão surpreendente, tão belo, que facilmente nos deixamos invadir por uma credulidade lisonjeira, e não refletimos o suficiente para ver que a pretensa nova religião aniquila o culto e a hierarquia, torna o sacerdote inútil, destrói o templo em proveito da tumba, substitui os sacramentos dos vivos pelo contato duvidoso e problemático dos mortos. Nessas evocações multiplicadas, a razão se cansa, a fé se materializa, os poderes austeros da teologia transformam-se em pequenezas romanescas e sentimentais, fala-se de um Cristo quase tão ridículo quanto o de Renan e de uma Virgem Maria que vem todas as noites beijar a boca do velho Girard de Caudemberg. Por outro lado, esse mau Mirville, que não nos perdoa por lhe termos chamado de bom, emboca a trompa infernal e proclama o reino de Satã. Seu sacristão, M. Gougenot Desmousseaux, apresenta-lhe o hissopo para exorcizar o príncipe das trevas. As injúrias caem ao invés da água benta. Os *prud'hommes* volterianos

negar estupidamente os fatos por não se preocuparem com as causas. O respeitável Velpeau explica por um leve estalido dos músculos da barriga da perna pancadas que quebram as mesas e parecem demolir muralhas. Para muitas pessoas, o americano Home é apenas um hábil malabarista; são em maior número ainda as que riem, dão de ombros e não querem nem mesmo ouvir falar disso, e no meio desse caos a verdadeira ciência, grave, silenciosa e triste, estuda, observa e espera.

Ela não saberia todavia guardar um silêncio eterno, pois senão ela seria a morte. É chegado o tempo em que é preciso, obrigatoriamente, que ela fale para tomar a defesa dessa eterna razão que é a base de toda justiça. É necessário que ela fale para anunciar ao mundo a maior e a mais necessária de suas revoluções, aquela que deve derrubar o despotismo da loucura para fundar o império da sabedoria, aquela que deve reconciliar para sempre a inteligência com a fé.

A adesão firme do espírito às hipóteses necessárias e razoáveis é a fé; pode-se também dizer que essa fé é a razão.

A adesão obstinada do espírito às hipóteses impossíveis e irracionais é a superstição, o fanatismo, a loucura.

O Deus dos sábios é a razão viva e universal; o Deus dos fanáticos e dos supersticiosos é a loucura absoluta.

Mas a loucura absoluta é a mentira absoluta, é o mal, é o diabo: os supersticiosos adoram o diabo.

A religião dos supersticiosos pode pois ser rejeitada sem exame.

Quando se diz que o verdadeiro cristão deve sacrificar a razão à fé, não se fala de uma maneira exata. Sacrificar a razão à fé é submeter, em matéria de religião, seu próprio julgamento à autoridade universal, o que é mais sábio e mais racional. São Paulo não pede uma obediência racional? Todo mundo sabe disso, mas ninguém quer compreender, e em todos os tempos os homens de má fé, para terem o pretexto de lutar entre eles, cultivam o mal-entendido.

A fé sem razão é a loucura. Um certo pensionista de Bicêtre crê firme e obstinadamente que é o rei da França. Por que ele é louco por acreditar nisso? Porque não tem razão em acreditar, ou porque acredita sem razão.

Vintras crê firmemente que é o profeta Elias e que o arcanjo São Miguel, disfarçado em velho mendigo, conversa familiarmente com ele. Seus discípulos sustentam que ele tem razão em acreditar nisso; e se valem de

provas de pretensas profecias e de pretensos milagres. Ora, reconhecemos que as profecias são divagações e declamações confusas, e os milagres, fenômenos fastidiosos e de natureza a ridicularizar as coisas santas. Aqui a razão pública corrige a razão privada e julgamos que Vintras e seus discípulos são, não direi sectários que é preciso combater, mas doentes que é preciso curar.

A fé é a confiança da alma humana em uma razão maior que sua própria razão. A fé eleva pois a razão do homem, ao invés de diminuí-la; o abismo do céu começa para nós onde termina a altura das montanhas, a fé começa necessariamente onde a ciência acaba. Não posso acreditar no contrário do que sei, e não posso saber o contrário do que acredito sem renunciar imediatamente seja à minha ciência, seja à minha fé. O objetivo da fé é pois, necessariamente, a hipótese; mas o objetivo da fé racional é a hipótese necessária.

Não nos digam que a fé é uma graça e não uma dedução filosófica: o bom senso também é uma graça, e uma graça infelizmente muito mais rara do que a fé. Nossas paixões funestas corrompem nosso julgamento. Um mau não é nunca razoável, e o céu só concede a verdadeira razão aos homens de boa vontade.

Crede, e sereis inteligentes, dizia o Cristo aos pobres de espírito e aos humildes, chamando-os à salvação pela fé. Sejai verdadeiramente inteligente, e ireis crer, podemos dizer agora aos sábios e pensadores. Isto significa: crede sabiamente, ao invés de crer insensatamente, porque, por bem ou por mal, é necessário sempre que o homem creia. Providência ou fatalidade, existe uma causa primeira. Ordem ou caos, existe alguma coisa no infinito. Mas a ordem em uma só parte do universo é a negação do caos. A vida essencialmente diretriz e dirigida em todos os seus fenômenos é a negação da fatalidade. O verdadeiro *credo quia absurdum* é aquele do homem que nega. Em face do ser, com efeito, é preciso ser louco para chegar a afirmar o nada.

O ser, sendo infinito, pode ser conhecido em suas manifestações finitas. O conhecido conduz, pela hipótese - seja necessária, seja somente racional -, à divinização do desconhecido relativo; mas além de toda hipótese possível, resta sempre o desconhecido infinito, do qual não se pode pensar nada e nem dizer nada. É nesse desconhecido insondável, indeterminado,

indizível, que os antigos cabalistas adoravam Deus sem jamais procurar compreendê-lo.

Onde a ciência termina, a fé começa, e a fé coloca suas revelações hipotéticas nas aspirações do coração sempre mais insaciável e mais corajoso que o espírito. Ora, o coração humano pode se apoiar numa força ou se deixar perder por uma fraqueza. - A força é o sentimento heróico do sacrifício. - A fraqueza é o sonho debilitante do egoísmo satisfeito.

Para suprir a insuficiência da ciência, pode-se apelar ou à exaltação dos sentimentos generosos, ou à superexcitação dos instintos fracos.

A exaltação dos sentimentos generosos leva à fé no sacrifício e, por conseguinte, no trabalho regular, na obediência, na hierarquia, na abnegação do próprio sentido, para se submeter ao sentido comum. A Igreja então se eleva, a sociedade é uma milícia, com sua hierarquia e sua disciplina obrigatória para todos. A mais poderosa inteligência manifesta-se então pela maior docilidade. Nada há de mais perspicaz, com efeito, do que a obediência cega, nada de mais digno da liberdade do que o sacrifício da própria liberdade. Um soldado que já não pode obedecer já não pode viver, e quando seu general lhe ordena algo que conscientemente não poderia fazer, ele não deserta, morre.

O sentimento exaltado, mas justo, que crê na obediência à bandeira, chama-se honra. O sentimento exaltado, mas justo, que crê na obediência à Igreja, chama-se fé.

O sonho egoísta oposta à fé é a heresia. É o soldado que quer vencer se isolando, é o crente excêntrico que quer guardar só para si as vantagens da sociedade. É o homem que se quer comunicar com Deus sem intermediário e quer uma revelação só para si. Como se o Deus da humanidade pudesse ser excomungado, como se a base da religião não fosse o espírito de caridade, e como se o espírito de caridade não estivesse em outro lugar que não a associação dos sacrifícios e o concurso hierárquico à criação e à conservação social e eclesiástica da fé!

Esta razão elevada a que chamamos Igreja absorve e deixa absorver todos os raciocínios individuais. O Cristo, ao revelar-se ao mundo, fez calar os oráculos, porque os oráculos não são a razão. Que importa, com efeito, um fenômeno que a ciência ainda não explica, e que pode ele contra uma razão? Se eu visse um absurdo ser escrito em letras de fogo no céu, admiraria o fenômeno, mas não seria suficientemente louco para admitir o ab-

surdo. Agora que a voz do Cristo não é mais ouvida, ressuscitam-se os oráculos. As mesas falam, as canetas escrevem por si mesmas, as pedras gritam, e o que gritam? que dizem as mesas? o que escrevem os lápis dos médiuns? Tudo isso repete em todos os tons e em todas as línguas que os homens estão loucos quando têm por base a sabedoria de Deus, que está no espírito de caridade.

Lutero, certo dia, recebeu a visita de um espírito; era branco ou era preto? E o que o reformador não poderia dizer; no entanto ele tende a pensar que o espírito era o diabo. E eis o diabo que argumenta contra o monge, e eis o monge convencido pelos argumentos do diabo, e foi assim que a reforma chegou ao mundo. Espíritos e giradores de mesa, eis toda a vossa história. Uma voz vos fala, não sabeis qual voz. Mais de uma vez vossas pretensas revelações pululam de contradições e de mentiras. Mas eis-vos livres da hierarquia, sois mais astutos que vosso cura e que o papa.

O outro mundo revela-se a vós diretamente ou por intermédio de seres inferiores a vós, de seres ignorantes e doentes, de pobres alienados que dormem ou não sabem o que escrevem, e eis-vos como Israel fortes contra Deus. Arranjais à vossa maneira o dogma eterno. Negais isso, admitis aquilo, fazeis paraísos de fantasia e de infernos suportáveis; com isso podeis vender a moral, isso sempre faz bom efeito e sabe-se, como vós, que isso não obriga a nada.

Porque: a consequência de uma proposição absurda não poderia ser examinada, porque não existe.

Dizeis: Deus desaprova a razão e encoraja a loucura.

É como se dissésseis: o diabo desaprova a loucura e encoraja a razão; ora, o pecado é a loucura, e a virtude é a razão.

Virtude louca e pecado sábio são termos que não combinam.

Como pois não vedes que tomais Deus pelo diabo e o diabo por Deus?

E Deus seria o demônio da loucura! Entrai em vós mesmos e refleti.

Assim, depois dos raios dos profetas, depois da auréola dos apóstolos, depois dos esplendores dos padres, depois da paciência laboriosa mas razão incompleta dos escolásticos, depois dos corajosos desesperos da reforma e da filosofia, Deus, como último recurso, envia mesas falantes para soletrar em cambalhotas a palavra pouco decente de Cambronne, tempero obrigatório de uma doutrina idiota, estímulo a práticas a que se poderia chamar o onanismo do pensamento. E é Deus, não, é vosso Deus que está

reduzido a semelhantes expedientes! E passais diante de Bicêtre sem erguer o chapéu e sem cantarolar o refrão de Béranger:

Salve minha pátria!

A fé em Deus é a firme adesão do espírito às hipóteses necessárias da inteligência. São Paulo as formula nestes termos:

*Accedentem ad Deum oportet credere,
quia est et inquirentibus se remunerator sit.*

Que Deus é, e que recompensa aqueles que o procuram.

A fé em Jesus Cristo e em sua Igreja é a firme adesão da alma às hipóteses necessárias do coração. Se Deus é, ele é bom; se ele é bom, ele nos ama; se nos ama, deve remediar eficazmente nossos males. Ele deve vir a nós que não podemos ir a ele. A encarnação, a redenção, os sacramentos, o dogma imutável, a hierarquia infalível, tornam-se então necessárias, e tudo isso se prova ainda pela existência real e sempre presente na Igreja de um poder evidentemente divino que transforma os ignorantes em sábios, os fracos em heróis, as mulheres mais simples e até as crianças pobres, em verdadeiros anjos da terra.

Esse poder, desgraça a quem o desconhece, vergonha a quem lhe resiste e o nega:

É o espírito de caridade!

A fé da inteligência que afirma só Deus é a fé de Moisés.

A fé do coração que afirma a Igreja é a fé de Jesus Cristo.

A fé de Moisés, é Deus inacessível ao homem.

A fé de Jesus Cristo é Deus presente na humanidade.

Inacessível ao pensamento, mas sempre presente ao amor, eis, com efeito, Deus por inteiro.

O mosaísmo e o cristianismo são inseparáveis como o espírito e o coração, como a inteligência e o amor.

A Igreja é a humanidade cristã, consequência necessária e complemento forçado do judaísmo mosaico.

Ao lado dessa fé razoável, sempre tentou elevar-se a fé louca e imaginária, anárquica como a loucura, caprichosa como os sonhos. É a fé dos visionários que tomam por revelações divinas os fantasmas de sua imaginação;

Dos que pedem sabedoria ao êxtase, à embriaguez, ao sono, à catalepsia, a todos os estados, enfim, que suprimem o livre arbítrio do homem e o tornam mais ou menos alienado.

E eles não vêem que a alienação é a decadência do homem.

E não compreendem que o espírito de vertigem é o espírito da mentira e do mal.

E não sentem que ao abandonarem-se aos desfalecimentos automáticos do sonambulismo ou do hipnotismo, às impulsões fatais e duvidosas do espírito das mesas giratórias, abandonam ao desconhecido tenebroso a direção de seu pensamento, e tornam-se, o que é horrível e completamente contra a natureza, alienados voluntários.

Tornam-se, então, os profetas do turbilhão, os videntes da vertigem, os oráculos do grande caos, os intérpretes da fatalidade.

Eles se olham num espelho despedaçado e crêem perceber a multidão dos espíritos celestes que já serviam de alimento a seu espírito, e seus sonhos de doutrina assemelham-se aos pesadelos de uma digestão difícil.

Em que diferem essencialmente nossos hipnotizados modernos dos antigos gnósticos da Índia, que, com os olhos fixos nos seus umbigos, esperavam a aparição da luz incriada?

Muito tempo antes de nós, os brâmanes magnetizavam as mesas e as suspendiam da terra colocando nelas somente as mãos. A pitonisa de Endor era o que chamaríamos hoje de um poderoso médium e ela evocava os mortos; ora, a evocação dos mortos, estou cansado de vos dizer, é a necromancia, a mais negra das ciências do abismo, a mais maldita das operações sacrílegas. A necromancia substituindo o cristianismo, a luz dos mortos substituindo a palavra do Deus vivo, o fluído espectral descendo sobre nós ao invés da graça, a comunicação eucarística esquecida por não sei quais banquetes, onde a alma se asfixia aspirando o fósforo dos cadáveres; eis, pobres insensatos, o que tomais por uma renovação religiosa; eis vossa fé e vosso culto, eis enfim o Deus negro que adorais!

Mirville não está completamente errado ao atribuir ao diabo as divagações espíritas.

Mas, se Deus envia o diabo em missão, o diabo é forçado então a obedecer a Deus? O diabo é, então, o servidor de Deus? O diabo é o missionário de Deus?

Então é Deus que responde pelo diabo.

Então tudo o que atribuíis ao diabo é Deus que faz.

O diabo já não tem livre arbítrio, e faz contra a vontade tudo o que Deus o faz fazer.

Então o diabo mentiroso é Deus mentiroso;

O diabo algoz é Deus algoz; o diabo grotesco é Deus grotesco.

Blasfemadores que sois! e não estremeceis!

Não é à imaginação doente do homem, não é à sua loucura nem a seus sonhos, é à sua inteligência e à sua razão que Deus se revela.

Se um padre da Igreja escreve o famoso *Credo quia absurdum*, é porque queria indicar por esse paradoxo o domínio real da fé que começa nos limites extremos da ciência. Ora, nesses limites extremos a ciência cai no absurdo se quer ir adiante; a alma racional, então, só pode encontrar um refúgio na fé. É pois, de certa forma, o absurdo que torna a fé necessária: *Credo quia absurdum*, creio porque seria absurdo raciocinar sobre o que posso saber, creio sobretudo porque seria ainda mais absurdo não crer.

A alma adere invencivelmente a suas hipóteses quando elas são rigorosamente necessárias, pode amá-las e ligar-se a elas quando são racionais; mas as almas insensatas apaixonam-se facilmente pelas hipóteses ridículas e impossíveis. Creio na vida eterna, eis a hipótese necessária; a vida eterna não permite que nossas almas se apaguem quando morremos, eis a hipótese racional. Mas no que se transformam essas almas desprendidas de nossos corpos? Vós me respondeis que elas ficam na nossa espessa atmosfera todas arrepiadas e nuas, ou ainda que se ocultam nos madeiramentos que elas fazem estalar, nas mesas que elas fazem girar, nos lápis que parecem traçar sozinhos lugares-comuns de moral vulgar, dignos quando muito do gênio de Mme. Prudhomme, e das divagações e injúrias: eis a hipótese ridícula e, por conseguinte, impossível.

Produz-se um fato inexplicável para vós. Vossa imaginação prevenida explica-o à sua maneira. Fizestes ato de fé? Não, fizestes ato de temeridade, ou, se quiserdes mesmo, de puerilidade. Uma voz sai do muro e nos fala: não sabemos de onde vem. É São Miguel, diz o pobre Vintras; é o diabo! exclama o mau Mirville, que se indigna por ser chamado de bom, e ambos escrevem livros volumosos. Mas, afinal, o que dizia essa voz? Pobrezas, então não é São Miguel; vulgaridades, então não é o diabo. Mas, afinal, alguém falou, porque ouvimos a voz e sabemos que as paredes não falam. Muito bem, mas o que concluímos? Simplesmente isso: que não foi

a parede que falou; mas então o que foi? Eu vos diria se soubesse: mas se vos digo não o sabendo, sou um mentiroso ou um imbecil.

Ó, simples bom senso, como és raro! Mas aqui alguém me interromperá. Moisés, dir-me-ão, ouviu uma voz no Sinai; como pôde ele saber se era a voz de Deus, do diabo, ou de um sonho? Era talvez a alma física da terra; era talvez o gênio irritado do Egito que queria, enganando os hebreus, vingar os desastres do Mar Vermelho. Moisés acreditou que era Deus. Mas que razão infalível tinha para acreditar nisso? Por que, ao afirmar que era Deus, não estava sendo nem mentiroso nem imbecil? Por quê? Eu vos direi: é que as leis do Sinai são a expressão da mais alta e pura razão; é que o Decálogo era gravado na consciência dos homens antes de ser esculpido na pedra pelos dedos de Deus, que, como se sabe, não tinha dedos; é que os relâmpagos e os trovões dos quais rugia e se desgrenhava a montanha eram, nesta primeira cena do grande drama da revelação positiva, apenas decorações e acessórios. Eu vos pergunto que diferença pode fazer, na proclamação do dogma da unidade de Deus, uma trombeta a mais ou a menos?

Quando Jesus, pelo heroísmo divino de sua morte, prova ao mundo a imortalidade da alma, quando, vitorioso da agonia, solta um grito de triunfo, e depois inclina a cabeça docemente e morre, o que me importa que as pedras se partam e que os túmulos se abram? Deixai-me ignorar esses prodígios; não disponho de toda a minha alma para admirar o último suspiro do justo. Tirai-me esses fantasmas, não tenho tempo de vê-los; meu pensamento está inteiramente absorvido numa sublime realidade!

Não procuro mais, como certos escritores modernos, explicar ridiculamente os milagres do Evangelho, não me esforço para supor, por exemplo, que Lázaro, doente, foi amortalhado vivo e abandonado durante quatro dias no túmulo por suas irmãs, para atrair para essa armadilha estranha a vaidade cúmplice ou ingênua de algum taumaturgo duvidoso. História ou lenda, a narração evangélica impõe-me a veneração, lembro-me do magnífico quadro do profeta Ezequiel, em pé no meio das ossaturas. Pensas tu, ó profeta, que esses restos poderiam reviver? E eis no entanto que à palavra do homem obedecendo a Deus, a vida estremece e se move em todo esse campo de morte. O espírito do Verbo soprou, e a humanidade renascerá. O mesmo acontecerá a Lázaro. Lázaro, o grande leproso humano, o doente da terra, morreu depois de quatro dias, isto é, após quatro mil anos, por-

que, diante de Deus, diz aliás a Escritura, mil anos são como um dia. Já está em putrefação, esse gênero humano que o imperador de Capri governa. Salvador do mundo, chegaste muito tarde. Se estivesse estado lá, Lázaro não estaria morto. Jesus não responde nada, mas chora, e dizemos: Vede como ele o amava!

Depois ele faz remover a pedra, chama o morto à vida, e o morto levanta-se, ainda preso em seu sudário. Eis as origens do cristianismo. Desatai-o, diz o Salvador, e deixai-o ir em liberdade; eis aí o cumprimento e o fim. Esta não é a história de um homem, é a lenda profética do mundo, é o complemento e a explicação da visão de Ezequiel. Respira-se nessa narração o sopro divino em pleno peito. Chora-se com Jesus, estremece-se e levanta-se com Lázaro; estendem-se em direção ao céu as mãos ainda cativas. Lázaro são os escravos da América, são os oprimidos da Irlanda, são os mártires da Polônia. Dizei, oh! dizei, Senhor, que os libertem e que os deixem caminhar!

Preciso procurar outra coisa nessa página que me impressione tão vivamente? Sinto que ela é verdadeira, cedo à emoção que ela me inspira; mas é simplesmente uma parábola, é a narração de um acontecimento? Nada sei, e, por conseguinte, seria temerário afirmar a esse respeito alguma coisa contrária ao ensinamento da Igreja. Aqui a tradição dos primeiros padres da Igreja é como a minha concepção; eles compreenderam o símbolo como eu os compreendo e se reservam o direito de negar a história que serve de base a esse símbolo. Devo imitar sua sabedoria, mas a pobre crítica de Renan inspira-me uma profunda piedade.

A força do Evangelho não está nos milagres que se relatam nesse livro sagrado, mas na razão suprema, no *LOGOS*, que é a luz de todo homem vindo no mundo, como diz São João. "Não me pergunteis quem sou, dizia Jesus, *sou o princípio que fala*." Estando oposto às leis comuns da natureza, o milagre parece um erro; mas a verdade, sempre a mesma, faz empalidecer o brilho efêmero de todos os prodígios diante dos esplendores da ordem eterna!

Não se poderia encerrar a verdade numa tumba, e por conseguinte ela não poderia de lá sair. É a vida que irradia sobre a morte, e não é a morte que pode irradiar sobre a vida. O espírito dos grandes homens não tem necessidade de voltar para perto de nós do além-túmulo; ele fica sempre sobre a terra. Consultadores de oráculos fúnebres, vós vos assemelhais a

homens que passariam a existência a olhar o fundo de um poço para perceber o sol.

Sacrificar a vida presente a uma existência futura é o espírito do Cristianismo, definido por todos os ascetas. Encontrar nesse sacrifício a maior felicidade da vida presente é o gênio do cristianismo, não menos argutamente pressentido do que magnificamente sonhado pela alma de Chateaubriand: mas o coração do cristianismo, sua essência, sua lei fundamental, é a hierarquia diretamente oposta à anarquia. Pela hierarquia, com efeito, a sociedade se constitui e se eleva; pela anarquia, divide-se e se destrói. A hierarquia é a comunhão; a anarquia é a excomunhão voluntária. A hierarquia é o homem devotado à sociedade e protegido por ela; a anarquia é o homem proscrito pela sociedade e conspirando contra ela. A hierarquia, enfim, é o homem onipotente porque é múltiplo; a anarquia é o homem impotente porque está só.

"Se Deus falou, diz Rousseau, por que não ouvi nada?" É a tua consciência que é preciso perguntar, tu que queres caminhar só, e que te fazes de surdo quando a sociedade fala. Deus deveria ter uma redenção para a humanidade e uma outra redenção para Rousseau? Rousseau é mais, ou menos, que um homem? Se é mais, onde estão seus títulos? Se é menos, onde estão seus direitos?

Mas, direis vós, se a sociedade quer impor à minha fé absurdos que revoltam minha razão, posso abjurr minha razão para nela acreditar? Não, a sociedade não te comanda pela fé, mas te proíbe de perturbar a paz das crenças comuns pelas revoltas de teu espírito ou de teus sonhos; duvida, se é tua desgraça, mas cala-te, porque é teu dever.

As inspirações sociais. O homem de gênio é aquele que pensa melhor que ninguém o que todo mundo pensa ou gostaria de pensar. O pensador excêntrico, que não encontra a simpatia de ninguém, não é um homem de gênio; e, se ele se obstina, é um louco.

Nem Lutero e nem mesmo Savonarola poderão reformar a Igreja, enquanto ela queimar Savonarola e excomungar Lutero: separar-se de um doente não é curá-lo; e o Concílio de Trento nada tem a esperar e a receber dos fantasistas da Confissão de Augsburgo.

A mesma lei que obriga o fiel a caminhar com a Igreja, obriga a Igreja a caminhar com a humanidade, sob pena de não mais ser Igreja. É assim que

a Igreja judaica não foi mais do que a sinagoga, quando se deixou ultrapassar pelo progresso cristão.

Deus não muda; mas o ideal divino pode mudar, e ele muda necessariamente com o gênio das nações: "Quando o homem cresce, Deus eleva-se", disse o salmista; e quando Deus eleva-se, sua Igreja transfigura-se; mas está sempre se aproximando da razão suprema. Admitindo o que não admitimos, que o Cristianismo já cumpriu seu tempo, compreendo o deísmo de Voltaire, mas não compreendo a teurgia de Máximo de Éfeso e de Juliano.

O que prova, com efeito, uma visão, senão a existência de visionários? Vós me dizeis que Jesus Cristo está ultrapassado: - e por quem? grande Deus! Vós me mostrais Allan Kardec. Ora! decididamente estais gracejando.

Não admitimos, dizemos, que o cristianismo já cumpriu seu tempo e que seja uma árvore morta, porque não deu ainda seus frutos. O Evangelho não foi compreendido, a verdade não foi totalmente ensinada; crianças soletraram a letra, mas o espírito ficou no fundo do texto, como a esperança no fundo da caixa de Pandora. Acreditamos pois que não se trata de ensinar alguma coisa de novo, mas de explicar melhor o que foi ensinado. Esse melhor ensinamento, é somente da Igreja que o esperamos; e é por isso que depositamos a seus pés o resultado de nossas buscas e de nossos estudos, para que ela leia e julgue.

Aprovados ou não pela Igreja, nossos trabalhos serão úteis ao mundo; porque, se a Igreja pode proibir o crente excêntrico de dogmatizar, não pode impedir o sábio de ensinar. Ora, não é sobre a religião, mas sobre a ciência dos espíritos que chamamos hoje a atenção dos pensadores. Nosso objetivo, ao escrever esta obra, não é unicamente colocar um obstáculo à epidemia do espiritismo. Não somos, de antemão, adversários de ninguém: amamos os que procuram, porque muito tempo temos procurado, e é a eles sobretudo que queremos levar o conhecimento de nossas curiosas descobertas.

A grande hipótese necessária dos destinos futuros foi trabalhada e conduzida, de dedução em dedução, pelos sábios do velho mundo. A pneumática cabalística é verdadeiramente uma ciência, porque procede metódica e exatamente, indo do conhecimento ao desconhecido pelo caminho das analogias menos duvidosas, porque os fatos lhe revelam leis, e sobre essas

leis ela fixa solidamente a base de suas hipóteses sempre prudentes. É pois a pneumática cabalística que revelamos a nossos leitores. Juntamos a isso a análise do profundo tratado de Isaac de Loria sobre o progresso circular das almas (*De Revolutionibus animarum*); a do Sepher Druschim pelo mesmo doutor. Tiramos das trevas do ocultismo esses livros prodigiosos dos quais o mundo moderno não tem mais a chave, e acreditamos ter prestado serviços relevantes à ciência e à razão.

Através do auxílio dessas luzes poderosas explicamos os fenômenos estranhos que os semi-sábios julgam tão cômodo negar, e que no entanto os aniquilam por sua evidência. Sim, as estátuas estremecem, os mármorem choram, os pães sagrados se injetam de sangue; sim, uma mão pôde sair da muralha para aterrorizar com uma inscrição ameaçadora o banquete ímpio de Baltazar. Vimos, ouvimos e tocamos prodígios como esses; também não diremos que acreditamos nisso, visto que sabemos de ciência segura que isso acontece.

O milagre não é um fato contrário às leis da natureza, pois senão ele não poderia acontecer sem que a natureza sofresse uma reviravolta. Mas é um fato excepcional e fora dos hábitos da natureza, se nos podemos permitir falar desse modo. O milagre, em uma palavra, como tudo o que existe, não pode existir sem razão; ele não prova pois nada contra a razão, e é isso que nosso livro deve estabelecer claramente, assim como nossas outras obras.

Uma vez reconhecida essa verdade, a superstição torna-se impossível; o fanatismo se vai, a verdadeira religião empresta todo seu brilho à razão suprema e menospreza prodígios vãos. A fé não mais perturba as almas; ela as sustenta e as consola, enquanto a ciência as esclarece. A humanidade sai da infância; e rejeita sorrindo e faz mergulhar nas trevas os fantasmas e os vampiros. As forças secretas da natureza tornam-se as conquistas da inteligência; o simbolismo ilumina-se por ele mesmo, as alegorias falam, a história emerge das nuvens da fábula. É dessa forma, dizem nossos profetas, que um dia o Filho do Homem, abaixando as nuvens do céu, aparecerá em toda a glória e em toda a simplicidade de sua humanidade santa, e, abrindo o livro das consciências, julgará os vivos e os mortos.

O autor deste livro não teme confessar que ele próprio teve as mais assombrosas e as mais formidáveis visões: viu e tocou os demônios e os anjos como faziam seus adeptos vê-los e tocá-los Máximo de Êfeso e Schro-

epfer e Leipsick. Ele pôde comparar as alucinações da vigília com as ilusões dos sonhos, e de tudo isso concluiu que a razão dirigindo a fé e a fé sustentando a razão são as únicas luzes verdadeiras de nossas almas, que tudo o mais é apenas cansaço inútil do cérebro, aberração dos sentidos e delírios do pensamento. Ele não escreve pois somente o que supõe, ensina ousadamente o que sabe.

Também seu livro é intitulado *A Ciência dos Espíritos*, e não Conjeturas ou Ensaaios sobre os espíritos.

Foi depois de ter descido, de abismo em abismo e de terror em terror, até o fundo do sétimo círculo do abismo, e depois de ter atravessado em toda a sua extensão a sombra da cidade lastimosa, que Dante, voltando e tomando, por assim dizer, o diabo despropositadamente, volta vitorioso e consolado em direção à luz. Fizemos a mesma viagem, e nos apresentamos ao mundo com a segurança no rosto e a paz no coração. Acabamos de dizer aos homens que o inferno, que o demônio, que o abismo sem esperança, que as quimeras, as sátiras, as gulas, os pecados personificados, o dragão de três cabeças e todo o resto da fantasmagoria tenebrosa são apenas um pesadelo da loucura, mas que só Deus vivo, real, presente em tudo, preenche sem deixar vazios, preenche, repetindo, a imensidão sem limites dos esplendores e das consolações eternas da razão soberana.

O Leitor

Mas o senhor será perseguido.

O Autor

Já estou acostumado com isso.

O Leitor

Mirville dirá ainda que os livros do senhor são abomináveis.

O Autor

Sou muito educado para responder-lhe que os dele são lastimáveis.

O Leitor

Mais do que nunca organizarão contra o senhor a conspiração do silêncio.

O Autor

Tratar-me-ão então como Alexandre diante de quem a terra se calava: *siluit terra in conspectu ejus*.

O Leitor

Adeus, pois vejo que o senhor é incorrigível.

O Autor

Até breve, porque espero sempre que você queira corrigir-se.

O Leitor

Mas afinal o senhor afirma uma espécie de catolicidade universal que excluiria somente a Igreja romana.

O Autor

Disse positivamente o contrário: seria tão absurdo colocar Roma fora do universo como pretender fechar o universo em Roma.

O Leitor

Permita-me preferir as crenças de minha avó a todas as suas razões.

O Autor

Você tem liberdade de pensar como as avós, ou mesmo de não pensar nada. Mas o mundo sofre por estar sem religião, e eu gostaria, mesmo correndo riscos e perigos, de mostrar a conciliação possível entre a razão e a fé. Deixe-me esperar que algum dia eu tenha netos que pensarão como o avô.

O Leitor

Mas o senhor acha que Roma o aprovará?

O Autor

Aprovou ela Galileu? No entanto, a terra gira.

O Leitor

Agora ela já não o condena.

O Autor

Era uma questão de tempo. Você vê que tenho alguma razão em esperar.

O Leitor

O senhor rejeita o diabo e o inferno de Mirville; não são eles matérias de fé?

O Autor

O Credo de Mirville poderia ser este:

Creio no diabo, o destruidor onipotente, perturbador do céu e da terra, e no anticristo, seu filho único, nosso perseguidor, que será concebido do mau espírito, nascerá de uma virgem sacrílega, será glorificado, reinará e se sentará no altar de Deus, o pai onipotente, de onde insultará os vivos e os mortos. Creio no espírito do mal, na sinagoga satânica, na união dos maus, na persistência dos pecados, na perdição da carne e na morte eterna.

Quem ousará dizer assim seja? Quem não vê que o *Credo* negro é totalmente oposto àquele da Igreja, e que o crente que afirma um deve necessariamente negar o outro?

O Leitor

Entretanto o Evangelho e a Igreja não falam do diabo e do inferno?

O Autor

Sim, simbolicamente, e são esses símbolos que venho explicar pela ciência e pela razão.

O Leitor

Mas, afinal, a fé da Igreja...

O Autor

A Igreja jamais tomou o diabo por objeto de sua fé.

Diálogo entre o leitor e o autor

O Leitor

Assim, o que fica bem entendido, o senhor rejeita a autoridade da Igreja católica romana?

O Autor

Eu disse isso? Pelo contrário, eu a respeito, e creio que é preciso retornar a ela como ao princípio único de hierarquia e de unidade.

O Leitor

Seu ensinamento difere, no entanto, do ensinamento da Igreja. O senhor acha que sabe mais do que ela?

O Autor

Em matéria de ciência, sim. Porque a Igreja só é infalível em matéria de fé.

Suplemento

Poder da idéia católica

Unida ao espírito e não à letra dos livros santos, e como é preciso opô-la às fantasias dos inovadores modernos

As doutrinas espíritas cometem o erro imenso, depois daquele de ser o resultado da vertigem e do êxtase, de romper a cadeia de ouro da tradição, de suprimir o sacerdócio e a hierarquia, e de separar da moral sua sanção eterna. Para nós, que admiramos a Cabala e seus dogmas secretos tão plenos de consolação e de esperança, não cremos que uma Igreja nova possa fazer deles o objeto de um ensinamento novo. Eles pertencem essencialmente à filosofia oculta, e tornam-se condenáveis desde que divulgados.

Se detestamos de todo o coração a imundície farisaica que os séculos deixaram estender-se e se acumular sobre o ouro puro do santuário, não somos menos partidários devotados da autoridade e da hierarquia; e se nosso messianismo fosse apenas um ensaio de seita nova, se não fosse o próprio fundo da ciência judaica e do dogma cristão, se não o submetêssemos sem restrição ao julgamento da autoridade legítima em tudo o que concerne à compreensão e ao modo dos ensinamentos que ele contém, teríamos somente acrescentado um sonho àquele dos saint-simonianos e dos furieristas; não teríamos encontrado a verdadeira ciência e a eterna verdade.

Que este livro seja pois o que deve ser, uma compilação de pesquisas curiosas destinadas a esclarecer os espíritos suficientemente fortes para pensarem livremente e continuarem submissos. Que os espíritos vulgares o ignorem, que os homens preconceituosos o condenem, é o que desejamos. Os revolucionários do pensamento são como aqueles da política: avançam correndo riscos; deixam-nos perecer, negam-nos, e a reação que os mata emerge do fruto de seus trabalhos.

São os bodes expiatórios do progresso, são os párias da conquista; seus corpos servem de entulho para preencher o abismo que separa o passado do futuro; as soberanias legítimas voltam triunfantes pelo caminho que abriram, mas voltam transformadas. Os condenados trabalharam para os santos, e chega enfim um dia tardio em que nos aventuramos a supor que esses condenados, por tanto tempo desdenhados ou amaldiçoados, talvez fossem mártires.

Sem dúvida, não são essas minhas pretensões; mas se ousar tudo, é porque reconheço uma inabalável autoridade, e porque não creio que ela se perca, mesmo me condenando. A autoridade absoluta, com efeito, é necessária para deter as divagações do erro. Uma autoridade é uma razão coletiva; os sonhos nada representam diante dela, e uma razão particular não pode ter uma pretensão mais alta do que a de se fazer adotar.

Tínhamos pensado em continuar nossas ousadas revelações sobre o dogma oculto dos antigos, com uma ampla e completa apologia da catolicidade no sentido do conde Joseph de Maistre; mas esse trabalho não é feito para nós, e não nos julgamos nem suficientemente dignos, nem suficientemente autorizados, para empreendê-la. Ser-nos-á suficiente dar o seu plano e os seus principais pensamentos. Algum dia, outros o farão,

disso não duvidamos. A cada um sua obra: a nossa é a de um pioneiro e não de um construtor. Eis pois algumas pedras nossas e nossos esboços de arquitetura.

DA VERDADE CATÓLICA

Contra os céticos, os espíritas e os heréticos modernos

Plano e materiais

Prefácio

O único modo de unir para sempre a filosofia e a religião é reconhecer que elas são opostas uma à outra, mas opostas como os dois pólos que sustentam o eixo da terra.

Desde que uma religião é explicada, ela deixa de existir como religião e torna-se um sistema de filosofia. O *Credo quia absurdum* é eterno.

Primeira palavra da revelação

1. Deus é - lei natural; o ser é o ser.

Segunda palavra da revelação

2. Deus é espírito - lei de Moisés; o ser vivo é pensante.

Terceira palavra da revelação

3. Deus é *espírito de caridade* - lei do Salvador; o ser bom.

Existência do mal. - Existência relativa, mas real, o mal só existe como abuso do bem; é uma perversão voluntária do ser real como a liberdade do homem - irrevogável como ela.

O pecado mortal é a negação formal, prática e confirmada do espírito de caridade. Esta negação, tornada eterna pelo suicídio da liberdade, é o inferno.

O orgulho, ou o desejo injusto da dominação e da estima; a luxúria, ou o desejo injusto dos prazeres da carne; a cupidez, ou o desejo injusto dos bens desse mundo, são os três inimigos do homem. O espírito de caridade vence os três.

A moral não é uma convenção entre os homens; é uma lei fatal que vos dirige para a direita ou para a esquerda, segundo vossa opção, em todos os instantes de vossa vida.

O mal é uma força de inércia, o bem uma força de ação. - O exercício, ou antes, o hábito do mal, paralisa a alma; o exercício do bem, ao contrário, torna-a capaz de um bem cada vez mais sublime e mais elevado.

Para aquele que gosta de cumprir os deveres de um homem honesto, os deveres de um cristão são antes uma consolação que uma sobrecarga.

O pecado original tem por pena a morte e a exclusão do paraíso terrestre. Deus não ameaçou Adão das penas do inferno - não se pode então dizer que as crianças mortas sem batismo pertencem ao inferno. - Elas não poderiam entrar nesse estado no reino dos céus, eis o que pertence à fé segundo a Escritura. Seu destino é o segredo da misericórdia de Deus; mas, se é permitido disso pensar em alguma coisa, é *no espírito de caridade*.

O espírito de caridade ordena a doçura para consigo mesmo, e é preciso ter, mesmo na penitência, um espírito pacífico e benevolente oposto aos temores exagerados, aos escrúpulos, às macerações imprudentes. Nada há de mais sábio, mais harmonioso, mais moderado, mais amável que o espírito de caridade.

Charitas patiens est, benigna est, non inflatur, non oemulatur, non agit perperam, non quœrit quœ sua sunt, non cogitat malum, non gaudet super iniquitatem, congaudet autem veritati.

Esse espírito existe na Igreja católica? - Sim, sem dúvida alguma; e os escândalos contrários só podem fazer sobressair esta verdade. - O espírito de caridade é de tal modo a base das instituições católicas, que sem esse espírito elas não subsistiriam um dia.

Observam-se e registram-se as coisas pouco caritativas da Igreja. É uma profissão de fé no espírito de caridade que lhe deve ser essencial, e sem o qual não a conhecemos.

Para salvar o mundo, é necessário despertar o espírito de caridade; é preciso espalhar esse espírito, é preciso torná-lo universal. Para isso, não são necessários nem os livros nem os discursos, mas esforços de caridade, sacrifícios heróicos, boas obras e preces incessantes.

Alguns pensamentos do Conde de Maistre

Seria, parece-me, uma bela idéia fazer sentar Baco e Minerva à mesma mesa, para impedir um de ser libertino, e outro de ser pedante. (*Soirées de Saint-Pétersbourg*, p.10)

Se algumas vezes a superstição *acredita crer* como a acusam, com maior freqüência o orgulho crê não crer. (p.14)

Com efeito, a incredulidade é uma crença negativa, e a credulidade exclui a fé.

"Não sabeis o que dizeis", é o cumprimento que um homem sensato teria direito de fazer à multidão que se põe a dissertar sobre as questões espinhosas da filosofia.

Credeis que é preciso ser como Descartes para ter o direito de zombar de seus turbilhões? (p.19)

IDÉIA DO-MINANTE DA OBRA	A maior quantidade de felicidade, mesmo temporal, pertence, não ao homem virtuoso, mas à virtude.
--------------------------	---

O gládio da justiça não tem bainha: sempre deve ameaçar ou bater. (p.45)

Nossos filhos carregarão a pena de nossas faltas. Nossos pais os vingaram de antemão. (p.61)

O que é IOVI, senão IOVA?

O selvagem não é o homem primitivo, é um homem degradado. (p.82)

A águia acorrentada pede uma mongolfieira para elevar-se nos ares? Não, ela pede somente que os liames sejam rompidos. (p.104)

Sou, como job, repleto de discursos: *plenus sum sermonibus*. (p.104)

O estado da natureza é a civilização. (p.108)

Somos para o homem primitivo o que o selvagem é para nós. (p.123)

Não existe virtude propriamente dita sem vitória sobre nós mesmos, e o que não nos custa nada não vale nada.

1. Repartição.

2. Decadência.

3. Providência.

4. Prece.

5. Hierarquia dos seres, relativamente ao mal. A matéria não é mais do que a prova do espírito.

6. Eficácia da prece; liberdade humana.

Jamais temamos elevar-nos demais e enfraquecermos as idéias que devemos ter da imensidade divina. Para colocar o infinito entre dois termos, não é necessário abaixar um, é suficiente elevar o outro ilimitadamente.

É preciso acreditar no que sempre se acreditou, em toda parte e por todos. (Vícete de Lérins)

Mercúrio tem o poder de arrancar os nervos de Tifon, para com eles fazer as cordas de lira divina. (*Plutarco de Isis et Osíris*, p.314).

O anjo exterminador gira como o sol ao redor desse globo desafortunado, e só deixa respirar uma nação para surpreender outras.

Entre a blasfêmia humana que nega Deus e o pretenso paradoxo divino que nega o homem, o Evangelho nos dá um meio ao mesmo tempo divino

e humano, que nos faz evitar um e outro dos dois escolhos: é a afirmação do Deus feito homem; é o Verbo divino revelado na humanidade.

Por que nos mostrar sempre o algoz quando temos necessidade de encontrar sobretudo o médico?

Todos os grandes homens foram intolerantes, e é preciso sê-lo. (Citação de Grimm, epígrafe das *Cartas sobre a Inquisição*.)

Os grandes males políticos, sobretudo os ataques violentos contra o corpo do Estado, nunca poderão ser evitados e rechaçados senão por meios igualmente violentos. (Primeira *Carta sobre a Inquisição*)

Reverencio a sabedoria que propõe um novo órgão, da mesma forma que aquela que propusesse uma nova perna. (*Filosofia de Bacon*, p.9)

Bacon, *Indução*; Condillac, *Análise*; Kant, *Crítica*.

Não pode haver uma nova ciência da inteligência, e nem, sobretudo, um novo método de descoberta. O orgulho somente pode dar novos nomes a antigas noções, e a ignorância e a inaplicação podem tomar esses nomes por coisas. (Ibid., p.12)

Foi em vão que o Criador colocou em nossas mãos o archote da analogia; Bacon vem colocar seu apagador poético sobre essa luz divina. (p.33)

Há uma grande analogia entre a graça e o gênio porque o gênio é uma graça. O verdadeiro homem de gênio é aquele que age por movimento ou por impulsão, sem jamais contemplar-se e sem jamais dizer a si mesmo: Sim, é pelo movimento que ajo.

O que Haller não viu em uma gema de ovo?

A raiva do fogo (Bacon). Horror do vazio! Cabeças estúpidas, é o amor do êmbolo! - O coração do macaco está para o coração do homem assim como os sonhos da poesia humana estão para a providência de Deus.

AS QUATRO CARACTERÍSTICAS DO ABSOLUTO

APLICADAS À RELIGIÃO

Verdade - Realidade - Razão - Justiça

Demonstração preliminar

Verdade - identidade do ser com a idéia.

Realidade - identidade do ser com a ciência.

Razão - identidade do ser com o verbo.

Justiça - identidade do ser com a ação.

Primeira demonstração

Identidade do ser absoluto com Deus, tal como a define a fé católica.

1. A idéia de Deus é um fato psicológico, real, universal, incontestável.
2. Desenvolvimentos realistas dessa idéia.
3. Influências da hierarquia ou da anarquia sobre essa idéia.
4. Catolicidade da idéia divina.

Segunda Demonstração

Identidade do ser religioso com a ciência católica.

1. Como a verdadeira religião natural deve ser uma religião divinamente revelada.
2. Que não há religião onde existe apenas ciência.
3. Acordo necessário da religião e da ciência resultante de seu próprio antagonismo.
4. Ciência religiosa católica, ou teologia.

Terceira Demonstração

Razão

1. A afirmação religiosa só é racional na ordem católica e hierárquica.
2. Razão profunda de pretensos absurdos religiosos.
3. Despropósito evidente de todos os dissidentes.
4. Razão da fé católica demonstrada pela esperança e pela caridade.

Indiferença em matéria de religião significa indiferença em matéria de moral.

Irreligioso quer dizer imoral.

Os católicos romanos são uma família de muitos pais, e por conseguinte de muitas mães, a menos que sua igreja não seja adúltera. É uma família sem unidade.

Os protestantes são uma família sem pai nem mãe, são órfãos para não ter que obedecer a seus pais.

O IS-LAMIS	Religião de quietismo e de morte; fatalidade e resignação.
O BU-DISMO	Sombra do catolicismo esboçado com as trevas dos antigos símbolos da Índia.
O BRA-MA-NISMO	É para o budismo o que a Igreja grega é para a Igreja latina.
O JU-	É um tronco vivo, mas cortado, que só pode reviver unindo-se

DAIS- MO	a seu ramo vivo - a catolicidade.
O SA- INT- SIMO- NISMO	Egoísmo sensual, temperado pelos hábitos polidos e permutas industriais.
O FU- RIE- RISMO	Produzir a ordem através da desordem, o prazer através da pena, a verdade através do vício, o bem através do mal, a harmonia através da anarquia; abolir o sofrimento e por conseguinte o prazer; destruir as noções de bem e mal; embrutecimento e bestialidade.
O CE- TICIS- MO	Nada - nada - nada.

A crítica de Voltaire é uma crítica ardilosa e pedante. Trata-se de um texto ou de uma palavra que ele não compreende e que seu pároco compreende mal! Trata-se do espírito de caridade, que não era seguramente o espírito de Voltaire.

A verdadeira religião natural é a religião revelada; é da natureza de uma religião o ser revelada, senão como ela nos ligaria a uma ordem superior?

Os milagres

Os milagres são efeitos naturais da intervenção de uma causa superior sobre aquelas que produzem os efeitos comuns.

Eles não poderiam ser absurdos, e supô-los como tal é ultrajar a sabedoria de Deus.

O aparentemente mais absurdo, o parto da Virgem, só choca nosso entendimento por causa de nossos raciocínios indecentes e temerários.

A mãe de Deus é imaculada, ela é virgem e mãe sem exprobação. Eis o dogma.

Nunca se atentou contra sua virgindade; e por essa razão ela é imaculada. Como pôde ela então tornar-se mãe? É o segredo de Deus. Aquele que examina e discute semelhante coisa já não é cristão e não o será jamais. Aquele que procura explicar é temerário. É o *como* que é absurdo, não o fato.

O espírito deixa-se enganar pelo coração, segundo se diz, e é sempre verdade. As objeções insolúveis do espírito vêm das atrações do coração pelas facilidades da vida.

O verdadeiro homem de bem, tendo tudo a ganhar se a religião for verdadeira, crê facilmente na religião.

A inquisição e as guerras religiosas foram obras humanas. - A Igreja tem horror ao sangue, eis o princípio. Quando os fatos estão em contradição com os princípios, deve-se buscar as razões nas paixões humanas. A humanidade também tem horror ao sangue, e é em nome da humanidade que a revolução tem feito perecer tantas vítimas!

A pena de morte é contrária ao gênio da Igreja, que espera sempre a conversão do pecador e considera o tempo que lhe é deixado como um inestimável benefício do céu. Ela não esfacela a vara quebrada, e não piseia a mecha que ainda arde.

A moral católica não é especial a esta comunhão: é a moral universal, rigorosamente aplicada e sancionada pelas leis positivas.

O desapego católico não repele nada de belo, de bom, nem de amável, só condena e previne o abuso disso. A castidade não é o menosprezo, mas a santificação do amor.

O que se reprova mais na religião, isto é, em seus ministros, são os atos de irreligião. Isso se assemelha bastante à lógica daqueles que desprezam Deus por não ser suficientemente Deus, para depois condená-lo a não mais ser Deus.

A religião não é mais difícil de praticar que a verdadeira filosofia: trata-se de ser ou não ser, de viver como homem racional ou como bruto, não existe meio-termo. Uma vida racional exige os maiores sacrifícios, e a religião só oferece facilidades. Os Catões do cristianismo não se arrancam as entranhas; deixam triunfar César e adoram somente Deus.

A multidão dos cúpidos e dos preguiçosos, o que é? Será que pensa? E será que vive? É corrupção que fervilha. Viver é vencer.

A religião de Jesus Cristo sofreu sua última prova, a mais terrível de todas, a mais decisiva: a crítica e a indiferença. Mas as multidões sofredoras não riram com Voltaire; elas gostariam mais que o Salvador viesse outra vez chorar com elas. Elas não raciocinam como Strauss; mais vale orar com os mais humildes fiéis. Ninguém falou no espírito de caridade. Ele não é criticado, e diante dele não se poderia ficar indiferente.

Credeis com seriedade na vida, no rigor dos deveres, na dignidade da fé conjugal, na pureza dos costumes, no dever da sobriedade e da temperança? Se a resposta é não, não vos falarei da religião; não credes nela. Se a resposta é sim, só vos tenho que cumprimentar; vós credes e credeis na religião.

Nós nos dizemos: Não quero atolar-me no vício, mas não quero mais viver como um Catão; não quero levar uma existência honesta e cômoda. Isto é uma ilusão: não se pode ser metade homem e metade animal; um destruirá o outro mais cedo ou mais tarde. Um momento virá em que tereis de optar, e, quanto mais tarde o fizerdes, mais a vitória será duvidosa e penosa.

A vil multidão, a massa condenada, é a massa dos tépidos, pessoas que não sabem fazer nem o bem nem o mal. Viver é agir, é pensar, é querer, é fazer. A graça pode fulminar o mau e lhe converter o coração, mas que pode ela fazer de um tépido? Também o Salvador declara aos tépidos que ele os vomita. Em que se transformarão os tépidos após a morte? Eles serão aquecidos no fogo do purgatório. É para eles e em seu benefício que o purgatório foi feito.

O que faltou a Jean Huss e a Lutero para se submeterem à Igreja, apesar de seus próprios raciocínios? - O espírito de caridade.

O que faltava para conciliar e reconciliar Lamennais com a Igreja? - O espírito de caridade.

O que é afinal o espírito de obediência? - O espírito de caridade.

Existe um lado de vulgarização popular e ridícula dos dogmas que se simula tomar pelo próprio dogma. São Paulo recomenda que nos guardemos contra as lendas absurdas e os contos de mulher velha; mas os inimigos da religião não levam isso em conta; ficam muito desgostosos por perderem essa boa oportunidade de rir das coisas que não compreendem.

Não existe Deus sem Jesus Cristo.

Não existe Jesus Cristo sem a Igreja.

Não existe Igreja sem um chefe visível.

O anticristo é o espírito de cisma e de divisão, *spiritus qui solvit Christum*.

É o oposto do espírito de caridade.

O anticristo é o homem individual dos tempos modernos que se diz Deus, que se faz o centro de todas as coisas, só vive para o direito sem re-

conhecer o dever, e não conhece outra associação que não a cumplicidade ou o jogo de interesses.

A dissensão prognosticada por São Paulo começou no século XVI, continuou durante os séculos XVII e XVIII; terminará com o século XIX; depois haverá o retorno durante o século XX, e o grande triunfo da religião acontecerá por volta do ano 2000.

Suponhamos que o furierismo, ou qualquer fantasia que se denomina religiosa e social, tenha podido prevalecer no mundo; que o Evangelho seja esquecido, e que um dia um homem de gênio o encontre e o pregue. Que luz! que progresso! que revolução dos costumes! Quando os homens se cansam da verdade, por um momento o falso lhes parece verdade; mas, quando é a mentira que os desgosta e os fatiga, com que arrebatamento se lançam em direção à verdade!

Dificuldades do próprio dogma

O dogma, formulado e definido pelo espírito de caridade, deve ser

interpretado igualmente como espírito de caridade.

O PECADO ORIGINAL	Injustiça aparente. - Os inocentes condenados pelo culpado.
A ENCARNACÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS	Deus apazigua-se ao sacrificar a si mesmo; virgindade material de Maria.
A CONDENAÇÃO ETERNA	Da maior parte dos homens, tornando quase inútil toda a economia da salvação.

DUPLO MISTÉRIO

MISTÉRIO DO AMOR MISTÉRIO DE JUSTIÇA	Explicados e conciliados pelo mistério de caridade.
--------------------------------------	---

O dogma formulado e definido pelo espírito de caridade deve ser interpretado igualmente como espírito de caridade.

I. O pecado original não nos seria imputado se fôssemos inocentes.

II. Se explicarmos Deus comparando-o com o homem, seja quanto às suas misericórdias, seja quanto às suas cóleras, cairemos necessariamente no absurdo.

III. A condenação eterna baseia-se num fato, e não num número. Todos os homens podem evitá-la, eis o fato, e o número daqueles que não a querem é inestimável para os outros que não Deus, que só conhece e julga o fundo dos corações. Fazemos uma idéia falsa da condenação fazendo Deus intervir como vingador ativo, enquanto Deus deixa vingar suas leis pela própria força de suas leis, e os pecadores sofrem pela privação dos bens de que se tornaram indignos.

Mostrar aqui como qualquer comentário, seja para carregar, seja para suavizar o dogma rigoroso e terrível, seria despropositado e ridículo.

OUTRA OBJEÇÃO

O abandono em que se encontra a igreja.

Abandono profetizado - *discessio* que deve preceder a época do retorno dos judeus e do grande triunfo da fé.

QUESTÃO

Então, segundo a doutrina da Igreja, a maioria dos homens devem ser condenados?

Não; é verdade que os verdadeiros justos são em pequeno número; mas cada um desses eleitos, dessas almas de elite, arrastam multidões de fracos ao céu. As preces da Igreja, a comunhão dos santos, têm uma imensa eficácia. O purgatório aperfeiçoa o que é imperfeito na terra. O espírito de caridade quer salvar todo mundo e salva a multidão dos fiéis.

O sofrimento só enfraquece os covardes; torna a virtude mais forte.

O corpo é uma máquina cuja alma deve ser o maquinista, sob pena dela própria tornar-se a máquina do corpo, e este é o sentido dessa profunda máxima do Mestre: "Se o cego conduz o cego, ambos cairão no fosso."

O imperador Juliano não adorava ídolos; acreditava na luz suprema. Mas sua luz era sem calor; ele não tinha compreendido o espírito de caridade.

A caridade não deseja a igualdade entre homens; ela quer, ao contrário, que eles tenham necessidade uns dos outros.

A caridade pertence tanto ao cristianismo católico, que fora dessa comunhão a própria palavra muda de sentido.

Os sonhadores são sempre dorminhocos, e o infortúnio lhes vem dormindo.

Não é preciso fazer da vida um sonho, se não se quer fazer da morte um triste despertar.

O que é Deus, revelado e explicado pela doutrina e os exemplos de Jesus Cristo?

Qual deve ser o objetivo de todos os nossos esforços e o fim de todos os nossos sacrifícios?

Qual é a prova da verdadeira fé?

O que é a catolicidade, em sentido mais amplo?

Qual é o preservativo de todos os erros do espírito e de todas as desordens do coração?

Qual é a marca distintiva e eterna da verdadeira Igreja?

Qual é a maior força irresistível, a maior verdade irrecusável, a maior divindade evidente do cristianismo?

O que é o dever e o que pode torná-lo mais necessário à nossa alma que o direito?

Qual é o acordo da autoridade e da liberdade?

Qual é a paz religiosa?

Qual é o acordo da ciência e da fé?

Qual deve ser o fim de todas as heresias?

Qual é a marca da predestinação?

O que é a vida eterna?

Qual é a razão da infalibilidade da Santa Sé?

Qual é a conciliação das contradições aparentes?

Que força vencerá as zombarias de Voltaire e os argumentos da Escola?

C
E
S
P
Í
R
I
T
C
D
E
C
A
R
I
D
A
D
E

O ESPÍRITO DE CARIDADE - PLANO DE UM TRATADO A FAZER

INTRODUÇÃO

A sabedoria humana e a loucura da cruz.

Primeira parte

LIVRO I. A CIÊNCIA E A FÉ	Noções essenciais e absolutas Distinção necessária O espírito e o coração A árvore da ciência e a árvore da vida		
LIVRO II. O DIREITO E O DEVER	Caim e Abel Esaú e Jacó Saul e Davi A parábola do filho pródigo		
LIVRO III. ECONOMIA DAS IDADES	Lei natural, beleza e bondade de Deus Lei antiga, unidade e força de Deus		
	Lei Cristã	Época de Conquista	Autoridade hierárquica. Liberdade dos filhos de Deus.
		Época de Triunfo	Espírito de Caridade
LIVRO IV. O ESPÍRITO DE CARIDADE	O Espírito de caridade atravessando as épocas Respostas a todas as objeções contra a fé Explicação clara e universal dos pontos essenciais da doutrina A catolicidade necessária Recapitulação e síntese universal em duas palavras que fazem apenas uma, o espírito de caridade.		

Vencer a rudeza na procura das satisfações naturais é a obra de uma boa educação.

Vencer os atrativos do prazer e sacrificá-lo ao dever é todo o mérito da honra.

Vencer a apreensão da dor e mesmo da morte para obedecer à honra é o heroísmo, é a perfeição humana. Chega-se a esta perfeição por uma educação progressiva da vontade. O ascetismo era o aprendizado do martírio: não se morre como Curtius quando se viveu como Natta. - Para inclinar-se

assim à perfeição, é preciso amá-la, - O amor da perfeição é o espírito de caridade.

As expiações são as retomadas de uma educação defeituosa; feliz aquele que sabe reconhecê-las e aceitá-las!

Expiar é comer depois da sobremesa o sal que não se havia misturado aos alimentos.

Um homem bem educado não é nem corrupto, nem bêbado, nem glutão.

Um homem de honra pratica severamente a moral humana; um cristão só professa o desprendimento e a caridade que é o heroísmo de todas as virtudes.

O homem saindo das mãos da natureza não é bom, como pretendeu Rousseau ele tem o instinto do egoísmo, e suas paixões ao se desenvolverem logo farão dele um animal feroz. A sociedade, fazendo-o temer suas punições, ensinar-lhe-á antes a hipocrisia e a vileza, e não conseguirá formar-lhe a virtude se a religião não intervier; e é o que acontece com todos os homens verdadeiramente virtuosos. O sentimento de honra e de dever é um sentimento religioso. Sem uma fé real no próprio princípio da honra e do dever seria suficiente parecer honesto e iludir a lei para viver tranqüilo, e não haveria outros virtuosos além dos tolos. É nesse sentido que não existe realmente probidade sem religião.

O amor ao belo, ao bom, ao honesto, é natural; é um dom que deve ser desenvolvido pela educação e vivificado pela fé religiosa.

Tudo é confusão de palavras. Produzimos um Deus de fantasia que achamos absurdo, e acabamos por declarar que Deus não é. Chamam-se católicos os fariseus modernos, e conclui-se daí que o catolicismo é apenas ostentação e hipocrisia. Tomam-se os hipócritas por devotos e confundem-se depois facilmente os verdadeiros devotos com os hipócritas. - Encontra-se por acaso um mau sacerdote, e rompe-se por isso com todo o clero. É justo tudo isso, há nisso tudo uma sombra de lógica e de razão?

Ninguém ataca a verdadeira religião, a verdadeira piedade, o verdadeiro Deus, mas todo mundo luta contra moinhos de vento.

Só conhecemos Deus pelo espírito de Jesus Cristo que é o espírito de caridade manifestado pelos seus ensinamentos e por suas obras; nisso consiste toda a revelação, evidentemente divina, assim como a caridade é divina. A ciência contesta os milagres e discute as profecias, mas há alguma

coisa mais forte que a ciência e mais maravilhosa que os milagres: é a caridade. (Ver o texto de São Paulo.)

O espírito de Jesus Cristo está sempre vivo na terra, senão tudo morreria; e onde se encontra o espírito de Jesus Cristo, Deus está presente, diligente, e de algum modo visível.

Aquele que, sem crer em Jesus Cristo, pronuncia a palavra Deus, não sabe certamente o que diz. Não há nenhum artigo de fé referente ao diabo. Tudo o que se diz sobre ele é da crença e da tradição. O diabo é o espírito oposto ao de Deus, eis o princípio. Que esse infeliz espírito existe, os erros e os crimes dos homens o demonstram bem. Representa-se o diabo disforme, ainda que um espírito não tenha formas, para fazer compreender que é o espírito de desordem. Ele é eternamente acusado porque o mal é sempre inconciliável com o bem.

Dizer que Deus é impessoal, é tirar toda idéia possível da inteligência. Fazê-lo impessoal seria fazer algo de limitado e de incompleto. - Ele é formado por três pessoas, para ser um em muitos e tudo em todos.

O arianismo procurava fazer de Jesus Cristo um ídolo vivo, uma espécie de subdeus; - o monoteísmo aniquilava nele a humanidade.

Duas naturezas distintas em Jesus Cristo, mas não duas pessoas; duas naturezas são em todos nós, espiritual e corporal; - duas pessoas seria um conflito.

A religião é um conjunto de assistências organizadas para ajudar os homens a viver segundo a sabedoria.

A unidade de religião só se pode estabelecer pelo espírito de caridade. Isso será a comunhão universal dos homens, e no momento em que o espírito de caridade tiver triunfado, no seio da própria Igreja, sobre todos os vícios que lhe fazem guerra, ele se espalhará no mundo inteiro que o chama e que tem sede dele.

Os mártires dos primeiros séculos manifestaram o espírito de caridade pela coragem nos suplícios; as testemunhas da renovação da fé deverão por sua vez passar pela sua prova, pela abnegação, pela pobreza, pela resignação às calúnias, ao desprezo, aos abandonos, e freqüentemente pelas mais imerecidas e cruéis perseguições.

Se podemos conhecer o bem e praticá-lo ao fazer uma idéia justa de Deus, se só podemos conhecer Deus por Jesus Cristo, e Jesus Cristo por sua Igreja, é rigorosamente correto dizer: fora da Igreja não há salvação.

Mas a Igreja é universal, isto é, estende a influência de suas graças e o poder de suas preces sobre todos aqueles que lhe pertencem pela boa vontade, pela retidão do coração e dos desejos. Sobre todos aqueles que seriam dela, se pudessem conhecê-la, não há um batismo de desejo? e a luz da verdade tem sempre um longo caminho a fazer para iluminar uma alma e tocar um coração? Antes da vinda de Jesus Cristo, todos aqueles que desejavam a verdadeira luz acreditavam implicitamente nele. A alma da Igreja é mais extensa que seu corpo, ela preenche o mundo e atrai sobre ela tudo o que é de boa fé e de bons costumes. Rousseau riu dos anjos missionários de São Tomás, porque não era digno de sentir tudo o que há de fé e de caridade nesse pensamento; é belo pensar que se mais de quatrocentos ou quinhentos milhões de nossos irmãos ignoram a verdadeira religião, um número incalculável entra moribundo no seio da verdadeira Igreja, instituído e batizado pelos anjos!

Os protestantes não têm mais razão de ser, nem mesmo aparente. Contra o que de fato eles protestam? Contra abusos que jamais existiram ou que não existem mais? Contra perseguições que cessaram? - Não, mas protestam contra a unidade hierárquica que sanciona as leis da Igreja. - Protestam sem o saber contra o espírito de caridade.

O espírito nacional dos judeus os censura muito por essa união que é a alma da Igreja, e eles serão a força do santuário quando tiverem compreendido:

Que os cristãos não adoram três deuses;

Que não atribuem à natureza humana as honras divinas;

Que não destroem a lei de Moisés, mas que a cumprem;

Que o Messias chegou, e que é nosso Senhor Jesus Cristo,

Jesus Cristo, mostrando-se a nós, mostrou-nos também seu pai; Deus tornou-se visível, evidente, palpável.

A Igreja, mostrando-se a nós, deve também nos mostrar seu chefe visivelmente sucessor de Jesus Cristo, e animado do mesmo espírito.

(Objeção dos maus papas fácil de resolver: houve maus homens no trono de São Pedro, nunca houve maus papas.)

O espírito de caridade é uma verdade, porque é uma luz, um calor e uma força.

O *sobrenatural* visível é o espírito de caridade; os verdadeiros milagres, os milagres incontestáveis, são aqueles do espírito de caridade.

O espírito de caridade dá à vida uma plenitude e um júbilo bem superiores a todos os prazeres da vida.

Assim, Deus é visível aos homens, a verdadeira religião é evidente e não tem mesmo necessidade de ser demonstrada.

O dever é claramente traçado, e fácil de seguir em todas as condições da vida.

Não é verdade que o mundo esteja sem religião; a sociedade é mais católica do que se pensa: todo mundo adora, deseja e espera o espírito de caridade.

Quanto maiores são as misérias, mais a renovação por esse espírito está próxima.

Ninguém amou o sofrimento pelo próprio sofrimento, nem mesmo Jesus Cristo; ama-se o sofrimento pela caridade, cujos méritos e júbilos obtêm-se a esse preço.

Se querem tomar tua veste, abandona também teu manto. O Mestre disse isso aos indivíduos, não à sociedade; a propriedade é um princípio, e as sociedades são guardiãs dos princípios sob pena de morte. O cristão Mastai deve se deixar despojar, mas o papa Pio IX não deve permitir que se despoje a Igreja.

- Fazei concessões, ou vos tomarão tudo, diz-se ao soberano pontífice. *Non possumus*, responde o papa, e dizendo isso é um princípio que ele defende; ele sabe que se expõe a perder tudo e persiste. Não é correto sacrificar o espiritual pelo temporal. A justiça é eterna, e o papa defende a justiça.

Teria sido mais proveitoso morrer no seu trono dizendo *non possumus* do que deixar correr o sangue (para não dizer mais) de Perouse e de Castelfidardo. Mas todos os homens cometem faltas, e os papas também são homens.

Certas parábolas do Evangelho não parecem concluídas, a do filho pródigo, por exemplo. Ei-lo de volta à casa de seu pai, e matam o novilho gordo para festejá-lo; mas ele não tem mais nada, e seu pai, que dividiu bens entre os dois filhos, não tem mais nada para dar ao pródigo. O que acontecerá? O irmão sábio emprestará ao pródigo arrependido; este último trabalhará e fará por merecer, voltará a ser rico graças a seu irmão e a seu próprio esforço; eis o que Jesus Cristo não quis dizer, sem dúvida porque ainda não era tempo.

Um homem é retirado da sala do festim porque não tem veste nupcial; mas se um dos convidados sai e lhe dá a sua, não poderia ele entrar? E o pai de família deixará à porta aquele que terá sido generoso? Creio, ao contrário, que ele próprio dará uma de suas vestes ao convidado caridoso. Eis uma dessas coisas que se podem esperar, mas que não se devem ensinar.

Se os espíritos do outro mundo podem se comunicar com os homens deste mundo, por que não o têm feito sempre? Por que um Cristo? Por que uma Igreja? Por que concílios? Por que nossos trabalhos? Por que nossas ciências? Por que nossa razão? Mas sabemos que houve em todos os tempos visionários e impostores; todos os heresiarcas acreditavam-se inspirados. Lutero conversava familiarmente com o diabo, e esse diabo de Lutero era um teólogo manhoso e brutal como seu mestre. O que resultou de tudo isso? Confusão, anarquia e definitivamente ceticismo ou demência. As mesmas causas produzirão sempre os mesmos efeitos. Reconhece-se a árvore pelos seus frutos.

Se um anjo de Deus, dizia São Paulo, vos anunciar um outro evangelho que não aquele que vos foi anunciado, que seja excomungado! Não se reflete suficientemente sobre a profundidade dessa parábola. Se o próprio Deus, com efeito, pudesse perturbar a ordem que ele mesmo estabeleceu, tudo recairia numa confusão, e o próprio Deus não seria mais Deus.

Enquanto houver abusos na Igreja legítima, os protestantes terão uma razão para existir; mas se os abusos forem suprimidos, o protesto cairá por si mesmo.

Quando os judeus puderem compreender que adoramos Deus em Jesus Cristo, e não Jesus Cristo no lugar de Deus, lembrarão que Jesus Cristo foi o mais santo dos judeus, e serão cristãos como nós, e seremos judeus como eles.

Quando os filhos forem tão experientes como os pais, quando os homens nascerem todos sábios e todos formados, quando não houver mais espíritos fracos e incompletos, a hierarquia, não mais existindo na natureza, deixará de ser necessária na Igreja. A liberdade de consciência será então somente uma verdade, e poder-se-á dispensar os padres e o papa. Mas qual é pois o pai de família que, sem ser um monstro, permitiria que seus filhos se envenenassem sob pretexto de serem livres? Não, não é livre a-

quele que, entregue a si mesmo, faz necessariamente o mal. Não impedir, mesmo pela força, um louco de suicidar-se, é ser mesmo um assassino.

Sabeis qual é o crime dos cristãos de nossos dias? É o de não serem suficientemente cristãos. O dos católicos é igualmente o de não serem suficientemente católicos. Os verdadeiros protestantes devem julgar-se mais cristãos e mais católicos que o papa. Eles são então arquipapistas, ou não são nada.

O homem não pode abster-se da autoridade, e quem julga abaixo da razão fraca consultar a Igreja, irá seriamente consultar sua mesa ou seu chapéu.

O espiritismo é uma fotografia das idéias correntes. Os livros de Allan Kardec estão repletos de saint-simonismo, de swedenborgismo e de mormonismo; mas é menos sábio que Saint-Simon, menos elevado que Swedenborg, menos lógico que Joë Smith. Teríamos então que acreditar que ainda se envelhece após a morte e que se lançam sobre a terra as caducidades do além-túmulo. Que triste perspectiva para os grandes homens! Que infelicidade para os vivos!

Bela e santa monarquia do céu, Jesus homem-Deus, e Maria mãe de Deus! Anjos de frei Angélico, santos da lenda dourada, virgens do paraíso de Dante, quanto sois superiores, mais poéticos, mais belos que os espectros de Cahagnet e as larvas errantes de Allan Kardec! Dogma severo e incorruptível, bela e santa caridade que distribuem os eleitos na escala de ouro da hierarquia, doutrina profunda cheia de luz para a doçura do espírito e cheia de trevas para o orgulho, sol de glória e de justiça, os homens não mais vos vêem porque têm os olhos doentes. Que eles voltem à razão, e retomarão à fé, porque a fé e a verdadeira razão são irmãs, e ambas são filhas queridas de Deus. Infeliz aquele que não as distingue, mas três vezes pior aquele que as quer separar!

Estamos às vésperas de uma transformação religiosa, disse o conde de Maistre e todos o sabem; mas qual seria esta transformação?

A ciência e a fé bem nos dizem que será a passagem da análise à síntese, do cristianismo ao messianismo, do catolicismo cego ao catolicismo esclarecido.

Será a reconciliação da razão judaica com a fé cristã: o retorno aos estudos cabalísticos preparará o grande acontecimento profetizado pelos apóstolos e esperado universalmente por todos os pais da Igreja. Os mais escla-

recidos judeus, os que conheciam e que estudaram o Zohar, esperam essa reconciliação. Franck, em seu livro sobre a Cabala, fala de uma escola de Zoharistas em que quase todos se fizeram cristãos, mas, acrescenta ele, consideravam o cristianismo atual apenas como uma transição necessária do antigo dogma de Moisés a uma síntese religiosa universal.

Esta síntese, todas as inteligências elevadas de nosso tempo a pressentiram. Goethe a sonhou magnificamente; Lamennais queria torná-la aceita pela Igreja oficial; Chateaubriand a deixa adivinhar sob os véus de poesia com os quais cobre a sacerdotisa de Homero, a cristã Cymodocée. Michelet a canta em prosa ritmada na Bíblia da humanidade, mas sente-se nele o filho de Voltaire indisposto contra o cristianismo pelas barbaridades teológicas da Idade Média. De qualquer maneira, a síntese se faz. Michelet explica os símbolos da Índia, da Pérsia e da Grécia, mas compreende menos os da Roma cristã, talvez porque a própria Roma cristã tinha acabado por não mais compreendê-los. O espírito que inspirava os evangelhos apócrifos perderam-se com os mistérios do gnosticismo, e a crítica eclesiástica moderna, tiranizada pela fria e rigorosa razão protestante, preferiu mutilar as lendas ou apagá-las a procurar o seu significado alegórico.

Encontramos uma entre os pequenos livros da biblioteca azul, e esta lenda, evidentemente antiga, parece remontar à época dos evangelhos gnósticos; ela é repleta de alegorias comoventes e de nomes que vêm do grego. É a lenda de Santa Ana, mãe da santa Virgem; Ana, cujo nome significa *a graciosa ou a graça*. Seu nascimento é anunciado por um ancião chamado Archos, nome que significa o princípio ou o começo; ela nasceu de uma senhora chamada Emerantiana, ou a dama de nossos dias. Sua lenda é uma verdadeira epopéia alegórica, e a colocamos aqui como complemento de nosso trabalho sobre os evangelhos apócrifos, e como uma peça justificativa em favor de nossa opinião sobre o gênio das primeiras épocas cristãs e sobre a significação filosófica de nossos livros sagrados.

A VIDA DE SANTA ANA

Mãe da Santa Virgem

De que pais nasceu Santa Ana

Outrora, no país da Judéia, numa cidade chamada Zéphor, situada a duas léguas de Nazaré, havia uma moça chamada Emerantiana, descendente da raça de Davi e devota de Nosso Senhor.

Esta moça consagrou seu coração a viver apenas no temor de Deus com pureza corporal, e sozinha por toda a vida, se isso fosse do agrado de Nosso Senhor.

Ela tinha o hábito de visitar as pessoas devotas, os profetas Elias e Eliseu, que moravam no monte Carmelo, e conversava com eles sobre a vida espiritual e coisas prodigiosas que Nosso Senhor fazia no tempo passado, a doze léguas de Israel; também conversavam sobre os diversos profetas a quem Nosso Senhor fez muitas promessas, da mesma forma como o Filho de Deus, para remediar a natureza humana, devia nascer de uma jovem Virgem, e porque demorava tanto tempo para realizar isso.

Como Emerantiana assim conversasse com os discípulos de Elias e de Eliseu, aconteceu que um dia falou a um desses discípulos, chamado *Archos*, com cento e trinta e três anos: Ó venerável Pai! apelo à tua paternidade para pedir-te uma coisa com a qual meu coração está em dúvida e inquieto.

Ele respondeu: Emerantiana, minha doce filha, pede corajosamente e não me ocultes nada, porque tua doce palavra me apraz muito e me alegra.

Então ela lhe disse: Pai venerável, meu coração não pode compreender porque jamais nesse mundo transitório foi encontrada uma mulher em condições de se casar, da qual será gerada a santa virgem que merecerá conceber o Filho de Deus, que o céu e a terra não podem cingir, e como ela o carregará em corpo no seu seio e terno corpo.

Ora, como se pode compreender isso? Porque ao que me parece, segundo meu entendimento, se é possível que a santidade de todos aqueles que existiram desde o começo do mundo, e existirão ainda até o fim dele, fosse acumulada em uma só pessoa, que esta não se poderia comparar a tal mulher, da qual procederá a futura Mãe do Filho de Deus.

Ó meu querido pai, quando refleti sobre tudo isso, fiquei perplexa: não posso todavia compreender por que nosso Redentor teria esperado mais de quatro mil anos para vir.

E enquanto as lágrimas caíam dos olhos dessa jovem, ela falou repentinamente, e disse: Ai! temo que muitos anos ainda se passem antes que possa acontecer um casamento tão santo sobre a terra.

O santo pai Archos, ouvindo essas palavras, considerando o profundo pensamento dessa santa jovem, maravilhou-se; e, por longo tempo, obser-

vou-a como que extasiado, e de tão grande admiração não pôde proferir nenhuma palavra. Pouco depois a palavra lhe voltou, e ele disse:

Ó Emerantiana! muito nobre senhora, jovem de idade, mas madura no senso e no entendimento, tu me pareces a raiz do dito leite santo e incontaminado de casamento do qual falaste, santa menina, futura mãe, da qual deve nascer o Filho de Deus. Antes de partirmos deste mundo isso acontecerá; porque em verdade te digo que dentre as jovens de Jerusalém não existiu ninguém semelhante a ti, com uma convicção tão profunda como tiveste, pela qual te deves rejubilar; porque o Espírito Santo repousa em ti; em ti serão abençoados todos os poderes acima da terra.

Emerantiana, ouvindo esse ancião falar, ficou consolada, e, chorando, ajoelhou-se e disse: Ó Deus de Israel! quanto será para nós vossa face oculta, e para nossos padres colocados nos limbos, clamando por vós incessantemente em grande tédio, esperando de vós o que nos foi prometido pelos profetas e pelas Santas Escrituras.

Contraímos a mancha do pecado; quem nos absolverá, exceto vós, Virgem profetizada? Quando poderemos transpor as portas das trevas livremente? Ó meu Deus! quando virá o cordeiro imaculado que apagará os pecados dos homens e pagará as dívidas de nossos primeiros pais, esse forte leão que dilacerará as portas de metal e romperá as portas do inferno? Quando cantaremos com júbilo: Nosso Senhor chegou, e todas as escuridões tenebrosas se iluminaram? Sou uma pobre donzela, segura de que necessitaremos descer até nossos pais nos limbos, os quais sempre foram mais perfeitos durante suas vidas que eu; entretanto algo me alegra, porque tenho confiança de que aqueles que de minha linhagem forem procriados, não se aproximarão do lugar das trevas do inferno, visto que depois de mim uma luz infalível se elevará e iluminará toda a escuridão.

Quando os discípulos de Elias e de Eliseu, com o ancião pai Archos, ouviram as palavras da jovem Emerantiana, ficaram muito felizes com ela em Jesus Cristo, rendendo-lhe louvores, dos quais se faz menção no livro dos milagres.

Dos hábitos e exercícios de Emerantiana.

Emerantiana era de grande beleza e bem formada de corpo; era também muito rica em bens temporais, de descendência nobre, mas mais nobre de virtudes; porque com penitência ela punia seu corpo, e guardava tal silêncio, que, desde a hora de véspera até o dia seguinte à hora de noa, não

queria falar uma única palavra; três dias por semana abstinha-se de carne, e só bebia e comia senão duras e amargas raízes de ervas que cresciam nos desertos; não visitava nenhuma pessoa viciosa; só procurava pessoas virtuosas e espirituais, homens ou mulheres devotos; visitava igualmente os profetas Elias e Eliseu, que residiam austeramente no Monte Carmelo.

Freqüentemente servia e orava a Deus, no quarto fechado, e fugia de qualquer ociosidade, persistindo no serviço divino; assistia aos pobres cuidadosamente, desde tenra idade, quando começou a ter entendimento, até o tempo em que, a conselho de seus pais, casou-se e jamais olhou nenhum homem no rosto, a não ser que fossem pessoas piedosas e devotas, às quais falava com os olhos voltados para o chão. É por isso que a fama de sua santidade espalhou-se por toda a Judéia.

Não é nenhum prodígio que de boa árvore e de boa raiz proceda um bom fruto; porque é o que está escrito no Evangelho, *que uma boa árvore não pode produzir mau fruto*.

Como Emerantiana casou-se.

Quando a jovem Emerantiana estava com dezoito anos, seus pais e amigos reuniram-se e deliberaram quanto a casá-la com um homem honesto, coisa que não quis prometer. Antes de consentir, quis, através dos servidores de Deus, saber sua vontade; porque antes se propusera a permanecer casta por toda a vida; e porque não sabia que estado Deus queria que ela aceitasse; foi ao Monte Carmelo consultar os santos personagens, para que suplicassem a Deus que manifestasse por alguns sinais sua divina vontade. No mesmo instante os santos padres oraram a Deus, persistindo em orações contínuas. No final do terceiro dia, apareceu para eles um grande galho de árvore com apenas um fruto, e no momento em que o fruto foi colhido, o galho secou. Imediatamente depois, um fruto muito bonito de se ver foi colocado no galho seco e envolvido por uma grande claridade divina. Esse fruto era tão resplandecente, que a vista humana não o podia olhar. Os santos padres ficaram emocionados e admirados por tal visão; pois esses sinais miraculosos não puderam interpretar o querer divino; por isso fizeram suas orações rogando a Deus que lhes manifestasse o que representava esse signo.

Aconteceu ainda, no terceiro dia que estavam em prece, que uma voz foi ouvida do céu, esclarecendo o significado do signo, dizendo: O galho verde significa o casamento que será consumado em Emerantiana; o fruto

mostra a criança que em breve dela nascerá; a secura do galho denota a esterilidade; a luz pela qual o fruto uniu-se ao galho significa o poder divino, pelo qual Emerantiana, em sua velhice infecunda, acima do curso da natureza, conceberá e produzirá um fruto, o qual trará a salvação ao mundo universal, cujo nome expulsará os espíritos maus; os bons anjos o reverenciarão, ele será anunciado e manifestado por todo mundo.

E quando os santos padres ouviram essa voz miraculosa, renderam louvor e graças a Deus, o Criador, chorando de alegria, e deram a conhecer a Emerantiana que em pouco tempo, pela vontade divina e conselho de seus amigos, ela se casaria, e como, através de seu casamento, poderia mostrar ao mundo sua grande misericórdia.

Emerantiana, vendo isso, rendeu graças a Deus, rogando-lhe muito humildemente que tivesse a bondade de uni-la em matrimônio a um marido bom, justo e leal, que fosse temente a Deus; pedia apenas aquilo que no estado de matrimônio pertence ao louvor de Deus, para multiplicar a família em honra do Criador. Enfim, rendeu-se a todas essas apuradas solicitações.

Da família de Santa Ana.

Naquele tempo, havia um jovem rico e de boa estima, chamado *Estolano*, descendente de sangue real, nobre desde o começo de sua infância, educado na crença de Deus, que foi dado, pelos amigos de Emerantiana, a ela, em legítimo matrimônio, do qual teve uma filha que foi chamada *Ysmaria*. Quando ela tinha quinze anos, casou-se com Élnne, e teve uma filha chamada *Elisabeth*, que teve por marido Zacvarias, o soberano sacerdote do qual descendeu João Batista. Ysmaria concebeu também uma outra filha que foi chamada *Enim*, mãe do santo bispo Servais. Em suma, quando Emerantiana tinha sessenta e um anos, pensava que certamente, segundo o curso da natureza, não teria mais filhos; no entanto ela estava esperando, segundo a promessa que lhe havia sido feita pelo santo padre Archos. Alguns dias depois, quando estava orando no quarto, foi cercada por uma grande claridade, e ouviu uma voz que lhe disse: Emerantiana, anuncio-te hoje uma grande alegria que virá neste mundo; porque Deus todo-poderoso quer mostrar sua bondade infinita aos filhos do gênero humano; o tempo que prometeu aos profetas está próximo; porque a raiz de Jessé florirá e a semente de Abraão receberá benção, o trono de Davi terá

quem nele se sente. Por isso, querida amiga, escuta-me, porque o espírito de Deus vivo está em mim.

Da maravilhosa natividade de Santa Ana.

Assim que Emerantiana viu a grande claridade, ficou muito assustada, e ouviu uma Voz que lhe dizia assim: Emerantiana, não tenhas medo nem temor, mas honra teu Criador com todo teu poder; porque por sua graça conceberás acima do curso natural, de Estolano teu marido, e terás uma menina, da qual nascerá uma menina que foi predestinada antes da criação do mundo, preciosa e acima de todas as criaturas humanas; porque Deus quer operar nela coisas incompreensíveis excedendo os entendimentos an-gélicos e humanos acima da obra natural.

Então Emerantiana respondeu: Sou filha de Adão, velha em idade, o fruto do casamento falta em mim; é porque naturalmente não posso conceber: todavia sei bem e confesso que a Deus nada é impossível. Fazei de mim segundo vossa vontade e segundo vossas grandes misericórdias; porque nossos pais e eu vos temos ofendido gravemente e nada merecemos. Então ela ouviu repentinamente a voz lhe dizendo: Filha, fica em paz, porque é preciso que eu faça saber o poder e a vontade divina também a Estolano, teu marido. Naquela hora, Estolano saíra para ver seu gado pastar nos campos; da mesma forma quando estava em sua oração, subitamente foi envolvido por uma luz, e ouviu uma voz que lhe disse: Estolano, que a paz esteja contigo, levanta-te e vai para tua casa, deita-te com tua mulher Emerantiana, cujo nome será manifestado pelo mundo universal.

Quando Estolano ouviu essa voz, ficou muito assustado e surpreendeu-se muito; porque tinha setenta anos, e porque ambos estavam incapacitados para gerar segundo o curso da natureza. Ouviu então subitamente a voz dizendo: Estolano, não queiras duvidar, porque nada é impossível a Deus, e como sinal do que estou dizendo, quando entrares em teu quarto, onde deves deitar, observa na cabeceira do leito, e encontrarás impressas quatro letras de ouro que ninguém escreveu. Tendo dito isso, a claridade desapareceu. Depois disso, Estolano levantou-se de sua cela, louvando a Deus, e foi até sua mulher Emerantiana; contaram um ao outro o que tinham visto e ouvido; no quarto, encontraram o sinal de quatro letras de ouro escritas na cabeceira do leito, dois A e dois N, que unidos fazem *An-na*, que Emerantiana conceberia em breve e daria à luz. Então louvaram e agradeceram a Deus, esperando a promessa do Criador feita a eles. Pouco

tempo depois, Emerantiana concebia de Estolano seu marido, um fruto pela graça especial de Deus, e com grande desejo aguardava a hora de dar à luz.

Quando a hora se aproximava, ela foi ter com os discípulos, pedindo muito humildemente que orassem a Deus por ela, para que ele pudesse preservar do inimigo o fruto que trazia, e que na hora e lugar pudesse dar à luz salutarmente. Nesse tempo havia um discípulo chamado *Francisco*; ao ver Emerantiana, ajoelhou-se, gritando em voz alta, e dizendo: Quem é esta santa matrona que está junto a mim? Emerantiana lhe respondeu: Muito venerável padre, não me conheces? Sou a velha Emerantiana, tua humilde serva. Ele lhe disse: Emerantiana, vejo em ti grande mistério acima do curso da natureza. Em verdade te digo que, como um círio ou uma lâmpada clareiam as trevas, também percebo em teu seio uma menina resplandecente em luz, da qual não posso maravilhar-me suficientemente, porque excede o entendimento humano.

Emerantiana lhe disse: Reverendo Pai, as obras de Deus são incompreensíveis, e suas misericórdias são impenetráveis, é isso que ele quer mostrar brevemente a seu povo. Por favor, ora por mim; porque a bondade divina quer manifestar-se e foi prometida há muito.

Quando o bom padre Francisco e seus companheiros compreenderam isso, oraram com fervor por ela e disseram-lhe: Emerantiana, rejubila-te, porque tua prece será ouvida; retorna à tua casa e prepara-te para dar à luz.

Em que época Santa Ana nasceu.

Quando chegou a hora em que Emerantiana, segundo a promessa do anjo, daria a luz à uma menina, isso aconteceu como havia sido profetizado; e apareceram sobre o peito da criança quatro letras de ouro, formando o nome de Anna. Esse nome resplandecia como pedras preciosas.

Fez-se um milagre por causa desse nome.

Quando o belo milagre desse nome foi visto pelas mulheres que haviam assistido o parto, a notícia desse milagre espalhou-se por toda parte, e grande número de pessoas lá foram para ver esse prodígio; entre outros foi lá um cavaleiro cego, e como seus olhos não podiam ver o nome de Santa Ana, ele pediu para tocá-lo com suas mãos, o que lhe foi permitido. Emerantiana, considerando que ele era um dos bons personagens de Jerusalém, não lhe ousou recusar, e permitiu. Quando tocou seu nome, e em grande devoção o beijava, aconteceu que a mão de Ana tocou seus olhos,

que se abriram subitamente, e lá recuperara a visão de que estava privado antes, tendo nascido cego. Quando ele viu o nome de Santa Ana em tão grande luz, exclamou com grande alegria: Bendito seja o Deus de Israel. Emerantiana ficou comovida com esse milagre, temendo que, se o povo comum fosse informado disso, viesse como louco ver sua filha, e com isso a criança pudesse adoecer gravemente por causa do incômodo de tantas pessoas; rogou ao cavaleiro que não divulgasse o que acontecera. Quando o cavaleiro ouviu isso, e vendo Emerantiana em tão grande inquietação, prometeu-lhe não dizer nada a ninguém, e a beijou em grande reverência, conservando os olhos fechados como se estivesse ainda cego; e se fez conduzir por seu servo a Jerusalém, lugar onde morava.

Como Santa Ana foi durante cinco anos serva no templo de Jerusalém com as outras jovens.

Depois que Emerantiana e sua filha Ana foram morar em Belém, vieram nove sacerdotes ao templo de Jerusalém, que receberam Santa Ana de sua mãe com grandes honras; ela só tinha três anos e conduziram-na com grande reverência ao templo de Jerusalém, para servir os outros devotos que ali moravam, entre os quais Ana desenvolvia-se e crescia no amor e em todas as espécies de virtude; dia e noite devota em todas suas preces, era igualmente diligente nos trabalhos manuais que lhe eram ordenados, porque as jovens que serviam no templo tinham que lavar, costurar e limpar os ornamentos do templo.

Quando se encontrava só, lançava-se de joelhos para orar a Deus em grande devoção; um dos sacerdotes do templo percebeu isso e se espantou com a grande devoção da moça. Para informar-se melhor, ele se escondeu secretamente no quarto em que ela costumava fazer essa devoção, para ver e ouvir a maneira como fazia suas preces. Quando chegou meia-noite, Ana levantou de seu leito, como estava habituada, orando com as mãos juntas, os joelhos ao chão, os olhos fixos na direção do céu dizendo:

Ó Deus de Israel! minha consciência me dá testemunho de que vos temos ofendido grandemente, por causa disso estais afastado de nós; certamente, Senhor, quanto tempo passará ainda até a libertação de nossa dura escravidão? Vivemos na esperança, segundo as promessas que fizestes a nosso pai Abraão, de nos dar um libertador. Senhor, não recordeis nossos erros passados; mas permiti que vossa misericórdia nos venha consolar.

Lembrai-vos de nossos pais Abraão, Isaac e Jacó, e da misericórdia que lhes prometesses.

Rogo-vos, Senhor, que acolhais a prece de meu delicado coração, e não rejeiteis minha oração, porque sois meu Pai e me criastes; é por isso que meus lábios vos louvarão na minha juventude, e quando tiver mais idade, dar-vos-ei maiores louvores, confessando-me a vós, e lembrar-me-ei de vossa misericórdia, e pregá-la-ei àqueles que não crêem em vós.

Quando Ana acabou de rezar, prosternou-se no chão, e repousou um pouco.

O sacerdote, que estava escondido para ver e ouvir as ferventes preces dessa jovem, ficou extasiado de admiração diante de tão grande devoção; dizia a si mesmo:

Se todos os sábios de Jerusalém vissem a prece dessa donzela, não ficariam menos admirados que eu. E porque o dia se aproximava, esse sacerdote não ousou ficar por mais tempo, com medo de ser percebido, e secretamente se retirou. A premência que ele tinha em saber quem era essa moça fez com que ali fosse muitas vezes, até que fitou Ana no rosto, juntando as mãos, dizendo:

Ó Deus todo-poderoso! eu não podia viver tranqüilo enquanto não tivesse conhecido esta santa donzela, e creio que é esta a donzela de quem está escrito que chegará a um grau eminente de santidade.

Ana continuou seus exercícios de devoção e tornou-se cada vez mais agradável a Deus,

Como morreu Emerantiana e foi colocada na sepultura perto de Estolano, seu marido.

Quando Emerantiana, mãe de Santa Ana, tinha setenta e oito anos, disse a sua filha Ana: Olha, meus dias passaram, e está na hora de descansar com meus pais e ser sepultada junto de Estolano, teu pai. Ó minha filha muito querida! Lembra da misericórdia que Deus nos mostrou e espera ainda pacientemente o tempo de graça que Deus nos prometeu. Guarda os mandamentos de Deus, tem compaixão dos pobres, consola os desolados, pede conselhos às pessoas piedosas e sábias, lê a Santa Escritura, rende graças ao Criador de todos os bens que ele te fez, e com todas as pessoas sê humilde, e não esquece o último dia de tua vida, mas está sempre pronta.

No momento em que Emerantiana instruía Ana dessa forma, a morte veio lhe tirar a vida.

Ana chorou amargamente a morte de sua mãe, orando devotamente a Deus por ela. Quando Ana reuniu todos seus parentes, eles cercaram Emerantiana em grande reverência, e enterraram-na junto de seu marido, como ela havia pedido. Ana chorou sua mãe tantos dias quantos anos ela tinha.

Como Santa Ana, com a idade de dezoito anos, casou-se.

Quando Ana tinha dezoito anos, por conselho de seus amigos, casou-se com um homem crente em Deus, nobre de sangue, como da linha do rei Davi, chamado *Joaquim*, que vivia santamente na crença de Deus, observava seus mandamentos e era misericordioso para com os pobres; porque se diz dele que quando tinha quinze anos, repartiu seus bens em três partes, dando uma aos pobres, outra ao templo, e conservando a terceira para prover as necessidades de sua casa.

Quando ele tinha vinte e um anos desposou Ana, que era muito caridosa, fazendo bem aos pobres e mesmo aos doentes e aflitos; ela morava em Nazaré, pequena cidade da Galiléia, na qual o anjo Gabriel anunciou à Maria, sua filha, que ela conceberia e daria à luz o filho de Deus; dessa forma, pois, Ana levava uma vida muito pura. Aconteceu-lhe certa vez que lia como Tobias instruía seu filho, no caso de Deus destinar-lhe bens temporais, que ele desse livremente aos pobres, palavras que a assustaram, pensando em seu coração: Ó Deus! como tenho bens e possuo todas as coisas necessárias! Oh! fui ingrata e não cumpri meu dever como este escrito ordena. Enquanto estava assim pensativa, chegou Joaquim, seu marido, e a vendo triste lhe disse: Ó minha querida amada! por que estás triste? Ela respondeu: Porque faz muito tempo que não obedecemos às ordens da Santa Escritura, e o fez ler o que havia lido de Tobias. Quando terminou de ler, ele lhe disse: O que te parece que devemos fazer? Ela lhe respondeu: Parece-me que, como Deus nos conferiu bens, devemos reparti-los em três partes, que as duas primeiras partes sejam distribuídas à honra de Deus, e a terceira parte a guardaremos para nossas necessidades. Ele lhe respondeu que assim faria porque já desejava fazer algo semelhante antes de estarem juntos. Quando Ana ouviu isso ficou alegre e mandou preparar uma mula, montou nela e foi com seus criados aos campos e aos lugares onde estava o gado pastando, para reconduzi-los para casa. O gado era de duas mil e duzentas cabeças. Após o reconduzirem, dividiram-no em três

partes iguais; uma das partes foi dada ao templo, outra aos pobres e a terceira eles a conservaram para se alimentar, e com essa parte Ana ajudava ainda os pobres, viúvas e órfãos, onde os encontrasse, e o fazia com consentimento de seu marido Joaquim, porque ele era igualmente misericordioso para com eles; desse modo viviam na crença de Deus, em paz e amor conjuntamente, observando os mandamentos de Deus cuidadosamente.

Oh! como é preciso hoje que as pessoas unidas em matrimônio caminhem desse modo! Deus o conceda. Assim seja.

Como Ana ficou casada com Joaquim vinte anos sem ter fruto e como foi censurada pelo soberano sacerdote a oferta de Joaquim.

Quando Joaquim completou com Ana o tempo de 20 anos de casados, vivendo segundo Deus, não tinham nenhum fruto, o que era grande desonra diante das pessoas, porque, naquele tempo, zombava-se daqueles que eram infrutuosos e que não aumentavam o povo, e, por esse motivo, foram menosprezados por muitos.

Por isso faziam suas orações a Deus com fervor para que ele olhasse essa exprobação e lhes enviasse um fruto, que lhe ofereceriam para servi-lo no templo de Jerusalém.

Um dia em que Joaquim foi a uma grande festa com outros de sua linhagem em Jerusalém para fazer oferenda segundo a lei, ao se aproximar do altar, colocou a oferenda em cima.

O sacerdote o interpretou mal, jogando a oferenda para fora do altar em presença de todo o povo, repreendendo sua infrutuosidade, dizendo:

Que não era decente receber sua oferenda como daqueles que eram frutuosos, porque seu casamento não multiplicava a descendência do povo de Israel.

Diante dessas palavras Joaquim ficou triste e aborrecido; inclinando a cabeça, não ousava, de vergonha, olhar ninguém no rosto.

Como Joaquim vai ver seus pastores guardando seu gado, e como o anjo o conforta.

Como Joaquim na presença de seus amigos e de todo o povo havia sido rejeitado, porque era sua culpa, e de desgosto não ousava retornar a Nazaré, temendo que seus vizinhos lhe lançassem no rosto o que lhe havia acontecido no templo, ficou com seus pastores e resolveu morar com eles

sem ir a Nazaré, como fez, esperando que Deus o consolasse e lhe desse a entender o que deveria fazer.

E quando lá estava há algum tempo, aconteceu-lhe uma vez que, estando só, o anjo de Deus, com uma grande luz, veio visitá-lo, consolando-o e exortando-o a não ficar espantado, e lhe disse: Sou o anjo de Deus, por ele enviado para te anunciar que tua oração foi ouvida por Deus e que tuas esmolas subiram ao céu; ele viu a vergonha e a exprobação de tua infrutuosidade; porque Deus é o vingador dos pecados, e não da natureza. E quando ele torna uma mulher infecunda, faz isso a fim de mais milagrosamente dar-lhe a fecundidade quando ela lhe implora, como fez com Sara, a mulher de Abraão, que em sua velhice deu à luz Isaac. Igualmente Raquel foi infecunda, e em sua velhice deu à luz José, que se tornou grande Senhor do Egito. Depois há Sansão e Samuel, que eram ambos de mães que foram por muito tempo estéreis; assim é preciso crer que os nascimentos postergados são tanto mais maravilhosos quanto mais forem postergados. Sabe que tua mulher conceberá uma menina que se chamará Maria. Essa menina consagrada a Deus, e ao ventre materno, será iluminada pelo Espírito Santo; é a razão pela qual ela não morará entre o povo comum, mas no templo, para que ninguém suspeite dela, e igualmente nascerá de uma mãe infértil; dessa forma dela nascerá o Filho de Deus, que se chamará *Jesus*, e por ele toda criatura receberá a salvação. Para sinal de verdade, tua mulher Ana te encontrará em Jerusalém na porta dourada, porque ela deseja que retornes.

Quando o anjo assim falou a Joaquim, ele se alegrou; e como Ana, sua mulher, estava desgostosa, esperando sua vinda, esse anjo apareceu para ela, e a consolou, dizendo-lhe o que havia anunciado a Joaquim, e que ela fosse a Jerusalém, na porta dourada, onde o encontraria, o que ela fez.

Quando se encontraram ficaram cheios de alegria pela promessa do anjo, em razão da filha que deveriam ter. Depois de estarem no templo servindo a Deus devotamente, retornaram juntos a Nazaré, onde esperaram com alegria a promessa divina. Imediatamente depois Ana concebeu, e nove meses depois deu à luz uma menina, que foi chamada *Maria*, como o anjo havia ordenado. Ora, que alegria foi no céu e na terra esse nascimento Quem poderia explicar a felicidade recebida pelos humanos!

Do nascimento de Maria.

No dia em que Ana deveria dar à luz a bem-aventurada criança que o anjo havia anunciado a Joaquim, seu marido foi procurar parteiras para assistir Ana em seu parto; do mesmo modo foi à montanha procurar Elizabeth, a mulher de Zacarias, e Ysmaria, irmã de Ana que tinha oitenta e um anos. Quando chegaram ao quarto de Ana parecia-lhes que sentiam uma grande alegria no coração, e quanto mais se aproximavam de Ana, mais sentiam alegria e perfumes. Quando chegou a hora de Ana dar à luz, ela foi envolvida subitamente por uma grande claridade e deu à luz uma linda menina, resplandecente como o sol, e imediatamente veio uma multidão de espíritos celestes cantando melodiosamente: Vedes aqui a rainha dos céus e a futura mãe do Filho de Deus. Enquanto as parteiras estiveram reunidas no quarto de Ana, lá ficando por seis dias, viram coisas maravilhosas e renderam louvor a Deus.

Um milagre.

No mesmo instante em que Maria nasceu, surgiu uma águia voando sobre a casa onde Ana estava dando à luz, segurando no bico muitos ramos, e fez um ninho em cima dessa casa, o qual durou muitos anos, mesmo depois da ressurreição de Jesus Cristo.

Outro milagre.

Ao mesmo tempo, num deserto, perto dali, havia um unicórnio muito grande, como jamais se havia visto igual, e que freqüentemente fora perseguido em caça pelos reis, mas eles não puderam pegá-lo; quando Maria nasceu, ele veio à sua porta e ninguém conseguiu caçá-lo. Então um cavaleiro chamado *Adrianes*, que morava perto de Nazaré, trepassou-o com uma lança e o matou, oferecendo-o ao soberano sacerdote de Jerusalém, que lhe agradeceu muito.

Outro milagre.

Naquele tempo, todos aqueles dos arredores de Jerusalém e do país da Judéia estavam oprimidos por maus espíritos e soltavam gritos tão horríveis, que o povo ficou muito apavorado, temendo que Deus quisesse confundir todo o país. Havia em Jerusalém um santo homem, que conjurou um dos oprimidos a dizer-lhe por que se fazia esse tumulto. Então o mau espírito disse pela boca de um demoníaco que nesse dia havia nascido em Nazaré uma menina, os anjos estavam muito felizes e eles não mais podiam manter-se em posseção dos corpos, e seriam obrigados a sair dali para

serem colocados nas profundezas do inferno pela virtude dessa divina criatura.

Outro milagre.

Nessa época foram libertados do inimigo duzentas e cinquenta pessoas demoníacas no país da Judéia e em Samaria.

Como o Anjo anunciou a Joaquim o nascimento de Maria.

Quando Ana deu à luz Maria, Joaquim estava fora de casa, esperando as novas alegrias do parto. No instante em que a criança chegou, o anjo veio a ele, dizendo: Anuncio-te grande alegria, porque hoje nasceu o fruto que te havia prometido, e ordeno-te que durante dezesseis dias não entres onde Ana deu à luz, para que as parteiras que ali estão reunidas não sejam perturbadas no lugar de regozijo; esse dia será tua alegria e a de todo mundo.

Dito isso, o anjo desapareceu, e Joaquim prosternou-se imediatamente por terra, agradecendo a Deus, depois levantou-se e chegou em sua casa, cheio de alegria, e ordenou a todos aqueles de sua família que durante dezesseis dias ninguém entrasse onde sua mulher estava deitada.

Depois disso, Joaquim vestiu-se com suas melhores roupas, pegou donativos e oferendas e foi com sua família a Jerusalém entregar a Deus sua oferenda. Quando os sacerdotes do templo souberam que Deus lhes havia enviado uma filha ficaram muito felizes louvando a Deus através de cânticos e dando a Joaquim e sua família honra e reverência. Joaquim permaneceu no templo com sua família por oito dias, para solenizar o nascimento da menina recém-nascida; depois retornaram à hospedaria. E quando os dezesseis dias se passaram, Joaquim enviou uma de suas criadas ao quarto de Ana, onde estavam ainda as parteiras, e lhes fez saber que os dezesseis dias haviam passado; elas não podiam crer, porque não lhes parecia que ali tivessem ficado nem por meio dia; também não haviam percebido as noites, de modo que não podiam crer no que a criada lhes dizia; mas para ficarem mais seguras, perguntaram a Joaquim, que lhes disse que os dezesseis dias haviam passado. Então saíram e cada uma retornou à sua casa.

Como Joaquim visitou Ana, sua mulher, que dera à luz e beijou com grande alegria sua filha recém-nascida.

Depois da permanência das parteiras na casa de Ana durante dezesseis dias, elas retornaram às suas casas. Neste momento, Joaquim foi para junto de Ana, sua mulher, e a cumprimentou. Imediatamente ela lhe deu entre os braços sua filha, que ele recebeu alegremente agradecendo a Deus; de

tão grande alegria começou a chorar vendo a beleza dessa criança, depois a entregou a Ana e a chamou de Maria, como o anjo lhe havia ordenado. Quando lhe impuseram esse nome, vieram nove anjos que se prosternaram nove vezes de joelhos dizendo: Bendito é o doce nome de Maria; hoje nos é manifestado o nome de nossa rainha; é por isso que nos congratulamos esperando esse doce nome. Então desapareceram cantando melodiosamente.

Quando Maria ouviu o melodioso canto dos anjos, olhou-os sorridente, e seus pais se alegraram muito, admirando as coisas maravilhosas que Deus fazia na terra, e então ouviram uma voz do céu, dizendo: Joaquim e Ana, não fiquéis surpresos do que vistes e olvistes, como se fosse algo novo, porque isso foi previsto pela Santa Trindade, e agora chega conforme a vontade de Deus, para ser manifestado a todas as criaturas sobre a terra. Joaquim e Ana surpreenderam-se do que fora dito; colocaram-se de joelhos rendendo bênção e louvor a Deus todo-poderoso.

Como Maria está representada no antigo testamento.

São Jerônimo dizia num sermão da Assunção de Maria: Ela foi retratada aos patriarcas, anunciada pelos profetas, mostrada aos evangelistas; Maria é essa senhora de quem se faz menção no primeiro livro do Antigo Testamento, diz a *Gênese*, que esfacelou a cabeça da serpente, que é o inimigo que coloca a concupiscência carnal e o orgulho do coração; é também a luz que Deus ordena que se faça e da qual ele saiu.

Ela é a cópia fiel de Jesus na plenitude das graças de Deus; o homem que ela gerou quando concebeu do Espírito Santo e deu à luz sem dor e permaneceu Virgem imaculada. É por isso que é chamada apenas de Eva mãe dos mortos, amiga dos moribundos, tanto da morte da alma como do corpo; mas Maria a nós todos libertou dessas duas mortes, porque Jesus, seu Filho, é a verdadeira vida da alma e do corpo dos fiéis, que por ele foram salvos e serão daqui por diante; mas ela é também a arca de Noé, que é feita de uma maneira incorruptível, do verdadeiro Noé Jesus Cristo, que só se fez justo no seu nascimento; ela é esta Rebeca, cujo filho Jacó lutou contra o anjo que pediu e obteve a bênção paterna para todos aqueles que lutaram contra o mau inimigo. Ela é também a escada que Jacó, o bom patriarca, viu em visão, e pela qual os anjos subiam e desciam. Ela é igualmente a bela Raquel, que Deus amou como Jacó amou, e desceu do céu para tornar-se carne humana, e humilhou-se sofrendo grande dor por amor

a ela. Ela é também a bela Raquel tendo dado à luz o verdadeiro José, que não foi somente senhor de seus irmãos, mas de todo o Egito, e também é o príncipe dos anjos, Senhor de todas as criaturas, Jesus Cristo sempre abençoado. Ela é também figurada pela árvore ardente de Moisés que parecia queimar, mas não queimava, porque concebeu um Filho e permaneceu Virgem imaculada. Ela é ainda representada pelo bastão florido de Arão com humildade, porque gerou Jesus Cristo. É igualmente figurada pelo toção de Gedeão, do qual desceu o orvalho da noite sem umedecer a terra; porque o Filho de Deus desceu nele sem nenhuma quebra nem mácula de sua pureza. É ainda representada pela vara de Moisés que separa o mar em duas partes, por onde os filhos de Israel passaram com os pés secos, e de onde Moisés tirou a pedra que deu grande abundância de água, da qual o povo e todo o gado beberam e se saciaram. É também representada pelo verdadeiro escudo de Josué, com o qual venceu os inimigos de Deus; porque só ela exterminou todas as heresias. Maria é também o trono do verdadeiro rei Salomão e uma cadeira de marfim; porque sua pura virgindade preparou para Jesus Cristo um trono e uma cadeira em seu ventre virginal, onde repousou pelo espaço de nove meses. Ela é ainda o renome do templo de Jerusalém, que se edificou sem instrumentos, machados nem martelos, porque deu à luz Jesus Cristo sem dor. Maria é também a bem-aventurada Virgem, que profetizaram Isaías e Jeremias; o primeiro disse: Ele sairá de uma virgem da origem de Jessé, e uma jovem dará à luz um filho; e o outro disse que o Senhor faria coisa nova sobre a terra, porque uma mulher envolvia um homem. Se ele tivesse dito uma criança, isso não seria algo novo a se admirar, se era Jesus Cristo um homem no seio de sua mãe, não em idade, mas em sabedoria; não em força corporal, mas em força espiritual, tanto colocado na manjedoura, como com a idade de trinta e três anos, que pregou e que está agora onde está, sentado à direita de seu pai eterno; mas ele não usou essa sabedoria por um tempo, como de sabedoria mundana, para fazer ver que realmente ele havia tomado forma humana. Ela é também a montanha da alta perfeição, da qual foi cortada uma pedra sem mãos de homens, e por essa pedra entendemos Jesus Cristo, que nasceu pela Virgem sem obra viril. É também a porta fechada em que só o Senhor passou e tornou a passar; porque Maria permaneceu Virgem concebendo e dando à luz, e permanecerá sempre.

Maria é também o candelabro de ouro, que, diz o profeta Zacarias, tinha sete lâmpadas ardentes no templo de Jerusalém, que significam as sete obras de misericórdia em Maria, e o exemplo luminoso de sua vida santa e de bons costumes. Ela é também a arca do Testamento onde foram colocados os mandamentos da lei, e as duas tábuas de Moisés onde foram escritos pela mão de Deus os doze mandamentos que Maria guarda cuidadosamente, vivendo segundo eles: nessa arca estava também o bastão de Aarão, que, florido, produziu o fruto de vida, Jesus Cristo, que nos nutre de sua divina carne e precioso sangue no santo sacramento do altar; essa arca continha também maná, que os filhos de Israel receberam no deserto, e Maria carregou o verdadeiro maná do céu durante nove meses, o verdadeiro pão dos anjos, e a carne dos doentes; essa arca possuía também madeira imputrescível; assim foi Maria, sem corrupção, transferida ao céu em corpo e alma; a arca tinha quatro argolas de ouro dos lados, pelos quais a seguravam; Maria tinha nela as quatro virtudes fundamentais, que são as origens de todas as virtudes.

A arca tinha dois fustes, que se prendiam entre as quatro argolas de ouro quando as seguravam; estes são figurados pela caridade que estava em Maria, isto é, o amor de Deus e de seu próximo. A arca era dourada por dentro e por fora; Maria é ornada igualmente, sendo resplandecente em todas as virtudes. Maria é representada pela filha do rei Astiages, que, como está contido na história escolástica, via em visão como se uma videira crescesse do ventre dessa jovem, estendendo-se muito, envolvendo todo o seu reino, e lhe foi dito que de sua filha sairia um rei, e depois ela gerou o rei Ciro, que libertou os filhos de Israel do cativeiro da Babilônia; também o anjo disse a Joaquim e Ana que deles viria uma filha que nos livraria da paixão do diabo, também representada pela fonte saindo do jardim fechado; porque ela estava envolvida no ventre de sua mãe, ela foi santificada pelo Espírito Santo e pela Santa Trindade, prevenida de que nenhum pecado podia entrar nela; ela é ainda figurada pelo profeta Balaão, que disse que da descendência de Jacó sairia uma estrela do grande mar desse mundo perigoso, e sem ajuda dessa estrela não se poderia passar sem naufrágio, nem chegar ao porto da salvação. A santa Igreja a saúda diariamente pelo hino: *Ave maris stella*, isto é, salve, estrela do mar, da qual também São Bernardo escreveu a homilia do anjo, dizendo: Maria é a estrela brilhante desse grande mar do mundo, resplandecente pelas virtu-

des, obras e exemplos de boa vida e de bons costumes. Maria é também figurada pelo templo de Salomão, edificado a Deus com pedra branca, de mármore, dourada por cima; assim Maria é branca e santa na pureza, virgem no corpo e na alma, ornada de amor e caridade.

Como Joaquim e Ana alimentavam Maria, sua filha.

Depois do parto, Ana ofereceu Maria ao templo segundo a lei, e depois de tê-la reconduzido à sua casa, Ana e Joaquim alimentaram-na cuidadosamente em grande reverência e não a deixaram ser tocada por ninguém além deles e Fine, a irmã de Ana. Quem poderia explicar a grande alegria que tinham ao olhar essa criança bendita, ao beijá-la e brincar com ela? Creio que nada o poderia exprimir. Joaquim e Ana olhavam-na com tanta admiração, que esqueciam às vezes de beber e comer, e parecia-lhes que esse tempo era apenas um instante. Haviam ordenado a sua família que, quando estivessem com a criança no quarto, ninguém os interrompesse, o que foi atendido.

Da apresentação de Maria ao templo.

Quando Maria tinha a idade de três anos, Joaquim disse a Ana: Minha querida Ana, lembra da promessa que fizemos, porque não podíamos ter fruto juntos, quando rogamos a Deus que nos enviasse esse fruto, que o ofereceríamos ao templo. Então Ana lhe respondeu: Meu querido amigo, por mais duro que seja deixar nossa filha, ainda nos seria mais afrontoso não cumprir nossa promessa e ofender Deus. Por isso estou pronta a cumprir teu conselho e executá-lo. Ele se preparou e fez reunir seus amigos mais próximos e as honestas parteiras de sua família, levando com ele ricos presentes e uma rica veste cor-de-mel que era trabalhada em filetes de ouro brilhante como estrela do céu, e havia feito uma coroa de belas flores, que Maria levava na cabeça, na qual foram colocadas cinco pedras preciosas, com esplendor superior ao de todas as pedras; e quando eles estavam todos preparados, ela com seu marido, sua filha e seus bons amigos, saíram em direção a Jerusalém e foram três dias de caminhada: de Nazaré a Jerusalém há trinta e cinco léguas; fizeram esse caminho com grande alegria, porque estavam em companhia dos anjos.

Quando chegaram a Jerusalém, Joaquim mandou dizer aos sacerdotes do templo que se preparassem para receber sua filha, do que se regozijaram; eles se prepararam, tomando ricos hábitos com os quais se vestiram.

Como Maria foi recebida no templo.

Quando Joaquim e Ana, com Maria sua filha, e seus amigos, vestiram-se com seus melhores hábitos e ajustaram em sua filha Maria o hábito e a coroa, foram juntos para diante do templo, porque o templo era edificado sobre uma montanha; havia ali quinze degraus a subir.

Assim que começaram a subir e que pensavam carregar sua filha até o alto, ou levá-la pela mão, Maria subiu os degraus sozinha, tão rapidamente como se tivesse doze anos, o que causou grande admiração aos sacerdotes, a seus pais e amigos, e a todos aqueles que a viram e que ouviram falar, porque ela tinha apenas três anos. Quando se aproximaram do templo, tinham sua oferenda preparada, e entraram dirigindo-se ao sacerdote e apresentaram-lhe sua filha Maria com ricos presentes, como haviam prometido. Então o sacerdote a recebeu com grande reverência, com cantos e louvores, e a conduziram para a companhia das outras virgens que moravam no templo, servindo noite e dia.

Como Maria foi apresentada ao templo três vezes.

Todavia, assim como dizem os santos bispos Epifânio, Carísio e Basílio, Maria foi apresentada ao templo três vezes; mas Vicente, à luz da história, e muitos outros, escrevem que quando ela tinha três anos foi apresentada ao templo, onde morou um bom tempo, porque primeiramente foi apresentada ao templo por sua mãe oitenta dias depois do seu nascimento, como dádiva à purificação, porque, segundo o mandamento da lei, quando uma mulher tinha uma filha, ela moraria oitenta dias fora do templo, e se fosse um filho, deveria morar quarenta dias; o porquê de ser dessa maneira é que, os mestres da natureza assim escreviam, um filho recebe a vida no ventre de sua mãe, a metade do tempo mais cedo que uma menina. Quando Ana apresentou Maria ao templo, segundo o costume, ela a reconduziu imediatamente com ela à sua casa. A segunda apresentação foi feita no templo quando Maria tinha três anos, como está dito acima. Pouco tempo depois, mais uma vez levada de volta à casa de seus pais, lá ficou até completar sete anos; e pela terceira vez foi novamente apresentada ao templo, onde morou até os catorze anos,

Como a apresentação de Maria ao templo foi representada primeiramente.

A apresentação de Maria foi representada no templo pela tábua que foi encontrada em Sorbion, de que fala *Scholastica Historia*. Como os pescadores jogassem um dia suas redes ao mar, quando as trouxeram à tona, ali

encontraram uma tábua de ouro, que ofertaram ao sol natural, porque tinham e adoravam o sol como seu Deus no templo do sol, que estava edificado às margens do mar. Por essa tábua Maria é plenamente representada; quanto à filha de Jephté, que está escrito na Bíblia, no livro dos juízes, ela foi apresentada indiscretamente, e depois disso não podia mais servir a Deus; mas Maria foi apresentada com discrição, servindo a Deus todos os dias de sua vida.

Como Maria foi apresentada ao templo, e ali permaneceu até os catorze anos.

Então Maria foi apresentada ao templo; ela ali permaneceu até os catorze anos, e foi colocada com outras donzelas, que também eram agradáveis a Deus; aprendeu a lei de Moisés, servidor de Deus. Deliberou em seu coração tomar Deus por seu pai, e poder dizer com Davi: Pai e mãe abandonaram-me, mas o Senhor me recebeu. Ela se deixou iniciar pelos sacerdotes na lei mosaica, pensou em seu coração o que poderia fazer para ser mais agradável a Deus, e nesse ano rogou incessantemente ao Senhor que lhe fizesse e desse a graça de poder fazer sua vontade, que ela pudesse guardar os mandamentos da lei, e que sua vontade fosse unida à sua, e pudesse amar tudo o que Deus amasse, e também odiar o que ele odiasse, e havia nela todas as virtudes para que pudesse agradar a Deus; prosseguia e crescia diariamente em todas as virtudes e em sabedoria, acima de todas as jovens virgens que lá estavam; contemplava sempre a infinita bondade divina em relação à reparação do gênero humano. Orava a Deus frequentemente e às vezes lia a Santa Escritura, outras vezes costurava as vestimentas do templo, fazendo novos ornamentos e recompondo os velhos hábitos e os limpando, conforme os sacerdotes do templo ordenassem; porque era nessa obra que se exercitavam as donzelas do templo. Quando chegavam na idade de casar, aos catorze anos, conduziam-nas a seus pais para casá-las. Maria também costumava exercitar a leitura da Santa Escritura e da vinda de Nosso Senhor, e foi julgada a mais sábia de todas aquelas que estavam no templo, crescendo em humildade, mais ainda em caridade, mais servindo em castidade, e mais perfeita em todas as virtudes; era também constante em todos os benefícios e inamovível em coragem. Jamais a viam com raiva, suas palavras eram cheias de doçura; de modo que pela língua podia-se reconhecê-la como sendo de Deus. Era diligente com suas companheiras, evitando que ofendessem a Deus ou ao próximo, ou dando

maus exemplos, ou provocando alguém para dizer, ou fazendo injustiça a alguém. Louvava Deus sem cessar, e orava pela saúde do gênero humano; e quando a saudavam, respondia: *Deo gratias*. Parece verdade que dela tenha vindo esse costume, de quando as pessoas de bem são cumprimentadas, responderem: *Deo gratias*. Maria consagrou também a Deus sua castidade, de que não tinha tido exemplo, porque nenhuma jovem, desde o início do mundo, tinha feito isso, de modo que foi a primeira a consagrar a Deus sua castidade. Ela se comportava em todas as suas ocupações tão sabiamente, que sua vida era para todos um espelho de bons-costumes e virtudes, como escreve sobre ela Santo Ambrósio; crescia diariamente em santidade, e era todos os dias visitada pelos anjos, e tinha visões divinas. São Jerônimo escreve numa epístola aos santos bispos Cramario e Heliodato, que Maria se organizara de tal modo que desde a manhã até a prima estava em oração, e depois ficava fazendo algumas obras manuais até a hora da terça e da sexta, em que o anjo levava sua refeição; depois retornava à sua oração, de tal forma que jamais ficava ociosa, seja porque estivesse orando a Deus, ou meditando ou fazendo algumas boas obras; morou no templo nesse exercício até catorze anos.

Depois de apresentarem sua filha ao templo, Joaquim e Ana retornaram a Nazaré.

Depois que Joaquim e Ana apresentaram sua filha Maria a Deus, no templo, e ficaram um pouco perto dela, louvando e bendizendo o Senhor por suas bênçãos que lhes havia mostrado, retornaram a Nazaré, e estiveram três dias a caminho de Jerusalém, e igualmente três noites, e foram para a mesma casa de antes; no caminho aconteceram muitos milagres, que pareciam ser contra o curso da natureza. Eu os deixarei passar em silêncio.

Como Joaquim morreu no mesmo ano em que Maria foi apresentada ao templo.

Logo depois que Joaquim e Ana apresentaram sua filha Maria a Deus, no templo, e voltaram para casa, no mesmo ano Joaquim adoeceu, e rogou a Deus que o recebesse como havia feito com seus antepassados; quando estava doente no leito e sentiu aproximar-se a morte, chamou Ana, sua mulher, dizendo: Minha mulher Ana, a hora chegou em que repousarei com nossos pais. Rogo-te que me faças colocar no túmulo de meu pai Barphanter, e que caminhes o resto de tua vida segundo os mandamentos

do Senhor. Tem sempre gratidão para com Deus pelos benefícios que nos mostrou aqui embaixo; tem também lembrança da promessa de nosso fruto à salvação de todo mundo, porque irei aos limbos e anunciarei a nossos pais a misericórdia de nosso Deus, a fim de que sejam consolados, esperando sua liberdade, e quando tu anunciares minha morte a nossa filha Maria, dize-lhe que grave em seu coração minha memória como o sol no firmamento. E ao dizer isso, entregou seu espírito a Deus; Ana então prosternou-se no chão chorando com a afeição e o amor cordial que lhe tinha. Ela ordenou que o untassem com preciosos ungüentos e o colocassem junto de seu pai, segundo seu desejo, e ficou por algum tempo em sua sepultura, lamentando e lastimando sua morte; depois voltou para casa, onde continuou a chorar por quarenta dias.

Como Ana, após a morte de seu marido, por ordem do anjo, casou-se com outro homem chamado Cleófas.

Um ano após a morte de Joaquim, Ana pegou seus hábitos solenes querendo destruí-los e dá-los aos pobres, dizendo: De hoje em diante não será encontrado nenhum de meus hábitos solenes, assim vestirei roupas de viúva e de luto, chorando a morte de meu marido por toda a minha vida. E quando pegou uma faca para cortar suas vestimentas, o anjo lhe apareceu dizendo: Ana, não destruas tuas vestimentas, mas lembra como Deus te tornou fecunda quando eras estéril e enviou-te um fruto muito saudável, como não existe e jamais existirá outro igual, do qual nascerá o Filho de Deus eterno, para a salvação de todo mundo. Desse modo é preciso que sejas obediente a Deus e tomes como marido aquele que te nomearei, que diante de Deus parece justo, chamado *Cleófas*; terás uma filha da qual nascerão grandes homens que defenderão a fé cristã e combaterão até derramar seu sangue; depois receberão a coroa do martírio; deles ele quer fazer os iniciados de todo mundo; estarão sentados nos tronos, julgando as doze descendências de Israel. Ana, acredita em mim, segue meu conselho, pois para isso Deus enviou-me a ti; tira teus hábitos de luto e te veste solenemente e cumprirás o querer de Deus. Quando Ana ouviu o que o anjo lhe disse, ajoelhou-se louvando a Deus, e desposou Cleófas, do qual concebeu e deu à luz naquele mesmo ano uma menina, como o anjo lhe profetizara, que foi chamada *Maria*, para reverência de sua primeira filha que teve com Joaquim; e antes que desse à luz, Cleófas, seu segundo marido, morreu, deixando sua mulher grávida. Ana com esse evento ficou muito

triste, dizendo: Como estou desolada! quando serei regozijada pelo fruto que carrego? Sobreveem-me grande aborrecimento, porque a filha que de mim nascerá não conhecerá e não verá jamais seu pai; e nesse tédio ficou Ana, esperando o dia de seu parto; a hora chegou e ela deu à luz uma menina que fez chamar-se Maria. Quando essa menina estava na idade de se casar, por conselho de sua mãe casou-se com um homem crente em Deus, chamado Alfeu, do qual são descendentes São Tiago, o Menor, Santo Alfeu, ou Judas, seu outro nome, e José, o Justo, que foram apóstolos de Jesus Cristo. E igualmente Ana chorou a morte de seu marido Cleófas, e um ano depois disse a si mesma: cumpri agora a vontade de Deus, e de agora em diante não quero estar na companhia de homem. E imediatamente o anjo veio a ela dizendo: Ana, sabes bem que teu testemunho está fixado em número ternário; por isso é necessário que te cases com um terceiro marido, que foi reconhecido justo diante de Deus, chamado Salomé, do qual conceberás e darás à luz uma menina a que chamarás *Maria*, como as outras; dela nascerão dois príncipes que reinarão sobre as doze descendências de Israel, e Deus fará coisas maravilhosas por eles diante de todo mundo. Por isso Ana, regozija-te de teus filhos; porque Deus quer fazer coisas maravilhosas na terra através deles, e o que descender de ti receberá bênção eterna; pelo consentimento em minhas palavras, após a morte do terceiro marido tu continuarás viúva como ele te ordenou.

Como Ana casou-se com seu terceiro marido, chamado Salomé, segundo a ordem do anjo.

Quando Ana compreendeu a ordem do anjo, bendisse Deus, que em todas as suas obras é maravilhoso, casou-se com o terceiro marido, chamado Salomé, e viveram juntos justamente e na crença de Deus, guardando seus mandamentos. Quando completaram um ano juntos, Ana concebeu e deu à luz uma menina, que fez chamar-se Maria, que em idade de casar fizeram casar-se com uma pessoa muito piedosa, chamada *Zebedeu*, do qual concebeu e deu à luz duas crianças, apóstolos de Deus, Tiago, o Maior e São João, o Evangelista. Algum tempo depois, Salomé morreu e Ana chorou-o como havia chorado seus outros maridos; após a morte deste, Ana deixou todos os seus hábitos joviais e bonitos, propondo-se a viver o resto de sua vida em austera penitência, o que fez.

Como Maria foi dada em casamento a José.

Maria estava na idade de treze anos, e até então havia servido ao templo, ao qual fora ofertada; o soberano sacerdote ordenava que todas as jovens que atingissem essa idade se retirassem, o que em geral faziam, exceto Maria, filha de Ana. O soberano sacerdote perguntou-lhe por que não obedecia à sua ordem. Ela respondeu que havia consagrado sua virgindade e por isso não podia casar-se. O soberano sacerdote, ouvindo isso, ficou surpreso, porque sabia que a Escritura ordenava reservar para Deus os votos e promessas; mas não queria consentir, porque era algo novo; é por isso que estava em dúvida sobre o que faria. Pediu a Ana, mãe de Maria, para lhe dar conselho, porque ele sabia ser ela mulher conforme Deus; e quando chegou diante dele, ela lhe deu a conhecer muitos fatos milagrosos que lhe haviam acontecido no último retorno, quando ela ofereceu essa sua filha ao templo, o que deixou o sacerdote ainda mais em dúvida sobre o que deveria fazer; enfim ele resolveu fazer vir os sacerdotes e foi com eles ao templo, prosternando-se ao chão, orando a Deus para que o inspirasse sobre o que deviam fazer. Surgiu, então, uma voz vinda do grande altar chamado *Sancta Sanctorum*, dizendo: Sairá uma flor sobre a qual repousará o Espírito Santo, assim como profetizou Isaías. Quando o sacerdote ouviu isso, fez reunir todos os homens da linhagem de Davi em idade de se casarem, ordenou que cada um deles levasse um bastão ao templo, e aquele cujo bastão florescesse e sobre o qual pousasse o Espírito Santo desposaria Maria; o que cada um fez, exceto José. E porque não houvesse ali nenhum bastão que florescesse, foi dito a José que pegasse seu bastão colocando-o como os outros sobre o altar; imediatamente dele nasceu uma flor sobre a qual desceu o Espírito Santo, em forma de pomba branca. Quando Ana soube que José tomaria sua filha Maria em casamento ficou muito feliz, porque sabia que ele era crente em Deus e que a queria honrar; freqüentemente ele comia e bebia com ela; após a morte de seu marido ele ia sempre aliviar sua perda, como se fosse seu filho; tinha ela também ainda uma filha viva e por isso a amizade entre Ana e José foi mais forte que anteriormente.

Como Maria foi dada em casamento a José pelo soberano sacerdote.

José, vendo que a divina Providência queria que desposasse Maria, e sabendo que ela havia consagrado a Deus sua castidade, ficou regozijado, louvando a Deus que o havia unido a essa pessoa, que fora por seus pais

ofertada e presenteada a Deus o criador, e lhe havia oferecido sua virgindade, a fim de viver em castidade, e que lhe havia também proposto permanecer e viver em castidade.

Quando Maria viu que o soberano sacerdote e os amigos de José falavam em fazer o casamento entre os dois, pensou no voto que havia feito e baixou os olhos. Quando Ana o percebeu, afastou-a das jovens do templo que desejavam ser suas companheiras, e foram juntas a Nazaré onde ela permaneceu. José foi à sua casa para preparar o necessário para as bodas. Alguns dias depois, o soberano sacerdote os casou. Quando Maria foi dada a José em matrimônio, foram com sua mãe Ana a Nazaré, ali permanecendo por bom tempo, durante o qual deviam preparar-se para celebrar as bodas; José se retirou com diligência, e preparou-se para receber Maria, sua esposa, em sua casa.

Como o anjo Gabriel anunciou a Maria que ela conceberia o filho de Deus.

Quando José se preparava com diligência para receber Maria, sua esposa, em sua casa, o anjo Gabriel apareceu, como testemunha São Lucas, enviado de Deus a Nazaré, à virgem desposada por um homem chamado da casa de Davi, e o nome da virgem era Maria. Parece, como escreve São Bernardo, que a virgem Maria estava encerrada em seu quarto e exercitava-se na leitura da Santa Escritura: o anjo Gabriel entrou dirigindo-se a ela e lhe disse: *Eu te saúdo, Maria, cheia de graça, o Senhor está contigo: bendita és tu entre todas as mulheres.*

Quando ela ouviu isso, ficou perturbada, pensando o que representava essa saudação. O anjo lhe disse: Não temas, Maria, tu encontraste graça diante de Deus, conceberás e darás à luz um filho, que chamarás *Jesus*; ele será grande e se chamará o Filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, ele reinará na casa de Jacó eternamente, e seu reino não terá fim. Maria disse ao anjo: Como isso acontecerá se não conheço nenhum homem? O anjo lhe disse: O Espírito Santo virá a ti, e a virtude do Soberano te ocultará, e a criança que nascerá de ti se chamará *Filho de Deus*; Elizabeth, tua prima, concebeu um filho em sua velhice, e eis o sexto mês de sua gravidez; nada é impossível a Deus. Então Maria disse ao anjo: Eis a serva do Senhor, que seja feito segundo tua palavra. Assim, com o consentimento de Maria, essa mensagem foi colocada em execução pelo Espírito Santo, e ela concebeu o Filho de Deus.

Como Maria visita sua prima Elizabeth.

Pouco depois de Maria ter sido saudada pelo anjo Gabriel, ficando submissa à vontade do Senhor, foi, como escreve São Lucas, às pressas atravessar as montanhas para ir à casa de Zacarias, saudar sua prima. Ouvindo Elizabeth a saudação de Maria, o filho que estava em seu seio tremeu de alegria. Elizabeth foi tomada pelo Espírito Santo e exclamou em voz alta: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto de teu ventre, de onde me vem essa felicidade, de que a mãe de meu Salvador venha a mim? À tua vista, a criança que está em meu seio estremeceu de alegria; tu és muito feliz, porque as coisas profetizadas estão cumpridas. Logo Maria compôs esse belo cântico, *Magnificat*. Maria lá permaneceu quase três meses, depois retornou à sua casa.

José, vendo grávida Maria, sua esposa, queria secretamente abandoná-la, e como o anjo o fez mudar de idéia.

Quando Maria foi dada a José como esposa, e quando ela voltou da casa de Elizabeth, como escreve São Mateus, José, percebendo que ela estava grávida, não a queria difamar, mas resolveu deixá-la; e como tinha esse intento, o anjo lhe apareceu em sonho dizendo: José, filho de Davi, por favor não temas em receber Maria, tua esposa, porque o que nela está é do Espírito Santo; ela dará à luz um filho que se chamará *Jesus*, e será aquele que salvará seu povo. Diante dessas palavras, José foi consolado pelo anjo, e recebeu sua esposa Maria em sua casa, guardando-a cuidadosamente.

Por que Nosso Senhor queria que Maria, sua mãe futura, desposasse José.

É necessário saber, por muitas razões, que Nosso Senhor queria que sua mãe desposasse um marido. Primeiramente, como escreve Santo Ambrósio, para evitar toda suspeita maldosa por vê-la grávida se ela não tivesse marido, Deus querendo que esse mistério fosse coberto pelo sacramento do matrimônio, para impedir a calúnia, porque se acreditaria que Maria estava grávida de seu marido José; de outro modo, sem esse casamento, os espíritos maldosos haveriam de julgá-la adúltera, e tudo isso foi evitado através do casamento; foi também para que José fosse o esposo que socorreria Maria e o Menino Jesus como vemos na fuga ao Egito, e no seu retorno depois da perseguição de Herodes, como escrevem São Jerônimo e Santo Ambrósio, para que este mistério não fosse conhecido pelos espíritos maus para que não soubessem ao certo que ele era o Filho de Deus.

Ana alegrou-se sabendo que Maria, sua filha, concebera o filho de Deus.

Quando Ana ouviu falar de Maria, sua filha, e também da saudação que o anjo lhe havia feito, e como ela havia concebido o Filho de Deus, regozijou-se, bendizendo o Senhor por todos os seus dons e graças, dizendo: Ó Deus! se tivesse tantas línguas como tenho partes em meu corpo, eu as empregaria todas para louvar vossa infinita bondade, pelas grandes maravilhas que operais em minha filha pela salvação de todo mundo. Ó vós, céu e terra, e todas as criaturas que aqui estão, e aqueles que estão colocados nos limbos e trevas, regozijai-vos comigo, louvando e bendizendo Deus pela sua imensa misericórdia para conosco.

Como Ana, na noite em que Jesus Cristo nasceu, procurou Maria, sua filha.

Ana esperava com grande desejo a hora em que Maria, sua filha, daria à luz Jesus Cristo, e muito diligentemente preparava o que faltava. Ela preparou um rico leito para Maria e seu filho, fez também um berço de madeira de cedro, que lhe havia dado o Cavalheiro de Jerusalém, em reconhecimento por ter recobrado a visão por ocasião de seu nascimento, como já foi dito. Enfim, aproximando-se a hora em que Maria deveria dar à luz, Ana foi a Jerusalém para procurar tudo o que uma mulher tem necessidade quando está para dar à luz. Quando Ana estava em Jerusalém, chegou um decreto do imperador Augusto ordenando que todo mundo de seu vasto império fosse recenseado, como narra São Lucas; assim cada um se retirou para a cidade de onde era natural, para ser recenseado. Por esse motivo José foi para Belém; porque Ana não estava em sua casa, e ele não ousava deixar Maria, sua esposa, só, pois estava quase dando à luz; ele a colocou sobre um asno, porque ela não podia caminhar; pegou também um boi para vender, para saciar suas necessidades enquanto estivessem fora, porque não sabiam quando poderiam regressar; e assim foi José com Maria para Belém. Quando Ana voltou de Jerusalém à sua casa não mais encontrou Maria, o que no primeiro instante a afligiu. Seus vizinhos lhe disseram que ela estava com José em Belém, para cumprir a lei de César. Ana temia que o parto de sua filha acontecesse no caminho, ou antes de seu retorno a Nazaré; por isso foi para Belém. Acontece que durante a caminhada surpreendeu-se perdida do seu caminho; quando percebeu, sentou-se no chão para repousar; começou a chorar amargamente, temendo

que pudesse ocorrer algum inconveniente e ficou muito triste e aborrecida até meia-noite; então ouviu um canto melodioso, ressoando no ar, e além disso ouviu uma manifestação de grande alegria: *Gloria in excelsis Deo*, glória a Deus Altíssimo, e paz na terra aos homens de boa vontade. Quando os anjos vieram consolá-la, asseguraram-lhe que Maria, sua filha, havia se tornado mãe do Filho de Deus todo-poderoso. Com essas palavras, Ana ficou maravilhosamente consolada e regozijada, bendizendo Deus de todo o seu coração.

Como Ana foi a Belém para procurar Maria, sua filha, com Jesus.

Ana, tendo ouvido dos anjos esse canto melodioso e essas palavras de paz que anunciavam aos homens, retomou o caminho certo que havia perdido e foi em direção a Belém. Lá chegando, perguntou de casa em casa por Maria e José, mas ninguém lhe pode informar; entretanto alguém lhe disse que os havia visto e que procuravam alojamento, e que não encontraram e que não sabiam o que lhes iria acontecer. Ana, ouvindo isso, ficou muito triste, e retornou a Nazaré, acreditando que eles tivessem voltado para lá depois de ela ter partido; chegando lá, não os encontrou e não sabia o que fazer de tão aborrecida; foi a Jerusalém para procurá-los, pensando que podiam ter sido devorados, ou que havia acontecido alguma coisa de extraordinário.

Quando Ana chegou em Jerusalém, procurou Maria e José pela cidade e não ouviu sobre eles nenhuma notícia, pôs-se a se lamentar e a gemer, não sabendo o que fazer nem dizer.

Como Ana encontrou os três reis, e lhes perguntou se não haviam

visto nem encontrado sua filha Maria e José.

Ora, assim Ana ficou muito desconfortada, pois por tanto tempo longamente procurara sua filha e não encontrara; não podia ficar satisfeita sem procurá-los ainda, até que fossem encontrados; por isso foi imediatamente a Belém, procurando-os no outro extremo da cidade, onde já os havia procurado; encontrou os três Reis aos quais perguntou chorando se no caminho não haviam encontrado um homem e uma mulher, descrevendo-lhes a figura e o modo como estavam; um deles considerando que Ana parecia uma mulher piedosa e virtuosa, de compaixão desceu de sua montaria, perguntando-lhe a causa de sua aflição. Ana, vendo que um grande personagem por compaixão a interrogava, contou-lhe toda a qualidade de Mari-

a; disso imediatamente ele concluiu que Maria, de quem ela falava, era mãe do novo Rei nascido, o qual ele e os outros dois, seus companheiros, haviam visitado e a ele ofertado seus dons, e adorado, e estavam felizes por tê-la visto e falado com ela; contaram-lhe que tinham vindo de um país distante para adorar o Rei recém-nascido, e honrá-lo com suas oferendas; disseram-lhe também que estavam reunidos os três pela ordem de Deus. Ana, ouvindo narrar todas essas coisas, transformou sua tristeza em alegria, admirando-se de ouvir anunciar o nascimento desse grande Rei; e ele narrou que os três tinham conhecimento de astronomia, e que viram uma estrela nova, na qual viram maravilhados uma criança recém-nascida, carregando uma cruz nos ombros; e lhes disseram que fossem ao país da Judéia, que lá encontrariam a Criança. Quando chegamos orientamo-nos por nossa estrela-guia, que nos conduziu a Jerusalém; perguntamos onde estava aquele que nasceu Rei dos judeus, como narra São Mateus; então, o dito Rei a colocou no caminho e lhe mostrou o estábulo onde havia nascido a Criança. Então beijaram-se em grande reverência e separaram-se um do outro, e Ana, muito admirada, esqueceu de perguntar ao Rei seu nome.

Ana encontrou sua filha com Jesus e José.

Quando Ana chegou a Belém foi ao estábulo onde Jesus havia nascido, e o viu deitado na manjedoura: e logo que Maria percebeu sua mãe, foi para junto dela e a recebeu com grande alegria, dizendo-lhe que fosse bem-vinda, o mesmo fez José, e de tão grande alegria começaram a chorar. Maria e José levaram Ana para junto da manjedoura onde Jesus estava tranqüilo, entre o asno e o boi. Assim que o viu, ela se prosternou a seus pés e o adorou dizendo: *Ó meu Deus! Ó meu Salvador! Ó Filho de Deus todo-poderoso! Ó meu Deus, meu criador! Ó Rei dos reis! Ó Senhor dos senhores! O quê! Esse estábulo é teu palácio? Esta manjedoura é o precioso berço que te havia preparado?* Depois levantou os olhos para o céu, e chorando ternamente disse a Maria: *Ó minha filha muito querida! O conforto de minha alma, é este o rico leito que te havia preparado?* Olhando novamente ao seu redor, viu o estábulo aberto e demolido por todos lados, e disse, com lágrimas nos olhos: *Ó minha criança! Corta-me o coração de grande tristeza ver esse precioso tesouro de todo mundo estar exposto nesse lugar aos maus tratos do tempo e desta rude estação.* Então Maria, sua filha, e José reconfortaram-na docemente, dizendo que era a vontade divina, e que Deus assim quisera; disseram-lhe ainda muitas outras razões

consoladoras, de modo que ficou conformada. Ela tomou então Jesus entre os braços beijando-o com grande devoção; Jesus abraçou-a com seus pequenos braços, e lhe mostrou sinal de amor. Ela permaneceu com eles, ajudando-os no que podia, esperando o dia da Purificação, segundo a lei de Moisés, para que pudessem retirar-se para Nazaré em sua casa, e pensava colocar o Menino Jesus no rico berço que havia mandado fazer, e Maria no belo leito que lhe preparara.

Como Maria, Ana e José com Jesus foram ao templo de Jerusalém.

E quando o dia da purificação de Maria chegou, quarenta dias após o nascimento de Jesus, Maria, Ana e José foram juntos com Jesus a Jerusalém; quando chegaram, foram ao templo para ali fazerem suas preces e oferendas segundo o regulamento da lei; depois retornaram a Nazaré; Ana estava muito feliz pelo fato de receber Jesus em sua casa, e foi na frente, deixando os outros com Maria, para que ficassem à vontade.

Como o anjo apareceu para José, e o exortou a conduzir a criança

e sua mãe ao Egito.

Quando Ana retornou a Nazaré para sua casa, e Maria, José e os outros ainda estavam a caminho, o anjo apareceu a José em sonho, dizendo que se levantasse, pegasse o filho com sua mãe e fosse ao Egito e que saísse de lá apenas quando lhe dissesse; porque era certo que Herodes procuraria a criança para matá-la. José levantou-se rapidamente, avisou Maria, que ficou triste pois não poderia avisar Ana, sua mãe, de sua partida. José colocou Maria sobre seu asno com o Menino Jesus, e José os conduziu com temor nessa perigosa viagem.

Milagre.

Encontra-se escrito que quando Jesus chegou no Egito, todos os ídolos que lá estavam caíram e desmoronaram.

Da tristeza de Ana por sua filha ter ficado para trás.

Quando Ana chegou a Nazaré, em sua casa, preparou-a o melhor possível para receber o Menino Jesus com sua mãe, e desejava muito sua chegada: ia sempre olhar para ver se os via; e não percebendo nada, foi ao encontro deles na direção de Jerusalém, temendo que lhes tivesse ocorrido algum inconveniente no caminho, tanto tempo demoravam; depois de ter caminhado muito, perguntou de casa em casa se os haviam visto, descre-

vendo como eram. Quando percebeu que não conseguia ter notícias, foi a Jerusalém, muito desolada, e perguntou em todo lugar se os haviam visto; fez a mesma coisa em Betânia, Belém, Jericó, na África, na Síria, em Samaria, em Naim, e em todos os lugares onde era possível ir, mas infelizmente não conseguia descobrir onde estavam.

Depois de Ana ter procurado por um ano, e não os tendo encontrado, tomou o caminho de casa, dizendo: Ai, meu Deus! Como estou desolada! E que precioso tesouro perdi! Peço ao Senhor que me prive da vida, porque bem o mereço, visto que também deixei minha mãe Emerantiana procurar por mim durante dois anos, em todos os países, com grande dor em seu coração; percebo agora que aborrecimento ela deve ter tido por amor a mim. Nessa tristeza, retornou a Belém, para mais uma vez antes de sua morte poder ver o lugar e a manjedoura onde Jesus havia deitado.

A compaixão de Ana chegando a Belém, vendo o massacre dos pequenos inocentes.

Quando Ana, cheia de dor, chegou perto de Belém, ouviu os gritos penetrantes dos Inocentes, e as lamentações desesperadas das mães que choravam por sua sorte, e não somente as pessoas estavam tristes, mas também os animais, porque o barulho era tão grande que toda a natureza estava consternada; os bois, as ovelhas e outros animais errantes pelos campos, manifestavam por essa situação a tristeza que sentiam: e quando Ana se aproximou mais da cidade de Belém, ouviu cada vez mais os clamores; entrando na cidade, viu os pequenos inocentes gemendo pelas ruas, inúmeros mortos, e o sangue que corria pelas ruas. Viu também as crianças que os algozes desumanos haviam degolado entre os braços de suas mães.

Muitos pais e mães seguravam seus filhos, chorando e arrancando seus próprios cabelos; outros ofereciam seus bens para salvar a vida de seus filhos, mas nada era capaz de poupá-los dessa crueldade; sua resistência levava-os, algumas vezes, a perderem a vida junto com seus filhos; e em geral todo o mundo estava consternado nessas cidades aflitivas; havia até quem deixasse sua morada, para privar-se de ver semelhante desumanidade. Ó Deus todo-poderoso! Vejo agora que, desde que estou viva, jamais vi semelhante tirania. Senhor todo-misericordioso, consolai essas pobres mães desoladas, cujos pequenos filhos foram massacrados. Rogo-vos, Ó Deus muito bendito, que vingueis os autores dessa horrível carnificina;

porque o mundo universal não poderia reparar tal ofensa; não há ninguém além de vós, meu Deus, que o pudesse reparar.

Ana faz juntar as criancinhas mortas que estavam nas ruas, mergulhadas em sangue, e as faz enterrar.

Quando Ana viu que Herodes colocara à morte as criancinhas, e que o povo tomado de piedade fora retirado de Belém, foi tocada de compaixão por esses pobres inocentes jogados nas ruas; ela os colocou num lugar para fazer enterrá-los com grande reverência. Passados quatro dias, o povo que havia fugido retornou; cada um foi para sua casa, e vendo a grande caridade que Ana havia demonstrado para com seus filhos mortos, disseram uns aos outros: Ana já nos fez muito bem no passado, curando nossos cegos, coxos, paralíticos e outros doentes, e a nós, dando sepultura a nossos filhos, e nós somos ingratos. Mesmo vendo sua filha grávida, não houve ninguém entre nós que lhe tenha dado abrigo; assim precisou instalar-se nesse estábulo, onde deu à luz, e nenhum de nós a auxiliou; porque duvidamos e por causa de nossa ingratidão, Deus nos enviou essa punição; e outros dizem: Ana, senhora piedosa de entre as filhas de Jerusalém, não se encontrou ninguém semelhante a ti, nós te agradecemos por tuas obras; confessamos não sermos suficientemente capazes para te agradecer como seria preciso. Ana então consolou os pais e as mães aflitos.

Ana repousou onde Jesus Cristo havia nascido.

Seis dias depois, Ana foi ao lugar que havia servido de abrigo a Maria para dar à luz o Filho de Deus; estava cansada e não havia comido nada; ajoelhou-se onde Jesus Cristo havia estado para repousar, fez sua oração diante da manjedoura, em seguida pegou um pouco de palha da manjedoura onde Jesus Cristo havia nascido e deitou-se em cima para descansar; estando adormecida, ficou extasiada em espírito e viu todas as penas que Jesus Cristo sofreria pela salvação de seu povo, e foi por essa razão que se fez homem e que era conveniente para a salvação do gênero humano; logo depois viu as dores que Maria sua filha, com suas duas irmãs e seus filhos, sofreriam, e que combateriam por Jesus Cristo até a morte. Ana despertou e disse:

Ó doce Menino Jesus! és esse cordeiro inocente que será imolado no Calvário pela salvação do mundo: Ó pena salutar! Ó dor bem-aventurada! que todos aqueles que descendem de mim pudessem assim sofrer por teu nome, se assim está previsto ser conveniente, e meu pobre corpo perma-

nece sem sofrer pena; e por isso, rogo-vos, meu Deus, que consintais em mostrar-me um lugar onde, por amor a vós, possa castigar meu corpo; quero reconciliar a árvore para que o fruto não morra, porque sei que o fruto é precioso e será eterno.

Ana partiu de Belém para se retirar ao deserto.

Quando Ana resolveu ir para o deserto pelo amor de Deus, para lá ter uma vida austera, foi sondar os pobres doentes que costumava auxiliar, e antes de partir os abençoou e também distribuiu entre eles o resto de seus bens. Feito isso, despediu-se deles e foi para os desertos. Quando os pobres souberam disso, correram atrás dela, chorando e dizendo: Nossa mãe e benfeitora nos deixou. Quem cuidará de nós? Quem nos auxiliará em nossas necessidades? Quem nos dará de beber e comer? Sol, ilumina-nos, a fim de que possamos encontrar Ana que tanto bem nos fez: lamentavam-se e corriam para o deserto para encontrá-la; mas não a puderam encontrar e muitos morreram de desgosto.

A vida austera de Santa Ana.

Como se havia proposto a levar uma vida austera, levou-a com efeito; a partir dessa época não dormiu mais em seu leito, mas no chão; e seu alimento era pão e água; visitou os doentes e tratou os pobres e ungiu os peregrinos com preciosos ungüentos. Fazia a mesma coisa com os leprosos, ainda que fossem disformes; limpava e renovava suas vestes; de modo que a fama de sua vida santa espalhou-se por todo o país; no entanto conservava sua humildade. Desejava que os ricos e os pobres imitassem sua santa vida. Com a idade de cinquenta anos, determinou-se viver ainda mais austeramente; para isso penetrou no mais secreto deserto que pôde encontrar; parou num lugar onde havia uma caverna sobre uma colina e nela foi repousar, e só comia raízes; quando tinha sede ia procurar água a duas léguas de lá, e essa austeridade continuou por muitos anos.

Ana estando no deserto foi tentada pelo inimigo.

O inimigo, vendo que Ana vivia santamente no deserto, ficou com inveja; transformou-se num jovem, como se fosse um anjo enviado de Deus, e chegou a ela, dizendo: *Ana, levanta-te prontamente e vem comigo; porque Deus enviou-me para te conduzir para onde estão tua filha e seu filho, e eles estão extraviados no deserto onde entraram atrás de ti, procurando-te.* Ana levantou-se rapidamente e o seguiu, pensando que fosse um anjo enviado por Deus. Ele a conduziu ao pé de uma montanha muito alta e re-

ta, de modo que só poderia subir nela com muito esforço. Então o espírito maligno disse-lhe: *Ana, veremos agora se amas Deus; e se queres castigar tua carne pelo amor dele, segue-me.* Ana respondeu: Subirei a montanha com aflição. *Mas não olhes de modo algum atrás de ti.* Ele subiu a primeira elevação, e ela depois dele. Quando haviam subido um pouco, ela encontrou pedras cortantes por onde deveria passar, de modo que os pés de Ana cortaram-se e o sangue saía por todo lado. Ana, vendo isso, disse lamentando-se: Ó Maria, minha querida filha! se passares por aqui, considera este caminho, regado por meu sangue ao te procurar. Quando se esforçou para subir ainda mais alto, encontrou pedras ainda mais afiadas, de sorte que seus pés foram dilacerados, o que a fez cair ao chão de fraqueza; nesse estado ela disse com uma voz lastimosa: O espírito está pronto, mas a carne é fraca. Então o inimigo que estava sob a figura de um anjo lhe disse: *Se não podes caminhar, permíte-me que te arraste para o cume dessa montanha.* Ela lhe permitiu. O espírito maligno puxou Ana para o alto da montanha e bateu seu corpo contra as pedras cortantes, de modo que todo o seu corpo ficou dilacerado. Então Ana disse: Meu Deus, bendito sejais vós que me enviaste uma criatura que castiga meu corpo e prova minha paciência; padeço com boa vontade por vosso amor.

Um anjo consola Ana e a liberta da tirania do espírito maligno.

Estando Ana em grande sofrimento e dor, o anjo de Deus veio a ela, dizendo: Eu te saúdo, alma generosa, sabe que Deus tem aprovado tudo o que sofreste por amor a ele, e receberás a recompensa; porque ensinaste a todo mundo que se deveria viver no amor de Deus e de seu próximo, e que é preciso procurar Deus para encontrá-lo. Quando disse isso ele a levou até onde o inimigo a pegara, e subitamente todas as chagas ficaram curadas e sãs como antes.

Jesus e Maria com suas irmãs visitaram Ana no deserto.

Ana continuou longamente sua vida austera no deserto, e estando então com setenta e um anos, começava a decair; vivia sempre em tristeza desde que se viu separada de Jesus e de Maria, não sabendo onde estavam. Mas Jesus, o Filho de Maria, que tudo conhecia conforme sua divindade, sabia bem onde ela estava; ele fora testemunha ocular de seus sofrimentos e de sua austera penitência. Sabia também que ela estava perto de seu falecimento e que se preparava para a morte.

Jesus disse a sua mãe: Todo o Antigo Testamento não nos forneceu um modelo mais perfeito de virtude que tua santa mãe, que incessantemente inflama-se do amor divino, e deve brevemente passar desta vida à outra para lá gozar do repouso eterno.

Por isso, minha mãe, vamos juntos, tuas irmãs e seus filhos, para vê-la, e consolá-la antes de sua morte. Quando Maria ouviu essas palavras, ficou feliz porque mais uma vez poderia ver sua mãe e lhe falar; reuniu suas irmãs e seus filhos, e foram, Jesus com eles, ao deserto, onde São João Batista fazia penitência junto ao rio Jordão, deserto esse pelo qual os filhos de Israel passaram com Josué indo para a Terra Prometida. E porque Elizabeth, mãe de São João, era irmã de Ana, Jesus disse-lhe: Vem também ver uma santa senhora no deserto, que leva uma vida angelical em um corpo mortal; minha mãe repousou nove meses em seu seio, sua grande santidade atrai para ela as atenções do céu e da terra; e por isso, é conveniente, visto que estamos ainda na terra, que a visitemos. Quando São João Batista ouviu isso ficou feliz, desejando ver a árvore que havia carregado tão preciosos frutos.

Jesus visitou Santa Ana com seus amigos, e como foram recebidos.

Quando Jesus e sua comitiva chegaram até Ana no deserto, ela ficou radiante; levantou-se, pôs-se diante deles e os recebeu com grande reverência; Jesus e Maria iam na frente dos outros. Quando Ana chegou perto de Jesus, prosternou-se a seus pés, e os beijou chorando, cantando depois o salmo *In te, Domine, speravi, etc.* Em vós, Senhor, depositei minha confiança, não ficarei confusa eternamente. Continuou esse salmo até o fim. Logo depois abraçou sua boa filha com ternura e fez o mesmo com suas irmãs e com todos do séquito.

Depois disso, Jesus e Maria sentaram-se com Ana entre eles, e os da comitiva cercaram-nos com seus filhos.

Os bons conselhos que Ana dá àqueles que a visitam.

Quando Ana se viu em meio a sua família, falou com ternura dizendo-lhes: Rogo-vos, meus filhos, que ouçais o que vos vou dizer: Amai-vos uns aos outros, de modo que nenhuma adversidade ou castigo vos separe do amor fraternal; tende lembrança de que sois descendentes de uma raça tal qual vedes diante de vossos olhos: caminhai nas sendas do Senhor; sede misericordiosos; não condeneis ninguém; sede caridosos com os po-

bres; levai uma vida pura e pacífica sobre a terra; não ambicionei os bens perecíveis da terra, desejai somente os bens eternos.

Rogo-vos que no tempo da paixão de Cristo, não o abandoneis; porque sabereis, depois dessa paixão, que ele é verdadeiramente o Redentor dos homens. Depois de ter assim falado, Ana sentiu que a morte estava próxima, colocou sua cabeça sobre o peito de Jesus, dizendo: Tende lembrança daquela que expira em vosso amor.

Jesus visita Ana com sua comitiva, e como foram recebidos.

Depois disso, Jesus viu uma grande claridade no céu onde os anjos estavam reunidos. Então Jesus disse a Ana: Minha amada, aqueles que te honrarem na terra e me invocarem em teu nome serão atendidos. Essa Terça-feira é o dia do teu nascimento. É também o dia de tua morte; por isso abençôo esse dia, e o consagro em teu nome, e a todos àqueles que te invocarem nesse dia eu ouvirei, porque viveste santamente e glorificaste meu Pai. E mais, por causa da grande santidade daqueles que descendem de ti, estarás sentada num dos tronos de meu Pai celeste, a fim de que possas ver toda a família reunida, e também todos aqueles que te servirão devotadamente. Então Ana disse a São João, o Evangelista, que ainda era jovem: Meu querido filho, um tempo virá em que Maria, minha filha, ficará em grande aflição e poucas pessoas então confessarão a divindade de Jesus Cristo; por isso eu a recomendo a ti, rogo-te que não a deixes nesse tempo de aflição, porque ela estará mergulhada em extrema tristeza; terminando de dizer essas palavras, sentiu aproximar-se seu último momento.

A morte de Santa Ana.

Ana repousou sua cabeça sobre o peito de Jesus, e Jesus colocou a sua contra o seio de Maria, falando docemente com ela. Nesse momento Ana estendeu seus braços, Maria os sustentou, regando-os com suas lágrimas. Percebeu-se então uma claridade que descia do céu, envolvendo Ana. Então ela pronunciou esse versículo do salmo de Davi, dizendo: *Como o cervo cansado deseja as fontes refrescantes, igualmente minha alma suspira por vós, ó meu Deus! que sois a fonte de vida; quando aparecerei diante da face do Pai celeste?* Ela continuou esse, salmo até o fim; terminando, entregou seu espírito a Deus; e aqueles que estavam assistindo prosternaram-se ao chão, rendendo bênção a Deus de diversas maneiras, por salmos e cânticos; mas por comum fragilidade verteram muitas lágrimas.

O corpo de Santa Ana foi enterrado.

Tendo Jesus e Maria, sua mãe, com sua comitiva ficado junto de Ana durante vinte dias, e tendo ela morrido, levaram seu corpo a Nazaré; ungi-ram-no com ungüentos preciosos, porque a mãe do Filho de Deus havia saído de suas entranhas; enterraram-na junto a Joaquim, seu marido: permaneceram ali até domingo à noite. Estando ela enterrada, eles a choraram durante quarenta dias.

Conclusão do autor para fortalecer o que foi escrito sobre a vida de Santa Ana.

Como nada é impossível para Deus, não é necessário duvidar de modo algum das grandes maravilhas que Deus operou naqueles que viveram santamente na terra; por isso vemos, na vida dos santos e santas, que Deus lhes concedeu o dom de fazer uma infinidade de milagres, e coisas extraordinárias pela virtude de seu santo nome.

Aqueles que solicitaram e solicitam devotadamente Santa Ana, sentiram os efeitos de sua poderosa interferência junto a Deus.

Assim, no principio (Archos), era a luz (a senhora dos dias, Emerantiana), e a luz gerou a graça, e a graça a beleza sem mácula, que foi chamada Maria. Assim começa essa lenda que se poderia chamar o Evangelho da Virgem.

Ana, como sua filha Maria, santifica-se nas suas dores, porque o espírito do cristianismo é o sacrifício.

O inocente sacrificado pelo culpado! Que injustiça! dirá Michelet! Ó filósofo do amor! Podes chamar injusto um sacrifício voluntário?

O cristianismo é a graça, porque é o sacrifício.

É o dever preferido ao direito, porque o homem, com efeito, não tem outro direito que não o de fazer seu dever.

E o cristianismo lhe diz que seu dever é o de sacrificar-se pelos outros.

É nesse aspecto que o cristianismo é sobre-humano.

É por isso que as fábulas pagãs, justamente admiradas por Michelet, são a Bíblia da humanidade, o Evangelho é e continuará sendo o Testamento da Divindade.

Michelet, em seu livro, deseja dividir a graça e a lei e opô-las uma à outra.

Como não compreende que ao invés de dividi-las é preciso reuni-las, e que a graça sem lei, mas também a lei sem a graça, são duas soberanas injustiças?

Seu livro tem, entretanto, algo de grande e verdadeiro, que demonstra a grande e única religião da humanidade, sempre revelada à fé pelo gênio, e sempre a mesma sob os véus de todas as mitologias e de todos os símbolos.

O próprio Mirville, esse diabólico incorrigível, rende homenagem a essa maravilhosa unidade do dogma universal, que é a catolicidade das nações.

A alta filosofia da natureza, oculta sob os véus da alegoria, criou as mitologias que continuam e se completam em nossas lendas.

A lenda de Santa Ana pertence a esse ciclo de engenhosas fábulas cristãs, que se chama lenda dourada.

Essa lenda, onde o espírito simbólico do cristianismo primitivo mistura-se às ingênuas crenças da Idade Média, pareceu-nos digna de ser reproduzida e conservada. Encontra-se aí alguma coisa análoga à bela fábula de Psique. A graciosa, a filha da luz, é a alma humana, que gerou o mito sublime de Maria, mãe de Jesus.

Ela perde seus filhos como Psique perdeu o Amor, e os procura através das mais rudes provas. Ela ficou à mercê da maldade do anjo mau como Psique da cólera de Vênus; mas o demônio que a arrasta através das pedras pontiagudas e cortantes a conduz no entanto ao seu alvo. Ela reencontra seus filhos após muito cansaço e adormece para a eternidade sobre o peito de Jesus.

O sacrifício: eis a grande palavra do cristianismo, e é o que os Renan e os Michelet não compreendem. O sacrifício está acima de toda justiça, e por isso é a razão suprema da graça.

A natureza é bela sem dúvida, mas está cheia de morte e de corrupção. É o sacrifício que a transfigura e que a conserva; a natureza sacrificada eleva-se acima de si própria e torna-se sobrenatural. Havíamos dito que o sobrenaturalismo é apenas o sobrenatural exaltado. Sim, exaltado e divinizado pelo sacrifício.

Sacrifício do espírito pela fé; sacrifício da vontade pela obediência; sacrifício dos sentidos pela austeridade; sacrifício da própria vida pelo martírio. Cristãos! eis vossos títulos à imortalidade. Os antigos o haviam compreendido quando inventaram o devotamento sublime, as peregrinações, a virgindade e o martírio de Antígone. Psique só desposa o Amor depois de ter perseguido a obediência até a morte. Hércules só sobe glorioso ao céu

depois de ter arrancado, pedaço por pedaço, com sua carne sangrenta, a túnica de Djanira.

Sofrer para ser forte, morrer para renascer imortal.

Eis, segundo o simbolismo religioso universal, a única chave dos grandes mistérios.

Resumimos.

O espírito de sacrifício é o espírito de Jesus Cristo. O espírito de Jesus Cristo é o de Deus e da humanidade, e a ciência dos espíritos é, se a compreendemos bem, apenas a ciência do Evangelho.

Epílogo

COMPOSTO À MANEIRA DAS LENDAS
EVANGÉLICAS E RESUMINDO O
ESPÍRITO DESTA OBRA

I

OS VIVOS E OS MORTOS

Naquele tempo, Cristo passou pelo campo das sepulturas, e ali encontrou um jovem ajoelhado que chorava diante de uma cruz.

Vendo esse jovem, Jesus teve piedade de sua dor, e, aproximando-se, perguntou-lhe: Por que choras?

O jovem que chorava voltou-se e respondeu, estendendo a mão: - Minha mãe aí está há três dias.

Jesus lhe disse: Crê em mim, meu filho, tua mãe não está aí. Colocaram aí a última vestimenta que ela deixou; por que choras sobre esse despojo insensível? Levanta-te e caminha; tua mãe te espera.

O jovem balançou tristemente a cabeça e disse: - Não me levantarei e não caminharei para procurar a morte; eu a esperarei e ela virá; e então, eu sei, reunir-me-ei à minha mãe.

Então o Cristo: - A morte espera a morte, e a vida procura a vida! Não entristeças por uma dor egoísta e estéril a alma daquela que te precedeu; não retardes sua caminhada em direção a Deus por teu desespero e tua inércia. Porque seu amor vive ainda em teu coração, e não o perderás se a fizeres viver dignamente em ti. Ao invés de chorar tua mãe, ressuscita-a! Não me olhes com admiração, e não penses que quero desmanchar tua dor! Aquela que lastimas está perto de ti; um dos véus que separavam vossas almas caiu; resta ainda um. E separados somente por esse véu, deveis viver um pelo outro; trabalharás para ela e ela orará por ti.

- Como trabalharei por ela? pergunta o órfão: ela já não tem necessidade de nada, agora que está sob a terra.

- Enganas-te, meu filho, e confundes ainda o corpo com a vestimenta. Ela precisa mais do que nunca de inteligência e de amor no mundo dos espíritos. Ora, és a vida de seu coração e a preocupação de seu espírito, e ela te pede ajuda.

Para isso passarás a vida fazendo o bem, e com isso chegarás junto dela com as mãos plenas quando Deus vos reunir.

Para ter o direito de repousar é preciso trabalhar. Ora, se não trabalhares para tua mãe, atormentarás sua alma. Por isso te dizia: Levanta-te e caminha; porque a alma de tua mãe levantar-se-á e caminhará contigo, e a ressuscitará em ti se fizeres frutificar seu pensamento e seu amor.

Ela tem um corpo na terra, é o teu; tens uma alma no céu, é a sua. Que esta alma e esse corpo caminhem juntos e tua mãe reviverá. Crê, meu filho, o pensamento e o amor jamais morrem, e aqueles que crês mortos vivem mais que tu, pensam e amam mais.

Se o pensamento da morte te entristece e apavora, refugia-te no seio da vida; é lá que encontrarás todos aqueles que amas.

Os mortos são aqueles que não pensam e não amam; porque trabalham pela corrupção, e a corrupção por sua vez os trabalha.

Deixa pois os mortos chorarem sobre os mortos, e vive com os vivos!

O amor é o elo das almas; e quando é puro, esse elo é indestrutível.

Tua mãe te precede, ela caminha para Deus; mas está ligada ainda a ti; e se adormeceres no torpor ou num triste egoísmo, ela será forçada a te esperar e sofrerá.

Mas em verdade te digo que todo o bem que fizeres será creditado à sua alma, e se fizeres o mal, ela sofrerá voluntariamente o castigo.

Por isso te digo: Se a amas, vive por ela.

O jovem então levantou-se, e suas lágrimas cessaram de correr, contemplava a face do Senhor com admiração, porque o rosto de Cristo irradiava inteligência e amor, e a imortalidade resplandecia em seus olhos.

Então ele tomou o jovem pela mão e lhe disse: - Vem.

Depois o conduziu para o alto de uma colina que dominava a cidade inteira, e lhe disse: - Eis o verdadeiro cemitério.

Lá embaixo, nesses palácios que magoam o horizonte, há mortos que é preciso chorar bem mais do que aqueles que aqui estão, porque aqueles não descansam.

Eles se agitam na corrupção e disputam com os vermes seus alimentos; assemelham-se ao homem que foi enterrado vivo.

O ar do céu lhes falta ao peito, e a terra pesa sobre eles. Eles estão acuada-dos nas estreitas e miseráveis instituições que fizeram, como nas tábuas de um caixão.

Jovem que chorava e pelas minhas palavras secou as lágrimas, chora agora e geme sobre os mortos que ainda sofrem! Chora sobre aqueles que se crêem vivos e que são cadáveres atormentados!

É a eles que é preciso gritar com uma voz forte: Saí de vossos túmulos! Oh! Quando ressoará o clarim do anjo?

O anjo que deve despertar o mundo é o anjo da inteligência; o anjo que deve salvar o mundo é o anjo do amor.

A luz será como o relâmpago que se levanta no oriente e que é visto ao mesmo tempo no ocidente: à sua voz o corpo do cristo, que é o pão fraterno, será revelado a todos, e em torno do corpo que deve alimentá-los as águias se reunirão!

Então o verbo humano, enfraquecido pelos interesses egoístas, unir-se-á ao Verbo divino.

E a palavra unitária, ressoando no mundo inteiro, será o clarim do anjo.

Então os vivos levantar-se-ão, os vivos que se acreditavam mortos e que sofreram esperando a liberdade.

Então tudo o que não morreu caminhará e irá para diante do Senhor, enquanto as cinzas daqueles que já não existem serão dispersas pelo vento.

Jovem, prepara-te, e acautela-te com a morte!

Vive por aqueles que amas, ama aqueles que vivem, e não chores aqueles que subiram um degrau a mais na escada da vida; chora aqueles que estão mortos!

Tua mãe te amava, ama-te por conseguinte ainda mais agora, que seu pensamento e seu amor libertaram-se do peso da terra. Chora aqueles que não pensam em ti e que não te amam.

Porque em verdade te digo que a humanidade tem apenas um corpo e uma alma, e vive em tudo onde se faz sentir trabalho e sofrimento.

Ora, um membro que já não é sensível à existência ou à dor dos outros membros, está morto e deve logo ser suprimido.

Tendo dito essas coisas, o Cristo desaparece aos olhos do jovem que, após ter ficado alguns instantes imóvel e surpreendido com a lembrança de um sonho, retoma silenciosamente o caminho da cidade dizendo: - Vou procurar os vivos entre os mortos.

E farei o bem a todos aqueles que sofrem, sofrendo com eles e os amando, para que a alma de minha mãe o saiba e me abençoe no céu.

Porque compreendo agora que o céu não está longe de nós, e que a alma é para o corpo o que o céu material é para a terra.

O céu que cerca e sustenta a terra embebe-se da imensidão, como nossa alma embriaga-se do próprio Deus.

E aqueles que vivem no mesmo pensamento e no mesmo amor jamais podem ser separados!

II

O FILÓSOFO DESANIMADO

Havia naquele tempo um homem que tinha estudado todas as ciências, meditado sobre todos os sistemas e que acabara por duvidar de todas as coisas.

O próprio ser parecia-lhe um sonho, porque não encontrava nele motivo suficiente. Havia procurado a natureza de Deus e não a havia adivinhado, porque nunca tinha amado. E sua inteligência estava obscurecida como o olho de quem fixa o sol.

Por esse motivo estava triste e desanimado.

Jesus, que se ocupa dos mortos e que deseja curar os cegos, teve piedade dessa pobre inteligência doente e desse coração fraco; e entrou uma noite no quarto solitário do filósofo.

Era um homem pálido e calvo, com os olhos fundos, a fronte enrugada e os lábios desdenhosos.

Estava acordado, só, perto de uma pequena mesa coberta de papéis e de livros; mas não lia e não escrevia mais.

A dúvida curvava sua cabeça como uma mão de chumbo, seus olhos fixos não olhavam e sua boca sorria vagamente com uma profunda amargura.

Sua lâmpada consumia-se junto dele, e suas horas passavam em silêncio; sem esperança e sem recordação.

Jesus apareceu diante dele sem nada dizer, e levantando os olhos ao céu, orou.

O sábio levantou a cabeça, depois a balançou e a deixou cair novamente, murmurando baixinho: "Visionário!"

- Nosso Pai que está no céu, que teu nome seja santificado, disse Jesus.

- Ele te deixou morrer sobre a cruz, critica o pensador, e tu chamaste inutilmente: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?"

- Que teu reino chegue, continua o Salvador.

- Nós o esperamos há mil oitocentos e quarenta anos, diz o filósofo, e ele está mais longe do que nunca.

- Como o sabes? pergunta-lhe então o Mestre, lançando-lhe um olhar doce e grave.

- Nem mesmo sei o que é o reino de Deus que deve vir, respondeu o filósofo. Se existe um Deus, ele reina ou não reinará nunca. Ora, como não vejo o reino de Deus, não o espero; e não procuro nem mesmo saber se há um Deus.

- Duvidas também da existência do bem e do mal? pergunta Jesus.

- Suas distinções são arbitrárias, visto que varia conforme os tempos e os lugares.

- Coloca teu dedo sobre a chama de tua lâmpada, diz o Salvador; por que pois retiras a mão com tanta vivacidade? Não sabes que um pensador como tu disse que a dor não era um mal?

- É que não compartilho sua opinião, mas não sei se tenho mais razão que ele.

- Por que não compartilhas sua opinião?

- Porque sinto a dor e ela me repugna invencivelmente.

- A distinção entre o bem e o mal não é pois arbitrária relativamente às tuas repugnâncias e a tuas atrações? diz então Jesus; e com efeito, o mal não poderia ser absoluto. O mal só existe para ti e para todos os seres ainda imperfeitos. É pois para esses que o reino de Deus deve vir, porque eles mesmos chegarão ao reino de Deus. Eu te convenci de uma repugnância física e te convencerei também facilmente de uma repugnância moral. O fogo te advertiu pela dor de que destruiria a vida de teu corpo, e a consciência te advertiu por seus lamentos e seus remorsos de que o crime perderia a vida de tua alma. O mal para si é a destruição; o bem é a vida, e a vida é Deus! A terra mergulhada nas trevas espera agora que o sol chegue, e

no entanto o sol conserva-se radioso no centro do universo, e é a terra que gravita em torno dele. Deus reina, mas tu não entraste ainda em seu reino; porque o reino de meu Pai é o reino da ciência e do amor, da sabedoria e da paz. O reino de Deus é o reino da luz, e essa luz fustiga teus olhos que não a vêem, porque procuram sua claridade neles mesmos e só encontram obscuridades.

- Senhor, abri-me pois os olhos, disse o filósofo, e iluminai minhas trevas.

Jesus disse-lhe: - Se eu tivesse fechado teus olhos, deveria abri-los; mas se eu os abrir e tu desejares fechá-los, como verás a luz?

Não sabes que a vontade do homem age sobre as pálpebras de seus olhos, e que se o forcarmos a ficar com os olhos abertos ou fechados, ele perderá a visão?

Posso te persuadir a acender em ti o fogo que clareia, e é por isso que te faço ouvir minha palavra, e visto que já desejas que te abra os olhos não estás longe de ver. Que teu desejo torne-se uma vontade forte, e abrirás tu mesmo os olhos e verás.

- Qual é o fogo que ilumina? perguntou o sábio.

- Tu o saberás, disse-lhe o Cristo, quando tiveres amado muito.

Porque se a razão é como uma lâmpada, é o amor que é a chama.

Se a razão é como o olho de nossa alma, é o amor que é o poder e a vida.

Uma grande razão sem amor é um belo olho morto, que é uma lâmpada ricamente esculpida, mas fria e sem luz.

Quando o egoísmo das paixões animais havia enfraquecido a filosofia humana, salvei o mundo pela fé, porque a fé é a filosofia do amor.

Cremos naqueles que amam e naqueles que sabem ser amados: também havia dado por base da fé uma caridade imensa, quando eu e meus apóstolos provamos aos homens, por um martírio sangrento, a sinceridade de nosso amor. E enquanto a Igreja reinou pela caridade, triunfou pela fé; mas a fé espera a inteligência, e aproxima-se o momento em que aqueles que acreditaram sem ver compreenderão e verão.

Se pois desejas compreender, começa por amar, a fim de crer,

- Em que acreditarei, pois, Senhor?

- Em tudo o que ignoras: porque a fé é a confiança da ignorância racional. Crê em tudo o que Deus sabe e tua fé abraçará a imensidão. Confia

em teu pai celeste quanto a tudo de que ele se reserva o conhecimento, e não te inquietes com os destinos infinitos. Ama essa imensa sabedoria da qual és filho, ama os outros homens que passam ignorantes como tu na terra, e limita ainda agora tua ciência à realização de teus deveres; tu a verás brevemente crescer por ela mesma e subir até Deus, porque Deus se deixa ver pelos corações puros.

- Oh! ver Deus! exclamou o sábio entreabrindo os lábios trêmulos, como um homem que tem sede e que espera a chuva no céu. Oh! reunir finalmente em meu pensamento todos os raios esparsos dessa verdade que tanto amei e que me escapava sempre!... Mas quem me dará esse amor imenso que faz comungar o homem com Deus, e o aproxima do centro de toda luz?

- Tu o merecerás pelas tuas obras, disse-lhe o Cristo; porque se nos corrompemos nas obras da corrupção, se nos perdemos nas obras do ódio, crescemos e salvamo-nos pelas obras do amor. Para se aproximar de Deus é preciso caminhar, e as ações santas são movimentos de vossa alma.

- Quais são as ações verdadeiramente santas? pergunta o doutor; a prece e o jejum?

- Ouve, diz o Cristo, e não julgues temerariamente teus irmãos que passaram procurando e chorando. A humanidade está firmada no desejo pela prece e pelas lágrimas. E aqueles de seus filhos que primeiro tiveram sede das coisas do céu são privados das coisas da terra; mas tudo isso é apenas o começo. Seria preciso saber abster-se, para aprender a usar bem. Seria preciso sacrificar primeiramente o corpo pelo pensamento, para emancipar o pensamento. Porque o céu moral é a liberdade da alma; mas a alma é chamada a reger o corpo e não a destruí-lo, do mesmo modo que o céu físico rege a terra e não a destrói. O tempo da prece e das lágrimas deve dar lugar aos dias do trabalho e da esperança: porque a prece dos antigos era um trabalho, e é necessário que nosso trabalho, para nós, seja uma prece mais eficaz e mais ativa.

- Como trabalharei? perguntou o filósofo; não sei fazer nada de útil.

- Perdeste com esforços vãos o vigor de teu pensamento, respondeu o Cristo: e tu, que querias saber tudo, não aprendeste nem mesmo a viver. Torna-te novamente uma criança pequena e vai à escola do amor. Aprende a amar e a fazer o bem, eis a verdadeira ciência da vida.

Lembra-te da lenda de Cristóvão. Era um gigante terrível, mas como ignorava o uso de sua força, era fraco como uma criança.

Precisava pois de um tutor, e colocou-se a serviço de um rei: mas o rei ficou doente e Cristóvão o deixou.

Ele procurou aquele que pode fazer sofrer os reis; e como não conhecia Deus, uniu-se primeiramente ao gênio do mal.

Entretanto um dia uma cruz apareceu sobre um rochedo, e o gênio do mal caiu como que fulminado por um raio.

Cristóvão procurou então aquele cujo signo é a cruz, e um velho lhe disse que o encontraria fazendo o bem.

Cristóvão não sabia nem orar nem trabalhar, mas era forte e alto, e começou a carregar nos ombros os viajantes perdidos que queriam atravessar a torrente.

Ora, uma noite, ele carregou uma criança pequena sob a qual se inclinou, como se estivesse segurando o mundo, porque na pessoa do pobre órfão perdido reconheceu o grande Deus que esperava.

Compreendeste essa parábola?

- Sim, Senhor, disse o filósofo tornado cristão.

- Pois, bem! vai e faz como Cristóvão; carrega o Cristo quando ele cair de cansaço, ou quando as torrentes do mundo se opuserem à sua passagem. O Cristo para ti será a humanidade sofredora. Sê o olho do cego, o braço do fraco e o bastão do velho; e Deus te dirá o grande porquê da vida humana.

- Eu o farei, Senhor, e de hoje em diante sinto que já não estarei só no mundo. A qual de meus irmãos estenderei primeiramente a mão?

- Àquele que é mais infeliz que tu, e que expira desconhecido de si mesmo no pequeno quarto vizinho ao teu. Vai pois em seu socorro, fala-lhe que espere, ama-o para que ele creia, faz com que ele te ame para que viva.

- Conduzi-me para perto dele, Senhor, e falai-lhe por mim.

- Vem e olha, diz o Salvador, e toca levemente a muralha que se entrea-bre como uma cortina dupla; e o sábio foi transportado em espírito ao quarto vizinho ao seu. Era o quarto de um jovem poeta que ia morrer abandonado.

III

O POETA MORIBUNDO

Havia naquele tempo um jovem que, em boa hora, havia escutado em sua alma o eco das harmonias universais.

Ora, essa música interior havia distraído sua atenção de todas as coisas da vida mortal, porque ele vivia numa sociedade ainda sem harmonia.

Criança, ele era o brinquedo das outras crianças, que o tinham por idiota; jovem, dificilmente encontrou uma mão para apertar sua mão, um coração para repousar seu coração.

Seus dias passavam em longo silêncio e em profundo delírio; contemplava com estranho êxtase o céu, as águas, as árvores, os campos verdejantes; depois seu olhar tornava-se fixo, magnificências interiores se desenrolavam em seu pensamento e o levavam ainda pelo espetáculo da natureza. Lágrimas então corriam sem querer pela face pálida de emoção, e se alguém vinha falar-lhe, ele não ouvia.

Também falavam-lhe raramente, e consideravam-no geralmente como um louco.

Ele vivia assim, só com Deus e a natureza, falando a Deus na língua da harmonia, e deixando cair sobre a terra os cantos que ninguém escutava.

Mas as necessidades materiais da vida acabaram por privá-lo de seu inextricável mundo; ele acordou na terra, ofuscado ainda por suas visões do céu; e quando quis caminhar, chocou-se contra os homens e contra as coisas, até que caiu ofegante e desesperado.

Foi então que se recolheu em sua pobre moradia e lá esperou a morte.

Foi então que o Cristo o olhou e dele se apiedou.

O quarto do poeta era triste, nu e frio; ele estava meio coberto com algumas roupas usadas; estendido sobre um triste leito de palha, estava agitado pela febre e seus olhos brilhavam com um fogo sombrio.

O Cristo apareceu-lhe vestido com uma túnica branca, emblema da loucura, que havia recebido de Herodes, e a fronte totalmente coroada de espinhos sangrentos e de uma auréola de glória.

- Irmão, disse ao pobre doente olhando-o com um inefável amor, por que queres morrer?

- Porque já não se pode viver na terra quando se viu o céu, suspirou o poeta.

- E eu, no entanto, para viver e sofrer na terra, descí do céu, retomou Jesus

- Sois o filho de Deus e sois forte.

- E quis ser o filho do homem para ter fome, para temer e para chorar. Não desfaleci no Jardim das Oliveiras? Não gemi sobre a cruz como se Deus me tivesse abandonado?

- Bem! eu, diz o doente, saio da vida como vós do Jardim das Oliveiras, e estou sobre o leito de dor como vós sobre a cruz.

- Se eu só tivesse feito rogar a meu Pai, nos vales, respirando o perfume das roseiras de Saron, se me tivesse silenciosamente embriagado com os êxtases do Thabor, não teria merecido resgatar o mundo na cruz responde o Salvador. Mas procurei a ovelha extraviada, e para parar meus pés que corriam sem cessar atrás das misérias do povo, necessitava dos pregos dos carrascos. Houve necessidade de pregar minhas mãos para impedi-las de cortar o pão para as multidões esfomeadas; e foi então que, já não podendo dar outra coisa a meus irmãos, deixei correr todo o meu sangue!

- Cantei, diz o poeta, e os homens não me ouviram.

- É que cantaste só para ti e desdenhaste demais os seus desdêns. Era preciso, a exemplo do Verbo eterno, desceres suficientemente para te fazeres ouvir.

- Talvez ao invés de me esquecer eles me tivessem crucificado!

- Só então, ó meu irmão! teria sido belo morrer para ressuscitar glorioso!

- Mestre, ao invés de consolar-me em minha última hora, vindes assustar-me e dirigir-me repreensões?

- Venho curar-te e inspirar-te a coragem de viver, para te fazer merecer uma morte tranqüila e plena de imortalidade.

Por que queres viver somente no céu esses dias que Deus te dá para passar na terra?

Por que deixas perder-se nas aspirações vagas o imenso amor de teu coração?

Por que te isolas no orgulho de teus sonhos, quando as dores reais sangram e palpitam em torno de ti?

Deus não te deu o bálsamo celeste para perfumares tua cabeça; não te confiou o vinho de seu cálice para embriagar tua boca e desgostá-la das amarguras da terra.

Deverias amenizar, erguer, consolar; deverias ser o médico das almas, e eis que tu mesmo, por haveres ocultado os remédios de Deus, és mais doente que os outros.

Não te compreenderam, dizes; mas és tu, pobre jovem, que não compreendeste teus irmãos.

O quê! tua inteligência era superior, e não soubeste falar aos pobres de espírito! Tu te acreditavas grande e tiveste medo de te abaixar para aproximar tua boca do ouvido dos pequenos! Amaste e ficaste desgostoso das enfermidades dos homens!

Ergue-te, pobre anjo caído, e recomeça tua missão! Sabe que o espírito da harmonia é o espírito do amor que eu anunciava ao mundo sob o nome do consolador. Se é o Espírito Santo que te anima, sê de hoje em diante o consolador de teus irmãos, e para ter o direito e o poder de consolá-los, aprende a sofrer e a trabalhar com eles.

Eu era maior que tu, e mais que tu elevei minha alma ao seio das harmonias eternas; e no entanto passei minha vida trabalhando com os carpinteiros e conversando com os pobres, iluminando seus espíritos, movendo seus corações e curando suas doenças. Até agora só fizeste poesia em sonhos e em parábolas, mas chegou o tempo de fazer poesia em ações! Porque tudo o que se faz por amor à humanidade, tudo o que é devotamente, sacrifício, paciência, coragem e perseverança, tudo isso é sublime de harmonia, é a poesia dos mártires!

Ao invés de amar vagamente o infinito, procura amar infinitamente teus irmãos que estão perto de ti.

Eis um que te trago; ele sofria como tu e chegara ao nada do pensamento por ter isolado o trabalho de seu pensamento, como tu chegaste ao desespero do coração por ter isolado teu amor!

De agora em diante ambos sabereis que não é bom para o homem ser só.

O filósofo tornado cristão aproxima-se então do leito do doente cuja febre havia baixado rapidamente diante das palavras doces e severas de Jesus e lhe diz:

- Irmão, aceita meus cuidados e a metade do pão que me resta; amanhã trabalharemos juntos, e quando eu estiver doente tu me atenderás e darás pão para mim.

- Irmão, porque viste o céu, não destrói a escada que te fará subir até lá; dá-me antes a mão e conduze-me, porque pensei e meditei muito, e sinto agora que não amei o suficiente.

Tu, cuja voz é o eco vivo da harmonia eterna, és um filho do amor celeste, porque a boca fala da abundância do coração.

Mas o amor não poderia tornar-se egoísta sem levar a si mesmo à morte, e ele só encontra a plenitude da vida dando-se inteiramente aos outros.

Vive, pois, para que te ame, porque se eu amar, serei feliz; e se amas Deus, queres a felicidade daqueles que são os filhos de Deus como tu. A harmonia é ao mesmo tempo ciência e poesia, a exatidão numérica é a grande lei da beleza, e as magnificências harmônicas são a razão divina dos números; mas tudo isso, para ser vivo e real, deve aplicar-se ao que é.

Irmão, o positivo de Deus é mil vezes mais poético que o ideal do homem. Procuremos Deus na humanidade e não desesperemos de seus destinos: porque suas próprias desordens conduzem-na à harmonia, e se Deus nos contou no número daqueles que são os primeiros a ver onde deve ir esse povo errante através das solidões, coloquemo-nos à frente desse grande e laborioso movimento, ao invés de nos isolar e morrer,

- Irmão, obrigado para ti, diz o poeta, e obrigado para aquele que te inspira! De hoje em diante não me retirarei mais do campo de batalha para morrer só, enquanto ainda poderia combater; julgar-me-ia um covarde e um desertor.

Se eu cair com as armas na mão na primeira ou segunda fileira da milícia humanitária, morrerei cheio de coragem e bendizendo a Deus, e minha alma não se apresentará só diante do juiz supremo.

Desde esse dia, o filósofo e o poeta uniram-se numa santa amizade, e nunca menosprezaram os mais humildes trabalhos para sustentar sua vida.

Atravessaram assim todas as classes da sociedade e encontraram em todos os lugares corações doentes que esperavam o bálsamo de uma palavra de sabedoria e de amor.

Por toda parte sentiram que poderiam ainda fazer o bem, e as dores da vida lhes pareciam leves; porque as suportavam com coragem, para inspirar coragem àqueles que sofriam como eles, e o devotamento dava-lhes uma nova força.

IV

O NOVO NICODEMOS

Havia naquele tempo um sacerdote que amava a verdade, e que procurava o bem com toda a sinceridade de seu coração.

Ora, uma noite em que velava e orava, Cristo veio sentar-se junto dele e o olhou com bondade.

- Mestre, sois vós, finalmente? perguntou o pastor. Há muito tempo vos procuro, e sois vós que vindes a mim durante a noite!

Jesus lhe respondeu: - Nicodemos, veio ver-me à noite porque tinha medo dos judeus: sei que tua existência depende da nova sinagoga e não quis comprometer-te.

Porque os escribas e os fariseus, e os falsos doutores da lei perseguem-me ainda e perseguem também àqueles que me recebem.

- Senhor, disse o sacerdote com tristeza, os gloriosos anos que compõem os bons séculos da Igreja foram infecundos para o futuro? A verdade escapa pois sempre às ardentes aspirações do homem? Os santos e os mártires enganaram-se, visto que dezoito séculos de luta e de estudo só tiveram como resultado fazer ainda vossos inimigos aqueles que deveriam ser vossos ministros!

Jesus disse-lhe: - Eles não são todos meus inimigos, e meu Pai conta ainda entre eles almas generosas e corações puros.

Irei a eles como vim a ti, para lembrá-los dos signos dos tempos e para abrir seus olhos para que vejam.

Venho explicar-te ainda em segredo o que ensinava em segredo a esse doutor da antiga lei, que era também um homem de desejo.

Eu lhe dizia que a entrada do reino de Deus era um novo nascimento.

A vida do mundo é uma geração incessantemente renovada, e é preciso que os germes do ano que morre sejam depositados na terra para preparar as riquezas do ano que nascerá.

Mas não se deve colocar o vinho novo nos velhos frascos.

A vinha de meu Pai nunca é estéril, e de ano para ano renova seus frutos, mas ele chama os vinhateiros em diferentes horas do dia.

É por isso que eu chamava os fiéis doutores da antiga lei para um novo nascimento, porque sua velha mãe, a sinagoga judaica, estava moribunda, e para nascer seria preciso sair de seu seio.

E aqueles que acreditaram deixaram o cadáver da sinagoga mas ficaram unidos à sua alma, e foram os primeiros filhos da Igreja universal.

Mas a Igreja universal era um céu novo e uma terra nova; e para renovar todas as coisas precisava lutar primeiramente contra todos os poderes da terra e do céu.

É por esse motivo que os primeiros cristãos construíram uma arca para lutar contra o furor dos ventos e a elevação das águas.

Essa arca foi a Igreja hierárquica, a santa Igreja católica, a guardiã do símbolo da unidade.

Tanto que a arca é levada pelas águas, caminha sob o sopro de Deus, e é em seu seio que toda alma viva procura um refúgio: - mas se ela parar, a nova família deverá sair para povoar novamente o mundo, e está aí o novo nascimento de que te falei.

O sacerdote lhe diz: - Senhor, devo sair da Igreja católica? Mas a que outra Igreja poderia reunir-me?

- Não te digo para sair da Igreja católica, retoma Jesus, mas convido-te a nela entrar. Digo-te que te separe das sombras para começares a viver na luz. Digo-te que saias da escola para entrares na sociedade e nela aplicares a ciência que deves adquirir!

Eu não tinha vindo para destruir a lei antiga, mas para lhe dar cumprimento, e venho agora para cumprir a nova lei.

Não disse eu: Crede primeiramente e compreendereis depois, e conhecereis a verdade, e a verdade vos tornará livres?

Não disse eu que minha segunda aparição seria como o relâmpago que fustiga os olhos de todos e que brilha ao mesmo tempo sobre o mundo inteiro?

Não anunciei eu que o espírito de inteligência viria e que sugeriria a meus discípulos o complemento de minhas palavras? E não dizem vossos símbolos que o espírito de inteligência é o espírito de amor que deve operar uma criação nova e que rejuvenescerá a face da terra?

Ora, não é o espírito do amor o espírito de ordem e de harmonia que deve associar todos os homens e fazê-los comungar com a unidade divina e humana?

Saí pois de todos os liames que impedem os irmãos de caminharem junto de seus irmãos, derrubai as barreiras que separam, ampliai as moradas que se isolam, fugi das doutrinas que reprovam uns e escolhem outros, saí da sinagoga cega, entrai na Igreja católica, que não é mais agora um conventículo de padres e de doutores, mas a associação universal de todos os homens de inteligência e de amor.

- Senhor, disse o sacerdote, farei tudo o que me disseres. Onde irei primeiro e como começarei?

- Ficai onde estais, diz Jesus, e fazei o que tendes a fazer.

Instruí as crianças, catequizei os pobres, visitai os doentes e orais pelo povo.

Que nada seja mudado em vossas obras, mas que um amor universal vivifique e as fecunde!

Pregai a misericórdia e a paz, pregai a modéstia e o perdão das injúrias, pregai as santas aspirações voltadas para Deus e a união entre os irmãos!

Que a caridade seja a lei de vossa alma, e não imporeis à consciência dos outros constrangimentos desesperantes!

Sede doces e humildes de coração como meus primeiros discípulos, quando falardes às mulheres, às crianças e ao povo pobre; mas sede inflexíveis como meus mártires, quando vos quiserem corromper ou intimidar!

O que te digo, digo-o para todos aqueles que, como tu, acreditarão no espírito de inteligência e de amor, e é por esse motivo que dirijo a palavra a muitos.

Não confundais o espírito de abstinência com o espírito de morte, porque só ordenei a meus discípulos de se absterem por um tempo das riquezas de seus pais, para que aprendessem a usá-las dignamente.

Em verdade te digo que não vim para matar a carne, mas para salvá-la submetendo-a ao espírito.

Porque não deve haver divisão entre o espírito e a carne do homem; Deus os criou e abençoou igualmente.

O espírito é o rei da carne; um rei não deve reinar para destruir.

Os órgãos e os sentidos são os sujeitos da inteligência.

Um rei deve impedir seus subalternos de fazerem o mal; mas deve também prover sua prosperidade e sua felicidade.

A atração não é pois a lei geral dos seres, e o equilíbrio não é a harmonia das atrações?

Que o espírito pois não destrua a carne, e que a carne não apague o espírito.

Porque um ou outro desses excessos seria a morte!

Ora, não vim dar morte àqueles que vivem, vim para trazer saúde àqueles que estavam doentes e vida àqueles que estavam mortos!

Tendo dito essas coisas, Jesus desapareceu ao olhar do bom padre e deixou-o cheio de esperança e de coragem; pois ele via a força de Deus relevar de tempos em tempos as fraquezas dos homens e compreendia como a religião caminha através dos séculos crescendo e triunfando sempre.

V

O TÚMULO DE SÃO JOÃO

Naquele tempo, Jesus percorreu com a rapidez do espírito todos os pontos da terra.

Todos estavam tristes e aguardavam. E por toda parte o Cristo ainda estava só, no Jardim das Oliveiras.

Ele entrou como um pobre peregrino na basílica de São Pedro onde ninguém o reconheceu, aproximou-se do túmulo dos apóstolos para ver se suas relíquias estavam prontas para a ressurreição; mas as cinzas dos santos estavam frias e eles continuavam a dormir seu sono.

Ora, ele é um desses apóstolos que, segundo a tradição, jamais deveria ter morrido; aquele que a pintura simbólica representa sempre jovem, e que tem uma águia por emblema; é aquela a que chamamos o Apóstolo da caridade e o discípulo do amor.

É aquele que, segundo as lendas dos primeiros séculos, deve despertar no fim dos tempos, para salvar o mundo, avivando o fogo sagrado da caridade fraternal.

E, com efeito, dizem as mesmas lendas, seus restos não foram reencontrados: os fiéis de Éfeso acreditaram sepultá-lo e guardá-lo entre eles, mas os anjos chegaram e esconderam o apóstolo adormecido nas solidões de Patmos.

Jesus então foi à ilha de Patmos, que parece ainda assustada com o barulho dos sete trovões; e aproximou-se da gruta onde dormia seu discípulo fiel.

À entrada do túmulo, uma forma celeste estava sentada imóvel; era como uma mulher coberta por um longo manto azulado que lhe cobria a cabeça e a envolvia inteira, caindo em volta dela em grandes dobras.

Suas mãos pálidas e um pouco longas estavam unidas com fervor, e seus olhos plenos de uma tristeza resignada e de uma esperança infinita estavam fixos no túmulo.

Jesus aproximou-se dela e lhe disse: - Minha mãe, és tu? Sabias sem dúvida que eu deveria vir aqui?

- Eu sabia, meu filho, respondeu Maria; porque aquele que repousa aqui, tu o amaste ternamente; e quando tu estavas para morrer, confiaste-me a ele dizendo: "Eis tua mãe."

Agora, para que possa retornar à terra na pessoa das mulheres que compreenderão o que é ser mãe, é preciso que o discípulo do amor reviva para me proteger. Porque devo, ó meu filho, na pessoa de todas as mulheres de inteligência e de amor, colocar-te no mundo uma segunda vez.

Minha mãe, retomou Jesus, lembra-te do que o anjo disse às mulheres que me procuravam no sepulcro:

"Por que procurais um vivo entre os mortos? Ele ressuscitou, não está mais aqui."

- Sabes que o profeta Elias, segundo as tradições judaicas, devia retornar à terra para me preparar os caminhos. A forma de Elias estava transfigurada e seu espírito voltou na pessoa de João Batista.

Assim em verdade te digo que vives agora na terra na pessoa de todas as mulheres que sentem estremecer em seu seio a esperança do futuro. É por esse motivo, minha mãe, que apareces hoje pela última vez sob tua figura simbólica.

João, meu discípulo bem-amado, legou seu espírito a todos os homens cheios de fé e de amor que querem construir a nova Jerusalém, a cidade santa da harmonia, e em verdade te digo que aqueles que sabem honrar sua mãe são dignos de serem chamados os filhos da mulher.

Porque submetem seus corações às inspirações de teu coração, aqueles que querem repartir o trabalho com todos os filhos da grande família segundo os atrativos e as aptidões de cada um, a fim de que todos formem juntos o mel da colméia humana que servirá depois de alimento para todos.

Eles sabem o que é a mulher, aqueles que querem libertar seu amor de toda servidão, para que ele jamais se prostitua e que a fonte das gerações seja pura.

Levanta então e vem, ó minha mãe, vem ao Calvário, assistir a meu último triunfo simbólico; depois reviveremos na humanidade inteira. Todas as mulheres serão tu, e todos os homens serão eu, e nós dois faremos apenas um.

E o Cristo, levantando sua mãe e a carregando nos braços como ela o havia carregado tantas vezes quando ele era pequeno, deixou a ilha de Patmos, e caminhando sobre as ondas do mar, foi em direção às costas da Palestina.

Nesse momento o sol levantou-se e fez resplandecer toda a superfície das águas e as duas formas celestes deslizavam sem lançar sombra e sem deixar traços, como um casal de pássaros maravilhosos, ou como uma nuvem leve, cheia de cores da aurora, e colorida com os reflexos do arco-íris.

VI

ADEUS AO CALVÁRIO

Jesus atravessou os campos desolados da Judéia e parou no cimo árido do antigo Calvário.

Lá um anjo com sobranceiras negras e olho sombrio estava sentado, envolvido em suas duas vastas asas. Era Satã, o rei do velho mundo.

O anjo rebelde estava triste e cansado, e desviava o olhar com desgosto de uma terra onde o mal estava sem talentos e onde o aborrecimento de uma corrupção tímida sucedera aos combates titânicos das grandes paixões antigas. Ele sentia que experimentando os homens instruíra os fortes e enganara apenas os fracos; também já não se dignava a tentar ninguém, e sombrio, sob seu diadema de ouro, escutava vagamente caírem as almas na eternidade, como as gotas monótonas de uma chuva eterna.

Possuído por uma força que lhe era desconhecida, viera sentar-se no Calvário e, lembrando a morte do Homem-Deus, estava com inveja.

Era um anjo poderoso e belo; mas estava com inveja do Cristo, e essa inveja era figurada por uma serpente que mergulhava a cabeça em seu peito e carcomia seu coração.

Jesus e Maria estavam em pé perto dele e olhavam-no em silêncio, com grande piedade. Satã olhou por sua vez o Redentor e sorriu com amargura.

- Vens, perguntou-lhe Satã, experimentar morrer uma segunda vez por um mundo que não pôde salvar teu primeiro suplício?

Experimentaste inutilmente transformar as pedras em pão para alimentar teu povo, e vens confessar-me tua derrota?

Caíste do alto do Templo, e tua divindade quebrou-se na queda?

Vens para me adorar, a fim de possuíres o mundo? Vai, agora é muito tarde, e não te saberia enganar. O império do mundo escapou àqueles que me adoravam em teu nome; e eu mesmo estou inerte num reino sem glória. Se estás desalentado como eu, senta perto de mim, e não pensemos nem em Deus nem nos homens.

- Não venho sentar-me junto de ti, disse-lhe o Cristo, venho levantar-te, perdoar-te e consolar-te, para que deixes de ser mau.

- Não quero teu perdão, responde o anjo mau, e não sou eu que sou mau.

O mau é aquele que dá aos espíritos a sede de inteligência, e que envolve a verdade em um mistério impenetrável.

É aquele que deixa entrever a seu amor uma virgem ideal, uma beleza embriagadora que os lança no delírio, e que a dá a eles para arrancá-la logo nos seus primeiros abraços e carregá-la com cadeias eternas, É aquele, finalmente, que deu a liberdade aos anjos, e que preparou suplícios infinitos para aqueles que não queriam ser seus escravos!

O mau é aquele que matou seu filho inocente sob pretexto de vingar nele o crime dos culpados, e que não perdoou os culpados, mas lhes fez um crime a mais com a morte de seu filho!

- Por que me lembrar tão amargamente da ignorância e dos erros dos homens? retoma Jesus: sei melhor que tu o quanto desfiguraram a imagem de Deus, e tu mesmo bem sabes que Deus não se parece com a imagem que fizeram dele.

Deus só te deu sede de inteligência para te embeber para sempre da verdade eterna. Mas por que fechar os olhos e procurar o dia em ti mesmo ao invés de olhar o sol?

Se procurasses a luz onde ela está, tu a verias; porque não existem em Deus nem sombras e nem mistérios, as sombras estão em ti e os mistérios são as fraquezas de teu espírito.

Deus não deu liberdade a suas criaturas para tomá-la depois, ele a deu a suas criaturas como esposa e não como amante ilegítima; ele quer que a possuam e não que a violentem, porque essa casta filha do céu não sobreviveria a um ultraje, e quando sua dignidade virginal é ofendida, a liberdade está morta para aquele que a desconheceu.

Deus não quer escravos: é o orgulho revoltado que criou a servidão. A lei de Deus é o direito real de suas criaturas, são os títulos de sua liberdade eterna.

Deus não matou seu filho, mas o filho de Deus deu voluntariamente sua vida para matar a morte: e é por isso que ele vive agora na humanidade inteira e que salvará todas as gerações, porque de provação em provação ele conduz a família humana à terra prometida, e ela já saboreou os primeiros frutos. Venho pois anunciar-te, ó Satã, que chegou tua última hora, a me-

nos que queiras ser livre e reinar comigo sobre o mundo, pela inteligência e pelo amor.

Mas não mais te chamarás Satã, retomarás o nome glorioso de Lúcifer, e colocarei uma estrela em tua fronte e uma tocha em tua mão. Serás o gênio do trabalho e da indústria, porque lutaste muito, sofreste muito e pensaste dolorosamente!

Estenderás tuas asas de um pólo ao outro e pairarás sobre o mundo; a glória despertará com tua voz. Ao invés de ser o orgulho do isolamento, serás o orgulho sublime do devotamento, e dar-te-ei o cetro da terra e a chave do céu.

- Não compreendo, disse o demônio sacudindo tristemente a cabeça, e não te poderia compreender: sabes bem que não posso mais amar! E com um gesto doloroso o anjo decaído mostrava ao Cristo a chaga que lhe rasgava o peito e a serpente que lhe corroia o coração.

Jesus voltou-se para sua mãe e a olhou: Maria compreendeu o olhar de seu filho, aproximou-se do anjo infeliz e não rejeitou estender a mão em sua direção e tocar seu peito ferido.

Então a serpente caiu por si mesma e expirou aos pés de Maria, que lhe esmagou a cabeça; a chaga do coração do anjo ficou cicatrizada, e uma lágrima, a primeira que verteu, desceu lentamente pelo rosto arrependido de Lúcifer.

Essa lágrima era preciosa como o sangue de um deus; e por ela foram resgatadas todas as blasfêmias do inferno.

O anjo regenerado prosternou-se no Calvário e beijou chorando o lugar onde outrora estivera pregada a cruz.

Depois levantou-se triunfante de esperança e resplandecente de amor, e atirou-se nos braços do Cristo. Então o Calvário tremeu; seu cume árido revestiu-se rapidamente de um verdor fresco e brilhante e coroou-se de flores.

E no lugar onde estivera a cruz uma nova videira ergueu-se e se carregou de frutos maduros e perfumados.

O Salvador disse então: - Eis a videira que dará o vinho da comunhão universal, e ela crescerá até que todos os seus ramos envolvam toda a terra.

Depois, tomando sua mãe pela mão, estendeu a outra mão ao anjo da liberdade e lhe disse: - Que nossas formas simbólicas retornem agora ao

céu, não mais voltarei a sofrer a morte nessa montanha; Maria aqui não mais chorará seu filho e Lúcifer não mais trará aqui os remorsos de seu crime agora extinto.

Somos apenas um mesmo espírito: o espírito da inteligência e do amor, o espírito de liberdade e de coragem, o espírito de vida que triunfou sobre a morte.

Todos os três então elevaram-se no espaço; e se elevaram a uma altura prodigiosa; viram a terra e todos os seus reinos que estendiam seus caminhos uns juntos dos outros como braços entrelaçados, viram os campos verdes já das primeiras colheitas fraternais, e do Oriente ao Ocidente ouviram o prelúdio misterioso do cântico da união. E ao norte, sobre a crista de uma montanha azulada, viram desenhar-se a forma gigantesca de um homem que elevava seus braços em direção ao céu.

Sobre seus braços via-se ainda o traço recente das chagas que acabavam de se romper, e seu peito estava cicatrizado como o de Lúcifer.

Sob seu pé direito, na ponta mais aguda da montanha, palpitava ainda o cadáver de um abutre cuja cabeça e asas estavam pendentes.

Essa montanha era o Cáucaso; o gigante liberto que estendia suas mãos era o antigo Prometeu.

Assim os grandes símbolos divinos e humanos reencontravam-se e se saudavam sob um mesmo céu; depois desapareceram para dar lugar ao próprio Deus que vinha morar para sempre com os homens.

VII

A ÚLTIMA VISÃO

Acima das formas materiais e da atmosfera terrestre, há uma região em que as almas lançam-se livres de suas cadeias.

É lá que os aromas etéreos obedecem ao pensamento, revestindo-o de todos os esplendores da forma ideal e povoando maravilhosas belezas do mundo espiritual, da poesia e das visões.

É a essa região que nos arrastam os mais belos sonhos durante nosso sono, e é lá que, durante suas vigílias laboriosas, a inspiração eleva o gênio dos grandes poetas a quem o sentimento de harmonia fez pressentir em todos os tempos os grandes destinos humanos.

É lá que vivem as imagens e que reinam as analogias. Porque a poesia está nas imagens; e a harmonia das imagens é essencialmente analógica.

É nessa região ideal que Ésquilo via sofrer Prometeu, e que Moisés escutava falar Jeová.

É lá que o maior poeta do Oriente, a águia de Patmos, o chantre do Apocalipse, via a Igreja cristã sob a forma de uma mulher em trabalho que dava à luz penosamente o homem do futuro.

É nesse mundo maravilhoso da poesia e das visões que Deus apareceu-lhe encoberto de luz, e tendo na mão o Evangelho eterno que se abria lentamente, enquanto os flagelos agiam sobre o mundo e os anjos exterminadores limpavam a terra para dar lugar à cidade da unidade santa e da harmonia, a nova Jerusalém que descia do céu totalmente edificada, porque a idéia da harmonia existe em Deus e se realizará por si só na terra quando os homens compreenderem.

A figura gloriosa do Cristo, depois de ter percorrido a terra, subiu a essa região etérea, e lá o Redentor fez ver ao anjo, outrora rebelde e doravante regenerado, a grande assembléia dos mártires.

Lá, encontravam-se todas as vítimas do despotismo humano, todos aqueles que prefeririam morrer a mentir para a consciência;

As vítimas de Antíoco, os mártires da antiga Roma e os suplícios da Roma nova.

Uns por crenças legítimas, outros por ilusões e sonhos, eles tinham corajosamente afrontado a tirania dos homens, e todos eram puros perante Deus, porque tinham sofrido para conservar o mais nobre e mais belo de seus dons: a liberdade!

Por muito tempo suas almas vestidas de túnicas brancas manchadas de sangue gemeram sob o altar e pediram justiça: mas finalmente chegara o dia e todos juntos, com palmas na mão, avançavam e se colocavam frente ao Redentor.

O Cristo apareceu no meio deles, entre sua mãe e o anjo arrependido, e perguntou-lhes que vingança queriam de seus perseguidores.

- Senhor, que suas almas nos sejam dadas, a fim de que possamos deles dispor para a eternidade, como eles dispuseram de nós no tempo.

O Cristo, então, restituiu-lhes as chaves do céu e do inferno e lhes disse:
- As almas de vossos perseguidores são vossas.

Então um grito de alegria e triunfo ressoou das profundezas do céu até as profundezas do abismo, as almas dos mártires abriram as portas do inferno e estenderam a mão a seus carrascos.

Cada condenado encontrou um eleito como protetor: o céu ampliou seu espaço e a virgem-mãe chorou de alegria vendo estreitar-se em torno dela tantos filhos que acreditava perdidos para sempre.

Enquanto o céu inteiro sorria com esse magnífico espetáculo, via-se sobre a terra erguer-se um novo sol e a noite dobrar seus véus em direção ao Ocidente.

As nuvens sombrias do passado desvaneciam-se carregadas de fantasmas; eram as sombras das grandes monarquias extintas e dos velhos cultos desaparecidos.

Entre a noite e a aurora nascente o crepúsculo branqueava a cabeça de um velho que estava sentado com o rosto voltado para o Oriente. Era o viajante dos séculos cristãos, o maldito da civilização bárbara, o tipo dos párias, o velho Aaswerus que repousava. O povo finalmente, tinha uma pátria, e o judeu errante obtivera seu perdão.

A terra tornara-se o templo de Deus. A associação universal realizara a caridade cristã. Todos viviam e trabalhavam para si e cada um para todos.

Cada um desfrutava em paz do fruto de suas obras, e nenhum dos filhos de Deus padecia de fome perto da mesa de seu pai, porque o trabalho repartido igualmente facilitava a vida de todos.

A associação centuplicara as riquezas da terra, e a união de todos os interesses dera aos trabalhos do homem uma direção tão divina e uma força tão maravilhosa, que as próprias estações mudaram, e havia, segundo a promessa do apóstolo, um céu novo e uma terra nova, e Jesus disse ao anjo da liberdade e do gênio: - Eis a obra que debes concluir. Eis a nova cidade da inteligência e do amor.

A terra está pronta, ela estremece de esperança. Os homens vêm-na agora como a vira outrora o profeta, coberta de cinzas e de ossaturas; mas uma vida nova já fermenta nessa cinza, e uma vibração divina percorre essas ossaturas dessecadas.

Brevemente elas se levantarão ao apelo do novo espírito, e um novo povo cobrirá os campos da terra. A humanidade sairá então de um longo sono, e lhe parecerá ver o dia pela primeira vez!

Tendo dito essas palavras, o Cristo prosternou-se diante do trono de seu pai, dizendo: - Senhor, que vossa vontade seja feita assim na terra como no céu!

E a virgem, que caracteriza a mulher regenerada, e o anjo da liberdade tornado o gênio da ordem e da harmonia, e todos os mártires consolados, e todos os condenados penitentes e libertos de suas penas, responderam todos juntos a palavra misteriosa que une a vontade das criaturas à do Criador, e todas as forças humanas ao poder divino: Amém!

SCA